

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

THAÍS MENDES MOURA CARNEIRO

Soledad Acosta de Samper entre mundos:
relatos de uma colombiana em Viaje a España (1892)

Versão corrigida

São Paulo

2022

THAÍS MENDES MOURA CARNEIRO

Soledad Acosta de Samper entre mundos:
relatos de uma colombiana em Viaje a España (1892)

Versão corrigida

Orientadora: Profa. Dra. Stella Maris Scatena Franco

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Carneiro, Thais Mendes Moura
Soledad Acosta de Samper entre mundos:
relatos de uma colombiana em Viaje a España
(1892) / Thais Mendes Moura Carneiro; orientador
Stella Maris Scatena Franco - São Paulo, 2021.
174 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de
História. Área de concentração: História

1. História Da América Latina. 2. História
das Relações de Gênero. 3. Literatura de
Viagem. 4. História Intelectual. I. Franco,
Stella Maris Scatena Franco. II. Título

Nome: CARNEIRO, Thaís Mendes Moura

Título: Soledad Acosta de Samper entre mundos: relatos de uma colombiana em Viaje a España (1892)

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História Social

Aprovada em: 12 de novembro de 2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. Mary Anne Junqueira

Instituição: FFLCH-USP

Julgamento: Aprovada

Prof. Dr. Amilcar Torrão Filho

Instituição: PUC-SP

Julgamento: Aprovada

Prof. Dr. Edméia Ribeiro

Instituição: UEL

Julgamento: Aprovada

*Para Douglas,
meu companheiro de vôos*

Agradecimentos

Durante o processo de pesquisa desta dissertação de mestrado, que percorreu três anos e uma pandemia, contei com o apoio de pessoas incrivelmente generosas, entre familiares, professores e amigos, às quais sou imensamente grata.

Primeiramente, gostaria de expressar minha gratidão ao Departamento de História da USP, casa em que tive oportunidade de me constituir como historiadora e de aprender com tantos professores. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior, agradeço também pelo fomento concedido para a realização deste trabalho¹.

Agradeço à professora Stella Maris Scatena Franco pela confiança, assertividade e pelo cuidado demonstrados em nossas reuniões, aulas, atividades de grupos de pesquisa e suas análises criteriosas. Tê-la como companheira generosa de jornada me permitiu experimentar a vida acadêmica de modo mais plural e consistente por meio da partilha com outras vozes. A minha aprendizagem extrapolou os caminhos canônicos e isto a tornou mais especial.

Aos professores Mary Anne Junqueira e Amílcar Torrão Filho, importantes interlocutores que trouxeram contribuições instigantes ao meu Exame de Qualificação, com particular generosidade e compreensão em um contexto tão atípico.

À oportunidade de fazer parte do Grupo de Pesquisa em Gênero e História, podendo assim ampliar meu repertório nas discussões sobre o tema por meio de um espaço seguro e respeitoso de trocas. Em meio a reuniões e entrevistas, pude contar com a companhia de pessoas queridas, como Marcela Boni, Giovanna Pezzuol, Júlia Oliveira, Thaís Rosa e Nicole Pereira.

Aos colegas e professores do Laboratório de Pesquisa de História das Américas, agradeço a partilha de conhecimentos por meio de debates e encontros, bem como a oportunidade de expor a minha pesquisa, o que trouxe reflexões valiosas para a estruturação desta dissertação. Ao meu querido amigo Juan Francisco Beltrán, colega de orientação e sem o qual eu não teria acesso à parte da minha fonte de pesquisa, que generosamente me enviou registros diretamente da Biblioteca Nacional da Colômbia. À queridíssima Ana Beatriz Mauá Nunes, pelas conversas e conselhos, ao José Bento Camarra, pela leitura cuidadosa e escuta e, finalmente, ao Eustáquio Ornelas, pelas trocas tão gentis.

¹ As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da CAPES.

Agradeço à minha família, sem a qual eu não teria toda a minha formação nem a conjuntura de acreditar nos meus sonhos. Ao meu pai, Jurandy Carneiro, assertivo e enérgico, que sempre valorizou os estudos. À minha mãe, Vanda Mendes, alegre e compreensiva, que me incentivou a ser uma mulher independente. À minha avó, Maria da Conceição Mendes, exemplo de resiliência e amor na jornada da vida.

Às minhas amigas de longa data, tão distintas e tão presentes, que me ensinam muito a cada dia. À Talita Sanchez, por ter estabelecido a ponte com a professora Stella Franco, Tabata Pistori, pelo incentivo à realização do mestrado, Taynara Alonso, pelo apoio e torcida, Ester Santos, pela escuta e partilha, Kátia Caliendo, pelas broncas e acolhidas, Ilaria Tosi, pela leveza dos dias e Juliana Machado, pela escuta de áudios intermináveis.

Ao meu companheiro, Douglas Maris, que me deu a mão em toda a jornada e me ajudou a confiar que era possível, apesar das frustrações anteriores a esta pesquisa. No amor nosso de cada dia, houve leituras atentas, comida quentinha e colo-conversa para não sair do caminho. À família que ganhei junto, não poderia deixar de agradecer pela generosidade da Carolina Maris Altelino e da Márcia Cristina Maris, que me apoiaram à distância e na escuta.

Resumo

CARNEIRO, Thaís Mendes Moura. Soledad Acosta de Samper entre mundos: relatos de uma colombiana em *Viaje a España* (1892). Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (2021).

O objetivo deste trabalho é analisar a jornada da viajante colombiana Soledad Acosta de Samper, como convidada das ditas “comemorações” do IV Centenário de Conquista da América, empreendidas pela Coroa Espanhola, em 1892.

Reconhecida como uma das escritoras mais importantes e prolíficas do século XIX, Acosta de Samper se destacou por produções como historiadora, jornalista e escritora, tendo atuado também como diretora de periódicos. Em sua viagem, a autora viúva, com cerca de sessenta anos, é acompanhada por sua filha Blanca Leonor, de trinta anos.

Compilada sob o nome de *Viaje a España*, foi publicada em dois tomos, respectivamente em 1893 e 1894, caracterizando uma experiência que durou dois meses e meio com a participação da escritora em três congressos distintos. Sendo assim, o IX Congresso Internacional de Americanistas, no qual foi reconhecida como membro honorária, o Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano e o Congresso Literário Hispano-Americano são elementos importantes para compreender a relevância da configuração de redes de sociabilidade que a insere em um meio intelectual. Não só a sua atuação durante os eventos, mas nas festividades e celebrações que o cercaram, fortalecendo a sua inserção em uma rede de sociabilidade europeia, masculina e intelectual.

Além da análise dos seus relatos de viagem, sob o título *Viaje a España en 1892*, tomamos como fontes primárias as publicações dos anais do IX Congreso de Americanistas, bem como as apresentações realizadas por Acosta de Samper durante o evento, incluindo uma memória sobre a existência de populações indígenas antes da chegada dos europeus à Colômbia e a presença de hebreus na região de Antioquia, pertencente ao país citado. Por sua vez, sua filha, Blanca Leonor, produz cartas sobre a viagem que são enviadas à sua tia paterna María, e nos trazem outra dimensão para a mencionada viagem.

A partir desses objetos de estudo, lançamos mão do aporte teórico da História Intelectual, História das Relações de Gênero e os mecanismos relacionados ao *travel writing*, que permitem uma produção intelectual híbrida, marcada por meandros da ficção e não-ficção.

Palavras-chaves: Literatura de viagem; História Intelectual; História das Relações de Gênero.

Abstract

CARNEIRO, Thaís Mendes Moura. Soledad Acosta de Samper between worlds: reports of a Colombian woman in *Viaje a España (1892)*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (2021).

This work aims to analyze the journey of the Colombian traveler Soledad Acosta de Samper, as guest of the so-called "commemorations" of the 4th Centenary of the Conquest of America, undertaken by the Spanish Crown in 1892.

Recognized as one of the most important and prolific writers of the nineteenth century, Acosta de Samper stood out for productions as a historian, journalist and writer; having also served as a director of journals. In her trip, the widowed author, about sixty years old, is accompanied by her daughter Blanca Leonor, thirty years old.

Compiled under the name of *Viaje a España* in two volumes, published respectively in 1893 and 1894; the experience that lasted two and a half months, was characterized by the participation of the writer in three distinct congresses. Thus, his participation in the IX International Congress of Americanists, in which he was held as an honorary member; Hispano-Portuguese-American Pedagogical Congress and Hispano-American Literary Congress are important elements to understand the relevance of the configuration of networks of sociability, which insert it into an intellectual medium. Not only his performance during the events, but in the festivities and celebrations that surrounded him, strengthening his insertion in a network of European sociability, male and intellectual.

In addition to the analysis of his travel reports under the title *Viaje a España en 1892*, we take as our primary sources the publications of the annals of the IX Congreso de Americanistas as well as the presentations made by Acosta de Samper during the event, among them, a memory of the existence of indigenous populations before the arrival of Europeans in Colombia and the presence of Hebrews in the region of Antioquia, belonging to the country mentioned. In turn, his daughter Blanca Leonor, produces letters about the trip, which are sent to his paternal aunt María, and bring us another dimension for the said trip.

From these objects of study, we make use of the theoretical contribution of Intellectual History, History of Gender Relations and the mechanisms related to travel writing, which allows a hybrid intellectual production, marked by the intricacies of fiction and non-fiction.

Keywords: Travel Literature; Intellectual History; History of Gender Relations.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1 - Soledad Acosta de Samper: configurações de uma rede de sociabilidade e os caminhos para a consagração	
I. A autora, a viagem e a obra.....	35
II. Uma mulher à frente de seu tempo?.....	45
III. “ <i>Tomar el chocolate</i> ”: a relevância dos salões para as redes de sociabilidade	52
Capítulo 2 - “<i>Somos hijas legítimas de la Península Ibérica</i>”: quando as identidades são concebidas	
I. A Espanha romântica de Soledad e de outros viajantes.....	89
II. A Espanha como o Outro: a construção de um identidade hispano-americana.....	96
III. “ <i>Todas las hijas de una misma madre</i> ”: uma relação complexa entre norte-americanos, espanhóis e hispano-americanistas.....	112
Capítulo 3 - O papel da mulher letrada latino-americana - relações de gênero em fronteira	
I. Identidades em disputa: espaços de negociação.....	135
II. A cidade sexuada: Fronteiras entre os espaços público e privado.....	149
III. Espaços de reconhecimento: “ <i>Mujer en la sociedad moderna</i> ”.....	163
 Considerações Finais.....	 172
 Referências Bibliográficas.....	 178

Introdução

“[...] ao chegar em uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava de existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos²”

Partimos da citação de Ítalo Calvino em sua obra “As cidades invisíveis” para compartilharmos a perspectiva de que ao aportar em um novo destino, o viajante muitas vezes não o faz em um ambiente desconhecido. No caso da viagem narrada nesta dissertação, o qual esmiuçamos ao longo destas páginas, a autora escreve sobre um mundo conhecido por meio da literatura de viagem produzida anteriormente, da leitura de periódicos e da conversa com outros viajantes que já haviam conhecido a Espanha, que foi o seu destino. É a partir dessa coleta de informações que a escritora colombiana Soledad Acosta de Samper faz a sua travessia da França para a Espanha, embebida em um imaginário recontado por outros sujeitos históricos.

A presente investigação se desenhou de uma forma não ortodoxa. Uma obsessão por viagens e por contá-las por meio de diferentes vozes me permitiu o reencontro com a Academia. Ao começar a viajar sozinha, inquietações e desejos afloraram. Chamaram-me de corajosa e algumas mulheres vieram compartilhar comigo suas dúvidas e seus desconfortos, pediram-me dicas sobre como seguir adiante. Em 2016, frente ao incômodo com a forma com a qual foram retratadas as mortes das argentinas Marina Menegazzo, 22 anos, e Maria José Coni, 21 anos, na cidade de Montañita, no Equador, decidi me posicionar. Nesse mesmo ano, concebi o projeto Mulheres Viajantes para dar voz e força àquelas que viajam sozinhas e/ou entre mulheres. Os diversos questionamentos e acusações em relação à jornada das amigas argentinas tiveram costumeiramente a posição de colocá-las como viajantes solitárias, ou seja, remetendo à ausência de uma figura masculina, da qual emergiria a segurança e a autoridade lhes faltavam. Não só o Mulheres Viajantes surgiu nesse contexto, mas também o movimento #ViajoSola, que ganhou o mundo por meio das redes sociais e em outras línguas, como no Brasil, com o nome de #ViajoSozinha.

² CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.28.

Ao longo desses cinco anos, o projeto reuniu mais de 300 relatos de mulheres viajando sem uma companhia masculina por meio do *website* mulheresviajantes.com, tendo alcançado sete capitais brasileiras a partir de rodas de conversa que envolviam não só o mundo das viagens, mas a experiência das mulheres colocando-se em lugares públicos. Foi em meio a essas experiências do projeto Mulheres Viajantes que tive a oportunidade de conhecer os professores Stella Maris Scatena Franco e Amílcar Torrão Filho, a partir de um convite que lhes fiz para a mesa Mulheres Viajantes no século XIX, na livraria Tapera Taperá, em São Paulo, em 2017.

A partir desse encontro significativo e da generosidade da professora Stella Maris, retomei o meu contato com a academia e pude me debruçar sobre a perspectiva das mulheres viajantes na segunda metade do século XIX. Com fundamento em contextos históricos-sociais completamente distintos e com o cuidado em não soar anacrônica, surpreendi-me desconfortavelmente com as continuidades entre os relatos de viagem recolhidos no projeto Mulheres Viajantes e as narrativas empreendidas pela escritora colombiana Soledad Acosta de Samper, bem como suas contemporâneas, como a cubana Gertrudis Gómez de Avellaneda, a brasileira Nísia Floresta e a argentina Eduarda Mansilla de Garcia.

Aqui falamos mais especificamente da história como campo de produção de conhecimentos, de maneira que nos interessa particularmente a História das Mulheres. De acordo com Michelle Perrot, esta área se constitui nas décadas de 1960 e 1970 e acompanha os desdobramentos dos movimentos feministas e femininos mais ou menos organizados em diferentes espaços. Sendo assim, é comum que as mulheres que passam a se dedicar aos estudos de História das Mulheres sejam as mesmas engajadas nos debates pelos seus próprios direitos³.

O que poderia soar como tendencioso para alguns críticos foi elemento de atenção para pesquisadoras de diferentes áreas que se dedicaram aos estudos de maneira rigorosa e criteriosa, oferecendo uma fortuna crítica transitando entre temas considerados tradicionais e tantos outros que foram ganhando contornos cada vez mais nítidos. Dentre os primeiros, a historiografia voltada aos relatos de viajantes se mostrou terreno fértil para a problematização de papéis sociais desempenhados por mulheres, principalmente nos séculos XVIII e XIX. Partindo de um campo consolidado, foi possível lançar luzes sobre outras possibilidades de compreensão das relações sociais, desta feita pelo olhar de mulheres viajantes.

³ PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. Dossiê "História das Mulheres no Ocidente". Cadernos Pagu, vol. 4, 1995.

Embora tais estudos tenham sido inovadores em seu contexto de produção, trazendo o ponto de vista das mulheres, é preciso salientar seus limites, uma vez que as pesquisadoras integravam grupos bastante específicos. O acesso às letras lhes permitiu a escrita de relatos pessoais sobre suas experiências, nesse caso, aquelas vividas fora dos espaços privados. Ainda assim, enfatizamos sua relevância do ponto de vista acadêmico e de avanços na desconstrução e desnaturalização do papel feminino exclusivamente voltado ao seio doméstico. A configuração desse campo de análise permitiu que se exigissem estudos de obras produzidas por mulheres a partir de uma chave de análise que considerasse os papéis sociais assumidos por essas personagens. Ao refletir sobre a perspectiva de uma escrita feminina, Elena Carrera pontua que

“El concepto de *écriture féminine* aparece en el contexto académico feminista francés de los años 70 como estrategia política para defender el derecho de las mujeres a ministrar su ‘diferencia sexual’ y subrayar a la vez de la necesidad de superar la lógica binaria en la que lo femenino se define en oposición a lo masculino, como la parte oscura, irracional, menos conocida de nuestra cultura.”⁴

Nesse sentido, a categoria emerge no contexto da segunda onda feminista e do desenvolvimento da história das mulheres é imbuída de questões problemáticas por reforçar uma lógica binária. A ideia de uma diferenciação sexual ainda muito marcada foi alvo de crítica em um trabalho de destaque da historiadora Joan Scott, que auxiliou na construção da História das Relações de Gênero. Na obra, a autora se debruça sobre qual seria o entendimento do termo e como ele poderia ser utilizado como categoria de análise, afastando-se da perspectiva descritiva que fora usada até então.

“Uma vez que, aparentemente, a guerra, a diplomacia e a alta política não têm a ver explicitamente com essas relações, o gênero parece não se aplicar a estes objetos, continuando assim, a ser irrelevante para o pensamento dos/as historiadores/as preocupados/as com questões de política e poder. Isto tem como efeito a adesão a uma certa visão funcionalista, fundamentada, em última análise, na biologia e na perpetuação da ideia de esferas separadas na escrita da história (sexualidade ou política, família ou nação, mulheres ou homens). [...] No seu uso descritivo, o termo “gênero” é, então, um conceito associado ao estudo de coisas relativas às mulheres.

⁴“O conceito de *escrita feminina* aparece no contexto acadêmico feminista francês dos anos 70 como estratégia política para defender o direito das mulheres a mitigar sua ‘diferença sexual’ e salientar a necessidade de superar a lógica binária em que o feminino se define em oposição ao masculino, como a parte obscura, irracional, menos conhecida de nossa cultura”. *Tradução da autora*. CARRERA, Elena. *Escritura femenina y literatura de viajes: Viajeras inglesas en la España del XIX, lugares comunes y visiones particulares. Diez estudios sobre literatura de viajes. Anejos de Revista de Literatura*. n. 69. Madrid: Instituto de Lengua Española, 2006. p. 109.

‘Gênero’ é um novo tema, um novo domínio de pesquisa histórica, mas não tem poder analítico suficiente para questionar (e mudar) os paradigmas históricos existentes.⁵”

Scott traz ao debate a dificuldade por parte dos historiadores políticos de compreender o gênero como categoria de análise ao pontuar que o termo se refere a um sistema de relações que não se resume ao sexo nem à sexualidade, tampouco tem a capacidade de os determinar.

Ao se debruçar nos estudos dos relatos de viagem, esta pesquisa ressalta que estes voltaram à tona na contemporaneidade, sendo desenvolvidos em outros formatos e com outras intenções, por meio das redes sociais. Porém, vale pensar como foram por muito tempo relegados à categoria de baixa literatura. Apenas no final do século XX, a escrita de viagem foi recuperada como possibilidade de fonte de pesquisa, principalmente entre os historiadores. Viagens e viajantes tornam-se centrais nesse contexto. Apesar de terem sido longamente consideradas como fontes fidedignas, o que levou uma série de estereótipos culturais às produções historiográficas⁶, foram entendidas como falaciosas por outros. Tendo em vista o caso da viajante Soledad Acosta de Samper, é importante pensar a visão especular que consta nos seus relatos, uma vez que estes dissertam mais sobre ela mesma do que acerca do lugar visitado. Como apresentado por Carolina Depetris, em seu trabalho “*La escritura de los viajes: del diario cartográfico a la literatura*”⁷, por um lado, o relato de viagem encontra pontos de tensão com a perspectiva literária ao se pensar a narrativa pessoal/ autobiografia, já por outro, depara-se com a ciência e a viagem. Há um caráter autobiográfico no gênero literário, trazendo uma retórica de factualidade, autenticidade e objetividade. Entre os séculos XVIII e XIX, nota-se uma demanda de realidade, que é cunhada como um “efeito de realidade”. Dentre as características do gênero literário, o que a autora destaca como função do relato é a construção de um conhecimento científico e confiável sobre uma região de mundo inexplorada ou pouco conhecida, a fim de transmitir tal conhecimento. Por meio das palavras, constrói-se uma geografia, um mundo, o que é considerado um problema por Depetris, pois constrói-se um mundo real por meio de uma ferramenta polissêmica como a linguagem. Diante da questão da autobiografia, Carolina Depetris coloca que o viajante é um ser que diz aquilo que considera a

⁵ SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995. p. 78.

⁶ PRATT, Mary Louise. Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação. Universidade de São Paulo. Bauru, EDUSC, 1999.

⁷ DEPETRIS, Carolina. La escritura de los viajes: del diario cartográfico a la literatura. Serie Viajeros, Colección Sextante. Mérida: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

verdade, uma construção estabelecida por meio de palavras sobre si mesmo. Ele é o personagem principal, tornando-se o herói da sua própria história.

Ao refletirmos sobre o tema da literatura de viagem, deparamo-nos com dificuldades de categorização do gênero. Jam Borm propõe que a escrita de viagem não é um gênero, mas uma compilação de textos predominantemente ficcionais e não ficcionais, tendo a viagem como tema principal. O autor sugere que a maioria das técnicas utilizadas pertence ao campo ficcional, apontando que o *travel writing* se apropria das estruturas do romance e da autobiografia, extrapolando-as⁸. Por outro lado, para Graham Huggan, a construção literária da persona e a criação de um *background* moral estão próximas das estratégias de ficção⁹. O *travel writing* se coloca assim como veículo de transmissão e consolidação do discurso colonial ou como um possível meio de interrogar o etnocentrismo¹⁰. Diante dessa perspectiva teórica sobre a literatura de viagem, emerge o nosso objeto de pesquisa: a produção de dois tomos da obra *Viaje a España en 1892*.

Para analisar a obra da escritora colombiana, debruçamo-nos sobre o imaginário construído acerca da Espanha por outros viajantes, concepção esta que se reverbera nos escritos de Acosta de Samper. Ao que Beatriz Ferrús Antón aponta em seu passado como uma narrativa de uma nação exotizada, o que faz com que seja vista como romântica por uma série de escritores.

“Los toros o el pasado medieval, propio de las tierras del Cid, un imaginario compuesto en gran medida desde la mirada romántica de los escritores europeos, sirven a [Domingos] Sarmiento para realizar una proyección utópica semejante a la que los cronistas y viajeros científicos hicieron sobre América. La mirada cruzada entre España y Latinoamérica se ha vuelto estrábica. Mientras los viajeros norteamericanos acuden a uno u otro recreando un proceso semejante de ‘orientalización’.”¹¹

⁸ BORM, Jam. “Defining travel: On the travel book, travel writing, and terminology.” In: HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim. Perspectives on travel writing. Londres: Ashgate, 2004.

⁹ HUGGAN, Graham; HOLLAND, Patrick. “Varieties of nostalgia in contemporary travel writing”. In: HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim. Perspectives on travel writing. Londres: Ashgate, 2004.

¹⁰ HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim (Org.) Introduction. In: HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim. Perspectives on travel writing. Londres: Ashgate, 2004.

¹¹ “Os touros ou o passado medieval, próprio das terras do Cid, um imaginário composto em grande parte do olhar romântico dos escritores europeus, servem [Domingos] Sarmiento para realizar uma projeção utópica semelhante à que os cronistas e cientistas viajantes fizeram sobre a América. O olhar cruzado entre a Espanha e a América Latina tornou-se estrábico. Enquanto os viajantes norte-americanos se dirigem a um ou outro, recriando um processo semelhante de ‘orientalização’.” Tradução livre da autora. FERRÚS ANTÓN, Beatriz. *Mujer y literatura de viajes en el siglo XIX: entre España y las Américas*. Valencia: Biblioteca Javier Coy d’estudis nord-americans, Universitat de Valencia, 2011. p. 86

Em meio ao imaginário espanhol, os livros de viagem se esforçam também em tipificar os seus habitantes por meio de uma lente discriminatória, marcada pelo uso de determinismos histórico, geográfico e racial, principalmente ao se tratar da região andaluza. Ao que Antonio Fernández Navarro pontua que

“en la producción literaria viajera la descripción del carácter andaluz, que por un proceso metonímico suele representar a la totalidad de los españoles, resulta claramente negativa, a pesar de la generosidad y los buenos propósitos con que, en un primer momento, algunos autores parecen tratar a los habitantes del sur peninsular. [...] Se constata en la mayor parte de los libros de viaje una preocupación, a veces acuciante, por definir el carácter de los habitantes peninsulares, de manera que no es raro hallar en los textos capítulos consagrados a determinar, y en ocasiones a fijar, la personalidad andaluza.”¹²

Nesse esforço de definição das características espanholas, tomando os andaluzes como o todo, emerge a perspectiva de um povo jovial e alegre, formado por pessoas astutas, ignorantes e, por vezes, agressivas. Não raramente, as ideias de que seriam um povo preguiçoso e indolente se alicerçam sobre um determinismo geográfico pelo clima da região. A mulher andaluza emerge como paradigma da mulher espanhola, destituída de virtudes, de acordo com Fernández Navarro,

“Se convierte en recurso tópico, sobre todo entre los románticos, el hecho de asociar la sensualidad a la mujer hispana que, de manera contraria a la moral, compagina sus licenciosas costumbres con el cumplimiento de unas prácticas religiosas muy arraigadas en la sociedad española.”¹³

Marcadas por uma ideia de degradação moral e voluptuosidade, as mulheres espanholas estariam imersas em um contexto marcado pelo catolicismo e pela fidelidade imposta pela religião. Nota-se um esforço em afastar a cultura e o povo espanhóis de quaisquer semelhanças com outros europeus. De acordo com Esther Durand,

“al margen de esta visión irónicamente desmitificadora del viaje a España que ofrecían los propios habitantes de la Península, lo cierto es que el viajero extranjero esperaba encontrar en España un universo radicalmente opuesto al de la realidad

¹² “Na produção literária viajante a descrição do caráter andaluz, que por um processo metonímico costuma representar a totalidade dos espanhóis, é claramente negativa, apesar da generosidade e dos bons propósitos com que, num primeiro momento, alguns autores parecem tratar os habitantes do sul peninsular. [...] Verifica-se na maior parte dos livros de viagem uma preocupação, por vezes premente, por definir o caráter dos habitantes peninsulares, de modo que não é raro encontrar nos textos capítulos a determinar, e por vezes a fixar, a personalidade andaluza”. *Tradução livre da autora.* FERNÁNDEZ NAVARRO, Antonio. Sevilla, teatro de los sueños - reflejo de la ciudad en los textos de viajeros franceses del siglo XIX. Sevilla: Fundación Focus-Abengoa, Universidad de Sevilla, 2011. pp. 269 a 271.

¹³ “Converte-se em recurso tópico, sobretudo entre os românticos, o fato de associar a sensualidade à mulher hispânica que, de maneira contrária à moral, agrupa seus costumes licenciosos com o cumprimento de práticas religiosas muito arraigadas na sociedade espanhola.” *Tradução livre da autora. Idem, ibidem.* p. 286.

diaria de su país de origen, donde lo cotidiano sorprendiera y pudiera hallarse lo primitivo, la magia de lo árabe, la sobriedad de lo medieval cristiano y la leyenda de las catedrales góticas. La confluencia de todos estos elementos alimentó la imaginación del viajero que hizo de España un espacio poético, pictórico, literaturizado y ensoñado. Nuestro país se ofrecía a los extranjeros como un lugar en el cual el visitante podía toparse a cada paso con grados de singularidad y pintoresquismo capaces de arrancar su interior el hastío de lo conocido y de ofrecerle una tierra propia donde no sentirse extraño.”¹⁴

Desse modo, a fascinação pela Espanha se dá a partir de uma mescla de referências culturais que o viajante possui, desde a perspectiva da influência árabe e cigana, perpassando a ideia de primitivo e medieval. Os relatos calcados nas descrições, acontecimentos e impressões colocam a Espanha como objeto do olhar do viajante romântico. Nesse sentido, a influência de relatos de viajantes anteriores corrobora uma visão sacralizada e ficcionalizada.

Ao falarmos na viagem romântica, tem-se como referência uma estrutura narrativa que considera a descrição da paisagem que cerca o ou a viajante, a metáfora do vestir-se, característica do lugar e retrato de mulher. Tim Youngs desenvolve um trabalho sobre a literatura de viagem, mais precisamente desenvolvida ao longo do século XIX, sendo influenciado pela exploração das narrativas e antologias de viagem dos séculos XVI e XVII, destacando que algumas narrativas trazem um cunho científico.

“The importance of this observation cannot be exaggerated. The nineteenth century bears many similarities to the late sixteenth and seventeenth centuries in its production of exploration narratives and anthologies of travel. But increased literacy rates and innovations in printing led to more affordable editions. Many narratives were written for general readers: although containing scientific information, they were accessible both financially and intellectually.”¹⁵

¹⁴ “À margem desta visão ironicamente desmitificadora da viagem à Espanha oferecida pelos próprios habitantes da Península [ibérica], o certo é que o viajante estrangeiro esperava encontrar na Espanha um universo radicalmente oposto ao da realidade diária do seu país de origem, onde o cotidiano surpreendesse e se pudesse encontrar o primitivo, a magia do árabe, a sobriedade do medieval cristão e a lenda das catedrais góticas. A confluência de todos estes elementos alimentou a imaginação do viajante que fez da Espanha um espaço poético, pictórico, literário e sonhador. Nosso país se oferecia aos estrangeiros como um lugar no qual o visitante podia topar a cada passo com graus de singularidade e pintoresquismo capazes de arrancar de seu interior o tédio do conhecido e de lhe oferecer uma terra própria onde não se sentir estranho”. Tradução livre da autora ORTAS DURAND, Esther. *La España de los viajeros (1755-1846): imágenes reales, literaturizadas, soñadas...* Los libros de viaje: realidad vivida y género literario. Madrid: Akal Ediciones, Universidad Internacional de Andalucía, 2009. p. 60.

¹⁵ “A importância desta observação não pode ser exagerada. O século XIX tem muitas semelhanças com o final dos séculos XVI e XVII em sua produção de narrativas de exploração e antologias de viagens. Mas o aumento das taxas de alfabetização e inovações na impressão levou a edições mais acessíveis. Muitas narrativas foram escritas para leitores em geral: embora contenham informações científicas, elas eram acessíveis tanto financeira quanto intelectualmente”. Tradução livre da autora. YOUNGS, Tim. *Travel writing in the nineteenth century*. In: *The Cambridge History of Travel Writing*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2013. p. 56.

Tamanha articulação de informações na literatura de viagem, entrelaçando a descrição de lugares e a proposição de informações de cunho científico, representa a proposta trazida em *Viaje a España en 1892*, objeto central de análise da presente dissertação.

A trajetória de Soledad Acosta de Samper se destaca pela relevância e diversidade das suas atuações no mundo das letras. Não à toa, a Biblioteca Nacional da Colômbia inaugurou um catálogo digital com as obras produzidas pela escritora ao longo da sua vida, em 2019, em diferentes formatos, como relatos de viagem, romances históricos, manuais didáticos, artigos como *periodista* e diretora de periódicos. Ao todo, o projeto realizado em parceria com o *Banco de Archivos Digitales de Artes en Colombia* e a UniAndes, com coordenação da professora Carolina Alzate, entregou cerca de 570 títulos em sua primeira fase da biblioteca, em outubro de 2019.¹⁶ A experiência de Acosta de Samper me saltou aos olhos não só pelo meu gosto por viagens, mas por ter me encantado com a região andaluza de certa forma assim como ela havia, mas também a partir da ótica de uma Espanha imaginada e exotizada, quando criança, por meio de um trabalho escolar. Alguns anos mais tarde, tive a oportunidade de visitar as cidades de Granada e Sevilha.

¹⁶ Para acessar a Biblioteca Digital Soledad Acosta de Samper: <https://soledadacosta.uniandes.edu.co/>



Imagem de Soledad Acosta de Samper quando jovem. Sem datação.¹⁷

Nascida em 1833, Soledad Acosta de Samper foi filha única do casal Joaquín Acosta e Carolina Kemble. Considerada uma escritora colombiana proffuca, Soledad teve a oportunidade de morar em outros países por questões familiares e educacionais, devido à sua condição financeira privilegiada e aos cargos governamentais ocupados pelo pai e pelo futuro marido. Suas estadias em Nova Iorque e Halifax, Nova Escócia, com a avó e a mãe por um ano, permitiram-lhe acessar o ensino formal no país. A família radicou-se em Paris, onde Joaquín Acosta, formado em engenharia militar e ciências naturais, desenvolveu importantes trabalhos sobre história e geografia. Com o advento da Comuna de Paris, em 1848, a família retornou à Colômbia e Joaquín Acosta foi nomeado general, sendo posteriormente considerado um dos próceres da independência. O casamento de seus pais nos auxilia a compreender a interculturalidade de Soledad, mas não dá conta de nos explicar sua trajetória. É notável que as práticas colombianas e as inglesas da sua família reverberam na sua atuação pública e na

¹⁷ Imagem de Soledad Acosta de Samper quando jovem. Sem datação. Fonte: <http://colombiacultura.com/2013/10/07/voces-y-silencios-soledad-acosta-de-samper/> [CC BY-SA 3.0], via Wikimedia Commons

oportunidade de acesso à vida pública, que extrapolaram a trajetória de seus pais, Joaquín Acosta e Carolina Kemble.



José María Samper Agudelo, marido da escritora. Sem datação.¹⁸

A escritora colombiana conheceu o seu futuro marido, José María Samper Agudelo, em Guaduas, durante os festejos locais, em 1853. Dois anos depois, eles se casam e concebem as filhas, Bertilda e Carolina. A família estabelece-se em Paris juntamente à mãe da escritora, Carolina Kemble. Nesse contexto, em que José Maria Samper assume o cargo de secretário da *Legación Colombiana*, Soledad dá início à sua colaboração aos periódicos colombianos *Biblioteca de Señoritas* e *El Mosaico*, situados em Bogotá, e *El Comercio*, em Lima, Peru. Este último contou com a colaboração dos escritos do marido. Os trabalhos de Soledad se

¹⁸ José María Samper Agudelo, marido da escritora. Sem datação. Fonte: <http://bibliotecavilareal.wordpress.com/tesoros-digitales/london/> [CC BY-SA 3.0], via Wikimedia Commons.

concentravam no desenvolvimento de relatos de viagem, resenhas literárias e musicais, comentários sobre tendências de moda e traduções. Porém, a escritora não assinava com o seu nome, fazia uso de pseudônimos como *Aldebarán*, *Renato*, *Bertilda* y *Andina*, que se revezavam de acordo com o tema das suas reflexões. Uma das suas colaborações pouco mencionadas se deu para o periódico *El Iris* (1866-1868), dirigido por José María, “dedicado al bello sexo”, no qual a escritora assinava como *Andina* e *Aldebarán*.

Dentre os escritos de Acosta de Samper, temos trabalhos como a biografia do *General Joaquín París* (1883), *Aptitud de la mujer para ejercer todas las profesiones: memoria presentada en el Congreso Pedagógico hispano-lusitano-americano reunido* (1892), *Novelas y cuadros de la vida suramericana* (2004), *La Mujer: revista quincenal exclusivamente redactada para señoras y señoritas* (1879), *Diario íntimo y otros escritos de Soledad Acosta de Samper* (2003). Por mais que dialogue com a historiografia, a literatura e a “escrita de si”, os temas centrais que atravessam o trabalho intelectual da escritora são a educação e a atuação das mulheres. Ela defende uma formação profissional e intelectual feminina, pautada nas mesmas diretrizes intelectuais da educação dos homens. Nesse sentido, esta pesquisa busca compreender as estratégias e mecanismos de projeção social mobilizados pela escritora para garantir a sua inserção em ambientes intelectuais e culturais predominantemente masculinos, bem como o reconhecimento por sua atuação como literata.

Como abordamos, parte da sua produção intelectual foi realizada em parceria com o seu marido, José María Samper, que foi compreendido como o escritor colombiano mais profícuo do século XIX, com forte atuação como diplomata. Tal produção não deve ser encarada como justificativa para a sua inserção nessas ditas redes de sociabilidade. Sendo assim, a família Acosta de Samper viveu na Colômbia, na França e no Peru devido aos compromissos profissionais do escritor. Em Lima, o casal fundou a *Revista Americana*. Em 1860, nasceu sua terceira filha, María Josefa, em Londres, e dois anos depois, nasceu Blanca Leonor, em Paris. A sua quarta filha foi uma figura importante em sua trajetória e durante a viagem à Espanha, não apenas esteve presente como companhia, mas suas cartas à sua tia María beneficiaram o desenvolvimento dos questionamentos e reflexões presentes nesta investigação.



Capa da Revista *La Mujer*, Tomo I, volume 1. 1878¹⁹.

Os estudos sobre a escritora são recentes, datados do final do século XX, empenhando-se na apuração da sua atuação como defensora da educação feminina, equiparada em qualidade aos homens, chegando a entendê-la como uma das precursoras do movimento feminista²⁰. Um dos elementos que acabou por inseri-la nesse debate do movimento como uma pioneira foi seu papel como diretora na Revista *La Mujer; lecturas para las familias. Revista quincenal redactada exclusivamente por señoras y señoritas* (1879-1881), na qual publicou escritos como biografias, relatos de viagem à França e Suíça, textos do seu falecido marido e de mulheres correspondentes internacionais. Dentre os pesquisadores de Acosta de Samper, destacam-se Montserrat Ordóñez e Carolina Alzate Cadavid²¹, ambas professoras de literatura da *Universidad de Los Andes*, na Colômbia. As autoras redigiram juntas a obra *Soledad Acosta de Samper: escritura, género y nación en el siglo XIX*, publicada em 2005, após a morte de

¹⁹ Capa da Revista *La Mujer*, Tomo I, volume 1. 1878. Retirado de Hemeroteca Digital Histórica. Disponível em : <https://babel.banrepcultural.org/digital/collection/p17054coll26/id/1661/> Acesso em 04 de julho de 2021.

²⁰ ARBELÁEZ, Olga. “Salvar la nación: el feminismo doméstico de Soledad Acosta de Samper”. *Estudios de literatura colombiana*, pp. 57-77. 2016.

²¹ ALZATE CADAVID, Carolina. *Soledad Acosta de Samper y el discurso letrado de género, 1853-1881*. Iberoamericana Editorial Vervuert, 2015.

Ordóñez²². Por outro lado, temos poucas pesquisas sobre o papel de Acosta de Samper como escritora-viajante, como o trabalho da historiadora Stella Maris Scatena Franco²³.

Tomamos aqui a investigação do projeto intelectual relativo aos temas de identidade e integração nacionais em fins do século XIX, por meio do cotejamento dos relatos de viagem produzidos pela escritora e historiadora colombiana Soledad Acosta de Samper. Nesse sentido, debruçamo-nos sobre uma viagem específica, em 1892. Tratou-se de uma experiência de dois meses e meio, que se tornou um livro sob o título de *Viaje a España en 1892*, organizado em dois volumes, referentes à sua viagem à Espanha e publicados em Bogotá, em 1893 e 1984. A viagem se deu inicialmente pelo convite da Coroa Espanhola por ocasião das comemorações do Quarto Centenário da Conquista da América, mais precisamente para que participasse do IX *Congreso Internacional de Americanistas*. Além desse evento, Acosta de Samper foi convidada a participar do V *Congreso Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano* e do *Congreso Literario Hispano-Americano*, aos quais compareceu durante os dois meses e meio em que viajou pelo país.

Interessa-nos perscrutar a jornada da colombiana enquanto escritora-viajante, tendo como cerne a obra *Viaje a España en 1892*, escrita após o fim da jornada. O início do seu relato se dá ao viajar com sua filha menor, entrando por trem pela França, em 9 de setembro, até cruzar novamente a fronteira, em 19 de novembro de 1892, o que se deu ao fim das atividades de comemoração do IV Centenário de Conquista da América.²⁴

No primeiro volume, que conta com vinte capítulos, Acosta de Samper trata do trajeto abrangendo desde Saint-Jean-de-Luz, na França, até a cidade espanhola de Córdoba. Já no segundo volume, com catorze capítulos, dedica-se a narrar sobre o trajeto entre Córdoba e Huelva. Chegou a esta última cidade no começo de outubro, para participar do IX *Congreso Internacional de Americanistas*, espaço para apresentações de trabalhos das áreas de história, arqueologia, antropologia e etnografia relacionados ao novo continente, no qual apresentou dois trabalhos. Em seguida, foi a Madri para participar da quinta sessão do *Congreso Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano*, no qual apresentou o trabalho “*Concepto y límites*

²² Montserrat Ordóñez dedicou parte da vida a estudar a trajetória de Soledad Acosta de Samper tendo compilado os seus escritos em obras como uma seleção de escritos de Soledad Acosta de Samper, publicada em 1988, pela Fondo Cultural Cafetero e a compilação de *Novelas y cuadros de la vida suramericana*, publicado em 2004, pela Uniandes. ALZATE, Carolina; ORDÓÑEZ, Montserrat. *Soledad Acosta de Samper: escritura, género y nación en el siglo XIX*. Madrid: Iberoamericana (2005).

²³ FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagens e Relatos – Representações e Materialidade nos Périplos de Latino-Americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no Século XIX*. São Paulo: editora Intermeios, 2018.

²⁴ ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893.

de la educación de la mujer y de la aptitud profesional de ésta”, tema que já vinha desenvolvendo em seus escritos.

O desenvolvimento da obra *Viaje a España en 1892* nos chamou a atenção pela retomada da escritora dos relatos de viagem, abordagem que não fazia parte dos seus escritos desde os anos 1860, quando a escritora já havia compartilhado as suas experiências na França, Suíça e Inglaterra. O gênero escolhido por Acosta de Samper²⁵ se configurou no século XVIII, em meio à emergência do *Grand Tour* e das possibilidades de viagem a lazer na Europa Ocidental, constituído pelo turismo de massa em meados do XIX, a partir do desenvolvimento de inovações tecnológicas na área dos transportes.

Deveríamos considerar o uso do relato de viagem como ferramenta para os seus escritos devido especificamente à visita à Espanha, um destino consagrado como exótico na literatura de viagem à qual a autora teve acesso? Ou a escolha se deveria à valorização das festividades do IV Centenário e da participação de Soledad nestas? Buscamos com esta dissertação responder tais questionamentos ao aferirmos as maneiras com as quais Soledad entremeia, no plano do texto, a “escrita de si” de sua viagens com a descrição e a interpretação ensaística das regiões visitadas na Espanha, bem como a proposição de comparações entre Colômbia e Espanha quanto aos seus projetos políticos, econômicos e/ou culturais. No exercício de comparação das formas com as quais as populações locais da Colômbia e da Espanha são retratadas por Acosta de Samper, buscamos identificar e comparar nos escritos de Soledad os papéis de gênero e espaços de negociação com os quais ela se depara na Espanha e na Colômbia.

Apesar da sua consagração como a escritora colombiana de maior relevância para o século XIX, ainda temos dificuldade em acessar os seus escritos. Ao darmos início à presente investigação, deparamo-nos com a ausência de um dos tomos da fonte principal digitalizada. No banco digital da Biblioteca Nacional da Colômbia e da Espanha estava disponível o primeiro tomo da obra *Viaje a España*, publicado originalmente em Bogotá, no ano de 1893.

²⁵ Na Europa Ocidental, a emergência da modalidade de viagem chamada de *Grand Tour*, em meados do século XVIII, marca o início das expedições por outros países com o intuito de lazer e divertimento. Apesar de ainda não haver uma estrutura turística que recebesse esse viajante como meios de transporte consolidados, hospedarias e restaurantes, havia a perspectiva de que o viajante acessasse um lugar de privilégio, explorado por poucos. A elaboração de diários e guias de viagens é realizada nesse contexto e serviria de bússola para os viajantes futuros, ao longo do século XIX, configurando assim o turismo de massa. Vale a ressalva de que a especificidade do *Grand Tour* é de que se valia da narrativa da cultura clássica, em que esses viajantes buscavam as raízes greco-romanas por meio de suas ruínas, em uma espécie de rito de passagem para a vida adulta. SALGUEIRO, Valéria. “Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura”. Revista Brasileira de História. Volume 22, n. 44. São Paulo, 2002.

Apesar de ambas possuírem o tomo 2, ele não se encontrava digitalizado. A opção de encomenda da digitalização na Espanha era possível e cara, mas não aceitava o pagamento internacional, sendo aventada a ativação da minha própria rede de sociabilidade em Madri. Porém, isso não foi necessário, pois contei com a generosidade de um colega pesquisador que se fez um amigo querido, por intermédio da professora Stella Franco, o colombiano Juan Francisco Beltrán. Partilho dessa experiência como um caso para refletir sobre a importância das conexões em rede para o desenvolvimento das pesquisas acadêmicas em um contexto de desvalorização da nossa carreira, e propriamente de subalternização da documentação de uma sujeita histórica que recebeu tamanho reconhecimento governamental, mas ainda é pouco estudada devido a tais dificuldades.

Ademais, interessa-nos a análise de suas apresentações como historiadora e escritora, executadas na referida jornada da viagem pela Espanha em 1892, durante a sua participação nos congressos em comemoração ao IV Centenário de Conquista da América, nos quais foram debatidos seus trabalhos sobre a defesa da educação feminina e uma investigação sobre a presença de indígenas e de judeus em Antioquia, diante da chegada dos espanhóis à região da Colômbia. A sua participação na vida pública é tema de particular interesse por considerarmos a sua trajetória enquanto uma mulher colombiana, prestes a completar sessenta anos, viúva, que empreende essa viagem apenas com a companhia da sua filha, Blanca Leonor, de 30 anos.

Vale a ressalva de que esta pesquisa não lança olhar sobre a trajetória de Acosta de Samper por meio da perspectiva de um “mulher à frente de seu tempo” nem como um exemplar destoante do “*bello sexo*”, expressões que foram utilizadas por contemporâneos à escritora para justificar a sua atuação. Isto posto, descartamos o discurso da extraordinariedade para nos focarmos na compreensão do seu contexto histórico-social. Entendemos que a sua atuação na vida pública, como uma mulher reconhecida pelos seus pares em um mundo de letras predominantemente masculino, relaciona-se à sua inserção em redes de sociabilidade intelectuais e à sua capacidade de agência por mecanismos de negociação social. A relevância familiar de Acosta no contexto colombiano deve-se à atuação do seu pai, o general Joaquín Acosta, tido como um dos heróis da independência do país. Diante disso, temos o reconhecimento do seu marido, José María Samper, como uma figura política e literária importante na nação colombiana, a ponto de ser considerado o escritor mais profícuo do século XIX, e ter tido uma trajetória considerável como diplomata.

Reduzir o reconhecimento de Soledad Acosta de Samper à associação à sua figura paterna ou ao seu marido é um erro, um discurso simplista que não nos cabe. A inserção nas ditas redes de sociabilidade às quais tanto José María Samper quanto Joaquín Acosta

pertenceram não é o suficiente para compreendermos a sua atuação social. Deve-se dar o destaque necessário ao seu acesso à educação formal por meio dos seus estudos no Canadá, na Colômbia e França e, ainda, a uma influência da sua mãe, a canadense Carolina Kemble.

Diante do levantamento das fontes e da bibliografia, aventamos como hipóteses a escolha da Soledad Acosta de Samper como delegada da Colômbia no IV Centenário da Colonização, em 1892, como parte da necessidade de se (re)estabelecer novas relações entre Espanha e a América Latina de língua espanhola, após os processos de independência. Nesse sentido, o debate sobre a construção da identidade latino-americana reverbera em seus relatos de viagem, que teriam constituído um espaço de reflexão e redescoberta das identidades nacional e pessoal de Soledad, ao lançar o seu olhar sobre o Outro, fortalecendo a constituição de um Eu. A partir dessa construção, finalizamos o levantamento de hipóteses ao entendermos o discurso da escritora como permeado pela discussão entre atraso e progresso, que enxergaria a Colômbia e a Espanha como espaços ambíguos em meio às relações estabelecidas.

Um dos primeiros pontos a serem abordados reside nos aspectos teórico-metodológicos envolvidos em três pilares da nossa pesquisa: o uso dos relatos de viagem como fonte histórica, a compreensão das fontes pela chave da História das Relações de Gênero, bem como pela História Intelectual, três perspectivas extremamente importantes para a construção deste trabalho. Isto posto, valemo-nos de uma reflexão sobre a configuração da identidade nacional a partir do diálogo com Benedict Anderson, que aborda a questão da sua construção e representa referência essencial sobre o tema²⁶. A fim de auxiliar o estudo sobre o tema da identidade regional, os trabalhos de Valdir Santos Jr. e Mónica Quijada nos foram importantes para compreender o estabelecimento do conceito de América Latina em meados do século XIX²⁷.

Diante de uma lógica de afirmação de identidades, circulação de ideias e enunciados, os discursos de autoridade são mobilizados para legitimar nacionalismos. A força simbólica da cultura imperial acaba por legitimar a violência sobre territórios e populações. Em diálogo com essa questão, temos Benedict Anderson, com sua obra *Nação e Consciência Nacional*²⁸, apontando como as nações são comunidades imaginadas, construídas de modo a serem naturalizadas, apesar de recentes historicamente. Benedict Anderson questiona-se sobre por

²⁶ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

²⁷ QUIJADA, Mónica. Sobre el origen y difusión del nombre ‘América Latina’ (o una variación heterodoxa en torno al tema de la construcción social de la verdad). *Revista de Indias*, 1998, vol. LVHI, núm. 214.
SANTOS JÚNIOR, Valdir Donizete. *Utopias industriais, sonhos imperiais: Michel Chevalier entre latinos e anglo-saxões na Europa e nas Américas (1833-1863)*. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 2019.

²⁸ ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

que as pessoas têm apego às suas invenções, por que se dispõem a morrer por elas e por que suas nações – comunidades imaginadas – inspiram tanto amor e auto-sacrifício²⁹. A resposta encontrada diz respeito ao caráter natural, inevitável e desprendido da “condição nacional”, que é indicada em termos de lar, progenitura, colocando a nação como se fosse algo a que se está naturalmente ligado. A condição nacional é assimilada em cor da pele, sexo e parentesco, aspectos fundamentais da vida que não se podem evitar. Dessa forma, a nação é comparada à família, vista como campo de solidariedade e amor desinteressado.

Ampliando-se a questão da identidade para refletirmos sobre as articulações da identidade regional, dedicamo-nos ao trabalho de Mónica Quijada. Estudiosa do desenvolvimento do conceito de identidade latino-americana, a autora coloca que

“Ninguna denominación anterior o posterior —América Española, Hispanoamérica, Gran Colombia, Iberoamérica— podía ofrecer tanto en un siglo que se caracterizó, precisamente, por aspirar a la universalidad del progreso indefinido, al tiempo que se esforzaba por integrar las poblaciones heterogéneas en un nivel superior y homogéneo —la "nación"— para convertirlas en legítimas depositarias de la soberanía del Estado³⁰”.

Quijada reflete sobre o que teria permitido a consolidação do conceito de América Latina, apesar da existência de outros, tais como América Hispânica, América Ibérica, Grande Colômbia e América Espanhola. Nesse sentido, o conceito se fortaleceu não só pelas bases sobre as quais se construiu, com Michel Chevalier como um dos precursores, mas também pelo contexto histórico-social no qual estava inserido. Se, por um lado, há um empenho em conceituar uma identidade regional na segunda metade do século XIX, por outro, há um esforço de integração de populações tão heterogêneas dentro de uma perspectiva que Quijada pontua como “*la nación*”. Para a autora, estão pressupostos nessa concepção elementos como a soberania do Estado e a aspiração à universalidade do progresso em uma América Latina que tem um dever a cumprir. O Estado nacional torna-se o espaço do progresso. Diante de tais reflexões, compreendemos neste trabalho a necessidade de estudar a construção das identidades nacional e regional a partir dos escritos de Acosta de Samper em sua obra *Viaje a España en 1892*.

²⁹ *Idem. Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

³⁰ “Nenhuma denominação anterior ou posterior - América Espanhola, Hispanoamérica, Grande Colômbia, América Ibérica - podia oferecer tanto em um século que se caracterizou, precisamente, por aspirar à universalidade do progresso indefinido, ao mesmo tempo que se esforçava por integrar as populações heterogêneas num nível superior e homogêneo - a "nação"- para convertê-las em legítimas depositárias da soberania do Estado. QUIJADA, Mónica. Sobre el origen y difusión del nombre ‘América Latina’ (o una variación heterodoxa en torno al tema de la construcción social de la verdad). *Revista de Indias*, 1998, vol. LVHI, núm. 214 p. 615.

Dessa maneira, a presente investigação estrutura-se sobre o aporte teórico-metodológico oferecido pela História Intelectual e a História das Relações de Gênero, com o intuito de compreender os meandros percorridos por essa escritora em suas inserções nas esferas intelectual e cultural. Seguiremos com as discussões sobre configurações de rede de sociabilidade a partir da ótica da História Intelectual para compreendermos como as relações estabelecidas em ocasiões como salões literários, por exemplo, foram fundamentais para ampliação de sua área de atuação e o reconhecimento de seu trabalho como literata colombiana. A partir disso, passamos à importância das possibilidades a ela permitidas, as quais se refletiram em seu discurso no *Congreso Pedagógico Hispano-Portugués-Americano*, em defesa de uma educação profissional para as mulheres. O historiador Jean-François Sirinelli, que tem uma relevante produção sobre a História Intelectual, aponta para a dificuldade de compreensão dessas relações, à medida que

“as estruturas de sociabilidade veriam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados. Assim, se os ‘salões’, na fronteira entre os dois séculos constituíam uma casa importante no jogo de ludo dos intelectuais, com suas musas da sociabilidade, eles não figuram mais entre os elementos decisivos que hoje quadriculam e subtendem a intelectualidade.”³¹

Ao aventar a complexidade de interpretação que a sociabilidade exige, Sirinelli aponta a importância de situarmos historicamente essas relações para compreendermos as formas de manifestação que as redes de sociabilidade adquiriram, como foi o caso dos salões literários, que se destacaram em fins do século XIX e início do século XX como espaços de fortalecimento dos laços entre literatos. Sendo assim, compreender as redes de sociabilidade traz certa dificuldade, de acordo com Sirinelli, ao partir da premissa de que trata-se de uma

“organização de grupo de intelectuais, uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar.”³²

Partimos da premissa do historiador francês de que as estruturas das redes de sociabilidade não devem ser subestimadas, já que a partir delas podemos, enquanto

³¹ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 249.

³² SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 248.

historiadores, analisar indícios do contexto em que estão inseridas. A hibridez desse campo aberto que articula história política, social e cultural torna difusas as fronteiras dessa categoria de análise. Cabe a nós, nesta pesquisa, apontarmos as fronteiras desse aporte teórico-metodológico e articulá-lo com outras ferramentas que dêem mais corpo para a nossa perspectiva analítica.

Isto posto, a História das Relações de Gênero é uma categoria que nos é cara a fim de compreendermos os meandros da trajetória de Acosta de Samper e as relações sociais empreendidas a partir do momento em que temos uma mulher atuando na vida pública. A respeito do papel social empreendido pelas mulheres no contexto citado, compartilhamos da perspectiva da historiadora francesa Michelle Perrot, ao expor que

“Até o século XIX, faz-se pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído. As que aparecem no relato dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem.”³³

A crítica realizada por Perrot sobre a noção de excepcionalidade atribuída à trajetória das mulheres na vida pública, que, por vezes, as relegam ao silêncio, é o caminho engendrado nesta pesquisa. Diante disso, estabelecemos diálogo com a antropóloga Mariza Corrêa, que também discute a questão. Para ela,

“a trajetória de algumas personagens femininas põe em xeque a suposta impermeabilidade das categorias masculino/feminina no sistema de classificações de gênero. Quando seres socialmente definidos como parte da cena privada são encontrados na cena pública, a ambigüidade de sua posição os coloca numa categoria anômala, como integrantes de uma espécie de "natureza imaginária”.³⁴

A perspectiva de uma desordem, conforme Corrêa aborda, acaba por reforçar o discurso da excepcionalidade, como apontado por Perrot. Há uma narrativa de que tais mulheres ocupam um espaço inadequado, o espaço dos homens, o qual elas não deveriam acessar. Diante dessa crise no sistema de classificações de gênero e das expectativas sociais dos papéis a serem cumpridos, a história das mulheres faz emergir, de acordo com Michelle Perrot, algo que “está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas

³³ PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. Dossiê "História das Mulheres no Ocidente". Cadernos Pagu, vol. 4, 1995. p. 13

³⁴ CORRÊA, Mariza. Antropólogas & Antropologia. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003. p. 56.

destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos.³⁵

Partimos da perspectiva de que Acosta de Samper foi um agente histórico que nos ajuda a compreender a historicidade das relações entre os sexos, não tendo representado um exemplo de excepcionalidade. A sua trajetória e os seus escritos reverberam as normas sociais e os espaços de negociação articulados por ela e por outras mulheres contemporâneas à escritora.

O **primeiro capítulo**, intitulado “**Soledad Acosta de Samper: configurações de uma rede de sociabilidade e os caminhos para a consagração**”, é dedicado a esmiuçar a trajetória da escritora colombiana durante a sua viagem de dois meses e meio pela Espanha, para participar das comemorações do quarto centenário de Conquista da América, à convite da Coroa espanhola. Para tanto, empenhamo-nos sobre os seus cadernos de viagem, publicados sob o título “*Viaje a España en 1892*”, para discutirmos os caminhos traçados até a sua consagração como escritora e literata, que permitiram esse convite para participar de três congressos durante as festividades, muitas vezes como convidada de honra. Ademais, outra perspectiva analisada por nós é uma reflexão sobre sua inserção social em redes de sociabilidade distintas, conectadas por literatos e escritores europeus e latino-americanos.

Isto posto, tomamos como ponto de partida os salões frequentados pela escritora durante as comemorações do quarto centenário de conquista da América. Diante desse elemento, refletimos como os salões representavam espaços de sociabilidade que alinhavam os âmbitos público e privado. A partir disso, estudamos acerca da relevância dos salões para a conexão entre literatos e intelectuais. Elencamos alguns trechos encontrados nos diários de viagem de Soledad e nas cartas escritas por sua filha, Blanca Leonor, a sua tia María, para compreendermos os encontros, bem como os motivos para tais, que a escritora estabeleceu apontando as suas afinidades políticas. Destacamos a sua conexão com uma rede de sociabilidade masculina, predominantemente de homens católicos, afirmando o seu alinhamento com o conservadorismo católico colombiano.

Para tanto, valemo-nos da perspectiva da consagração para pensarmos a trajetória de Soledad, bem como o que a permitiu ser alçada a tal condição, tendo em vista que ela não representa uma excepcionalidade em seu meio. Afastamo-nos da ideia da exceção e da ausência de tensões para entendermos a relevância das conexões estabelecidas, a partir da ótica da História das Relações de Gênero. Isto posto, a história da perda da bagagem da escritora

³⁵ PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. Dossiê "História das Mulheres no Ocidente". Cadernos Pagu, vol. 4, 1995. p. 9.

francesa Marie Lecoq e a sua imposta ausência nas celebrações do Quarto Centenário, bem como o convite à casa da literata espanhola Emília Pardo Bazán para tomar um chocolate, são trechos que nos servem de ponto de partida para pensarmos o papel da mulher não só nas comemorações, mas em meio às redes de sociabilidade às quais Soledad pertenceu.

Em seguida, no segundo capítulo, intitulado **“Somos hijas legítimas de la Península Ibérica”: quando as identidades são concebidas**”, discutimos a construção da identidade latino-americana, movimento em voga pela “geração de 98”, que em 1892, já começava a organizar as suas questões. Por outro lado, refletimos também acerca da constituição do nacionalismo colombiano a partir das colocações de Acosta de Samper. Sendo assim, aprofundamos o debate a partir de uma concepção de parentesco, vinculada ao estabelecimento dessas identidades. Para tanto, foi necessário que abordássemos as ressalvas colocadas pela própria escritora, que acabam por criticar o próprio discurso estabelecido por ela, no qual havia enquadrado a Colômbia como civilizada e a Espanha como espaço da barbárie.

Por conseguinte, partimos do discurso trazido por Acosta de Samper acerca da relação de parentesco com a Espanha, em que esta representaria a “mãe pátria” e as repúblicas latino-americanas, as filhas. Nessa perspectiva, valemo-nos da sua defesa do discurso americanista para compreendermos a sua inversão de disputa entre civilização e barbárie, ao colocar a Espanha como um país degenerado, espaço de barbárie, já a Colômbia como um Estado-nação em desenvolvimento, repleto de heranças comportamentais ruins da Espanha, mas em vias de se civilizar. Os modelos de civilização trazidos são os Estados Unidos e a França, que inspiraram o desenvolvimento colombiano, na esteira desses moldes. Ao nos referirmos ao debate civilização e barbárie, tomamos a reflexão de Domingos Sarmiento.

Para compreendermos a configuração de uma identidade latino-americana, valemo-nos de autores como Maria Helena Capelato, Mónica Quijada e Valdir Santos Jr., a fim de analisarmos os meandros da atuação da geração de 98 e a própria relevância do trabalho de Michel Chevalier nesse contexto. Por outro lado, temos nos escritos de viagem de Soledad Acosta de Samper uma reflexão sobre o nacionalismo colombiano, aferido pela construção familiar do discurso. Em meio a esse complexo jogo, dedicamo-nos às ressalvas que a escritora traça, atenuando as suas críticas à Espanha, por meio da valorização da cultura católica do país, e expandindo os seus incômodos com a Colômbia, ao relatar o alcoolismo, que a autora considera uma falha das comunidades indígenas, maculando o legado ancestral.

Por fim, no terceiro capítulo, intitulado **“O papel da mulher letrada latino-americana - relações de gênero em fronteira”**, nossos esforços são para compreendermos a função social da escritora na América Latina, a partir da perspectiva de um devir, maculado pela ótica

católica, por meio da qual haveria uma missão dada por Deus a ser cumprida. Utilizando-nos do aporte teórico provido por autoras como Judith Butler e Joan Scott, aprofundamos o debate para pensarmos a influência das mulheres no âmbito público. A partir do jogo estabelecido entre público e privado, refletimos acerca das identidades em disputa nesses espaços para compreendermos o que é performatizar a “feminilidade” e o “ser mulher” dentro de redes de sociabilidades formadas por homens, entendidas como espaços masculinos. Para tanto, valemo-nos dos escritos de viagem nos quais Soledad narra percalços vividos na Espanha por sua condição de mulher, tais como o temor de assaltos no trem e a desconfiança com cocheiros que a levavam durante uma madrugada. Ademais, as suas reflexões se estendem a outras mulheres, sejam aquelas encontradas pelas ruas das cidades ou as que traz em suas histórias sobre a Espanha.

Nesse capítulo, utilizamos como fonte complementar o livro “**Mujer en la sociedad moderna**”, para auxiliar a compreensão do seu discurso em relação ao papel social das mulheres. A obra publicada em 1895, logo após os dois tomos de *Viaje a España en 1892* terem sido publicizados, afirma a relevância de as mulheres ocuparem o espaço público por meio de tarefas e atividades, que Acosta de Samper compreende como dons divinos. Ao desenvolver a sua narrativa por meio dessa argumentação, que dialoga com o seu forte catolicismo, a escritora colombiana posiciona as mulheres que atuam na esfera pública não como personagens destoantes, à margem socialmente. Ao elencar escritoras, médicas, advogadas, professoras, entre outras profissionais pelo mundo, Acosta de Samper situa-as como boas cristãs, tementes a Deus e responsáveis socialmente pela moralização. Tal perspectiva é significativa para compreendermos os caminhos tomados pela escritora que justificaram o seu papel social.

Capítulo I: Soledad Acosta de Samper: configurações de uma rede de sociabilidade e os caminhos para a consagração



Fotografia de Soledad Acosta de Samper
Reprodução Biblioteca Nacional de Colombia /
Biblioteca Digital de Soledad Acosta de Samper

Por seu reconhecimento como delegada nacional no nono Congresso Internacional de Americanistas (1892) e como membro honorária da Academia de História de Caracas³⁶ e do Congresso Literário Hispano-Americano (1892), o trabalho da colombiana Soledad Acosta de Samper foi considerado de extrema relevância intelectual e literária para o mundo letrado latino-americano. Sua extensa produção perpassou a ficção, o periodismo, os relatos de viagem,

³⁶ FERNÁNDEZ POZA, Milagros. El debate educativo de finales del ochocientos y el Congreso Pedagógico Hispano-Portugués-Americano. Cuadernos de Historia Contemporánea. Vol. Extraordinario. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2007. pp. 71-82.

a Educação e a História. Cabe um destaque ao seu olhar aguçado para as reflexões sobre o comportamento e as condições de vida das mulheres, que encontram-se consolidadas na obra “*La Mujer en la Sociedad Moderna*” (1895). Atualmente, há um reconhecimento da escritora como uma das mais emblemáticas e prolíficas do século XIX, recebendo, em 2013, uma homenagem do Ministério da Cultura da Colômbia e a nomeação do ano como Soledad Acosta de Samper. Ademais, em 2019, ocorreu o lançamento da Biblioteca Digital Soledad Acosta de Samper, fruto de uma parceria entre a Universidad de Los Andes e a Biblioteca Nacional de Colombia.

Diante desses elementos nos toca refletir sobre quais os caminhos traçados para a consolidação de sua trajetória intelectual, culminando na legitimação de seu trabalho. A viagem pela Espanha em 1892 nos é tomada como um marco importante de reconhecimento e consagração do seu trabalho. Afinal, por que este momento pode ser encarado por essa ótica?

I. A autora, a viagem e a obra

Soledad Acosta de Samper foi uma escritora colombiana que obteve destaque em sua trajetória em diferentes campos de atuação, desde biografias históricas e relatos de viagem até manuais didáticos tratando da disciplina de história. A diversidade da obra de Acosta de Samper permitiu que seu trabalho obtivesse um grande reconhecimento à época. Tendo acesso a uma educação formal, a autora frequentou distintos espaços intelectuais e literários de sociabilidade, inserção esta que foi possibilitada não só pelos seus escritos como também pelas suas relações familiares a partir de seu pai, o general Joaquín Acosta, sua mãe, Carolina Kemble, e seu marido, José María Samper, escritor e diplomata.

Neste capítulo, dedicaremos-nos a analisar um dos momentos mais potentes da sua vida pública, quando a consagração do seu trabalho passa a se destacar: uma viagem à Espanha à convite da Coroa para participar nas comemorações do quarto centenário da conquista da América, como delegada colombiana, por meio de Gaspar Nuñez de Arce, senador espanhol e presidente da *Asociación de Escritores y Artistas Españoles*. Interessa-nos perscrutar a jornada da colombiana Soledad Acosta de Samper enquanto escritora-viajante, tendo como cerne a obra *Viaje a España en 1892*³⁷, escrita após o fim da jornada. A viagem foi realizada em companhia da sua filha caçula, solteira, Branca Leonor, que tinha trinta anos à época. A autora era viúva e estava às vésperas de completar seus sessenta anos. O propósito dessa jornada foi a participação

³⁷ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893.

de Soledad Acosta de Samper em três encontros: IX Congreso Internacional de Americanistas³⁸, em Huelva, no Convento de Santa María de la Rábida, o Congreso Literario Hispanoamericano³⁹ e o Congreso Pedagógico Hispano-Portugués-Americano⁴⁰, ambos em Madri. Tais festividades são consideradas elementos importantes para esta pesquisa, diante da atuação da escritora em diferentes meios. Além disso, notamos como certas personalidades, à época, também conquistaram possibilidade de trânsito entre os círculos sociais assim como a escritora, participando de mais de um dos congressos citados, como foi o caso do escritor e historiador Antonio María Fabié, ex-ministro espanhol. Vale reforçar a figura de Fabié como uma importante conexão para Acosta de Samper, já que ele foi presidente da Junta Organizadora do Congreso Internacional de Americanistas e a apresentou à rainha espanhola, Maria Cristina da Áustria.

A fim de compreendermos tamanhas movimentações, valemo-nos como fonte principal dos relatos de viagem compilados pela autora na obra *Viaje a España en 1892*, tendo sido publicada em Bogotá, Colômbia, em dois volumes, em 1893 e 1894, respectivamente. Em cerca de 500 páginas, a autora narra a viagem por meio de uma voz impessoal e objetiva, realizando a divisão de seus escritos em capítulos sob o nome das cidades visitadas, como Bilbao e Loyola, o trajeto realizado entre cidades como “*De León à La Coruña – La Ciudad de Coruña*” e o tema abordado naquela seção, “*Los arabes – Córdoba y su Mezquita-Catedral*”, por exemplo. Chama-nos a atenção a recorrência de termos como “*recuerdos historicos*”, “*ojeada historica*” e “*algo de historia*”, utilizados pela autora em títulos de capítulo. Não só nos capítulos que possuem os termos citados, mas por toda obra, Acosta de Samper lança mão da descrição de processos históricos, referenciando-se a estudiosos como fonte de pesquisa. Ademais, *Viaje a*

³⁸ Segundo o programa do encontro, o congresso teve por objetivo contribuir para o progresso dos estudos etnográficos, linguísticos e históricos sobre as Américas, especialmente quanto ao período pré-colombiano, e estabelecer relacionamento entre as pessoas envolvidas em tais trabalhos, construindo uma rede de trabalho. Congreso Internacional de Americanistas (9º. 1892. Palos de la Frontera, Huelva). TI – IX Congreso Internacional de Americanistas : reunión del año de 1892, en el convento de Santa María de la Rábida. CY – Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2017. PY - 2017 UR - <http://www.cervantesvirtual.com/obra/ix-congreso-internacional-de-americanistas--reunion-del-ano-de-1892-en-el-convento-de-santa-maria-de-la-rabida>.

³⁹ Organizado pela *Asociación de Escritores y Artistas Españoles* para comemorar o quarto *Centenario del Descubrimiento de América*. A proposta foi a construção de uma grande confederação de escritores latino-americanos para manter um vínculo fraterno, de acordo com a convocatória do evento, “*formada por todos los pueblos que aquende y allende los mares hablan castellano, para mantener uno é incólume, como elemento de progreso y vínculo de fraternidad, su patrimonial idioma*.” Convocatoria. Actas del Congreso Literario Hispano-Americano (Madrid, 1892). Madrid: Instituto Cervantes, Pabellón de España, Biblioteca Nacional, 1992. p. 1.

⁴⁰ De acordo com a publicação *a posteriori*, o evento foi nomeado como Congreso Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano. Nesse percurso, a autora produz a memória “*Aptitud de la mujer para ejercer todas las profesiones*”. Porém, os nomes referem-se ao mesmo evento reunido em Madri, em outubro de 1892, tendo sido compilado em uma publicação em 1893. Congreso Pedagógico Hispano-Portugués-Americano reunido en Madrid en el mes de octubre de 1892 ; trabajos preparatorios del Congreso ; actas ; resúmenes generales. Madri: Librería de la viuda de Hernando Y. C., 1893.

España é entrecortado por uma narrativa da experiência pessoal de Soledad e Blanca visitando as cidades e participando de jantares e salões, bem como descrições geográficas desses lugares e o estabelecimento de uma espécie de quadro de costumes, no qual a autora afirma suas posições políticas e críticas sobre a população espanhola, marcadas por determinismos. Vale ressaltar o constante esforço em construir uma narrativa comparativa entre Espanha e Colômbia.

A autora nos conta que sua viagem se iniciou com a entrada por trem pela França, em 9 de setembro, até cruzar novamente esta fronteira em 19 de novembro de 1892, ao fim das atividades de comemoração do quarto centenário de conquista da América. É importante recordar que à época, Acosta de Samper morava em Paris, de onde se mudou apenas em 1896, para Bogotá. A sua chegada ao território espanhol se dá com apreensão, pois havia uma epidemia de cólera em território francês, o que tornava mais severa a entrada de viajantes pela aduana. Sendo assim, passou por um processo de investigação de seus pertences, a ponto de a escritora ironizar o “celo patriótico” com que os trabalhadores agiram, depois de haver pago para que os vestidos de ambas não ficassem sob quarentena⁴¹.

Em seus dois meses e meio de viagem, a autora chegou a percorrer distintas cidades pela Espanha, incluindo San Sebastián, Bilbao, Burgos, Valladolid, León, La Coruña, Santiago, Madrid, Córdoba, Granada, Sevilla e Huelva. Sem contar com patrocínios para sua viagem, Soledad relata preocupações com gastos na escolha de suas hospedarias e na reflexão de que muitas de suas viagens devem ser realizadas de madrugada, por uma concepção de economia de tempo e dinheiro, como consta em *Viaje a España*. Parte da sua renda financeira era proveniente de transações comerciais, envolvendo envios de encomendas para Bogotá, como constam nas cartas enviadas aos senhores J. Ramon Lago, Luís Durán, Ismael Sanchez, entre outros. Por vezes, as cartas eram assinadas por Soledad, já em outras, por sua filha Bertilda, conhecida pelo trabalho como poetisa⁴².

Em tempo, durante a viagem, a autora e sua filha Blanca Leonor fizeram uso de diligências⁴³ e trem para se locomover, já que nem todas as cidades visitadas contavam com

⁴¹ ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España*. Tomo I. pp. 5 e 6.

⁴² Copiador de cartas comerciales. Comenzado en París 17, rue Washington en 1892. Finaliza el 12 de enero de 1894. Cuaderno rayado. 16,05 x 19 cm. 133 f. Disponível em: https://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/57925/0. Acesso em 25 de agosto de 2020.

⁴³ Trata-se de uma espécie de carruagem fechada, sobre quatro rodas, conduzida por um cocheiro e puxada por quatro cavalos. Extremamente resistente, era utilizada para transporte de passageiros e mercadorias. Por vezes, era de uso coletivo, abrigando mais pessoas do que tão somente Soledad ou Blanca Leonor. O uso deste transporte de uma forma não exclusiva aponta para o fato de que para as Acosta de Samper, como pequeno-burguesas, o

ferrovias à época. No primeiro volume, que conta com vinte capítulos, Acosta de Samper trata do trajeto que vai desde Saint-Jean-de-Luz, na França, até a cidade espanhola de Córdoba. Seus escritos dão destaque a locais como o Santuário de Loyola, o museu de Valladolid, a cidade de La Coruña como ponto de partida para as expedições colonizadoras, no contexto da expansão marítimo-comercial do século XVI, a cidade de Santiago de Compostela como a “Jerusalém do Ocidente”⁴⁴. Nessa primeira parte da viagem, Acosta de Samper se apresenta ao público leitor como uma viajante por prazer, que se encanta pelos espaços visitados, apesar de não ser a sua primeira vez no país. Por mais que rechace o título de turista, em meio à emergência do turismo de massa como fenômeno na Europa Ocidental, a autora usufruiu dessa primeira parte da viagem como um momento de lazer, por vezes com passeios agendados na cidade a qual visitava. Porém, não se tratam de compromissos oficiais e/ou vinculados à Coroa Espanhola. Como turista, ela demonstra uma urgência em conhecer lugares, chegando a contratar guias turísticos locais e escrever comentários sobre a necessidade de otimizar o tempo de sua viagem. Por outro lado, lamenta-se quando precisa dedicar menos tempo do que gostaria a determinadas cidades, por conta dos seus compromissos quanto à viagem, bem como chegar a Madri e Huelva a tempo de participar dos congressos aos quais foi convidada.

Já no segundo volume, com catorze capítulos, dedica-se a narrar o trajeto entre Córdoba e Huelva. Chegara a esta última cidade no começo de outubro para participar do IX Congreso Internacional de Americanistas, parte das comemorações do IV Centenário da Conquista da América,⁴⁵ espaço para apresentações de trabalhos das áreas de história, arqueologia, antropologia e etnografia relacionados ao novo continente. Foram apresentados por Soledad dois trabalhos: um sobre os indígenas que povoaram a Colômbia no momento da conquista dos espanhóis e outro acerca do estabelecimento de judeus em Antioquia. Em seguida, foi a Madri para participar da quinta sessão do Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano, no qual apresentou o trabalho “*Aptitud para la mujer ejercer todas las profesiones*”, tema que ela já vinha desenvolvendo em seus escritos, em defesa da educação das mulheres. Nessa segunda parte da viagem, vemos Acosta de Samper se apresentando para o seu público leitor menos

dinheiro era um recurso finito. Ademais, ele era utilizado para percursos nos quais as ferrovias não estavam disponíveis, já que era entendido como um meio de transporte ultrapassado, mais lento e desconfortável.

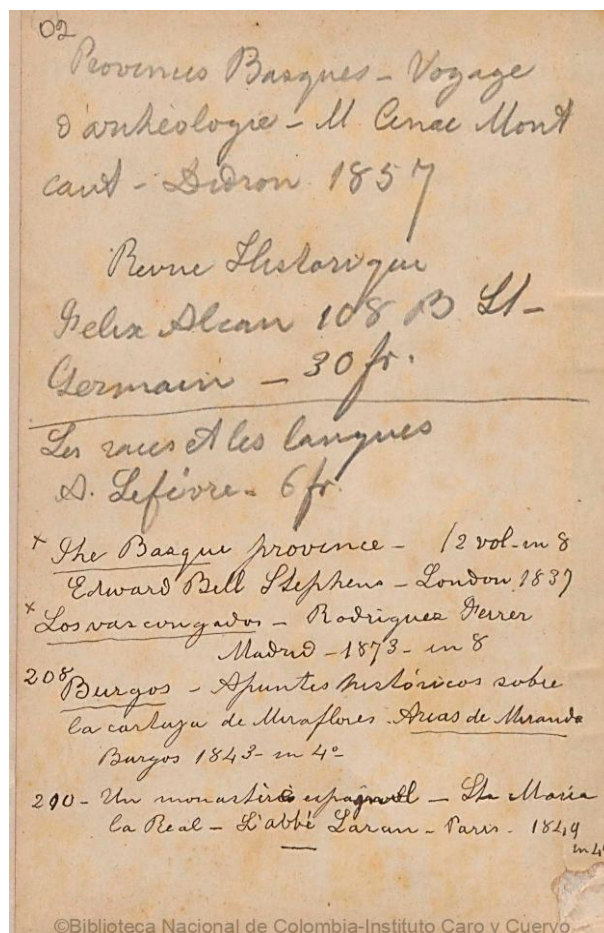
⁴⁴ MERCEDES HINCAPIÉ, Luz. *Soledad Acosta de Samper en el cuarto centenario de América*. Revista Credencial Historia. Edición 213. Bogotá, 2007. Disponível em: <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/septiembre2007/soledadacosta.htm> Acesso em 12 de abril de 2019.

⁴⁵ ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Memorias presentadas en congresos internacionales que se reunieron en España durante las fiestas del IV centenario del descubrimiento de América, en 1892*. Chartres: Imprenta de Durand, 1893.

como viajante e mais como mulher letrada. Ela nos apresenta a sua jornada no mundo público, no cenário dos compromissos oficiais e a sua participação em salões e jantares. Esse volume recebe maior enfoque neste capítulo diante das participações de Acosta de Samper em eventos oficiais e congressos, o que nos auxilia a compreender a sua inserção em redes de sociabilidade intelectuais e literárias, majoritariamente masculinas.

Para analisar seus relatos de viagem sobre a sua experiência de viagem na Espanha, deve-se levar em consideração o fato de que estes foram escritos *a posteriori*. As publicações dos tomos I e II em território colombiano, em 1893 e 1894, respectivamente, nos chama atenção, pois houve um meticuloso trabalho de reescrita do que foi vivido, ampliando de uma narrativa subjetiva para uma seleção política dos fatos e de suas interpretações. Isso é possível aferir por conta da documentação que consta na Biblioteca Nacional de Colombia, um caderno de anotações de Acosta de Samper com 120 páginas, sem data de elaboração, mas que contém o título *Notas para preparar viajes a España, Bélgica e Inglaterra*. Dentre os seus escritos em língua francesa e espanhola, a autora tomou notas de obras de consulta, processos históricos, biografias, descrições de lugares e lembretes para si mesma, em uma espécie de caderno de campo.⁴⁶

⁴⁶ [Sin título]. Notas para preparar viajes a España, Bélgica e Inglaterra. Sin fecha [1892]. Libreta con lomo y esquinas en percalina roja. 18 x 11 cm. 120 f. Disponível em: https://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/57929/0 . Acesso em 24 de agosto de 2020.



Notas para preparar viajes a España, Bélgica e Inglaterra.

Sem data [1892]. Biblioteca Nacional de Colombia.

Instituto Caro y Cuervo

Este caderno de campo nos aponta para o fato de que Acosta de Samper produziu outros materiais sobre suas viagens, não sendo uma iniciante no mundo da literatura de viagem. Mais do que isso, há um esforço estrutural em construir uma narrativa que extrapole o campo subjetivo. Isto posto, há a recorrência de uma narrativa de processos históricos e referência a estudiosos e historiadores em seus escritos. Em cerca de 130 páginas, outro caderno, sob o nome de *Fechas históricas y hechos curiosos, chistes, citas, agudezas, leyendas dignas de ser guardadas en la memoria*, reforça tal perspectiva, já que a autora tomou nota de processos históricos e cronologias, com particular interesse em registrar elementos concernentes à Idade Média. Não só há referências à história, mas também a outros campos de estudo, como literatura, astronomia e retórica⁴⁷.

⁴⁷ ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Fechas históricas y hechos curiosos, chistes, citas, agudezas, leyendas, &a, dignas de ser guardadas en la memoria*. Sin fecha de elaboración. Libreta. 135 f. Disponível em:

Tais práticas alinham-se ao procedimento corrente dos relatos de viagem do século XIX, que traz o discurso científico para o campo do *travel writing*, como coloca Tim Youngs: “*What seems to modern eyes remarkable in texts written before that divergence is the combination of ethnographic, geographical and other scientific information with sufficient clarity for the understanding of a general audience*”.⁴⁸ Tendo isso em vista a estratégia à qual Acosta de Samper recorre, ela não só se insere nesse tipo de escrita, mas o uso da história valida a sua própria produção intelectual enquanto mulher. O planejamento do seu discurso, o uso de uma voz impessoal e objetiva constituem um esforço de distanciamento em relação ao que é retratado, o que não se sustenta, pois Acosta de Samper posiciona-se politicamente sobre as relações que observa entre Colômbia e Espanha. Por outro lado, a escritora busca raízes de uma civilização cristã nos espaços visitados, reforçando a sua conexão com a Igreja Católica, ao lançar olhar sobre instituições de poder como catedrais, sítios históricos e ruínas.

Por mais que *Viaje a España* tenha sido publicizado, compreendemos que trata-se de um documento que estende-se também ao âmbito privado, dessa forma, auxilia-nos a compreender os bastidores dessas confraternizações. Em diálogo com tal perspectiva, valemos-nos como fonte complementar da análise da documentação produzida por sua filha, Blanca Leonor Acosta de Samper, na qual registra em primeira pessoa suas impressões de viagem em forma epistolar direcionada à sua tia Maria⁴⁹, carregadas de certo tom de informalidade, trazendo trechos sobre o cotidiano dos congressos e os personagens envolvidos por meio de comentários frequentemente jocosos e irônicos. Uma passagem a ser citada é a forma como ela enxergava a vestimenta de outras mulheres, concluindo que “*entre parentesis les diré que mis vestidos han sidos los mejores de todos, pues las demás señoras no saben se vestir*.”⁵⁰ A referência à moda é algo recorrente nos discursos de Blanca e de Soledad como forma não só de registrar o que experienciam, mas como construção de uma narratividade de civilidade, a qual analisaremos ao longo do capítulo. Fundamentamo-nos também nos anais produzidos pelos respectivos congressos, em que estão elencadas as memórias⁵¹ redigidas pela escritora

http://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/89704. Acesso em 18 de agosto de 2020.

⁴⁸ YOUNGS, Tim. *Travel writing in the nineteenth century*. In: *The Cambridge History of Travel Writing*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2013. p. 56.

⁴⁹ O manuscrito produzido por Blanca Samper encontra-se digitalizado para consulta na Biblioteca Nacional da Colômbia. Blanca Leonor Samper Acosta, *Copia de algunas Cartas de Blanca Samper escritas durante un viaje a España 1892*, manuscrito en la Biblioteca Nacional de Colombia, FSAS 059. Provavelmente, irmã de seu pai, pois Soledad era a filha única do casamento de Carolina Kemble e Joaquín Acosta.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 61.

⁵¹ Ao nos referirmos ao termo *memórias*, utilizado nos anais dos eventos e por estudiosos latino-americanos, apreendemos que se trata de um gênero textual, próximo ao de trabalhos acadêmicos atualmente apresentados em

colombiana e inclusas as atas de reunião dos congressistas. Por fim, completando o escopo documental a ser trabalhado nesta pesquisa, a fim de interpretar a sua compreensão sobre o papel social das mulheres, utilizamo-nos da obra *La Mujer en la sociedad moderna* (1895).

Lançando olhar para a publicação de *Viaje a España en 1892*, nossa atenção se volta ao fato de ela ter ocorrido nos anos subsequentes em Bogotá, 1893 e 1894, apesar de a autora ter continuado a viver em Paris até 1896. A publicação em terras colombianas interessa-nos à medida em que aponta quem são os leitores de Acosta de Samper. Segundo Azuvia Licón Villalpando, “Acosta parece tener en mente un público que no es sólo de una elite letrada, sino una clase burguesa emergente que sabe leer y puede comprar libros y periódicos”.⁵²

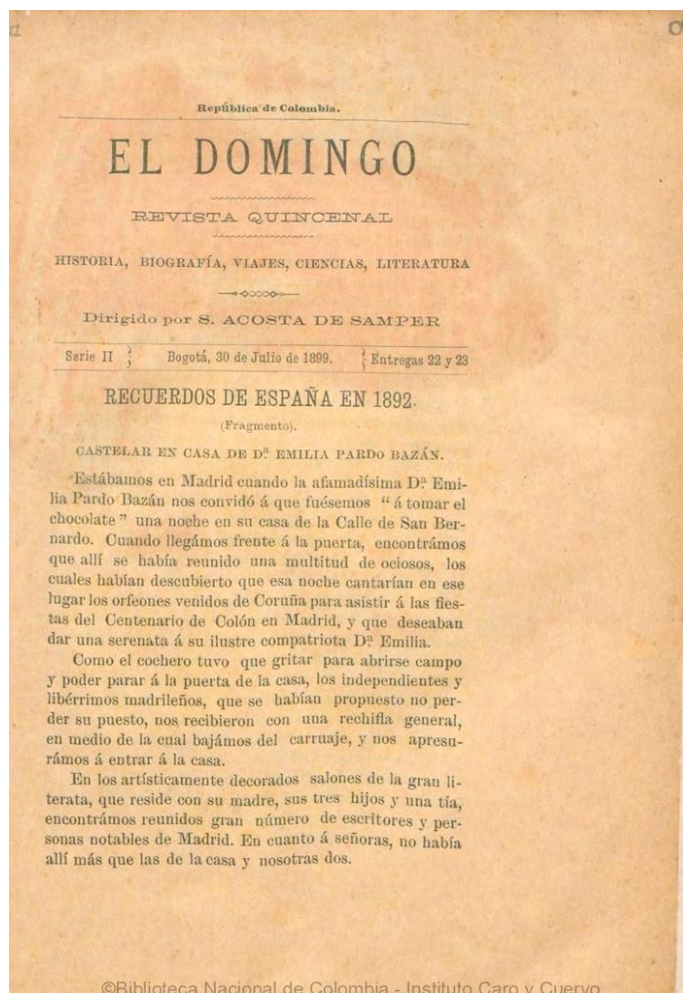
Tal perspectiva de amplitude e diversidade do público se confirma ao refletirmos sobre os espaços nos quais as suas publicações tomaram forma. O alcance dos registros da jornada de 1892 extrapola a circulação da obra *Viaje a España* publicada em dois tomos, pois seus fragmentos foram publicados em periódicos, como foi o caso da passagem que será analisada neste capítulo sobre a visita de Soledad à casa da escritora espanhola Emília Pardo Bazán.

Publicada sob o título de *Recuerdos de España en 1892. Castelar en casa de Doña Emilia Pardo Bazán*, primeiramente no folheto de La República (1893), esta passagem foi reproduzida no tomo II de *Viaje a España en 1892*, publicado por Imprenta de La Luz, em 1894, em Bogotá. Por fim, o mesmo trecho foi republicado no periódico quinzenal *El Domingo*, em 30 de julho de 1899, com a assinatura “S. A. de S.”.⁵³

congressos. Há um intuito de divulgação científica, porém, o formato acaba por se colocar em um intermediário entre o ensaio e o artigo científico.

⁵² LICÓN VILLALPANDO, Azuvia. Solaz y dulces lecciones: La mujer y el proyecto de construcción nacional de Soledad Acosta de Samper. Tesis de grado (Maestría). Bogotá: UniAndes, 2012. p. 29.

⁵³ *Recuerdos de España en 1892. Castelar en casa de Doña Emilia Pardo Bazán*. Biblioteca Digital Soledad Acosta de Samper. Disponível em: <http://soledadacosta.uniandes.edu.co/items/show/741>. Acesso em 24 de agosto de 2020.



Trecho do periódico *El Domingo. Recuerdos de España en 1892.*

Castelar en casa de Doña Emilia Pardo Bazán

Biblioteca Nacional de Colombia / Instituto Caro y Cuervo

Além disso, é importante a análise da recepção de Acosta de Samper por outros literatos como Juan Valera, Menéndez Pelayo e Antonio Rubio i Lluch, que defendiam a reaproximação entre Espanha e a antiga América Hispânica. O trabalho de Soledad sobre a conquista e o processo colonial aproximou o interesse de intelectuais espanhóis, sendo lido por vezes como simpático à Espanha, ponto que trabalharemos nesta pesquisa. A carta de Rubió i Lluch sobre as biografias históricas de Acosta de Samper aponta um alívio do autor sobre a forma como a Espanha foi encarada, entendendo-a como uma narrativa que recoloca a Espanha no papel de exercer uma “missão civilizadora”. Nessa carta, o autor espanhol coloca que o trabalho de

Soledad o deixa orgulhoso e admirado por seu passado nacional, como “cidadão espanhol”, ao lançar mão do entendimento do “caráter humanitário” dos conquistadores espanhóis.⁵⁴

Diferentemente de outras autoras, Soledad Acosta de Samper teve a sua jornada enquanto literata e mulher letrada reconhecida não só pelos seus pares, mas também por si mesma, como nos aponta o seu cartão de visitas, utilizado em 1892.⁵⁵



Cartão de visita de Soledad Acosta de Samper.

Biblioteca Nacional de Colombia / Instituto Caro y Cuervo

Como coloca a historiadora Stella Maris Scastena Franco, o uso dos cartões de visita eram recorrentes nesse contexto entre os viajantes⁵⁶. Por outro lado, é recorrente o uso de estratégias discursivas pela autora, retirando-a do próprio mundo das letras e “pedindo licença” para falar. Em meio a tais relações paradoxais, o que lhe permitiu tal consagração ainda em vida?

⁵⁴ ARBAIZA, Diana. Spain as archive: Constructing a Colombian Modernity in the writings of Soledad Acosta de Samper. *Journal of Latin American Cultural Studies*, Vol. 21, No. 1 March 2012, pp. 123-144. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13569325.2012.662479>. Acesso em 20 de agosto de 2020. p. 124.

⁵⁵ [Tarjeta de presentación]. La tarjeta dice: "Soledad Acosta de Samper / Delegada Oficial de la República de Colombia / al IX Congreso Internacional de Americanistas / en el Convento de la Rábida. / Miembro de los Congresos Literario Hispano-Americano, / Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano y Socio de la / Unión Ibero-Americana de Madrid, / Miembro de la Academia de Historia de Caracas". 1892. Borde de luto. Disponível em: http://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/57989/0. Acesso em 20 de agosto de 2020.

⁵⁶ FRANCO, Stella Maris Scatena. Viagens e relatos: representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX. Editora Intermeios: São Paulo, 2018.

III. Uma mulher à frente de seu tempo?

A história é assinalada por exemplos de silenciamento das mulheres, contudo, Soledad é um caso que corre na contramão. O que a difere das outras mulheres? O que permitiu a sua consagração? Considerando que a escritora figura como uma das personalidades mais importantes da Colômbia, debruçamo-nos sobre uma gama de produções historiográficas e intelectuais que abordam a sua trajetória a fim de compreendê-la. Além disso, recorreremos a uma pungente produção intelectual elaborada pela autora, bem como um amplo escopo documental, legitimado pela História Oficial, ao ser produzido pelo Estado e os seus representantes. A fim de analisá-los, estabelecemos diálogo com a História das Mulheres e a História das Relações de Gênero, que desde os anos 1960, propõem análises sobre a função social das mulheres, pautadas majoritariamente pela interdição, o silenciamento e a exclusão da vida pública.

É interessante ressaltar que a trajetória da escritora foi recuperada pelo movimento feminista como uma de suas precursoras diante dos trabalhos nos quais Acosta de Samper enfocou o papel das mulheres na sociedade, bem como a defesa de uma educação para estas, gerando uma autonomia que as emancipasse, sem romper com a moral católica que defendia. Diferentemente de outras intelectuais contemporâneas, que traziam o feminismo como bandeira, Soledad não faz referências claras ao movimento. Algumas estudiosas, como Olga Arbeláez, a consideram como uma porta-voz do “feminismo doméstico”, um esforço de inscrever o campo doméstico na política nacional. Sendo assim, a mulher teria grande influência no espaço público a partir da ocupação daquele que seria o local destinado a elas, o cuidado do lar. De acordo com Arbeláez, “*Acosta de Samper construye una identidad de género para la mujer, en cuyas manos pone el futuro de la nación.*”⁵⁷ Sendo assim, o discurso de Soledad está impregnado por uma visão republicana e uma concepção de cidadania. “*El acercamiento de Soledad a la escritura está determinado por la ideología de la maternidad republicana, que si bien le niega a la mujer la ciudadanía (sus derechos), le propone una inserción política en la vida nacional a través de la producción de futuros ciudadanos (sus deberes).*”⁵⁸ Nessa perspectiva, a participação das mulheres na vida pública seria concedida a partir da ideia de que são responsáveis pela produção de futuros cidadãos, educando seus filhos dentro dos valores republicanos.

⁵⁷ ARBELÁEZ, Olga. Salvar la nación: el feminismo doméstico de Soledad Acosta de Samper. Estudios de literatura colombiana, n. 38, 2015, p. 57-76.

⁵⁸ *Idem. ibidem*, p. 73.

Por outro lado, Sara Mills questiona a forma como os relatos de viagem produzidos por mulheres são analisados de formas distintas aos homens: “*how we are going to write about these women travel writers and for what purpose[?]* ; *whether these texts share more features with other female-authored texts than they share with male-authored texts*”.⁵⁹ Ao que a autora critica que a literatura de viagem de mulheres é lida frequentemente como ‘*proto-feminist*’, estabelecendo uma relação direta desses textos com o sistema colonial. Este ponto, por sua vez, será categorizado por Indira Ghose como “*the myth of [white] women’s non-involvement in colonialism*”⁶⁰, criticando os estudos que analisam os escritos de mulheres descoladas do colonialismo, não compreendendo o imperialismo como elemento que produz mulheres dentro do seu escopo de atuação. Isto posto, esta pesquisa alinha-se a tal perspectiva de que a análise da trajetória de Acosta de Samper como uma das precursoras do movimento feminista não seria a reflexão mais adequada.

Para pensar a consagração da autora, uma referência importante para esta pesquisa são as ideias de Christine Planté⁶¹. Seu trabalho contempla a trajetória de mulheres atuantes na esfera pública que destacam-se sob o jugo da excepcionalidade. Para Planté, tal perspectiva acaba por reforçar a invisibilidade das mulheres, negando o seu poder de agência e as possibilidades de reconhecimento. Como coloca a historiadora Ana Beatriz Mauá Nunes sobre o trabalho de Planté,

No caso das artistas mulheres, sua exclusão se justifica graças às categorias estéticas de análise artística, formuladas a partir do ideal masculino de artista e escritor: homem, branco e burguês. Por este motivo, devemos considerar as atividades artísticas em suas diversas modalidades enquanto práticas sociais, responsáveis por constituir e integrar representações do mundo real, do mesmo modo em que são diretamente afetadas por ele. É necessário considerar, desta maneira, quais foram as condições culturais, econômicas e sociais para que haja desenvolvimento de produção artística, em qualquer seja suas formas. Isto é, para quais regras a produção literária de mulheres é considerada uma exceção à regra? Ou, ainda: qual produção de quais mulheres o são?⁶²

Assim como outras minorias sociais, as artistas mulheres representaram o desvio do elemento universal, personificado pelo homem branco burguês ocidental. Há todo um universo

⁵⁹ MILLS, Sara. *Discourses of Difference: An Analysis of Women’s Travel Writing and Colonialism*. London: Routledge, 1991. p. 30.

⁶⁰ GHOSE, Indira. *Women Travellers in Colonial India*. Oxford: Oxford University Press, 1999. *apud* YOUNGS, Tim. *Travel writing in the nineteenth century*. IN: *The Cambridge History of Travel Writing*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2013. p. 133.

⁶¹ PLANTÉ, Christine. *Femmes exceptionnelles: Des exceptions pour quelle règle*. *Les cahiers du GRIF*, v. 37, n. 1, p. 90-111, 1988.

⁶² NUNES, Ana Beatriz Mauá. *Tan criolla, criolla como yo: Identidade, política e gênero nas correspondências de Victória Ocampo e Gabriela Mistral, (1926 - 1956)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2019. p. 41.

de excluídos que são postos à margem. O referencial construído é elemento-chave para pensar sua atuação e compreender quais indivíduos e trabalhos são eleitos como exceção, tendo em vista os contextos histórico e social nos quais estiveram inseridas. Diante da reflexão sobre o trabalho artístico, tomaremos tal argumentação para pensar o trabalho intelectual também como prática social, que constitui e é construído pelo meio em que se insere, em um intercâmbio de interesses e negociações.

Construir a leitura sobre a escritora por meio da lógica de uma multiplicidade de vozes e tensões é um caminho para enriquecer e aprofundar a discussão, buscando entendê-la em meio a espaços de negociação do seu “lugar de fala” enquanto mulher, colombiana, burguesa, intelectual, viúva e católica. Sendo assim, apresentamos nossa hipótese sustentada em três alicerces: qualidade e diversidade do seu trabalho e a rede de sociabilidade na qual esteve inserida.

Sua profícua produção literária e intelectual navegou por diversos gêneros, o que permitiu uma amplitude considerável dos seus trabalhos, perpassando produções do âmbito do privado, como o seu diário íntimo⁶³, elaboração de crônicas, biografias, manuais didáticos e novelas históricas, até criações de periódicos, dirigidos por ela como *El Domingo (1888)*, *La Mujer (1879-1881)* e *Lecturas para el hogar (1905)*. Tamanha pluralidade permitiu a sua circulação por diferentes saberes e redes de sociabilidade, contribuindo para o estabelecimento de diálogos com contemporâneos na América Latina e na Espanha.

Portanto, consideramos a configuração das suas relações afetivas e intelectuais um elemento-chave para compreendermos o reconhecimento da sua trajetória enquanto escritora. Partimos da perspectiva de que a sua filiação, tendo como pais o general e historiador colombiano Joaquín Acosta, e a inglesa Carolina Kemble Rou – nascida no Canadá⁶⁴ e criada

⁶³ Escrito em sua juventude, enquanto era uma mulher solteira, entre 1853 e 1855, discutia amenidades de sua vida cotidiana, bem como elementos políticos da Guerra Civil na Colômbia. Foi publicado em 1865. Os mais completos levantamentos biográficos da carreira de Soledad Acosta de Samper mais completos foram organizados por Gustavo Otero Muñoz, em 1933, sob o título “Doña Soledad Acosta de Samper”, publicado no *Boletín de Historia y Antigüedades*, de número 229, constando nas páginas 169 a 175; em 1937, publicado no mesmo boletim, de número 271, sob o título *Soledad Acosta de Samper*, entre as páginas 256 e 283. Bernardo J. Cacedo publicou no mesmo boletim, em 1952, sob o título “Semblanza de Doña Soledad Acosta de Samper”, edição 452, entre as páginas 356 e 379; na publicação *Bolívar* de número 15, entre as páginas 961 e 984. Flor María Rodríguez-Arenas publicou em 1991. Santiago Samper Trainer publicou em 1995, o artigo “Soledad Acosta de Samper. El eco de un grito. Las mujeres en la historia de Colombia”, no tomo I da obra organizada por Magda Velásquez, sob o título *Presidencia de la Republica y Norma*, em Bogotá, entre as páginas 132 e 155.

⁶⁴ O local de nascimento de Carolina Kemble é uma questão entre os estudiosos. Verificamos atribuições a diferentes lugares por estudiosos distintos. Em “De voces y de amores: ensayos sobre literatura latinoamericana y otras variaciones”, Monserrat Ordoñez aponta o local de nascimento como a Jamaica, enquanto as editoras na nota de rodapé sinalizam para Nova Escócia, no Canadá. Em “Educação Para Mulheres na América Latina: Um Olhar Decolonial Sobre o Pensamento de Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper”, Adriane Raquel Santana de Lima a coloca como estadunidense, como aparece na *The Oxford Encyclopedia of Women in World History*,

nos Estados Unidos –, foi potente para o seu desenvolvimento como intelectual, devido ao seu acesso ao ensino formal de países como Colômbia, Canadá e França⁶⁵. Posteriormente, seu casamento, em 1855, com o literato e diplomata colombiano José María Samper, considerado um dos escritores mais profícuos do século XIX, lhe permitiu acessar uma nova rede de sociabilidade. Isto lhe abriu a possibilidade de entrar em grupos de literatos, intelectuais, diplomatas e escritores.

Diante do panorama aventado, propomos a análise do processo de integração e reconhecimento da escritora nos meios literário e intelectual, espaços de atuação predominantemente masculinos. Destarte, seu pai Joaquín Acosta e seu marido José María Samper foram importantes influências para o desenvolvimento de sua carreira intelectual, permitindo espaços de desenvolvimento de suas publicações e atuação como escritora e historiadora, o que não lhe poupou de seguir o caminho de outras escritoras, fazendo uso de pseudônimos. Seus primeiros escritos aparecem sob o uso de heterônimos, como “Andina”, sendo que se utilizou de outros ao longo da sua carreira, como “Aldebarán”, “Bertilda”, “Renato” e “Orión”⁶⁶. Sobre o uso destes, a crítica literária espanhola Montserrat Ordóñez coloca que Andina e Bertilda foram os primeiros a serem utilizados, praticamente de forma simultânea. Dessa maneira, o primeiro seria uma homenagem à sua origem em terras colombianas. Já Bertilda é um anagrama de “liberdade”, foi o nome dado a sua primeira filha, nascida em 1856, e foi usado nas suas correspondências ao periódico *El Comercio*, de Lima, entre 1859 e 1863. Aldebarán e Orión remetem aos seus interesses por astronomia e foram utilizados com frequência em seus artigos de divulgação científica. Por sua vez, Renato, um nome masculino, assinava as suas seções de quadros de costumes⁶⁷. Há uma interessante documentação sobre esse tema, que consiste em uma carta de Soledad Acosta de Samper a Alberto Urdaneta, diretor do *Papel Periódico Ilustrado*, em resposta ao seu pedido de que

de autoria de Bonnie G. Smith e no site oficial da presidência da Colômbia, do mandato de 2002 a 2010: http://historico.presidencia.gov.co/asiescolombia/cultura_escr_5.htm. Em *Breve historia de la narrativa Colombiana*, Sebastián Pineada Buitriago atribui a nacionalidade escocesa a Kemble.

⁶⁵ Aos 12 anos, Soledad foi enviada ao Canadá para completar seus estudos, estabelecendo-se em Halifax, na Nova Escócia, com sua avó materna. Vale destacar também que a França é um importante ponto para Acosta de Samper, pois, em sua juventude, teve a oportunidade de dar continuidade aos seus estudos básicos em Paris, cidade onde também morou logo após o seu casamento com o literato colombiano José María Samper. Por fim, a França abrigou Acosta de Samper desde 1891, após quatro anos de sua viuvez.

⁶⁶ CORPAS DE POSADAS, Isabel. Soledad Acosta de Samper. Colección virtual Escritoras Latinoamericanas del Diecinueve. Disponível em: <http://eladd.org/autoras-ilustres/soledad-acosta-de-samper/>. Acesso em 24 de jun. de 2019.

⁶⁷ ORDÓÑEZ, Montserrat. De voces y de amores. Ensayos de literatura latinoamericana y otras variaciones. ALZATE, Carolina; RAMÍREZ, Liliana; RESTREPO, Beatriz. (ed.). Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2005.

reconhecidos literatos explicassem o uso de pseudônimos, publicada no número 74, em 1º de setembro de 1884, na página 23.

Señor D. Alberto Urdaneta - Presente.

Muy señor mío.

Vengo, aunque tarde, á contestar á usted su esquila del 17 del pasado mes.

[...]

Yo he usado de los siguientes:

S. A. S / Andina / Aldebarán / Bertilda / Renato / Orión.

sin que en ello influyera otro motivo que la natural desconfianza de echar á luz mi nombre.

Bertilda, que no gusta de que el suyo sea conocido fuera del círculo de sus amigas, no quise en un principio dar nada á la prensa sin un seudónimo, y firmóse Berenice, B. S. y M. J. B.

Quedo de usted atenta servidora,

Soledad A. Samper⁶⁸

Em meio à pluralidade de pseudônimos utilizados pela escritora, toca-nos interpretar suas distintas áreas de atuação, que singularizam a sua trajetória de consagração. Eles podem ser compreendidos como uma estratégia para a inserção de mulheres intelectuais no mundo das letras, ao passo que determinados assuntos abordados por Acosta de Samper são identificados com um pseudônimo masculino, como uma maneira de legitimação do seu próprio discurso, em campos tidos como mais “sérios”, como a astronomia e a política. Por outro lado, o uso dos nomes femininos assinala uma necessidade de ocultar a sua identidade, por mais que ocupasse um campo de escrita mais inclusivo às mulheres. Outras mulheres contemporâneas a ela se valeram dessa estratégia, como é o caso da escritora brasileira, que ficou consagrada pela produção de livros de viagem sob a assinatura de Nísia Floresta Augusta Brasileira, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto⁶⁹.

⁶⁸ “Sr. Alberto Urdaneta - Presente.

Muito senhor meu.

Venho, ainda que tarde, responder ao seu obituário do dia 17 do mês passado.

[...]

Eu usei dos seguintes [pseudônimos]:

S. A. S / Andina / Aldebarán / Bertilda / Renato / Orión.

Sem que isso influencie outro motivo que não a natural desconfiança de lançar luz sobre o meu nome.

Bertilda, que não gosta que o seu [nome] seja conhecido fora do círculo de suas amigas, não quis inicialmente dar nada à imprensa sem um pseudônimo, e assinou como Berenice, B. S. e M. J. B.

Encerro como sua atenta servidora,

Soledad A. Samper”

Idem, ibidem. p. 51.

⁶⁹ FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX.* Editora Mulheres, 2008.

Como pretendemos demonstrar, o reconhecimento de Soledad Acosta de Samper está vinculado à sua atuação como historiadora, reconhecida como membro da Academia de História de Caracas, e como escritora em diferentes gêneros. Por mais que dialogue com a historiografia, a literatura e a “escrita de si”, os temas centrais que atravessam o trabalho intelectual da escritora são a educação e as mulheres. Ela defende uma formação profissional e intelectual das mulheres pautada nas mesmas diretrizes intelectuais da educação dos homens, colocando como necessária uma diferenciação de acordo com a estratificação social, a fim de não provocar uma desordem no *status quo*⁷⁰. Isto posto, a sua relação com o tema citado é um dos elementos contraditórios da sua trajetória, uma vez que defende ao mesmo tempo uma educação para as mulheres e uma postura conservadora católica. Sendo assim, é necessária uma clivagem consciente de classe e gênero, que abordamos de modo aprofundado posteriormente.

Sendo assim, este capítulo foi desenhado de modo a refletir em sua primeira seção sobre o que compreendemos como configuração de redes de sociabilidade e a atuação de Soledad como escritora e intelectual nos congressos. Dando continuidade à discussão, colocamos em pauta a própria leitura de contexto de Soledad diante de outras mulheres que ocuparam os mesmos espaços. Afinal, por que Acosta de Samper obteve o reconhecimento do seu trabalho na esfera pública, no meio intelectual e literário? Do mesmo modo, o que teria permitido que as suas colegas de profissão conquistassem espaço de fala no nono Congresso Internacional de Americanistas e no Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano? Abrimos mão de um discurso de excepcionalidade em relação a esses questionamentos. Certamente, a escritora colombiana não é a única viajante nem a única literata a romper com certos parâmetros do que era entendido convencionalmente como ser mulher à época. Mais do que isso, Soledad não é uma representante solitária de um desvio da normalidade, de uma categoria sacralizada de feminilidade. Por conseguinte, ponderamos sobre a habilidade de interlocução da escritora com outras figuras importantes do meio intelectual e literário, o que contribuiu para a abertura de caminhos entre personalidades políticas consagradas.

Por outro lado, esforçamo-nos em não normatizar a condição de passabilidade⁷¹ desenvolvida por Soledad, estendendo-a a toda sociedade, sob o risco de relativizarmos uma

⁷⁰ A educação feminina é entendida por Soledad como um elemento fundante de uma sociedade civilizada, alinhadamente às diretrizes do progresso. Para tanto, ela compreende que as mulheres burguesas devem acessar uma educação intelectualizada, sendo que aquelas pertencentes às classes trabalhadoras devem ser instrumentalizadas por meio de uma educação profissionalizante. Tal diferenciação seria fundamental para manter o *status quo* e não gerar dissidências entre os grupos sociais, de acordo com a autora. Assim, crê que ao não terem acesso ao ensino formal, as mulheres seriam a materialização do ócio e da barbárie, representando um impeditivo ao desenvolvimento nacional.

⁷¹ Termo cunhado pela comunidade trans ao se referir à performance de gênero. DUQUE, Tiago. Gêneros

série de tensões imbricadas nas relações sociais, em fins do século XIX, não só entre gêneros, mas também na articulação social em meio às disputas de poder, diante das novas configurações da Espanha e da América Latina. Finalizamos o capítulo refletindo sobre as articulações entre demandas políticas e religiosas, diante dos círculos sociais nos quais Soledad estava inserida, aventando o seu posicionamento político alinhado ao conservadorismo católico à época, bem como o destaque dado às suas conexões com homens intelectuais.

Assim, dialogamos com a proposição da crítica literária espanhola Montserrat Ordoñez, a principal estudiosa de Acosta de Samper, juntamente à historiadora colombiana Carolina Alzate, que coloca a voz da escritora como reflexo de “*varios de los contradictorios aspectos de su propia identidad: autonomía y respeto por las normas, libertad de creación y control sobre sí misma y los demás*”⁷². Esses meandros de identidade serão tratados como frutos das tensões sociais inerentes ao contexto histórico no qual a escritora esteve inserida, bem como recurso estratégico de circulação social na condição de mulher. Porém, seria possível afirmar que as contradições imbricadas na figura de Soledad tratam-se apenas de uma questão de personalidade? Tomamos aqui que a sua atuação paradoxal também estaria conectada à dificuldade de se construir uma narrativa. Como coloca a historiadora Joan Scott, em seu trabalho *Cidadã Paradoxal*, “a fim de protestar contra as várias formas de segregação que lhes eram impostas, as mulheres tinham de agir em seu próprio nome, invocando, dessa forma, a mesma diferença [sexual] que procuravam negar.”⁷³ Ao se disporem a construir uma reivindicação, como é o caso de Soledad, ao demandar a educação feminina constituída no mesmo patamar da que era oferecida aos homens, acaba por reforçar a diferenciação. De acordo com Scott, corrobora-se com um mundo no qual o conceito de universal, seja o indivíduo ou o cidadão, é sinônimo de homem, dentro da lógica de uma masculinidade específica. A cidadania e a individualidade estão, dessa maneira, atreladas ao gênero.

IV. “Tomar el chocolate”: a relevância dos salões para as redes de sociabilidade

incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de se passar por. 2013. 2018 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.

⁷² ORDÓÑEZ, Montserrat. De voces y de amores. Ensayos de literatura latinoamericana y otras variaciones. ALZATE, Carolina; RAMÍREZ, Liliana; RESTREPO, Beatriz. (ed.). Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2005.

⁷³ SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2002 [Trad.: Élvio Antônio Funck]. Recebida para publicação em março de 2008, aceita em julho de 2008. p. 18.

Diante das questões aventadas no decurso da realização dos três congressos dos quais Soledad Acosta de Samper participou, em 1892 – IX Congresso Internacional de Americanistas, Congresso Literário Hispano-Americano e o Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano – nota-se não só a circulação de saberes por meios dos intelectuais, mas também as próprias redes de sociabilidade construídas por eles. Interessa-nos compreender os círculos de sociabilidade intelectual frequentados e articulados por Acosta de Samper, mediante a análise das descrições presentes em nossa fonte primordial, *Viaje a España en 1892*, e os relatos produzidos por sua filha Blanca como fonte complementar. Metodologicamente, partimos da premissa do historiador francês Jean-François Sirinelli de que a “história dos intelectuais tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural.”⁷⁴ Essa hibridização acaba por borrar as fronteiras da categoria, permitindo o trânsito em diferentes linhas de pesquisa, o que, por um lado, ampliaria a complexidade da discussão, atribuindo mais camadas de análise e aprofundando o debate, enquanto que por outro, pode tornar-se um campo minado, disputado por diferentes frentes e deslocado de um foco analítico.

Não tomemos aqui a categoria de rede de sociabilidade como um elemento estático, já que esta se reconfigurou em meio a um contexto histórico no qual os sujeitos estão inseridos. Por mais que seja difícil de apreender as estruturas de sociabilidades, é necessário traçá-las a partir de conexões entre grupos de intelectuais que se aproximam por sensibilidade ideológica ou cultural comuns. Como colocou Sirinelli, “os ‘salões’, na fronteira entre os dois séculos constituíam uma casa importante no jogo de ludo dos intelectuais, com suas musas da sociabilidade”⁷⁵. Portanto, um espaço para ver e ser visto, de desenvolvimento de conexões e admirações. Estendendo-nos sobre a argumentação de Sirinelli, arriscamos colocar os “salões” como um espaço de *performance* para esses intelectuais, onde eles se situam no mundo para o seus pares. A casa de Soledad e de José María Samper era um espaço famoso pelos salões, capazes de conectar literatos, artistas e políticos.

Um dos exemplos é José María Vergara y Vergara⁷⁶, um letrado do Partido Conservador que participava dessas festividades. É curioso pensar que Vergara y Vergara não

⁷⁴ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 232.

⁷⁵ *Idem, ibidem*. p. 249.

⁷⁶ José María Vergara y Vergara foi um destacado literato e historiador colombiano, um dos responsáveis pela criação do periódico *El Mosaico* (1858), em que publicava romances e quadros de costumes escritos por autores europeus e colombianos. Também foi um dos principais colaboradores do periódico “La República”, fundado pelo setor moderado do partido conservador. DAMAS, Germán Carrera. Mitos políticos en las sociedades andinas: Orígenes, invenciones, ficciones. Caracas: Editorial Equinoccio, 2006. p. 242.

a menciona como uma das pessoas presentes. Esse silenciamento é uma questão importante por refletir o que estaria por trás de não mencionar a própria anfitriã da casa. Nos escritos de Vergara y Vergara, a referência aos salões e aos frequentadores é posta como uma forma de demonstrar o seu posicionamento no meio literário, demonstrando quem estaria ao seu lado e a sua inserção no mundo intelectual.⁷⁷

Sabemos que por mais que Vergara y Vergara e Acosta de Samper partilhassem de um posicionamento político alinhado aos conservadores⁷⁸, os intelectuais estabeleceram jornadas opostas no que se trata de pensar a função social das mulheres.

Em 1867, Vergara y Vergara publicou o texto *Consejos a una Niña*, aconselhando as mulheres a seguir um comportamento silencioso para manter suas funções: "*Obedece siempre, para no dejar de reinar*"⁷⁹. O espaço de reinado da mulher seria, segundo o autor, o espaço doméstico, o âmbito privado e a boa esposa deveria se comportar de modo a não se envolver em embates com o seu marido, valendo-se de uma performance pautada pelo silêncio para não incomodá-lo e assumindo uma posição hierárquica inferior, já que para todos os efeitos, o homem deveria ser reconhecido pela função de chefe de família. Por outro lado, vale o destaque de Soledad ao questionar em seu ensaio "*¿Cuál es la misión de la mujer en la época actual?*",

⁷⁷ ALZATE, Carolina. Aptitud de la mujer para ejercer todas las profesiones. *Revistas de Estudios Sociales*. n. 38. Bogotá: Jan/ Abr, 2011.

⁷⁸ Em 1863, ano da Constituição de Ríonegro, Soledad e José María Samper regressaram à Colômbia. Em fevereiro deste ano, a Confederação Granadina foi sucedida pelos Estados Unidos da Colômbia, conformando uma república federada que integrava Colômbia e Panamá, estendendo-se até 1885. Considerada radical, a Constituição de Ríonegro excluiu a igreja católica da vida oficial do país, pontuou a liberdade de imprensa, estabeleceu um mandato presidencial de dois anos e a criação de nove estados independentes, marcada pela dependência em relação à Guardia Colombiana. Com a tomada de poder pelo Partido Conservador, sob a liderança de Rafael Nuñez, em meio a uma guerra civil, há o estabelecimento de uma nova Constituição em 1886. A partir desse movimento, restabelece-se a autoridade do governo central e coloca-se o catolicismo como eixo fundamental do novo governo, no artigo 38. A nova Constituição coloca Deus como "fonte suprema de toda a autoridade". Ao definir o papel da Igreja Católica na sociedade colombiana, a educação passa ao controle da instituição, reforçando a afirmação da moral cristã.

José María Samper abandonou uma postura política considerada como liberalismo radical para fortalecer uma identificação com o catolicismo integral, flertando com as ideias da Regeneração. Alguns especialistas atribuem essa guinada de valores à influência de sua esposa Soledad, porém, interessa-nos mais entender a sua perspectiva enquanto mulher letrada, ocupando espaços tidos e ditos como masculinos, como na sua participação como delegada em congressos, diretora de periódicos e escritora. Para aprofundar a questão, veja VARGAS, Joan Manuel Largo. Soledad Acosta de Samper y su viaje a España en 1892. *Una Mujer letrada en la Colombia del siglo XIX. Memorias*. Volume XVIII., n. 4, 2017-2019. XVIII Congreso Colombiano de Historia: Medellín; LOAIZA, Gilberto. Poder letrado. Ensayos sobre historia intelectual de Colombia, Siglos XIX y XX. Cali: Universidad del Valle, 2014. p. 187; DEAS, Malcom. Venezuela, Colômbia e Equador: c. 1880 - 1930. In: BETHELL, Leslie (org.) . *História da América Latina: de 1870 a 1930*. Volume V. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. p. 287-289.

⁷⁹ VERGARA Y VERGARA, José María. 1931. *Consejos a una niña*. *Obras escogidas de Don José María Vergara y Vergara* [Tomo II]. Bogotá: Editorial Minerva. *apud* ALZATE, Carolina. Aptitud de la mujer para ejercer todas las profesiones. *Revista de Estudios Sociales*. o.38. Bogotá: Jan./Abr., 2011. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-885X2011000100013. Acesso em: 07 de jul. de 2019.

sendo que não renega o que é entendido como um papel feminino pautado pelo respeito a um código moral e à obediência ao marido. Diante dos trabalhos de Vergara y Vergara e de Acosta de Samper, é necessário fazer uma clivagem de classe, pois a própria atuação da escritora é fruto dos privilégios de uma mulher de elite, que acaba realizando uma performance de gênero que se constitui como uma exceção em seu contexto.

Como parte de uma coletânea de artigos produzidos à época por mulheres que debateram o papel do discurso republicano restringindo a atuação das mulheres, o seu ensaio apresentado no Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano, em 1892, intentou ampliar esse campo, alçando as mulheres na esfera pública, colocando a elas a possibilidade de exercerem atividades profissionais.⁸⁰

Isto posto, notamos que por mais que Soledad tenha recebido forte influência política do conservadorismo católico, empenhou-se em discutir transformações sociais para as mulheres com vistas à ocupação do âmbito público. Vergara y Vergara, por sua vez, por mais que fosse parte de sua rede de sociabilidade, representou o incômodo de alguns homens ao notarem a presença das mulheres no campo das letras. Dessa forma, levantamos a hipótese de que a não menção de Soledad nos salões em sua própria casa foi uma estratégia de silenciamento, citando apenas os homens presentes, aqueles que deveriam ser valorizados pelos seus trabalhos.

Para pensarmos as conexões possibilitadas e reforçadas em encontros de intelectuais e literatos no âmbito privado, consolidando-se determinadas configurações de rede de sociabilidade, tomaremos para análise dois episódios narrados em *Viaje a España*: um jantar na casa do primeiro-ministro António Cánovas e um convite a “tomar um chocolate” na casa da literata Emilia Pardo Bazán. Essas passagens nos são caras para aprofundarmos a reflexão acerca dos meandros envolvidos na articulação entre as esferas pública e privada, a partir dessas confraternizações entre seus pares, e para compreendermos a sua inserção enquanto mulher latino-americana no cenário europeu ocidental, em um mundo das letras marcadamente masculino que já havia lhe consagrado. Utilizamos esses dois eventos como pontos de partida para compreendermos a atuação das referidas personalidades nos congressos que partilharam a presença com Soledad.

Em sua segunda parada em Madri, momento em que esteve envolvida com a realização dos congressos literário e pedagógico, Soledad participou de um jantar na casa do Primeiro

⁸⁰ACOSTA DE SAMPER, Soledad. “Aptitud de la mujer para ejercer todas las profesiones. Memoria presentada en el Congreso Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano reunido en Madrid en 1892” Revista de Estudios Sociales. no.38. Bogotá: Jan./Abr. 2011.

Ministro Don Antonio Cánovas del Castillo, presidente do nono Congresso Internacional de Americanistas. Nas descrições do seu diário de viagem, a escritora valorizou a riqueza do palácio do governante, bem como sua biblioteca, composta por 30 mil volumes, e surpreendeu-se com as condecorações dos convidados e as jóias utilizadas pelas mulheres⁸¹. Construiu-se uma narrativa ao leitor de valorização da própria Soledad ao se destacar entre os restritos convidados. Seus escritos tornaram-se uma espécie de passaporte para saber um pouco mais sobre o que se passa entre os “eleitos”.

Essa mesma celebração é descrita por sua filha Blanca Samper por outro ponto de vista. Em suas cartas, que nos são tomadas como fontes complementares, ela parte da descrição dos trajes que ela e Soledad vestem: “*mamá fue a la recepción con el traje de raso, pero sin el manto de Corte: yo con el traje verde*” e lança olhar para as outras mulheres que se encontram no jantar, descrevendo-as categoricamente: “*no vi bonitas [...] entre las españolas ningunas, entre las americanas solamente dos. Muchos diamantes tenían ellas, y los hombres muchísimas consideraciones.*” Ao referir-se aos convidados presentes, Blanca descreve que “*Cánovas es el viejo más feo de que puedan U.U tener idea, y hasta tiene los ojos torcidos. La señora es muchísimo mejor que él, algo gorda y buena moza; tenía traje rosado descotado con adornos negros y la mar de diamantes; es peruana y hija de peruano.*”⁸² Apesar de linguagens e intuitos diferentes, ambas chamam a atenção para o código visual dos presentes, apontando suas vestimentas como fatores de diferenciação dos convidados. Isso nos auxilia a pensar a importância dada à época aos trajes como marcadores sociais, bem como o seu papel enquanto símbolo de circulação e acesso a determinados grupos sociais.

Outra hipótese aventada é como a descrição dos indivíduos envolvidos no jantar é uma forma de mostrar ao leitor que tanto Soledad quanto Blanca se sentiam pertencentes àquele ambiente, descrito como luxuoso e sofisticado. Nesse sentido, uma narrativa se desenvolve de que ambas estão plenamente inseridas em um mundo ao qual não pertenceriam enquanto pequeno-burguesas, pois, como Soledad apontou em seu diário de viagem, há uma preocupação constante com os gastos financeiros durante a viagem. Mais do que isso, Blanca coloca a si e à mãe acima das demais mulheres presentes, pontuando-as como fora do código de beleza e de

⁸¹ ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España*. Tomo II. p. 201.

⁸² “Mamãe foi para a recepção com o traje de cetim, mas sem o manto de corte: eu com o traje verde [...] não vi bonitas [...] entre as espanholas nenhuma, entre as americanas somente duas. Elas portavam muitos diamantes, e os homens muitas considerações. Cánovas é o velho mais feio que se pode imaginar, e até tem os olhos tortos. A senhora [dele] é muitíssimo melhor que ele, algo gorda e boa moça; tinha traje rosa de corte baixo com ornamentos pretos e um mar de diamantes; é peruana e filha de peruano.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Blanca Leonor. *Copia de algunas Cartas de Blanca Samper escritas durante un viaje a España 1892*. Biblioteca Nacional de Colombia, FSAS 059. p. 34.

vestimenta atuante. Assim, acaba por ventilar um discurso de que ela e a mãe são tão sofisticadas que destoam das demais mulheres no salão.

Em tempo, a dedicação de Soledad em esmiuçar a sua presença nesse evento é uma forma de comunicar ao leitor qual o espaço que ela ocupa nessa sociedade espanhola, aproximando-a. Há uma perspectiva de quebrar a hierarquização construída por meio da colonização para se apresentar como uma colombiana pertencente a esse mundo dito civilizado. Por outro lado, levanta-se a questão se de fato haveria um reconhecimento dos espanhóis em relação a esse espaço tão almejado pela escritora, como discutiremos neste capítulo.

Tais elementos contraditórios permitem a emergência de um discurso colonizado por parte de Soledad e Blanca, que trazem uma visão um tanto quanto provinciana ao se encantarem pelos salões e jantares dos quais participam, enfatizando a descrição das vestimentas e dos móveis dentro de uma imagem de ostentação e sofisticação.

Chamamos a atenção aqui para a figura política de Cánovas, que em seu discurso de abertura do nono Congresso Internacional de Americanistas, apresentou signos e recortes históricos relevantes para a compreensão do caminho traçado pela Coroa Espanhola nessas comemorações. Ao lançar seu olhar sobre o passado, del Castillo refere-se ao personagem que teria sido o elemento-chave para que o próprio congresso acontecesse, Cristóvão Colombo, que, em suas palavras, era um ser único, “*nadie á su puesto puede acercarse, ni de lejos, en la historia.*”⁸³ Entendido como uma figura emblemática, Colombo é alçado ao pedestal da história em uma construção narrativa marcada pela heroicidade.

A singularidade de Colombo é apontada por del Castillo com características extraordinárias, pontuando-o como uma pessoa visionária e segura de suas pretensões:

Qué tiene de extraño, pues, que sobreponiéndose, á todas las controversias; á todas las burlas también; que burlas al principio merecen las originales ideas con frecuencia; haciéndose superior á todo y á todos; hablando con seguridad absoluta y !cómo no decirlo, sy yo creo, que en ello resplandecía el extraordinario mérito de Colón!, con soberbia sin par, declarase éste á quien quiera que el descubrimiento lo tenía hecho; sin ayuda de los Reyes, en su cabeza; que aquel Nuevo Mundo le pertenecía, desde antes de verlo por sus ojos; que por eso pedía preciso y pactaba sobre él á modo de caudal que llevaba en su persona!⁸⁴

⁸³“Ninguém pode chegar perto, nem de longe, na história.” Tradução livre da autora. Congreso Internacional de Americanistas (9º. 1892. Palos de la Frontera, Huelva). TI - IX Congreso Internacional de Americanistas : reunión del año de 1892, en el convento de Santa María de la Rábida. CY - Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2017. PY - 2017 UR - <http://www.cervantesvirtual.com/obra/ix-congreso-internacional-de-americanistas--reunion-del-ano-de-1892-en-el-convento-de-santa-maria-de-la-rabida>. p. 33.

⁸⁴ “O que tem de estranho, pois, que sobrepondo-se, a todas as controvérsias; a todas as zombarias também; que zombarias ao princípio merecem as idéias originais freqüentemente; fazendo-se superior a tudo e a todos; falando com segurança absoluta e como não dizê-lo, e eu creio, que nisso resplandecia o extraordinário mérito de Colombo com soberba sem par, declara-se este a quem quer que a descoberta o tivesse feito; sem ajuda dos Reis, em sua

Diante dessa declaração, nota-se a construção imagética do processo de conquista da América como fruto do sonho de um homem desacreditado pelos seus iguais e pelos próprios reis espanhóis. A glorificação de suas ações beira o endeusamento de sua figura, o que nos levanta a questão do sentido desse posicionamento político em meio ao discurso de abertura do nono Congresso Internacional de Americanistas. Apoiando-se não só na importância de Colombo, mas da própria Coroa espanhola, a abertura pontua o chamado “*Nuevo Mundo*” como pertencente a Colombo, em uma espécie de predestinação. Ao feito que considera extraordinário, del Castillo argumenta que não importa quais meios escolhidos pelo navegador genovês, mas o fim a ser alcançado. Sobressai-se, por meio de suas palavras, a legitimação de um elo de pertencimento entre Espanha e América Latina. Sendo assim, o presidente do conselho encerra o seu discurso dando boas-vindas à nação espanhola, que, segundo ele, sempre recebeu bem os estrangeiros que vinham até ela, contribuindo para a glória não só do país, “*sino a la gloria universal*”⁸⁵. Por sua vez, isso pode ser interpretado como uma referência à acolhida dos reis católicos Fernando de Aragão e Isabel de Castela no projeto audacioso do navegador Cristóvão Colombo.

Ao mencionar a ideia de uma glória universal, del Castillo alça a conquista da América a um lógica de destino manifesto de que a Espanha teria um devir a cumprir e o realiza em prol da humanidade. Esse esforço de resgate de um passado glorioso está alinhado a uma tentativa de re colocação no cenário geopolítico, diante de uma Espanha assinalada pelo desgaste após os processos de independência das antigas colônias.

Se o jantar na casa de Del Castillo traz como proposta a aproximação entre os delegados das nações latino-americanos a literatos e americanistas espanhóis, a realização do próprio congresso caminha nesse mesmo intuito. O gesto de abrir as portas da sua casa para seus conterrâneos e os intelectuais estrangeiros pode ser encarado como uma metáfora da própria nação espanhola, ao convidá-los a participar do nono Congresso Internacional de Americanistas. Por outro lado, nota-se uma conexão entre os âmbitos público e privado, borrando-se a fronteira que os separam a partir do momento em que a realização do jantar na casa do primeiro-ministro pode ser compreendida como uma estratégia política, de influência no âmbito público. Para tanto, del Castillo se vale da partilha do seu espaço doméstico com os delegados estrangeiros e seus conterrâneos espanhóis.

cabeça; que aquele Novo Mundo lhe pertencia, desde antes de o ver pelos seus olhos; que por isso realizou um preciso e concordou com isso, como um bem que carregava consigo!” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*.

⁸⁵ “senão a glória universal”. Tradução livre da autora. *Idem*, p. 32.

A visita à casa da escritora Emília Pardo Bazán, outro episódio que destacamos, foi celebrada de modo a abrir um dos capítulos de *Viaje a España*, em que Soledad introduz a questão, dizendo-nos que “*la afamada escritora doña Emilia Pardo Bazán nos convidó a que fuésemos ‘á tomar él chocolate’ una noche en su casa de la calle San Bernardo*”⁸⁶. Há um tom informal levando o leitor à ideia de uma visita íntima a uma das escritoras mais populares e consagradas da Espanha à época⁸⁷. Soledad constrói a narrativa de um encontro entre amigas, que praticam o singelo gesto de tomar chocolate. Porém, ela dá continuidade à sua descrição ao chegar à casa de Pardo Bazán, referindo-se a uma celebração que não condiz com tal perspectiva. Seu olhar se lança sobre a decoração da casa, da mesma forma que fez ao chegar ao jantar proporcionado pelo primeiro-ministro Cánovas, ressaltando a sua sofisticação, “*en los artísticamente decorados salones de la gran literata, que reside con sua madre, sus tres hijos y una tía, encontrámos reunidos gran número de escritores y personas notables de Madrid. Encuanto á señoras, no había allí más que las de la casa y nosotras dos.*”⁸⁸. O fato de poucas mulheres frequentarem a celebração dá o tom de exclusividade necessária ao encontro, conferindo uma conotação de pertencimento a um mundo das letras marcado pela masculinidade. Soledad segue sua descrição ao falar da roupa da anfitriã, “*Doña Emilia vestía traje de ceremonia, de raso blanco, bordado de sedas de colores, guarnecido de ricos encajes y cubiertos de diamantes.*”⁸⁹ Diferentemente das descrições de vestimentas de outras mulheres, realizadas por Acosta de Samper, Pardo Bazán parece não só seguir o código de vestimenta, como também portar-se de modo luxuoso. Ao nos contar isto, Soledad alça o seu compromisso de “*tomar él chocolate*” em uma sofisticada e restrita celebração, permitida aos “*eleitos*”.

Tanto o episódio do jantar na casa de Cánovas quanto o chá da tarde na casa de Pardo Bazán são narrados como convites honrosos recebidos por Acosta de Samper, em que tanto Soledad quanto Blanca discutem e desdenham as posturas dos convidados presentes. Isto nos

⁸⁶ “[...] a famosa escritora dona Emilia Pardo Bazán convidou-nos a que fossemos ‘tomar chocolate’ uma noite em sua casa na rua San Bernardo”. Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893. Tomo II. p. 214.

⁸⁷ Emilia Pardo Bazán é uma das literatas participantes do Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano, no qual teve sua profissão identificada como publicista. Sua consagração lhe logrou, posteriormente ao período narrado, o título de Condessa de Pardo Bazán (1908). Viúva desde 1884, a crítica literária espanhola a considerou uma das introdutoras do naturalismo no país. Em 1892, é fundadora e passa a dirigir o periódico “Biblioteca de La Mujer”. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/portales/pardo_bazan/autora_biografia/. Acesso em 21 de jan. de 2020.

⁸⁸ “[...] nos artísticamente decorados salões da grande literata, que reside com sua mãe, seus três filhos e uma tia, encontramos reunidos grande número de escritores e pessoas notáveis de Madri. Enquanto isso, senhoras, não havia lá mais que as da casa e nós duas.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893. Tomo II. p. 215.

⁸⁹ “Dona Emília usava vestido de cerimônia em cetim branco, bordado com seda colorida, orlado de ricas rendas e forrado de diamantes.” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*.

faz levantar a questão de que o discurso de ambas é marcado pelo provincianismo, prevalecendo uma visão de mundo colonizada. Um exemplo notável dessa perspectiva é a relação que estabelece com Pardo Bazán.

Por mais que nos conte que a presença feminina era exceção nos salões, a autora deixa claro que isso não é motivo para seu desconforto já que “*a muchos de los literatos que allí estaban los conocíamos yá*”. Pelo contrário, parece-nos que ela ocupa o seu espaço social ao citar despretensiosamente uma série de nomes ao leitor que já tiveram suas conversas narradas no mesmo diário de viagem, como é o caso do peruano Ricardo Palma, do colombiano Ernesto Restrepo, do espanhol Marcelino Menéndez Pelayo, que terão suas jornadas discutidas neste capítulo.

Referir-se como uma das poucas “eleitas” por Pardo Bazán foi uma estratégia não só para obter reconhecimento do seu público, mas de seus pares, tanto pela sua pertinência literária como pela sua conexão com a espanhola. Respeitando-se as especificidades contextuais e temporais, toca-nos traçar um paralelo com o esforço da escritora Victoria Ocampo em estabelecer uma amizade com a escritora Virgínia Woolf, que

ao mencionar a escritora britânica – e, especialmente suas contribuições para a escrita autobiográfica feminina –, Ocampo estaria se posicionando como uma mediadora cultural entre América Latina e Europa. Sobretudo, estaria se inserindo em determinada tradição literária composta por mulheres, admiradas por ela. Rememorar Woolf seria parte de um projeto construído por vias autobiográficas em que a autora argentina legitimaria sua posição de mulher escritora.⁹⁰

Por mais que a relação estabelecida entre Pardo Bazán e Acosta de Samper não tenha se aprofundado como entre Woolf e Ocampo, trata-se de uma conexão cultural entre o Velho e o Novo Mundo, na qual a hierarquização de saberes não é um elemento dito, mas muitas vezes subentendido dentro deste jogo. No caso de Acosta de Samper, o seu reconhecimento como mulher letrada à época lhe conferia certos privilégios que em sua mocidade não eram aplicáveis. Porém, aflora em seus escritos o impacto da sua conexão superficial com Pardo Bazán como uma conquista a ser partilhada na esfera pública, por meio de seus leitores.

Ao continuar o debate sobre essa conexão, tomamos a descrição da quinta seção do Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano, sob o tema do ensino das mulheres, em que a escritora espanhola participou junto com Acosta de Samper. Pardo Bazán apresentou o

⁹⁰ NUNES, Ana Beatriz Mauá. *Tan criolla, criolla como yo: Identidade, política e gênero nas correspondências de Victoria Ocampo e Gabriela Mistral, (1926 - 1956)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2019. p. 104.

trabalho *Relaciones y diferencias entre la educación de la mujer y la del hombre*, o qual foi criticado pela professora Ana María Solo de Zaldívar, que

... se levantó para replicar a la señora Pardo Bazán, y que el único objeto que tuvo su discurso fue el de humillar la dignidad del sexo de la mujer ante el hombre. Aseguró que aquella que solo había nacido para agradar a este, si otra misión que aquella en el mundo; dio a entender que la mujer solo valía por sus encantos físicos, y que era preciso dejarle todo trabajo intelectual al varón, rey del universo. Semejantes conceptos, que en otros países hubieran sido acogidos con indiferencia como vulgaridades pasadas de moda, produjo entusiasmo loco entre los oyentes masculinos y aun entre muchas de las damas allí presentes. Parecía que el salón se venía abajo con los aplausos que en él resonaban; y cada vez que la dicha señorita, que, como todas las españolas, es muy desparpajada y habla con facilidad y gracia natural, decía alguna chocarrería de mal gusto dirigido a la señora Pardo Bazán, muchos de lo que estaban en la plataforma de honor, detrás de aquella escritora, palmoteaban en señal de aprobación, lo cual me pareció el colmo de la descortesía y hasta falta de patriotismo⁹¹.

Acosta de Samper narra o posicionamento da professora Solo de Zaldívar com desagrado diante das críticas impostas a Pardo Bazán, trazendo como argumento em oposição, à concepção de que o homem como o “*rey del universo*” deveria ficar com o trabalho intelectual e que a mulher “*valía por sus encantos físicos*”⁹². A reação da plateia ao ovacionar Solo de Zaldívar a surpreende negativamente, pois argumenta que em outras nações tamanha declaração seria entendida como vulgar e parte de um pensamento retrógrado que já teria caído em desuso. Seu incômodo é tamanho que compreende a situação como um desrespeito não só a Pardo Bazán, mas à nação espanhola. Seu alinhamento com a escritora é notável ao analisarmos a sua memória apresentada no mesmo congresso, dialogando com a perspectiva de que homens e mulheres podem ocupar as mesmas atividades profissionais.

Em seguida, Acosta de Samper assinala a sua concordância com o argumento de Pardo Bazán:

... y escuchamos a la señora Pardo Bazán leer una hermosa memoria en defensa del derecho y de las aptitudes de la mujer para desempeñar cargos públicos, hoy reservados exclusivamente al varón. En España se nota una posición decidida contra

⁹¹ “[...] levantou-se para replicar à senhora Pardo Bazán, e que o único objeto que teve seu discurso foi o de humilhar a dignidade do sexo da mulher diante do homem. Assegurou que aquela que só tinha nascido para agradar a este, sem outra missão que aquela no mundo; deu a entender que a mulher só valia por seus encantos físicos, e que era preciso deixar todo trabalho intelectual ao varão, rei do universo. Semelhantes conceitos, que em outros países teriam sido acolhidos com indiferença como vulgaridades passadas de moda, produziu entusiasmo louco entre os ouvintes masculinos e mesmo entre muitas das damas ali presentes. Parecia que o salão se vinha abaixo com os aplausos que nele ressoavam; e cada vez que a dita senhorita, que, como todas as espanholas, é muito atrevida e fala com facilidade e graça natural, dizia algo de mau gosto à senhora Pardo Bazán, muitos do que estavam na plataforma de honra, atrás daquela escritora, batiam palmas em sinal de aprovação, o que me pareceu o cúmulo da descortesia e até falta de patriotismo.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893. Tomo II. pp. 160-161

⁹² *Idem, ibidem*, p. 162.

todo lo que tienda a elevar a la mujer intelectualmente; y esto no sólo entre la mayor parte de los hombres de letras; salvo honrosas excepciones, sino también, triste es decirlo, entre las mis mujeres⁹³.

Ao colocar que o rechaço à ocupação do mundo das letras não está restrito apenas aos homens, mas também às mulheres, Soledad aponta uma falta de irmandade entre as colegas de profissão. A dificuldade de inserção das mulheres na esfera pública é latente ao explorarmos a confraternização na casa de Pardo Bazán, na qual poucas mulheres figuraram entre as convidadas, ao que Soledad descreve a presença apenas dela e sua filha Blanca. Por mais que critique a situação de desigualdade entre os gêneros, Pardo Bazán acaba por reforçá-la à medida em que não abre espaço para essas mulheres.

Por outro lado, temos que Pardo Bazán se debruça sobre a memória apresentada por Acosta de Samper no congresso, ao dizer no resumo sobre a seção V:

“La premura del tiempo ha privado al Congreso de la satisfacción de escuchar el bien escrito y hermoso trabajo de la respetada historia americana, doña Soledad Acosta de Samper. Todos los desde hace tiempo conocíamos y apreciábamos altamente los méritos de la señora Acosta, hemos lamentado que el Congreso se hallase en la imposibilidad de oír su memoria, pero yo he recorrido sus páginas y visto en ellas un nutrido alegato donde se demuestran, con citas y nombres propios, las aptitudes de la mujer para el ejercicio de las profesiones, de las letras y de las artes. Creo hacerme intérprete de los sentimientos del Congreso al saludar desde aquí a la señora Acosta, en ella a la representación de su joven patria, hija y hermana nuestra, que acaso esté llamada a precedernos en el camino de reformas tan justas como civilizadoras.”⁹⁴

Esse documento não permite aferir se houve de fato uma relação de proximidade entre as autoras, como gostaria Acosta de Samper. Porém, o trecho citado aponta não só para a relação estabelecida entre Pardo Bazán e Acosta de Samper, mas a forma como o trabalho da colombiana foi encarado pelo próprio Congresso Pedagógico, utilizando-se de termos tais como reformas “civilizadoras”.

⁹³ “[...] e ouvimos a senhora Pardo Bazán ler uma bela memória em defesa do direito e das aptidões da mulher para desempenhar cargos públicos, hoje reservados exclusivamente ao homem. Na Espanha nota-se uma posição decidida contra tudo o que tende a elevar a mulher intelectualmente; e isto não só entre a maior parte dos homens de letras; salvo honrosas exceções, mas também, triste é dizê-lo, entre as mulheres”. Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p 157.

⁹⁴ “A premência do tempo privou o Congresso da satisfação de ouvir o bem escrito e belo trabalho da respeitada história americana por dona Soledad Acosta de Samper. Todos nós, desde há muito tempo, conhecemos e apreciamos altamente os méritos da senhora Acosta, lamentamos que o Congresso se encontrasse na impossibilidade de ouvir a sua memória, mas eu percorri as suas páginas e vi nelas um abundante argumento onde se demonstram, com citações e nomes próprios, as aptidões da mulher para o exercício das profissões, das letras e das artes. Creio fazer-me intérprete dos sentimentos do Congresso ao saudar daqui a senhora Acosta, nela a representação da sua jovem pátria, filha e irmã nossa, que talvez seja chamada a preceder-nos no caminho de reformas tão justas como civilizadoras.” PARDO BAZÁN, Emilia. “Resumen (de las ponencias y memorias de sección V, leído en el Congreso Pedagógico el 19 de octubre de 1892)”. IN: *La mujer española y otros artículos feministas*. Selección y prólogo Leda Schiavo. Madrid: Editora Nacional, 1976. p. 109.

A participação de mulheres foi recorde em relação à edição anterior do congresso, com vinte e uma mulheres como membros do comitê organizador e seis escritoras apresentando suas memórias, incluindo Soledad Acosta de Samper. Durante o evento, a escritora colombiana demonstra ser empática com essa perspectiva inclusiva:

Para dar fuerza, valor y emulación a las mujeres cuyas madres y abuelas han carecido casi por completo de educación, en mi humilde concepto creo que debería empezarse por probarles que no carecen de inteligencia y que a todas luces son capaces de comprender lo que se les quiera enseñar con la misma claridad que lo comprenden los varones.⁹⁵

Diante de uma plateia controversa, Soledad traz a perspectiva de que homens e mulheres possuem as mesmas capacidades intelectuais, sendo capazes de compreender o conhecimento e transmiti-lo aos demais. Há um cuidado em colocar a sua fala como menos assertiva, ao introduzir a expressão “*mi humilde concepto*”, em uma estratégia de “pedir licença” para falar. Se as mães e avós das mulheres presentes não tiveram acesso à educação formal, Soledad apresenta como possibilidade a oportunidade dada à geração jovem como uma forma de reverter tal quadro. Vale refletirmos sobre a discussão empreendida por Pardo Bazán e Acosta de Samper ser um dos pontos de discussão do nascente movimento feminista, que se desenvolve na sua primeira onda, a partir da proposta de cidadania estendida às mulheres. O movimento, concebido na Inglaterra pós Revolução Industrial, teve como uma das bandeiras mais conhecidas o acesso ao voto feminino. Isto fez com que essas mulheres fossem reconhecidas sob o nome de sufragistas.

Finalizamos as participações de Acosta de Samper e Pardo Bazán no congresso com a declaração do guatemalteco Juan Fernández Ferraz ao responder o espanhol Horacio Bentabol, que havia discutido a falácia da suposição de debilidade genética das mulheres, ao criticar a memória apresentada pela escritora alemã Bertha Wilhelmi de Dávila, que discutiu a aptidão da mulher para o exercício de todas as profissões. Fernández Ferraz coloca que

Mujeres como, la Sra. Whilelmi, Pardo Bazán, la Arenal, como la eminente escritora colombiana Soledad Acosta de Samper, salvan á su sexo de la tacha de inferioridad que á él se le atribuye, y, señores, no hay que olvidarse que á los impulsos generosos y á las altas doses intelectuales de una mujer, educada por una mujer también, se debe la realización del descubrimiento con que el sublime Loco completó en el siglo XV

⁹⁵ “Para dar força, coragem e emulação às mulheres cujas mães e avós quase não tiveram educação, em minha humilde concepção acredito que deveria começar por provar-lhes que não carecem de inteligência e que a todas as luzes são capazes de compreender o que se lhes queira ensinar com a mesma clareza que o compreendem os homens”. Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. “Aptitud de la mujer para ejercer todas las profesiones. Memoria presentada en el Congreso Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano reunido en Madrid en 1892” Revista de Estudios Sociales. no.38. Bogotá: Jan./Abr. 2011.

el mundo, la obra de Dios, hasta entonces sólo en la mitad conocido de los hombres y cuyo cuarto centenario estamos celebrando y honrando la memoria del gran hombre y de la gran Reina con estos Congresos, exposiciones y festejos, que no impulsian todos á realizar también la obra de redención y aprovechamiento para bien de la vida, de este otro nuevo mundo de la humanidad, la mujer, el más bello y encantador sin duda de los dos hemisférios racionales. Edúquese é instrúyase convenientemente á la mujer, y habremos completado, el mundo intelectual humano!⁹⁶

Ao descrever uma série de mulheres letradas consagradas, Fernández Ferraz propõe uma quebra do discurso da debilidade do gênero feminino, lançando mão do exemplo de como uma mulher, educada por outra, teria permitido a conquista do Novo Mundo. Fernández Ferraz fala em um mundo que se tornaria completo a partir do momento em que homens e mulheres fossem educados, rechaçando a ideia de uma inferioridade intelectual feminina *a priori*, fosse genética ou cultural. Destarte, acaba por dialogar com Acosta de Samper, que entende a educação feminina como uma ferramenta de desenvolvimento de um Estado-nação em busca do alcance do estado de civilização. Essa declaração nos é cara para pensarmos o quão complexo foi esse encontro, diante de propostas tão antagonistas oferecidas pelos intelectuais presentes.

Enfim, a organização de redes de sociabilidade se vale do conhecimento construído em rede, como uma teia que se espalha aos borbotões, mediante interesses e negociações políticas. As fronteiras dos âmbitos público e privado são borradas a fim de configurar conexões importantes que extrapolam o além-mar. Os salões materializam a inserção do mundo público no privado e vice-versa, a partir do momento em que o anfitrião abre as portas de seu lar para uma série de personalidades, configurando importante moeda de troca no jogo político. Tomamos para análise as visitas de Soledad na casa de Cánovas e Pardo Bazán como elemento importante para materializar sua inserção política e intelectual no mundo espanhol das letras, legitimando-a enquanto uma escritora consagrada, respeitada por seus pares. Em seus escritos, Acosta de Samper recorre ao discurso da sua própria consagração, afirmando ao seu leitor de *Viaje a España en 1892* que ocupa o lugar que lhe é devido.

V. Quando o “*bello sexo*” se conecta: a atuação das mulheres nas comemorações do quarto centenário de Conquista da América

96 “Mulheres como a Sra. Whilelmi, Pardo Bazán, a Arenal, como a eminente escritora colombiana Soledad Acosta de Samper, salvam seu sexo da tacha de inferioridade que lhe será atribuída, e, senhores, não se esqueça que os impulsos generosos e as altas doses intelectuais de uma mulher, educada por uma mulher também, deve-se à realização da descoberta com que o sublime Louco completou no século XV o mundo, a obra de Deus, até então somente na metade conhecida dos homens e cujo quarto centenário estamos celebrando e honrando a memória do grande homem e da grande Rainha com estes Congressos, exposições e festejos, que não impulsionam todos a realizar também a obra de redenção e aproveitamento para bem da vida, deste outro mundo novo da humanidade, a mulher, o mais belo e encantador sem dúvida dos dois hemisférios racionais. Eduquem e instruem convenientemente à mulher, e teremos completado, o mundo intelectual humano!” Tradução livre da autora.” *Idem, ibidem*, p. 154.

Compreender as redes de sociabilidade de Soledad a partir de sua conexão com outras mulheres durante os congressos, dos quais a escritora participou em 1892, é um caminho interessante para compreender o próprio reconhecimento das mulheres entre seus pares. Afinal, a trajetória de Soledad deveria ser investigada pela perspectiva de excepcionalidade? Existem outras mulheres que poderiam ser encaradas como suas colegas de profissão? Para pensarmos essas questões, refletiremos nesta seção sobre a circulação de mulheres no espaço público, tomando como exemplos a descrição de quando Acosta de Samper é mencionada por María Fabié como relevante representante do “*bello sexo*”, enfocando sua apresentação à Maria Cristina da Áustria, e o incidente vivido pela escritora Marie Lecocq ao ter suas malas perdidas em Sevilha. Esses três momentos foram elencados por servirem de estopim para a discussão das relações de gênero no contexto espanhol de 1892, bem como a inserção de Soledad como uma mulher viúva nessa sociedade.

Iniciamos a discussão com a descrição de uma situação na qual o prestígio de Acosta de Samper foi colocado em voga, na oitava sessão do Congresso Internacional de Americanistas, presidida pela rainha Maria Cristina da Áustria, regente do trono espanhol, acompanhada por seu filho, o rei D. Alfonso XIII. D. Antonio María Fabié, presidente da Junta Organizadora do Congresso Internacional de Americanistas, menciona o trabalho da escritora junto ao de outras representantes do “*bello sexo*”.

Empezaré, como es siempre natural, y sobretudo como lo es en Castilla, que constantemente se señala por su galantería, empezaré, repito, haciendo mención de las señoras que han tomado una parte muy activa en las tareas de este Congreso, y considero que debo hacer esta manifestación á V. M., pues el actual Congreso es una de las reuniones científicas en que, antes que en otras, han tomado parte con brillantez y gran éxito las personas que répresentan él bello sexo. En este número, debo empezar hablando, como es lógico, primero de las que no pertenecen a nuestra raza. La Sra. Nuttall, que acaba de exponer hoy mismo ante el Congreso una nueva teoría sobre el importantísimo tema del calendario mexicano. Antes que dicha señora, Mlle. Lecocq había hablado en dos ocasiones distintas, presentando también trabajos muy importantes; así como nuestra compatriota (quiero llamarla de este modo, por que aun cuando es americana pertenece a nuestra raza) la Sra. D. Soledad Acosta de Samper, que ha presentado interesantísimas memorias sobre varios puntos de los que forman las materias de estudio en este Congreso⁹⁷.

⁹⁷ “Começarei, como é sempre natural, e sobretudo como o é em Castela, que constantemente se assinala por sua galanteria, começarei, repito, mencionando as senhoras que tomaram uma parte muito ativa nas tarefas deste Congresso, e considero que devo fazer esta manifestação à V. M., pois o atual Congresso é uma das reuniões científicas em que, antes que em outras, tomaram parte com brilho e grande sucesso as pessoas que répresentan ele belo sexo. Neste número, devo começar falando, como é lógico, primeiro das que não pertencem à nossa raça. A Sra. Nuttall, que acaba de expor hoje mesmo ao Congresso uma nova teoria sobre o importantíssimo tema do calendário mexicano. Antes dessa senhora, *Mademoiselle* Lecocq havia falado em duas ocasiões distintas, apresentando também trabalhos muito importantes; assim como nossa compatriota (quero chamá-la deste modo, porque mesmo quando é americana pertence à nossa raça) a Sra. D. Soledad Acosta de Samper, que apresentou

Tal declaração, assumida como cavalheiresca por María Fabié, nos chama a atenção para as poucas mulheres destacadas. A forma de nomeá-las de acordo com a categoria de “*bello sexo*” já nos aponta como é interpretado o trabalho intelectual das mulheres. O presidente destaca que a nona edição se difere das anteriores pela qualidade dos trabalhos das mulheres, o que nos faz refletir se houvera um aumento no número de convidadas ou se estaria atrelado ao reconhecimento das intelectuais que já circulavam nesse meio. Como citamos anteriormente, houve um aumento considerável da participação feminina no congresso, o que justifica a valorização desses trabalhos.

Comenta, então, que sua escolha por citar Mlle. Marie Lecocq⁹⁸ e Zélia Nuttall, do Museu Peabody, nos Estados Unidos⁹⁹, se deve primeiramente ao fato atribuído de “*no pertenecen a nuestra raza*”, como um gesto cordial de apresentação das intelectuais estrangeiras. Destacamos o feito de Soledad não ser inserida nessa categoria, o que dá margem para questionarmos se tal escolha de María Fabié se deveu a uma interpretação de que haveria uma relação parental na qual a Colômbia seria filha da Espanha, como, por ventura, alguns latino-americanos se referiram durante o Congresso, ou se acaso se tratou de uma equiparação de Soledad “*como nuestra compatriota*”, devido à partilha da cultura latina. De acordo com os registros encontrados nos anais do nono Congresso Internacional de Americanistas, compreendemos que há uma afirmação de parentalidade evocada de forma recorrente. Isto posto, o discurso em voga era a da Espanha como uma mãe pátria que recebeu suas “filhas” latino-americanas, durante as festividades, em um esforço de estreitar laços e ressignificá-los, diante da configuração geopolítica após os processos de independência.

Além de ser citada junto a personalidades, como as escritoras citadas, Acosta de Samper ao final da seção que encerrou o congresso, foi apresentada à rainha Maria Cristina da Áustria

interessantíssimas memórias sobre vários pontos dos que formam as matérias de estudo neste Congresso.” Tradução livre da autora. Congreso Internacional de Americanistas (9º. 1892. Palos de la Frontera, Huelva). TI - IX Congreso Internacional de Americanistas : reunión del año de 1892, en el convento de Santa María de la Rábida. CY - Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2017. PY - 2017 UR - <http://www.cervantesvirtual.com/obra/ix-congreso-internacional-de-americanistas--reunion-del-ano-de-1892-en-el-convento-de-santa-maria-de-la-rabida., p. 151>.

⁹⁸ Optamos por manter o termo Mlle, abreviação de *Mademoiselle*, empregado a mulheres solteiras, que fora utilizado nas *Actas de la Novena Reunión*. A autora apresentou sua memória *Observations sur les mots América, Amérique (etles homophones)*, sobre a origem e significado do termo América.

⁹⁹ Identificada também como “arqueóloga-americanista”, teve a memória apresentada pelo seu irmão. “*Concedida la palabra al Sr. Falkiner Nuttall subió al estrado y pronunció un notable discurso en inglés haciendo detallada explicación del antiguo Calendario mexicano y de los interesantes libros presentados en nombre de su hermana la ilustre escritora arqueólogo—americanista, señora Zelia Nuttall; siendo extraordinariamente aplaudido al terminar su oración*”. *Actas de la Novena Reunión*, p. 139.

por Fabié, junto à condessa Ouvaroff, presidente da Sociedade de Arqueologia de Moscou¹⁰⁰. Nesse contexto, os delegados de cada nação foram apresentados à rainha, portanto, como fonte complementar, valemo-nos das cartas manuscritas produzidas por Blanca Samper, que descreveu o episódio nos seguintes termos:

Le presentaron un Delegado de cada nación, y por Colombia fue Mamá la designada. La Reina bajo de su trono: Mamá le hizo una gran reverencia, a la cual ella contestó con la cabeza; le dijeron el nombre y dijo que ‘lo conocía ya por ser notable’; le preguntó si era la primera vez que venía a España? Y si había viajado mucho?; le gustó saber que Mamá había estado en Viena; observó también el obsequio que había mandado Colombia para exposición sería muy lucido; y con esto, hizo otra venia con la cabeza, Mamá otra reverencia y quedó terminada la presentación¹⁰¹.

Essa apresentação nos traz a concepção de notabilidade de Acosta de Samper entre os seus pares, bem como de ela própria se reconhecia assim. Afinal, como coloca Blanca, ‘*dijo que lo conocía ya por ser notable*’. Não é possível aferirmos se a rainha fez uso dessa expressão nem se a considerava nesses termos. Porém, podemos refletir sobre a construção da narrativa, produzida por Blanca, de que a mãe é alçada a um espaço de consagração, manifestado por uma série de privilégios e reconhecimentos. O fato de a rainha ter descido do seu trono para conversar com Soledad e compartilhar amenidades, como uma visita a Viena, é um destaque que corroborou com a ideia de que a presença da escritora colombiana foi bem quista, como era desejado. A menção à participação da Colômbia nas exposições trouxe a perspectiva do reconhecimento desse Estado-nação pela Coroa Espanhola, valorizando-o, já que se tratou de uma escolha política.

Outro trecho das cartas escritas por Blanca legitima essa interpretação de consagração, referindo-se à primeira sessão do nono Congresso Internacional de Americanistas.

En ella leyeron las dos Memorias de Mamá, que fueron muy aplaudidas, y varios de los muchos sabios que allí había fueron muy aplaudidas, y varios de los muchos sabios que allí había fueron saludarla y a decirle que tenía mucho empeño en leerlas detenidamente. Es mucho que lo que la estiman; le presentan a todas las notabilidades que quieren conocerla personalmente, porque ya la conocían de nombre¹⁰².

¹⁰⁰ Registros de Justo Zaragoza, secretário geral do IX Congresso de Americanistas, em Huelva, nos anais da edição, nas páginas 164 e 165.

¹⁰¹ “Apresentaram-lhe um Delegado de cada nação, e pela Colômbia foi mamãe a designada. À rainha em seu trono, mamãe fez-lhe uma grande reverência, à qual ela respondeu com a cabeça; disseram-lhe o seu nome e ela disse que já a conhecia por ser notável; perguntou-lhe se era a primeira vez que vinha à Espanha e se tinha viajado muito; ela gostou de saber que mamãe tinha estado em Viena; ela também observou o presente que tinha enviado da Colômbia para exposição seria muito brilhante; e com isso, ela fez outro aceno com a cabeça, minha mãe fez outra reverência e terminou a apresentação.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Blanca. *Copia de algunas cartas*. p. 68 e 69.

¹⁰² ACOSTA DE SAMPER, Blanca. *Copia de algunas cartas*. p. 61 e 62.

Blanca levanta a ideia de que Soledad já era conhecida e de que os ditos sábios, que já a estimavam, queriam conhecê-la pessoalmente. Ao fazer uso da expressão “sábios” para nomear os intelectuais presentes, Blanca afirma a sua tia María, a destinatária de suas cartas, que Soledad não só é uma personalidade estimada, mas poderia ser encarada como superior aos presentes. Há um reforço por uma ideia de notabilidade, “*porque ya la conocían de nombre*” e nos é apresentada a ideia de consagração da escritora. Trata-se de um elemento importante para entender a posição da escritora nesse cenário de literatos. Pensar a rede de sociabilidade na qual estava inserida é fundamental para compreendermos a sua atuação. Ao longo das cartas de Blanca e do relato de viagem de Soledad, a representação da escritora colombiana como uma intelectual bem quista, reconhecida e consagrada é uma constante. Afinal, qual seria o objetivo de afirmar o seu espaço intelectual com tamanha recorrência? Ao assinalar por meio do seu discurso, Soledad utiliza-se de uma estratégia retórica que em um primeiro momento soaria paradoxal frente ao seu posicionamento.

Nas memórias apresentadas e em seu livro de viagem, elaborados durante a sua experiência pela Espanha em 1892, Soledad se vale de um exercício retórico comum a outras escritoras. Ela pede licença aos seus contemporâneos para falar:

mi sexo/mis pocas luces y ningún mérito científico harán que en estas circunstancias tenga que pedir perdón á los sábios que tomen asiento allí, por mi atrevimiento al dirigirme á ellos para tratar, sin duda, de asuntos que conocen mejor que yo.¹⁰³

Apesar de pedir certa autorização de sua audiência para discursar, ela se posiciona de modo a não abrir mão da sua oportunidade de fala. Narra um desconforto ao se colocar como figura pública sendo uma mulher, bem como pela perspectiva de posicionar-se de forma “ativa” ao ocupar espaços tidos como masculinos. Essa forma de se comunicar não é restrita à intelectual colombiana. A prática da autodepreciação, recurso comum utilizado por escritoras e intelectuais do século XIX, é compreendida pela historiadora Stella Maris Scatena Franco como uma estratégia, a partir do momento em que ao se desculparem publicamente, elas

¹⁰³ “[...] meu sexo/minhas poucas luzes e nenhum mérito científico farão que nestas circunstâncias eu tenha que pedir perdão os sábios que tomem assento aqui, por minha audácia ao me dirigir a eles para tratar, sem dúvida, de assuntos que conhecem melhor que eu.” Tradução livre da autora. Congreso Internacional de Americanistas (9º. 1892. Palos de la Frontera, Huelva). TI - IX Congreso Internacional de Americanistas : reunión del año de 1892, en el convento de Santa María de la Rábida. CY - Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2017. PY - 2017 UR - <http://www.cervantesvirtual.com/obra/ix-congreso-internacional-de-americanistas--reunion-del-ano-de-1892-en-el-convento-de-santa-maria-de-la-rabida. p. 375>.

concomitantemente seguiram ocupando espaços de fala e de atuação, majoritariamente restringidos aos homens¹⁰⁴.

Para pensarmos a presença das mulheres no nono Congresso Internacional de Americanistas e a importância de suas redes de sociabilidade, referimo-nos à situação peculiar da francesa Marie Lecocq, na qual a escritora ficou sem acesso à sua mala perdida em Sevilha e teve de ausentar-se dos encontros de gala e utilizar roupas inadequadas para determinadas ocasiões. A escritora colombiana argumenta que se a francesa fosse rica, jovem e bonita, teria recebido outro tratamento de seus pares.

Iban con nosotras gran número de americanistas; vestidos unos de rigurosa etiqueta, ostentando otros uniformes de toda clase de corporaciones sabias, y cubiertos todos de cruces, cintas, decoraciones, medallas de honor, etc. E medido de algunas damas, lujosamente ataviadas, estaba en un rincón, triste, cabizbaja y lamentándose de su suerte, la desdichada francesa que había extraviado su equipaje, la cual, como Calipso, no podía conformarse con su adversa fortuna¹⁰⁵.

Coloca-se que as mulheres enfrentam dificuldades distintas em relação aos homens, como no caso da dita francesa, que não pôde participar da celebração com a rainha Maria da Áustria por falta de trajes adequados. Por mais que tenha sido convidada a participar tal como os demais, Lecocq é escamoteada por conta dos seus trajes, em uma espécie de humilhação pública compartilhada. A ausência da sua mala, que pode ter sido perdida ou extraviada em Sevilha, transforma-se em um impeditivo para que ela participasse das celebrações. A impossibilidade de obter novos trajes de gala, fosse por uma questão temporal ou financeira, representa uma barreira para que ela partilhasse da glória celebrada pelos demais intelectuais em participar desse evento.

Em outro trecho, Acosta de Samper acusa homens espanhóis de não serem gentis com a francesa ou se oferecerem para buscarem a mala em Sevilha. Não há detalhes de quem poderia buscar a bagagem nem como deveria proceder, ou até mesmo sobre por que Lecocq não se deslocou em sua busca. Soledad nos aponta como outras questões estão imbricadas, a ação de marcadores sociais da diferença¹⁰⁶ em relação à francesa ao referir-se à idade e à beleza, o que

¹⁰⁴ FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Editora Mulheres, 2008.

¹⁰⁵ “Tam conosco um grande número de americanistas; vestidos uns de rigorosa etiqueta, outros ostentando uniformes de toda classe de corporações sábias, e cobertos todos de cruces, fitas, adornos, medallas de honra, etc. Em meio a algumas damas, lujosamente ataviadas, estava num canto, triste, cabisbaixa e lamentando-se de sua sorte, a desgraçada francesa que havia extraviado sua bagagem, a qual, como Calipso, não podia conformar-se com sua adversa fortuna.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893. Tomo II. p. 105.

¹⁰⁶ O termo utilizado foi tomado de empréstimo do Núcleo de Marcadores Sociais da Diferença (NUMAS), laboratório de estudos vinculado à Faculdade de Antropologia da FFLCH – USP, que estuda a importância de

nos leva a refletir sobre a forma como enxerga o tratamento dos homens recebido por ela, enquanto uma mulher viúva, prestes a completar 60 anos. Tais condições teriam lhe trazido uma pecha de invisibilidade ou representaram um passaporte para sua circulação entre grupos e espaços?

Tomemos o trabalho da historiadora Maria Lídia Possas, que, ao se debruçar sobre a questão da mulher viúva, indaga a definição da viuvez como “um ‘estado’ de estar associado à privação, à solidão, ao desconsolo e enfatizado na representação de ‘estar em desamparo’ ”¹⁰⁷. O desamparo vivido pela viúva estaria atrelado à ausência de um homem, assim, um novo matrimônio auxiliaria no alinhamento desse estado. A autora aponta como as mulheres descasadas foram encaradas como um problema social.

As mulheres descasadas sejam elas as solteiras e viúvas representavam um sério problema para a sociedade, uma espécie de potencial ameaça ao rígido controle das emoções, sendo facilmente levadas à histeria, definida como uma doença provocada pela não satisfação das exigências dos instintos sexuais femininos.¹⁰⁸

A ausência da figura masculina apresenta-se como um convite à desordem, de acordo com Possas, a partir do momento em que as mulheres necessitam deste para conduzirem sua trajetória dentro das normas da sociedade patriarcal. Persiste a ideia de que as mulheres são controladas pelas suas paixões, uma construção imagética animalesca, sendo necessária uma figura masculina para o controle dos seus instintos sexuais. Por outro lado, o “enviuvamento” pode ser encarado como chave para o empoderamento feminino a partir da concepção de “estágio final da cadeia do matrimônio”¹⁰⁹, em um tipo de invisibilidade da mulher, ao mesmo tempo em que é lançada à esfera pública. Em uma espécie de libertação de certos códigos vigentes, algumas mulheres viúvas conquistaram maior espaço de circulação, como foi o caso de outras escritoras-viajantes, como Nísia Floresta e Maipina de La Barra, que compartilham uma série de semelhanças com Acosta de Samper.

Además, viajaron con recursos relativamente limitados y emprendieron sus periplos cuando eran viudas, siendo acompañadas por sus hijas. Ellas sintieron la necesidad de justificar sus viajes usando argumentos que pretendían afirmar sus condiciones “femeninas”, pasivas y autocompasivas (el “llamado de Dios” por Maipina; el

elementos como cor, identidade de gênero, sexo, etnia, idade e classe social que configuram espaços de inclusão ou de exclusão, conformando meios desiguais.

¹⁰⁷ POSSAS, Lídia M. V. *Mulheres e Viuvez: recuperando fragmentos, reconstruindo papéis*. Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST7/Lidia_M_V_Possas_07.pdf. Acesso em 20 de jan. de 2020. p. 1.

¹⁰⁸ *Idem, ibidem*. p. 2.

¹⁰⁹ *Idem, ibidem*. p. 1.

lamento por la muerte de su esposo y su madre, por Nísia). En esta gama de temas comunes la condición de género funciona como elemento que aparentemente limita las actuaciones de las mujeres. Pero a pesar de estas supuestas "barreras", ellas encontraron espacios y discursos útiles a sus estrategias: se publicaron sus obras y viajaron. Además, en ambos casos, las viajeras parecen estar motivadas por un deseo de acceso más amplio a la cultura, lo que puede ser interpretado como un interés de ampliación en sus esferas de actuación, más allá de los roles convencionales asignados al sexo.¹¹⁰

Como viúvas que emprenderam viagens acompanhadas de suas filhas, Maipina de La Barra e Nísia Floresta negociaram suas vozes e espaços dentro do mundo literário ao performatizarem suas “*condiciones femeninas*”, respeitando o seu *status quo*. Porém, de acordo com Franco e Inostroza, elas foram correndo aos poucos as barreiras convencionalmente assinaladas para as mulheres, ampliando-as em um jogo marcado pela retórica. Destarte, Soledad, Maipina e Nísia aproximam-se pelas suas trajetórias como mulheres inserindo-se na esfera pública, adentrando o mundo masculino das letras.

Apoiamo-nos na historiadora francesa Michelle Perrot, que coloca que “como a leitura, a escrita é frequentemente um fruto proibido para as mulheres. [...] Uma certa culpabilidade decorre dessa transgressão de um domínio sagrado. Dessa parte secreta dela mesma, desse pecado que foi gozo, não serão deixados vestígios.”¹¹¹ Desta forma, a autodestruição se constituiu como uma forma de adesão ao silêncio por muitas mulheres. Por outro lado, o prazer conquistado a partir da transgressão teria feito com que elas se arriscassem nas práticas da leitura e da escrita. Ampliamos a conotação de autodestruição trazida por Perrot para deslocá-la do campo material e pensá-la como construção imagética, a partir do momento em que temos a prática recorrente da autodepreciação como metáfora da autodestruição. Acosta de Samper, por mais que não se alinhasse ao sigilo, situa-se em um lugar de fala marcado pelo desconforto ao ocupar um espaço que reivindica como seu, mas assume retoricamente como não lhe pertencendo.

¹¹⁰ “Além disso, viajaram com recursos relativamente limitados e emprenderam suas jornadas quando eram viúvas, sendo acompanhadas por suas filhas. Elas sentiram a necessidade de justificar suas viagens usando argumentos que pretendiam afirmar suas condições "femininas", passivas e auto compassivas (o "chamado de Deus" por Maipina; o lamento pela morte de seu esposo e sua mãe, por Nísia). Nesta gama de temas comuns, a condição de gênero funciona como elemento que aparentemente limita as atuações das mulheres. Mas apesar destas supostas "barreras", elas encontraram espaços e discursos úteis às suas estratégias: publicaram-se as suas obras e viajaram. Além disso, em ambos os casos, as viajantes parecem estar motivadas por um desejo de acesso mais amplo à cultura, o que pode ser interpretado como um interesse de ampliação em suas esferas de atuação, além dos papéis convencionais atribuídos ao sexo.” Tradução livre da autora. FRANCO, Stella Maris Scatena; INOSTROZA ULLOA, Carla. Dos viajeras latinoamericanas en la Europa del siglo XIX. Identidades nacionales y de género en perspectiva comparada: Maipina de la Barra (1834-1904) y Nisia Floresta (1810-1885). Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, Nº. 17, p. 304-324, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/2158/2053>. Acesso em: 21 de jan. de 2020. p. 311.

¹¹¹ PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. A mulher e o espaço público. Revista Brasileira de História 18. ANPUH/Marco Zero, 1989. p. 12.

Diante dessa questão de pertencimento, toca-nos pensar como a história das mulheres sofreu uma resistência por parte dos historiadores sociais, que, por sua vez, começaram a fazer uso das categorias “mulher” e “mulheres” em uma ótica totalizante. Diante do contexto histórico no qual tais discussões estavam inseridas, na efervescência cultural e social dos anos 1960, a história das mulheres acabou por ter pouco reconhecimento no meio historiográfico, que a entende muito mais como uma questão política do que uma demanda acadêmica. Como coloca o historiador Amílcar Torrão Filho,

a história das mulheres passou a ser entendida muitas vezes como um assunto de mulheres, mais especificamente de feministas, ou como uma história que diz respeito aos aspectos privados da casa, da família, da reprodução e do sexo, em oposição ao que realmente importaria à história, que é o domínio público da existência.¹¹²

Isto posto, a história das mulheres acabou por reforçar a própria concepção idealizada de mulher e feminilidade. Ademais, o entendimento de que a análise restringiria-se ao espaço doméstico, que seria inferior dentro da escala de estudos acadêmicos, marcou com dificuldades a construção desse campo analítico.

Por fim, detivemo-nos nesta seção a compreender o jogo retórico instaurado pelas mulheres letradas, tomando o exemplo de Soledad Acosta de Samper, que ao mesmo tempo em que constrói uma narrativa de si, pautada pela sua consagração, recorre ao discurso depreciativo, de modo estratégico. Ela entrega ao leitor a sua consagração ao nos contar sobre os salões aos quais é convidada, assim como Blanca, em suas cartas à sua tia María, narrou a emblemática apresentação de Soledad à rainha Maria Cristina da Áustria. Diante disso, pensar o incidente com Marie Lecocq nos traz a dimensão de como uma escritora, consagrada ao ser uma das poucas convidadas ao nono Congresso Internacional de Americanistas, cai sob o manto da invisibilidade diante do seu código visual inapropriado e da ausência de apoio de uma rede de sociabilidade.

V. “*Si Dios les ha dado cualidades intelectuales*”: quando os poderes se cruzam na inserção em uma rede de sociabilidade masculina

A fim de compreender os círculos sociais como construções carregadas de interesses e negociações políticas, pretendemos nesta terceira seção discutir a inserção em uma rede de

¹¹² TORRÃO FILHO, Amílcar. “Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam”. *Cad. Pagu [on-line]*. 2005, n.24, pp.127-152. p. 131.

sociabilidade masculina por meio de letrados abordados por Soledad, destacando a atuação de vários deles em uma política conservadora católica. Isto nos é relevante já que se trata de elemento comum com Soledad, que em sua profícua produção consolidou um discurso conservador, pautado em uma moral católica. Além disso, é importante o encontro entre os poderes político e masculino, por meio da relevância das cartas de recomendação para a viajante.

Começemos por trabalhar o intercâmbio entre os poderes temporal e espiritual por meio de encontros na casa do primeiro-ministro Cánovas, evento já relatado neste trabalho, mas não a partir da conexão com esses intelectuais latino-americanos. A escritora narra de modo sucinto o jantar, compartilhando com o leitor os encontros com os escritores espanhóis Juan Varela¹¹³ e Marcelino Menéndez Pelayo¹¹⁴, grandes amigos entre si, e o poeta uruguaio Juan Zorrilla de San Martín¹¹⁵. Sua filha, Blanca, se dedica a descrever o encontro a partir da figura de Juan Varela, cuja mãe é relatada como constantemente presente ao longo da noite, tendo feito longas críticas a Emilia Pardo Bazán. Com opiniões próximas em relação a Bazán, considerando-a transgressora ao propor uma equidade de gênero no mundo do trabalho, Marcelino Menéndez Pelayo foi descrito como “*moreno, bajito de cuerpo y amable, muy sencillo en su trato y parece tímido*”¹¹⁶. As experiências de viagem e a devoção ao catolicismo romano são importantes elementos de interlocução entre eles.

Ao Soledad nos relatar o seu contato com esses escritores, percebemos um interesse em priorizar essas conversas em seus registros, pois são algumas das poucas citadas em relação àquela noite. Ao mostrar ao seu leitor quem são seus interlocutores, a escritora assinala o seu papel social, reforçando o seu compromisso com um posicionamento político conservador, fortemente católico. Afinal, Varela, Pelayo e San Martín são figuras políticas influentes à época

¹¹³ Liberal moderado e diplomata, aposentou-se por motivos de saúde, praticamente cego, sob a autorização do Real Decreto de 6 de março de 1896. Seu trabalho como diplomata o levou a ser embaixador espanhol no Rio de Janeiro (1851), Washington (1883), Frankfurt (1865), Lisboa (1850), Viena (1893), Dresden (1854), Nápoles (1847), Bruxelas (1886) e São Petersburgo (1856). C. BRAVO-VILLASANTE, *Vida de Juan Valera. Novelas y cuentos. Madri, 1974. EMESA. p. 81-82.*

¹¹⁴ Membro da Real Academia Española (1880) e da Real Academia de História (1883), associou-se a Unión Católica de Alejandro Pidal em 1882, abandonando o liberalismo que defendia. Marcelino Menéndez y Pelayo, de la Unión Católica». *La Unión*: 2. 15 de octubre de 1882.

¹¹⁵ Identificado nos anais da nona edição do Congreso Internacional de Americanistas como “ministro plenipotenciário”, como parte do grupo uruguaio. Na condição de diplomata, atuou na Espanha, já como ativista católico, promoveu a criação da Unión Cívica del Uruguay. Prólogo a *Tabaré* por Raúl Montero Bustamante. Disponível em:

http://www.autoresdeluruguay.uy/biblioteca/raul_montero_bustamante/archivo/textos/Prologo_Tabare.pdf

¹¹⁶ “[...] moreno, corpo pequeno e amável, muito simples em seu tratamento e parece tímido”. Tradução livre da autora. Blanca Leonor Samper Acosta, Cópia de algunas Cartas de Blanca Samper escritas durante un viaje a España 1892, manuscrito en la Biblioteca Nacional de Colombia, FSAS 059. pp. 34 e 35.

e que defendiam a mesma moralidade que ela. Concomitantemente, ela fere a boa moral e os bons costumes ao circular por espaços sociais masculinos, ocupando funções atribuídas a eles. Acaba por personificar o próprio desvio da norma que defende. Isto posto, ela pode ser tomada como exemplo de negociações imbricadas nas relações de gênero no mundo das letras.

A questão religiosa é um elemento relevante para compreender a trajetória de Acosta de Samper diante do seu alinhamento com as políticas do catolicismo integral na Colômbia¹¹⁷, que teria reverberado nas ações tomadas pelo seu marido, José María Samper, que, além de escritor, atuou como diplomata. Além disso, o discurso da escritora é carregado de religiosidade e de expressões direcionadas à sua interlocução divina. Ao referir-se à sua própria prática como escritora, Acosta de Samper coloca que

Una vez que la carrera de escritora esté abierta y pueden las mujeres abrazarla sin inconveniente, todas las que se sientan llamadas a ello deberían fijarse en una cosa: en el bien que pueden hacer con su pluma. Si Dios les ha dado cualidades intelectuales, aprovéchese de ello para empujar á su modo el carro de la civilización.¹¹⁸

¹¹⁷ Refere-se ao movimento católico que se fortaleceu com a ascensão da Constituição de Ríonegro, outrora citada, de forte influência do partido conservador. Segundo o artigo 38 da Constituição, “*La Religión Católica, Apostólica, Romana, es de la Nación; los poderes públicos la protegerán y harán que sea respetada como elemento del orden social*”. Em 1863, ano da Constituição de Ríonegro, Soledad e seu marido, José María Samper, regressaram à Colômbia. Em fevereiro desse ano, a Confederação Granadina foi sucedida pelos Estados Unidos da Colômbia, conformando uma república federada que integrava Colômbia e Panamá, tendo se estendido até 1885. Considerada radical, a Constituição de Ríonegro excluiu a igreja católica da vida oficial do país, pontuou a liberdade de imprensa, estabeleceu um mandato presidencial de dois anos e a criação de nove estados independentes, marcada pela dependência em relação à Guardia Colombiana. Com a tomada de poder pelo Partido Conservador, sob a liderança de Rafael Nuñez, em meio a uma guerra civil, há o estabelecimento de uma nova Constituição em 1886. A partir desse movimento, restabelece-se a autoridade do governo central e coloca-se o catolicismo como eixo fundamental do novo governo, no artigo 38. A nova Constituição coloca Deus como “fonte suprema de toda a autoridade”. Ao definir o papel da Igreja Católica na sociedade colombiana, a educação passa ao controle da instituição, reforçando a afirmação da moral cristã. José María Samper abandonou uma postura política considerada como liberalismo radical para fortalecer uma identificação com o catolicismo integral, flertando com as ideias da Regeneração. Alguns especialistas atribuem essa guinada de valores à influência de Soledad, porém, não nos interessa pensar a relação a partir dessa perspectiva. DEAS, Malcom. Venezuela, Colômbia e Equador: c. 1880 - 1930. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: de 1870 a 1930*. Volume V. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. p. 287-289. LARGO VARGAS, Joan Manuel. Soledad Acosta de Samper y su viaje a España en 1892. Una Mujer letrada en la Colombia del siglo XIX. Memorias. Volumen XVIII., n. 4, 2017-2019. XVIII Congreso Colombiano de Historia: Medellín. Ver LOAIZA, Gilberto. Poder letrado. Ensayos sobre historia intelectual de Colombia, Siglos XIX y XX. Cali: Universidad del Valle, 2014. p. 187.

¹¹⁸ “Uma vez que a carreira de escritora esteja aberta e as mulheres possam abraçá-la sem inconveniente, todas as que se sintam chamadas a isso deveriam fixar-se em uma coisa: no bem que podem fazer com sua caneta. Se Deus lhes deu qualidades intelectuais, Aproveitem dele [o dom] para empurrar seu modo a carruagem da civilização.” Tradução livre da autora. Ademais, transparece a compreensão de mundo de uma civilização temente a Deus, sendo que ausência deste seria um dos elementos marcantes da degeneração. Sua fé marcadamente católica ganha destaque em seu livro de viagem intitulado *Peregrinaciones en Francia*, produzido entre 1861 e 1874, digitalizado pela Biblioteca Nacional da Colômbia. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *La mujer en la sociedad moderna*. Garnier Hermanos: Paris, 1895. p. 387.

Em sua retórica, há uma justificativa clara para que as mulheres devessem realizar uma prática que era proibida a elas. A autora colombiana coloca a habilidade da escrita, dessa forma, como uma dádiva que deve ser respeitada e utilizada como uma estratégia civilizatória. Para pensarmos as razões desse processo, é possível aventar alguns elementos, tais como: a importância sócio-cultural da Igreja Católica na Espanha e na América Latina, em geral; o papel da mulher em uma sociedade marcada pela figura de autoridade masculina, em que as funções sociais delimitadas destoam do proposto por Samper, de certa forma; as estratégias e espaços de negociação utilizados em discursos como o da autora, que pregam a ampliação dos papéis ocupados pelas mulheres burguesas. Diante da trajetória de Acosta de Samper, a historiadora Mary Louise Pratt coloca que “*Acosta sees women’s social mission, and their social power, as based in the sphere of morality, in the promotion of constructive values and conducts*”¹¹⁹. Isto posto, há a perspectiva de que o poder social da escritora reside na sua defesa de um código de conduta pautado na moralidade. Complementamos que essa perspectiva está alicerçada sobre uma religiosidade católica, atrelada a um discurso de nacionalidade.

Tomamos o excerto abaixo do diário de viagem de Soledad para compreendermos sua reflexão sobre a própria inserção dos latino-americanos nas festividades do quarto Centenário de Conquista da América. A escritora colombiana coloca que

A pesar del fondo innegable de bondad con que fuimos tratados los americanos invitados por la Madre Patria, para asistir á las fiestas del Centenario del Descubrimiento de América; á pesar de la extraordinaria hospitalidad con que es recibido el extranjero en Madrid, y del evidente deseo de servir y de obsequiar al hijo que en un tiempo se rebeló contra la autoridad de España, no se le ha perdonado, no obstante, con completa sinceridad, y muchas veces inconscientemente se traslucía el amargo resentimiento que mora todavía en el corazón del vencido en las lides de la libertad.

Aún cuando visitamos á España en una época que se puede decir que estaba en coqueteos con los descendientes de sus antiguos colonos, y deseaba sinceramente tenerlos contentos, en las conversaciones familiares, en los discursos improvisados, de repente una palabra, una exclamación nos demostraba que aún los más entusiastas americanistas, no habían olvidado las quejas que tenían contra la emancipación de sus antiguas hijas. Entre tanto éstas aceptan como suyos propios los gloriosos recuerdos de la historia de España, se enorgullecen con las hazañas llevadas á cabo por hombres de su propia raza, desde las Navas de Tolosa hasta Bailén; pero no así los peninsulares con respeto á los héroes americanos, como Bolívar, San Martín, O’Higgins, etc.

De éstos, los españoles no quieren oír hablar, o si algo dicen es marcado con sentimiento de odio. Creo que esto depende en gran parte, de la ignorancia en que están acerca de la historia moderna de la América española, y de todo lo concerniente a la revolución que tuvo como consecuencia la emancipación de las colonias de ultramar. Los llamados americanistas, sólo quieren ocuparse de la historia

¹¹⁹ PRATT, Mary Louise. Soledad Acosta de Samper. Rereading the Spanish American Essay: Translations of 19th and 20th Century Women’s Essays. Austin: UT Press, 1995. p. 69.

precolombina, muy poco de la época de la conquista y colonización, y se niegan absolutamente a oír referir algo de lo sucedido en la época de la independencia¹²⁰.

Essa narrativa nos aponta a perspectiva de Acosta de Samper com uma postura crítica ao contexto em que estava vivenciando aquelas festividades, que, por sua vez, não anulariam as tensões entre as nações postas em contato, pois se tratavam de espécies de “feridas históricas”, suprimidas no discurso oficial. O amargo ressentimento dos anfitriões demonstrado muitas vezes de forma inconscientemente se sobrepunha à bondade e à hospitalidade dos espanhóis. Se os latino-americanos se sentiam indispostos em sua visita ao outrora colonizador, a autora destaca um incômodo dos próprios americanistas, estudiosos das populações do continente, que teriam deixado escapar incômodos relacionados à independência das recentes repúblicas latino-americanas. Eles enalteceram os heróis espanhóis e teriam silenciado as jornadas de personalidades como Bolívar, O’Higgins e San Martín, que, para Soledad, deveriam ser alçados ao mesmo patamar. Esse é um ponto interessante para refletirmos sobre as considerações que a autora constrói, considerando os heróis latino-americanos no mesmo escalão que os da Espanha, eliminando a hierarquização entre as nações e silenciando a categorização de barbárie para o Novo Mundo. De certo modo, em sua narrativa, Espanha e América Latina caminham lado a lado nesse ponto. O que os diferenciaria seria a incapacidade dos americanistas de compreenderem o seu objeto de estudo com tamanho grau de desenvolvimento.¹²¹

¹²⁰ “Apesar do fundo inegável de bondade com que fomos tratados os americanos convidados pela Mãe Pátria, para assistir às festas do Centenário do Descobrimento da América, apesar da extraordinária hospitalidade com que é recebido o estrangeiro em Madri, e do evidente desejo de servir e de presentear o filho que num tempo se rebelou contra a autoridade de Espanha, não lhe foi perdoado, no entanto, com completa sinceridade, e muitas vezes inconscientemente se transparecia o amargo ressentimento que mora ainda no coração do vencido nas batalhas da liberdade.

Ainda quando visitamos a Espanha em uma época que se pode dizer que estava flertando com os descendentes de seus antigos colonos, e desejava sinceramente tê-los felizes, nas conversas familiares, nos discursos improvisados, de repente uma palavra, uma exclamação nos mostrava que mesmo os mais entusiastas americanistas, não haviam esquecido as queixas que tinham contra a emancipação de suas antigas filhas. Entretanto estas aceitam como suas próprias as gloriosas lembranças da história da Espanha, se orgulham das façanhas realizadas por homens de sua própria raça, desde as Navas de Tolosa até Bailén; mas não assim os peninsulares com respeito os heróis americanos, Como Bolívar, San Martín, O’Higgins, etc.

Destes, os espanhóis não querem ouvir falar, ou se algo dizem é marcado com sentimento de ódio. Penso que isso depende em grande parte, da ignorância em que estão acerca da história moderna da América espanhola, e de tudo o concernente à revolução que teve como consequência a emancipação das colônias ultramarinas. Os chamados americanistas, só querem ocupar-se da história pré-colombiana, muito pouco da época da conquista e colonização, e se negam absolutamente a ouvir referir algo do ocorrido na época da independência.”

ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893. Tomo II. p. 225-226.

¹²¹ O debate sobre construção da identidade latino-americana e como esta se reflete no trabalho de Soledad Acosta de Samper encontra-se esmiuçado no capítulo 2 desta dissertação.

Acosta de Samper aprofunda a questão ao expor a sua compreensão de que tamanha bondade espanhola era uma forma de travestir certas necessidades estratégicas, que caíram por terra diante do ponto nevrálgico das relações, o processo de emancipação das colônias. Para ela, os americanistas eximiram-se de pensar a história da América após a chegada de Colombo, como uma forma de recuo diante das tensões imbricadas aos demais processos históricos, como a conquista e a colonização, bem como o fato de ignorarem a história moderna da América seriam fruto de um olhar marcado pelo exotismo.

Durante a sua participação no nono Congresso Internacional de Americanistas foi lido o seu ensaio *Los aborígenes que poblaban los territorios que hoy forman la República de Colombia en la época del descubrimiento de América*, escrito em agosto, em Paris, no qual a autora posiciona-se em meio à discussão a respeito da chegada dos espanhóis à América, intitulado-a de “invasão dos europeus”. A expressão utilizada indicou seu pensamento de forma assertiva, discordando da perspectiva de que se tratava de um descobrimento ou de uma conquista a ser comemorada. Isto posto, essa é uma divergência em relação ao próprio evento ao qual foi convidada a participar com essa memória.

Nesses termos, a autora critica o tratamento que a história recebeu por parte dos espanhóis

borrada en gran parte la historia de aquellas naciones por la mano ruda é ignorante de los descubridores y pobladores del Mundo de Colón, nos vemos hoy en la necesidad de buscar, rebuscar, indagar y muchas veces á medias la historia, las costumbres y él carácter de aquellas naciones extinguidas y olvidadas en su mayor parte¹²².

Ela aponta para uma lacuna, uma dificuldade em estudar o que se passou diante da forma como foram encaradas as populações encontradas. A história teria sido apagada, segundo Soledad, pela inabilidade dos colonizadores, que optaram por rechaçar o que encontraram. A autora complementa a discussão, colocando que nos últimos anos, houve uma ânsia entre literatos e a população como um todo em entenderem o processo de colonização da América Espanhola, algo que ela classifica como o desejo de saber quem era o americano antes da conquista europeia. Por sua vez, ela coloca que havia uma polaridade entre os indígenas, sendo

¹²² “[...] apagada em grande parte a história daquelas nações pela mão rude e ignorante dos descobridores e povoadores do mundo de Colombo, nos vemos hoje na necessidade de buscar, rebuscar, indagar e muitas vezes em meio à História, os costumes e o caráter daquelas nações extintas e esquecidas em sua maior parte”. Tradução livre da autora. Congreso Internacional de Americanistas (9º. 1892. Palos de la Frontera, Huelva). TI - IX Congreso Internacional de Americanistas : reunión del año de 1892, en el convento de Santa María de la Rábida. CY - Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2017. PY - 2017 UR - <http://www.cervantesvirtual.com/obra/ix-congreso-internacional-de-americanistas--reunion-del-ano-de-1892-en-el-convento-de-santa-maria-de-la-rabida. p. 374>.

que “pueblos vieron los españoles cuyo carácter era noble y dulcísimo, y otros tan barbaros, tan crueles, tan viciosos, tan cobardes, que espanta lo que de ellos dijeron los conquistadores”¹²³. De acordo com essa interpretação, haveria grupos indígenas classificados dentro da categoria da barbárie por um comportamento violento e agressivo aos espanhóis. Isso abre margem para a perspectiva de que os conquistadores tiveram de tomar suas atitudes por conta desses indivíduos em situação de barbárie.

O debate é construído a partir da premissa dos indígenas como “*descendientes degenerados de razas más civilizadas*”¹²⁴, referenciando autores como Joaquín Acosta¹²⁵, Juan de Castellanos¹²⁶, Ernesto Restrepo Tirado¹²⁷, Manuel Uribe Ángel¹²⁸, Vicente Restrepo¹²⁹, entre outros. A autora complementou com uma questão estabelecida em termos de civilização e barbárie:

Si entre los salvajes vemos la imagen de los primeros pobladores del mundo, también deberíamos ver en ellos la imagen de lo que serán las hoy cultas y civilizadas razas cuando por medio de la corrupción, los vicios, el materialismo y la negación de Dios y el alma humana, hayan vuelto a sumirse en la barbarie.¹³⁰

¹²³ “[os] povos vieram dos espanhóis cujo o caráter era nobre e dulcíssimo, e outros assim Bárbaros, assim cruéis, tão viciados, assim covardes, que espanta o que deles disseram os conquistadores.” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*.

¹²⁴ “[...] descendentes degenerados de raças mais civilizadas”. Tradução livre da autora. “Los aborígenes que poblaban los territorios que hoy forman la República de Colombia en la época del descubrimiento de América”, en Acosta de Samper, *Memorias*, p. 12.

¹²⁵ Historiador, general tido como um dos heróis da independência da Colômbia e pai de Soledad Acosta de Samper, destacou-se pela obra *Compendio histórico del descubrimiento y colonización de la Nueva Granada en el siglo decimosexto*. PINEDA BUITRAGO, Sebastián. *Breve historia de la narrativa colombiana: Siglos XVI-XX*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2012.

¹²⁶ Cronista, soldado, clérigo e poeta espanhol, Castellanos chegou a Puerto Rico na infância. Entre seus escritos sobre a sua experiência no Novo Mundo, destaca-se “*Discurso del capitán Francisco Draque*”, que foi vetado no século XVI por suas críticas à campanha espanhola e publicado em 1921. Gran Enciclopedia de Colombia del Círculo de Lectores, tomo de biografías [Ver tomo 4, Literatura, “Juan de Castellanos: cronista en verso”, pp. 21-26. Disponível em: https://enciclopedia.banrepcultural.org/index.php/Juan_de_Castellanos. Acesso em 10 de jan. de 2020.

¹²⁷ Escritor, historiador e etnólogo, Restrepo destacou-se pela obra *Estudio sobre los aborígenes de Colombia* (1892). Filho de Vicente Restrepo, foi um dos participantes do IX Congresso Internacional de Americanistas. Disponível em: <http://www.museonacional.gov.co/imagenes/publicaciones/analisis-historico-del-narcotrafico-en-colombia.pdf>. Acesso em 10 de jan. de 2020.

¹²⁸ Médico, geógrafo e político colombiano, foi chamado de “pai da medicina de Antioquia” por conta dos avanços científicos proporcionados. Destacou-se pela obra *Compendio de geografía general del estado de Antioquia* e pela sua atuação como senador colombiano em 1882. Disponível em: <http://www.historiadeantioquia.info/personajes/biografia-manuel-uribe-angel.html>. Acesso em 10 de jan. de 2020.

¹²⁹ Historiador e prosista colombiano, destacou-se pela obra *Estudio sobre los aborígenes de Colombia*. Em 1860, introduziu a fotografia em Antioquia. Disponível em: <http://www.viztaz.com.co/litera/autores/r/restrema.html>. Acesso em 10 de jan. de 2020.

¹³⁰ “Se entre os selvagens vemos a imagem dos primeiros povoadores do mundo, também deveríamos ver neles a imagem do que serão as hoje cultas e civilizadas raças quando por meio da corrupção, os vícios, o materialismo e a negação de Deus e a alma humana, tenham voltado a mergulhar na barbárie.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Memorias presentadas en congresos internacionales que se reunieron en*

Ela aponta não só para rugas na construção de identidade de espanhóis e colombianos, marcadas pelas tensões diante da antiga relação Metrópole e Colônia, mas também para a própria compreensão das populações indígenas como “*salvajes*”, corrompidos pela barbárie. Transparece a compreensão de mundo de uma civilização temente a Deus, sua ausência é um dos elementos marcantes da degeneração. Estrutura-se um discurso contraditório e sobre ele levantamos duas hipóteses. A primeira é de que apesar de entender a Espanha, por vezes, como parte das ditas “*cultas y civilizadas razas*”, a enxerga como elemento fundamental para a degeneração dos povos ameríndios. A segunda hipótese é de que há uma percepção de necessidade de se valorizar os indígenas como “*primeros pobladores el mundo*”, ao mesmo tempo em que eles são taxados como a própria personificação da barbárie.

Nota-se um esforço de Soledad em se situar enquanto indivíduo no campo da civilização, assumindo para si que ocupa o lugar que lhe é devido, em uma espécie de justificativa ao seu leitor de que não compactua com os desvios da norma. Mais do que isso, ela poderia ser considerada como a própria interlocutora da moral católica, em um jogo de ideias que tranquilizasse o seu interlocutor em um mundo corrompido pela “*corrupción, los vicios, el materialismo y la negación de Dios*”.

O discurso trazido por Acosta de Samper, entremeado por questões de religiosidade e nacionalidade, traz a questão racial sob a égide da continuidade do processo civilizatório católico, à medida em que reflete sobre a atuação do homem branco em relação à natureza e aos índios americanos. Vale a ressalva do que a escritora compreende como nação, utilizando-se do próprio discurso espanhol contra a Espanha. De certa forma, há uma inversão do grau de civilização entre a América e a Espanha, ao referir-se à relação da pátria-mãe, ainda que decadente, à qual retomaremos no próximo capítulo.

Ademais, nota-se uma preocupação sobre como a plateia do nono Congresso de Americanistas entenderá as suas proposições. Acosta de Samper pontua que seu propósito é expor um “*cuadro concreto*” dos grupos indígenas que povoavam a região da Colômbia no momento de conquista dos espanhóis. Sobre o que ela entenderia por “*cuadro concreto*”, o que conseguimos mensurar é a ideia de uma intenção de produção científica por trás de suas pesquisas. Há um esforço em oferecer ao leitor uma narrativa legitimada sob o signo da verdade.

España durante las fiestas del IV centenario del descubrimiento de América, en 1892. Chartres: Imprenta de Durand, 1893. p. 36.

Diante dessa questão, tomemos a sua conexão com o peruano Ricardo Palma, importante interlocutor do seu trabalho, por dedicar-se à reflexão do momento da conquista da América e a atuação dos colonizadores. Por mais que entre as conexões masculinas citadas, Palma não se configure em uma rede de sociabilidade católica, devido às suas críticas clericais, ele é parte desse conjunto maior, formado por homens intelectuais e literatos que recebem destaque da autora. Partimos do encontro com o literato, delegado do Peru no nono Congresso Internacional de Americanistas, que cita Soledad Acosta de Samper como a única mulher que assumiu a função de delegada entre as presentes no evento¹³¹. O seu apontamento nos permite levantar algumas hipóteses, porém, pelos seus escritos não é possível compreender *a priori* se ele compreende o fato como algo positivo ou não. Dentre as possibilidades aventadas, temos que o destaque do trabalho de Acosta de Samper seria pungente a ponto de ela ser elencada entre as mulheres para se inserir em um espaço destinado aos homens. Outra ideia é a de que o fato de a escritora ocupar esse espaço fosse entendido por Palma como algo fora do esperado.

Amigos desde a época em que Soledad viveu em Lima junto ao marido, José María Samper, a escritora narra que “*al mismo tiempo que nosotras, llegaba con dos de sus hijos, el literato peruano D. Ricardo Palma, con quien renovamos la amistad que yo ya había tenido con él hace muchos años, en Lima.*”¹³² Essa figura é um elo importante na rede de sociabilidade que se configura entre os intelectuais, da qual Soledad fez parte. Ambos trabalharam juntos no periódico *El Comercio*, no Peru, do qual José María Samper foi diretor.

“*La historia de América está por escribirse. Hasta hoy no tenemos más que la tradición, aunque la tradición es la historia de los pueblos*”¹³³, nas palavras de Ricardo Palma, nos aponta para um caminho interessante sobre a construção da identidade latino-americana. Aflora uma perspectiva, na argumentação de Palma, de um “vir a ser”, uma América a ser construir, uma página em branco da história a ser preenchida. Porém, ele apontou que houve uma tradição no continente, emergida dos povos, o que por um lado poderia representar um

¹³¹ PALMA, Ricardo. Recuerdos de España. Notas de viaje. Esbozos, neologismos y americanismos, Buenos Aires: Imprenta, Litografía y Encuadernación de J. Peuser, 1987, p. 23. *apud* ALONSO RUIZ, Begoña; GOMES MARTÍNEZ, Javier; POLO SÁNCHEZ, Julio Juan; SAZATORNIL RUIZ, Luiz; VILLASEÑOR SEBASTIÁN, Fernando. La formación artística: creadores-historiadores-espectadores. XXI Congreso Nacional de Historia del Arte (CEHA). 2018. <https://doi.org/10.22429/Euc2018.062>. p. 1185.

¹³² “[...] ao mesmo tempo que nós, chegava com dois de seus filhos, o literato peruano D. Ricardo Palma, com quem renovamos a amizade que eu já tinha com ele há muitos anos, em Lima.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España*. Tomo II. p. 92.

¹³³ “A história da América está por escrever-se. Até hoje não temos mais do que a tradição, embora a tradição é a história dos povos.” Tradução livre da autora. Congreso Internacional de Americanistas (9º. 1892. Palos de la Frontera, Huelva). TI - IX Congreso Internacional de Americanistas : reunión del año de 1892, en el convento de Santa María de la Rábida. CY - Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2017. PY - 2017 UR - <http://www.cervantesvirtual.com/obra/ix-congreso-internacional-de-americanistas--reunion-del-ano-de-1892-en-el-convento-de-santa-maria-de-la-rabida>. p. 113.

afastamento em relação à influência europeia. Entretanto, acaba por trazer uma concepção de que tradição é algo apartado da história, e esta, como algo a se desenvolver no futuro, não estaria sob o jugo do passado. Palma desenvolveu a sua perspectiva no Congresso Internacional de Americanistas ao traçar uma relação entre América Hispânica e Espanha.

!Gloria, pues, á España, que, madre afectuosa, ha convocado aquí, en tan humilde, como augusto recinto, á las que fueron sus hijas y que hoy constituyen las jóvenes Repúblicas de América, y gloria también á ellas, que han acudido solícitas al cariñoso llamamiento de la caballerisca España, identificándose con ella en la glorificación del inmortal marino, que, como Dios, sacara un mundo del misterio!¹³⁴

Nesse trecho do discurso de abertura, Palma alçou a relação entre a Espanha e as repúblicas americanas a algo familiar, em que a primeira seria a grande mãe, que teria permitido a existência das demais. Em suas palavras, após os tumultuados processos de independência, não há menção às relações tensionadas entre antiga Metrópole e Colônias. Ocultar e/ou não mencionar o desgaste dessas relações não é passível de ser justificado apenas pelo fato de o encontro ter sido realizado em terras espanholas. Há uma força simbólica consistente no fato de o nono Congresso Internacional de Americanistas ter se realizado no Convento de Santa María de La Rábida, um importante espaço de atuação do próprio navegador Cristóvão Colombo. Por outro lado, a figura de Palma deve ser compreendida de modo mais amplo, pois sua trajetória foi marcada pelo discurso nacionalista, consolidado na obra *Tradiciones Peruanas*, em que tecia críticas sociais ao passado colonial. Compreendido como uma figura contraditória, que “*se intitulaba ‘liberal’ y hacía campañas anticlericales, pero lisonjeaba a las clases conservadoras, y simpatizaba aún con los carlistas de España; se condolía de los pobres y de los humildes, pero pelechaba con los poderosos y se enorgullecía de los honores que le conferían a cambio de sus zalemas literarias*”¹³⁵. As próprias declarações realizadas no Congresso demonstram que o seu posicionamento em relação à conquista da América é construído à base de uma relação paradoxal. Afinal, ao mesmo tempo em que estabelece uma crítica aos colonizadores espanhóis ao se referir a uma ideia de ausência de história na América,

¹³⁴ “Glória, pois, à Espanha, que, mãe afetuosa, convocou aqui, em tão humilde, como augusto recinto, às que foram suas filhas e que hoje constituem as jovens Repúblicas da América, e glória também elas, que acolheram solícitas ao amoroso apelo da cavalheiresca Espanha, identificando-se com ela na glorificação do imortal marinheiro, que, como Deus, tirasse um mundo do mistério!”. Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*, pp. 39 e 40.

¹³⁵ “intitulava-se liberal e fazia campanhas anticlericais, mas lisonjeava as classes conservadoras, e simpatizava ainda com os carlistas da Espanha; lamentava-se dos pobres e dos humildes, mas lutava com os poderosos e se orgulhava das honras que lhe conferiam em troca de seus dilemas literários”. Tradução livre da autora. UMPHREY, George W. GARCÍA-PRADA, Carlos. *Introducción a Ricardo Palma. Flor de tradiciones*, Editorial Cultura, México, 1943 p. XXVI.

Palma aproxima-se do discurso colonizador, valorizando a figura de Colombo como desbravador. Tal perspectiva não deve ser encarada como um erro. Há uma gama de intelectuais, às voltas nesse momento, corroborando com o discurso colonial, mas paralelamente criticando-o.

Para completarmos a perspectiva da importância da figura masculina nas redes de sociabilidade, diante do destaque dado por Soledad aos homens com que se relacionou, debruçamo-nos sobre o recurso das cartas de recomendação, valioso e corriqueiro, segundo Acosta de Samper. Ao seguir caminho para Granada, a sua conexão com Antonio Cánovas del Castillo e o acadêmico Antonio Sanchez Moguel, demonstrada em cartas de recomendação, lhe garantem a proteção do prefeito da cidade, Manuel Tejeiro y Meléndez. A companhia lhe garante uma visita especial a Alhambra, guiada por Rafael Contreras, arquiteto responsável pelo restauro do complexo de palácios que marcam o domínio dos árabes no sul da península Ibérica¹³⁶. Algo que nos aponta para a influência política da autora.

Em cada nova cidade visitada, Acosta de Samper levou uma carta de recomendação, algumas escritas por outros indivíduos, o que nos atenta para a recorrência da prática. Houve circunstâncias em que a carta emergiu nas palavras de Soledad conforme a materialização de privilégios, como a visita à Alhambra, na companhia do prefeito da cidade visitada. Já em outras, aparece como uma espécie de passaporte, que permitiu a sua circulação naquele espaço citadino, além de como uma possibilidade de proteção por homens especificamente designados, que acompanharam a ela e a filha pelos passeios turísticos. Ela chega a esconder uma das cartas de recomendação na passagem pela região da Andaluzia, por considerar que entregá-la ao destinatário acabaria lhe deixando presa ao anfitrião de uma das cidades que visitara, que dedicaria certo tempo a lhe mostrar os atrativos turísticos. Então, decidiu seguir caminho junto a sua filha, lançando mão da contratação de um guia local, que acabou por desagradá-la.

Essa passagem nos levanta a questão se o fato de ser recepcionada nas cidades diante da apresentação das cartas de recomendação poderia representar a ela algum incômodo, fosse pela escolha dos lugares visitados ou pelos cuidados recebidos. Não conseguimos definir isso pelo que a autora nos apresenta, mas podemos refletir se esta não seria uma forma de comunicar ao leitor que, do alto de seus sessenta anos, Soledad é uma viajante experiente, que poderia se locomover pelas cidades espanholas, prescindindo dessa acolhida. Alguns fatos corroboram para a nossa hipótese, como, por exemplo, não ser a primeira vez que a escritora visitava o país,

¹³⁶ Acosta de Samper, Soledad. *Viaje a España. De Córdoba a Granada*. Tomo II.

a facilidade de comunicação por conta da língua materna e a compreensão de que existiriam procedimentos comuns na busca por passeios turísticos.

Apontar-nos a existência de tantas cartas de recomendação, redigidas por distintas personalidades políticas e letradas, é uma forma de comunicar a extensão da sua valiosa rede de contatos. Ademais, configura-se como uma estratégia para situá-la em uma rede de sociabilidade a ser valorizada. Não queremos desvalorizar a necessidade de ser portadora de uma carta de recomendação ou não entender essa prática como algo recorrente à época. O que está em jogo aqui são os nomes envolvidos nessas cartas, influentes política e socialmente.

Outra questão que nos chama a atenção nas cartas de recomendação é o fato de que tanto quem escreve a carta como aquele que recebe eram indivíduos do sexo masculino. Isso reforçou a perspectiva de que Soledad inseriu-se em uma rede de sociabilidade formada por homens, ocupando um espaço que não deveria, segundo a moralidade vigente. Afinal, a escritora insere-se como uma intrusa em uma rede de sociabilidade masculina ou ela se coloca no lugar que corresponde como um espaço de proteção masculina, utilizando-se desses documentos e alianças? Compreendemos, a partir da análise de *Viaje a España*, que Acosta de Samper não transgride o que é esperado da atuação de uma mulher intelectualizada, que usufrui de convites para eventos oficiais espanhóis. Apesar de aceitar a moralidade vigente, a autora negocia o seu espaço de fala e atuação, não provocando grandes rupturas.

Não tomemos aqui a perspectiva de que em seu contexto histórico-social, Acosta de Samper tão somente poderia acessar redes de sociabilidade intelectuais masculinas, pois intelectuais contemporâneas a ela experienciaram jornadas distintas, como foi o caso de Flora Tristán, que cria uma rede de sociabilidade feminina no *Tour de France*, convertendo as mulheres ao feminismo, nas casas dos operários, nas quais ficou hospedada.¹³⁷

Ao refletirmos sobre o entrelaçamento da intelectualidade com a vida política, temos como apoio a reflexão trazida por Jean-François Sirinelli sobre as dificuldades desses caminhos se estabelecerem em paralelo, pois

uma certa dose de maniqueísmo é inevitável quando os intelectuais se engajam na luta política, em essência partidária e dualista. E mesmo as considerações de Julien Benda sobre o intelectual que trai sua função quando se envolve nas contendas políticas, em vez de reservar seu poder fogo intelectual para os grandes debates e para a defesa de certos valores, só fazem transferir essa inevitável dualidade das camadas

¹³⁷ TORRÃO FILHO, Amilcar Torrão. As peregrinações de uma pária de Flora Tristán e a construção de uma feminista. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 26(1): e43809, janeiro-abril/2018.

inferiores do humilde político no quotidiano para a estratosfera da luta pelas grandes causas escritas com letra maiúscula.¹³⁸

Ao se referir a uma certa dose de maniqueísmo, Sirinelli assume a polarização de ideias no engajamento dos intelectuais na luta política. O filósofo francês Julien Benda, citado por Sirinelli, se destaca pela obra *A traição dos Intelectuais*, em que critica a figura do intelectual que adere às paixões políticas, assinalando que representaria uma traição da sua função social. Para ele, o intelectual deveria se comprometer com o que ele considerou os valores superiores da verdade, razão ou justiça. Essas seriam as grandes causas às quais Sirinelli se refere. Isto posto, a figura do intelectual pairaria sobre as tensões cotidianas, configurando-se de modo etéreo. O excerto nos amplia a visão para pensarmos a complexidade das relações que se entrecruzam, invadindo campos de atuação e que são permitidas a partir do momento que o intelectual envolto em seu próprio contexto histórico e redes de sociabilidade, abre-se ao diálogo e/ou à disputa com as forças políticas em voga, em uma disputa complexa entre identidades e pertencimentos.

A disputa de identidades e perspectivas em seus escritos nos chama a atenção para o estabelecimento de um campo de negociação. Como coloca Azuvia,

“En otras palabras, el gran reto y al mismo tiempo las grandes posibilidades que ofrecen el estudio de la obra de Soledad Acosta de Samper consiste en no querer borrar las contradicciones que existen e su discurso sino en tratar de comprenderlas en el marco de sus condiciones históricas y de la producción discursiva de sus contemporáneos. Si se tiene en cuenta lo anterior es posible observar que algunas de estas contradicciones son en realidad estrategias discursivas que la autora emplea para formar parte del centro de acción en el que se esperaría que el público lector actúe a partir de la lectura (y no sea un receptor pasivo), mientras que otras son simplemente tensiones que surgen de la coexistencia de modelos distintos, tanto de lo femenino como de lo nacional.”¹³⁹

Tais estratégias discursivas, como Licón Villalpando coloca, e as contradições do discurso de Acosta de Samper servem como elementos disparadores para a reflexão do público

¹³⁸ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 249.

¹³⁹ “Em outras palavras, o grande desafio e ao mesmo tempo as grandes possibilidades que oferecem o estudo da obra de Soledad Acosta de Samper consiste em não querer apagar as contradições que existem em seu discurso, mas em tentar compreendê-las no marco de suas condições históricas e da produção discursiva dos seus contemporâneos. Tendo em conta o que precede, é possível observar que algumas destas contradições são na realidade estratégias discursivas que a autora emprega para fazer parte do centro de ação no qual se esperaria que o público leitor atue a partir da leitura (e não seja um receptor passivo), enquanto outras são simplesmente tensões que surgem da coexistência de modelos diferentes, tanto do feminino como do nacional.” Tradução livre da autora. LICÓN VILLALPANDO, Azuvia. Solaz y dulces lecciones: La mujer y el proyecto de construcción nacional de Soledad Acosta de Samper. Tesis de grado (Maestría). Bogotá: UniAndes, 2012. pp. 63-64.

leitor, bem como aponta para as tensões das próprias dimensões da autora como mulher e como colombiana.

Em conclusão, diante dos temas aventados nessas três seções, afirmamos a relevância da construção de redes de sociabilidade que se comunicam e intercambiam, de modo a constituir pontes de saberes e pessoas. O ponto-chave da nossa reflexão foi a inserção de Soledad Acosta de Samper em redes de sociabilidade europeias e latino-americanas, conformadas em sua grande maioria por homens, para pensá-la como uma figura no mundo público, tendo em vista suas especificidades como mulher colombiana, de elite, viúva, às vésperas dos sessenta anos de idade, viajando em companhia da filha Blanca pela Espanha. Tratamos de pensar também a sua interlocução com outras mulheres durante a viagem, participando dos três congressos, estabelecendo aproximações e diferenciações, delineadas para além das características citadas, como reflexo de uma postura política conservadora católica latente. Compreender a sua forma de enxergar o mundo a partir da construção de uma identidade latino-americana é uma questão crucial a ser discutida no próximo capítulo.

Capítulo 2 - “Somos hijas legítimas de la Península Ibérica”: quando as identidades são concebidas

Ao nos debruçarmos sobre os relatos de viagem da escritora colombiana Soledad Acosta de Samper, compilados em *Viaje a España*, publicados em 1893 e 1894, devemos levar em consideração que o gênero literário já havia sido utilizado pela autora em outros contextos. Por conta de suas constantes viagens, ora devido às mudanças de seus pais, ora para acompanhar a carreira do marido, o literato e diplomata José María Samper, e também por lazer, a autora produziu interessantes publicações. Dentre esses registros, destacamos relatos como *Peregrinaciones en Francia (1861-1874)* e *Recuerdos de Suiza (1862)*, posteriormente publicados em sua revista quinzenal *La Mujer (1879-1881)*. Isto posto, em seus escritos, a colombiana construiu uma narrativa a partir do que percebeu sobre essas experiências de viagem.

Levantamos algumas questões nesta dissertação, tendo como eixo a obra em que a escritora, durante a sua jornada de dois meses e meio pela Espanha, conta ao seu leitor sobre os bastidores da sua participação em congressos que integraram as comemorações do quarto centenário da Conquista da América, bem como as suas atividades de lazer em cidades como Santiago de Compostela, Granada e Sevilha.

Afinal, qual a percepção de Acosta de Samper sobre a nação espanhola a partir de sua experiência como mulher viajante? Qual a sua opinião sobre a sociedade espanhola? Ela estabelece comparações com a sua terra natal? Buscamos responder a esses questionamentos neste capítulo. Sendo assim, tomamos por hipótese o entendimento de que Soledad Acosta de Samper defende uma postura hispano-americanista, afastando-se, em certos termos, do eurocentrismo em voga. Para tanto, a autora se valeu do discurso de civilização e barbárie como metáfora para o atraso e o progresso, porém invertendo-o. Se, em geral, ele foi usado para valorizar os países europeus e diminuir os latino-americanos, aqui ela deslocou a Espanha do posto de uma nação europeia civilizada, reforçando sua adesão ao hispanismo.

Porém, estabelecemos a ressalva de que por mais que a autora colombiana criticasse o eurocentrismo, muitas das suas falas operam pela própria lógica que criticou. Isto posto, Acosta de Samper exerceu uma inversão parcial dessa dicotomia, pois seu discurso foi pautado em uma série de ambiguidades, como demonstraremos.

A fim de sustentar a nossa hipótese, começamos este capítulo situando a Espanha no contexto europeu e a forma com que os viajantes construíram um imaginário sobre esse território e sua cultura. Seguimos, então, elencando passagens que nos auxiliam a compreender a defesa de uma identidade hispano-americana por parte de Soledad, em que notamos a sobreposição da defesa de duas frentes: o hispano-americanismo e o nacionalismo colombiano. Assim, devemos atentar para a construção do termo América Latina como uma identidade subcontinental, que surge nos escritos do chileno Francisco Bilbao, em 1850, em sua obra *El peligro norteamericano*. Na terceira seção deste capítulo, damos continuidade à discussão, traçando diálogos com os seus contemporâneos, que também estiveram engajados em discursos de identidade, buscando entender as razões pelas quais ela defendeu o hispano-americanismo. Tomamos aqui como ponto de partida a nossa hipótese de que o contexto de formação de identidade hispano-americana, no qual muitos intelectuais e literatos estavam envolvidos, a ponto de posteriormente serem categorizados como “Geração de 98”, foi elemento importante para a consolidação do hispano-americanismo para Acosta de Samper. Por fim, refletimos sobre as ressalvas trazidas por Soledad em seu discurso hispano-americanista, apontando ao leitor quais aspectos a fazia admirar a Espanha e, paralelamente, quais a decepcionam tanto na Colômbia quanto na América, bem como a razão pela qual expôs essas ressalvas.

I. A Espanha romântica de Soledad e de outros viajantes

A escritora colombiana demonstra uma necessidade de se afirmar enquanto viajante, em um contexto no qual as viagens começam a se popularizar, por questões de prazer e lazer. Se esse turismo de massa lhe incomoda, os viajantes precursores que encabeçavam os chamados “*Grand Tours*”, a partir do século XVIII, lhe interessam mais. Sónia Serrano, em seu livro “Mulheres Viajantes”, levanta uma diferenciação interessante que dialoga com esse incômodo de Acosta de Samper, “cada explorador, viajante e turista realiza efetivamente uma viagem, mas enquanto o explorador buscava o desconhecido, o viajante procura o que já foi descoberto pela história e o turista aquilo que foi descoberto pela indústria e especialmente preparado pela publicidade”¹⁴⁰. Sendo assim, a ideia de ser uma viajante legítima é cara para

¹⁴⁰ SERRANO, Sónia. *Mulheres Viajantes*. Lisboa: Tinta da China Edições, 2014. p. 24.

Soledad como uma força para legitimar o seu interesse e suas buscas pelo mundo, justificando-os com embasamento científico.

Como coloca Valéria Salgueiro, em seu artigo “*Grand Tour*: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura”, os primeiros fluxos de viagens do século XVIII por puro prazer, precursores dos movimentos de turismo cultural e de lazer que vemos hoje, eram organizados sob a égide da categoria do *Grand Tour*. Esse movimento veio como um grande divisor de águas, pois trouxe uma conotação de viagens em busca de deleite e emoção, aprimoramento pessoal e apreciação estética. O Tratado de Paz de Utrecht, em 1715, contribuiu para esse processo. Por conseguinte, há um objetivo a ser perseguido no *Grand Tour*, “ampliar o conhecimento sobre a história a arte dos antigos, um hábito aristocrático altamente em moda, pressupunha a elaboração de um diário de viagem, e, se possível, a ilustração dos monumentos observados”¹⁴¹. Em meio à construção de registros pessoais, a busca pela publicização de suas aventuras torna-se uma incumbência. A viagem se constrói, dessa forma, como uma busca por inspiração e uma espécie de aprendizado moral, invertendo a lógica do ócio como algo negativo e tornando-o uma virtude, ao passo que lhe atribui uma funcionalidade.¹⁴²

O prazer encontra-se ligado a novos horizontes físicos e culturais. Em paralelo, elas

começaram a acontecer em escala crescente exatamente quando o centro irradiador do desenvolvimento capitalista - a Europa - acelerou seu curso de desenvolvimento baseado na indústria e na racionalização do trabalho, ao qual estivera, sempre ligados os conceitos de tempo livre e de ócio, em oposição ao tempo do trabalho¹⁴³.

Dessa maneira, as viagens de prazer, aristocráticas por natureza, acabam ligadas ao que buscam se opor: o mundo do trabalho. O *grand tourist* é um novo tipo de viajante que surge no século XVIII, em meio às transformações do Iluminismo e da Revolução Industrial na Europa Ocidental. Ele tem como diferencial dispor de tempo e recursos financeiros para viajar por puro prazer e amor à cultura. É com essa categoria que Soledad se identifica, ela quer ser considerada uma grande viajante, não apenas uma passante de turismo de massa.

¹⁴¹ SALGUEIRO, Valéria. “Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura”. Revista Brasileira de História. Volume 22, n. 44. São Paulo, 2002. p. 10.

¹⁴² CARRERA, Elena. Escritura femenina y literatura de viajes: Viajeras inglesas en la España del XIX, lugares comunes y visiones particulares. Diez estudios sobre literatura de viajes. Anejos de Revista de Literatura. n. 69. Madrid: Instituto de Lengua Española, 2006.

¹⁴³ SALGUEIRO, Valéria. *op. cit.* p. 2.

É importante pensar que a nossa viajante lança o seu olhar sobre o passado, sobre esses viajantes com os quais teve contato por meio dos seus escritos, mas que percorreram a Europa do século XVIII, enquanto ela vivenciava outra Europa, a do final do século XIX. Esse grupo de viajantes, por sua vez, volta-se ao passado e a sua apreciação estética é tamanha sob as ruínas como sinais visíveis de outrora, que o entusiasmo chega a produzir intencionalmente essas ruínas em fachadas de prédios e jardins, como coloca Valéria Salgado. O ato de viajar adquire um caráter educativo, à medida em que o próprio planejamento permite o início da experiência de viagem. De acordo com Elena Carrera,

“la experiencia del viaje no se inicia en otro país sino en el propio, con los estereotipos, prejuicios y lugares comunes que ayudan a planearlo y podríamos decir que especialmente en el caso de estas mujeres victorianas el hacer referència a clichés y lugares comunes sobre España derivados de lecturas les permitía demostrar conocimientos y participar en la tradición cultural escrita, a lo que no era fácil acceder.”¹⁴⁴

Nesse sentido, as pesquisas para o planejamento de viagem não só permitiam o início desta no sentido de refletir sobre as práticas culturais de outro país, como também a construção de um repertório para as mulheres viajantes, que necessitavam da experiência vivida para desenvolverem autoridade sobre a sua própria fala, diferentemente da jornada masculina, que trazia mais as opiniões do próprio “*hombre de letras*” a partir de alguns estudos.

O início do século XIX foi permeado na literatura de viagem por uma visão da Espanha povoada por um imaginário romântico, que a aproximava de releituras da Idade Média espanhola, das desventuras de Dom Quixote e de uma busca pela cigana Esmeralda da obra Corcunda de Notre Dame, a partir das experiências dos ciganos ao sul do país. Tal imaginário é mais acentuado pelos viajantes na região da Andaluzia, que sofre uma orientalização por parte de escritos que refletem uma leitura imperialista, na qual as perspectivas do fantástico e do exótico são reforçadas.

“España ejerció un poderoso atractivo para la imaginación romántica. A pesar de hallarse sumido en un profundo atraso económico y cultural, este territorio ofrecía a los viajeros post-ilustrados lo exótico de un pasado oriental, medieval e imperial. Un

¹⁴⁴ “a experiência da viagem não se inicia noutro país, mas no próprio país, com os estereótipos, preconceitos e locais comuns que ajudam a planejá-lo e poderíamos dizer que especialmente no caso destas mulheres vitorianas, ao fazer referència a clichês e lugares comuns sobre a Espanha, derivados de leituras lhes permitiam demonstrar conhecimentos e participar na tradição cultural escrita, que não era fácil de acessar.” Tradução livre da autora. CARRERA, Elena. Escritura femenina y literatura de viajes: Viajeras inglesas en la España del XIX, lugares comunes y visiones particulares. Diez estudios sobre literatura de viajes. Anejos de Revista de Literatura. n. 69. Madrid: Instituto de Lengua Española, 2006. p. 122

viaje a España no sólo significaba adentrarse en un recorrido geográfico sino también, desde el punto de vista figurativo, desplazarse a través de los diferentes períodos culturales e históricos del país, tales como la dominación árabe y la reconquista cristiana, el Siglo de Oro y las recientes guerras peninsulares, épocas e incidentes todos ellos de gran fascinación tanto para los norteamericanos como para los europeos.”¹⁴⁵

Isto posto, entendia-se que a Espanha resistiria à modernidade, permanecendo como espaço de vestígios do passado em meio ao continente europeu. O que seria um elemento atrativo para os viajantes. Por outro lado, está em jogo a ideia de que essa Espanha arcaica não soube aproveitar o seu passado colonial, tornando-se alheia ao seu “esplendor cultural”, como coloca o argentino Domingos Sarmiento: “*Destino extraño que parece haber regido en todos los tiempos a la España, que no consiste en andar a remolque de las otras naciones, sino a destiempo, dando las doce cuando todos los relojes marcan las cinco y viceversa.*”¹⁴⁶ Essa perspectiva de uma “*historia a destiempo*”, na qual o tempo caminha no sentido inverso, reforça a noção de uma Espanha como um espaço de atraso em oposição ao progresso, em diálogo com a dicotomia civilização e barbárie, conceitos estes trazidos pelo próprio Sarmiento em sua obra *Facundo*, que aqui trazemos de modo metafórico.

Os próprios viajantes construíram uma imagem da Espanha como um universo poético, literário e imagético. De acordo com Richard Ford, “*those who aspire to the romantic, the poetical, the sentimental, the antiquarian, the classical, in short, to any of the sublime and beautiful lines, will find both in the past and present state of Spain subject enough.*”¹⁴⁷ Tal

¹⁴⁵ “A Espanha exerceu um poderoso apelo à imaginação romântica. Apesar de estar mergulhado num profundo atraso econômico e cultural, este território oferecia aos viajantes pós-ilustrados o exótico de um passado oriental, medieval e imperial. Uma viagem à Espanha significava não só entrar num percurso geográfico, mas também, do ponto de vista figurativo, deslocar-se através dos diferentes períodos culturais e históricos do país, tais como a dominação árabe e a reconquista cristã, O Século de Ouro e as recentes guerras peninsulares, épocas e incidentes todos eles de grande fascínio tanto para os norte-americanos como para os europeus.” Tradução livre da autora. CIFRA-ADROHER, Pere. *Between History and Romance. Travel Writing on Spain in the Early Nineteenth-Century United States*. In: FERRÚS ANTÓN, Beatriz. *Mujer y literatura de viajes en el siglo XIX: entre España y las Américas*. Valencia: Biblioteca Javier Coy d’estudis nord-americans, Universitat de Valencia, 2011. p. 83.

¹⁴⁶ “Destino extraño que parece ter sido governado em todos os tempos a Espanha, que não consiste em andar a reboque das outras nações, mas fora de tempo, dando as doze quando todos os relógios marcam as cinco e vice-versa.” Tradução livre da autora. SARMIENTO, Domingos. “Viajes por Francia y Argelia”, Domingo Faustino Sarmiento, *Viajes por Europa, África y América*, Madrid, Archivos, 1993. *apud* FERRÚS ANTÓN, Beatriz. *Mujer y literatura de viajes en el siglo XIX: entre España y las Américas*. Valencia: Biblioteca Javier Coy d’estudis nord-americans, Universitat de Valencia, 2011. p. 85.

¹⁴⁷ “[...] aqueles que aspiram ao romântico, ao poético, ao sentimental, ao antiquário, ao clássico, enfim, a qualquer um dos versos sublimes e belos, encontrarão tanto no estado passado como no presente da Espanha assunto suficiente.” Tradução livre da autora. FORD, Richard. *A Hand-Book for Travellers in Spain, and Readers at Home*. *apud* ORTAS DURAND, Esther. *La España de los viajeros (1755-1846): imágenes reales, literaturizadas, soñadas...* Los libros de viaje: realidad vivida y género literario. Madrid: Alcalá Ediciones, Universidad Internacional de Andalucía, 2009. p. 58

subjetivação da Espanha nos permite lançar olhar para uma imagem feminina do país, que, para Ford, trata-se de um terreno exótico, orientalista e feminino. Essa perspectiva se constrói a partir do país como uma incógnita, uma terra virgem a ser apropriada e explorada.

É necessário observar que a recorrência imagética sobre a Espanha aponta a influência de relatos de viagens anteriores, que corroboram para uma viagem sacralizada, fugindo do espectro de análise individual. Como coloca Esther Durand, “*Los viajeros románticos se desplazaron a España para viajar a la vez en el espacio y en el tiempo, para engolfarse en un territorio que les invitaba a pasear por Oriente sin abandonar Europa y que, a la vez, les permitía aspirar el ambiente de la Edad Media cristiana.*”¹⁴⁸ Diante disso, em uma jornada de viagem ficcionalizada e carregada de estereótipos, Alhambra emerge como a própria metáfora do imbricamento entre o Romantismo e o Orientalismo, articulando percepções entre belo e o sublime.

A historiadora Edméia Aparecida Ribeiro analisou como a construção imagética da Espanha consta também na coleção “*Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*”, produzida nos anos 1870, com edição de Don Miguel Guijarro. Publicada em quatro volumes, sua narrativa trata-se da Espanha do ponto de vista cultural, fortalecendo o discurso nacional. De acordo com Ribeiro, a coleção *Las mujeres españolas*

“Percebem-se destacadas, nos artigos que referenciam a Espanha, mulheres representadas pelos atributos físicos – beleza, formosura, graça –, morais – maternidade, educação, altruísmo – e vinculadas ao progresso, honra da família e da pátria. Nas gravuras espanholas, foram litografadas imagens de mulheres comuns, revelando ambientes, lugares, funções, atividades e a singularidade dos trajes femininos.”¹⁴⁹

Tal construção imagética destoa do discurso reverberado por distintos viajantes, que construíram a imagem da mulher espanhola como desvinculada da imagem do progresso e da

¹⁴⁸ “Os viajantes românticos se deslocaram à Espanha para viajar ao mesmo tempo no espaço e no tempo, para engolfar-se em um território que os convidava a passear pelo Oriente sem abandonar a Europa e que, ao mesmo tempo, lhes permitia aspirar o ambiente da Idade Média cristã.” Tradução livre da autora. ORTAS DURAND, Esther. *La España de los viajeros (1755-1846): imágenes reales, literaturizadas, soñadas...* Los libros de viaje: realidad vivida y género literario. Madrid: Alcal Ediciones, Universidad Internacional de Andalucía, 2009. p. 78

¹⁴⁹ RIBEIRO, Edméia Aparecida. *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* em sua historicidade. Patrimônio e Memória (UNESP), v. 5, p. 89-106, 2009. p. 83.

honra familiar, narrando-a como imersa em um ambiente exótico e, por vezes, imoral, ao associarem a figura feminina às ciganas, que eram alvo de críticas culturais.

Em meio ao retalho de sonhos e personagens que povoam a Espanha, Soledad Acosta de Samper não destoa dessa visão romântica do país, por mais que os seus escritos sejam de fins do século XIX. Suas descrições ao pisar no sul do país, se deparar com Alhambra em uma visita privada com o restaurador do complexo de palácios, ter contato com populações ciganas, são repletas das construções sociais trazidas por viajantes anteriores a ela, às quais nos deteremos a seguir com maior cuidado.

Afinal, a literatura de viagens é recheada de reprodução de códigos de conduta e moral que extrapolam a jornada individual. Em seus comentários e descrições, o viajante traz uma visão específica sobre o lugar visitado impregnada por imagens prévias. Joaquín Barriendos levanta uma tese importante para pensarmos a circulação de saberes e apreciação estética nesse mundo marcado por viagens e viajantes: a colonialidade do ver ou o olhar colonizado, evidenciando como a lógica etnocêntrica constitui os regimes de visualidade. Em diálogo com Aníbal Quijano, o autor coloca que

expandingo y extrapolando las argumentaciones del teórico peruano [...], relativas a la necesidad de reconocer la heterogeneidad del concepto de totalidad, y a la urgencia de descolonizar los universalismos que gravitan en torno a la racionalidad moderna occidental, este texto advierte la necesidad de construir un nuevo acuerdo visual transmoderno, al cual se le podría definir como un *diálogo visual interepistémico* entre aquellos regímenes visuales canonizados por la modernidad eurocentrada y aquellas culturas visuales otras que han sido racializadas y jerarquizadas por el proyecto de la modernidad/colonialidad¹⁵⁰.

Desenvolvendo a questão do chamado *diálogo visual interepistémico*, Barriendos coloca como esses regimes visuais racializados participam da invenção do chamado Novo Mundo, produzindo uma série de “imagens-arquivo” a partir do encontro de dois mundos. Sendo assim, a colonialidade do ver estaria caminhando lado a lado com a matriz da colonialidade, hierarquizando e inferiorizando sujeitos por meio de um regime visual. Para o

¹⁵⁰ “Expandindo e extrapolando as argumentações do teórico peruano [...], relativas à necessidade de reconhecer a heterogeneidade do conceito de totalidade, e à urgência de descolonizar os universalismos que gravitam em torno da racionalidade moderna ocidental, este texto adverte para a necessidade de construir um novo acordo visual transmoderno, ao qual se poderia definir como um diálogo visual interepistémico entre aqueles regimes visuais canonizados pela modernidade eurocentrada e aquelas culturas visuais outras que foram racializadas e hierarquizadas pelo projeto da modernidade/colonialidade”. Tradução livre da autora. BARRIENDOS, Joaquín. La colonialidad del ver. Hacia un nuevo diálogo visual interepistémico. *Nómadas* 35. Colombia: Universidad Central, octubre de 2011. p. 14.

autor, à colonialidade do ver soma-se à do poder, do ser e saber em prol da construção da modernidade. Opera-se, portanto, em uma matriz histórica de poder, que mobiliza o racismo epistemológico e a atualidade da colonialidade do ver.

Ao nos depararmos com a perspectiva da Espanha como lugar de atraso pelos viajantes, vale uma reflexão sobre as formas de viajar possibilitadas pelo contexto. Acosta de Samper nos conta em *Viaje a España* que faz uso do trem e das diligências para se locomover. Temos os registros de outros viajantes, que se referem às formas de locomoção no país, reforçando a ideia de uma Espanha atrasada. Richard Ford, por sua vez, prefere andar a cavalo, o que aponta não ser adequado para damas e cavalheiros delicados. Porém, aos demais, Ford aconselha a prática como uma espécie de exercício de escola moral. Sendo assim, os meios de transporte utilizados no país tornam-se fonte de anedotas e aventuras, ao que a viajante Louisa Tenison colocou que “*los españoles suspiran por el ferrocarril y otras señales de la civilización del siglo XIX y dejan que desaparezcan de su tierra las huellas del pasado*”.¹⁵¹ Os incômodos com a ausência de traços de modernidade no país não param por aí. A viajante Sophia Dunbar criticou a falta de instalações de água corrente em um hotel de Barcelona no qual estava hospedada com sua família. Outra viajante, Frances Minto Elliot, por sua vez, critica a falta de saneamento básico na cidade de Málaga.¹⁵²

II. A Espanha como o Outro: a construção de um identidade hispano-americana

Para compreender a narrativa construída por Soledad Acosta de Samper em sua obra *Viaje a España en 1892*, é preciso situar a autora contextualmente como uma literata colombiana que é convidada pela Espanha para as comemorações do quarto centenário de conquista da América. Vale lembrar a sua condição de mulher viúva, letrada, burguesa, branca, que aos 59 anos empreendeu essa viagem na companhia de sua filha, Blanca Leonor.

A fim de fundamentar a nossa hipótese de que a escritora critica o discurso eurocentrista, por meio do engajamento em duas frentes de identidade – o hispano-

¹⁵¹ “[...] os espanhóis suspiram pela ferrovia e outros sinais da civilização do século XIX e deixam que desapareçam de sua terra as pegadas do passado” Tradução livre da autora. CARRERA, Elena. Escritura femenina y literatura de viajes: Viajeras inglesas en la España del XIX, lugares comunes y visiones particulares. Diez estudios sobre literatura de viajes. Anejos de Revista de Literatura. n. 69. Madrid: Instituto de Lengua Española, 2006. p. 118.

¹⁵² *Idem, ibidem*. p. 117-120.

americanismo e o nacionalismo colombiano –, valemo-nos da análise de três discussões presentes em seu diário de viagem: a metáfora da Espanha como uma mulher velha para discutir a concepção de modernidade, a prática da mendicância, da corrupção e a sujeira das cidades visitadas como marcas da “barbárie” espanhola e a mimetização do ser francês como um meio de alcançar o *status* de civilização.

Começamos por analisar a sua chegada à Espanha, quando Acosta de Samper contou uma situação marcada por constrangimento e corrupção. A escritora narrou a sua chegada à Espanha movida por percalços na fronteira com a França. Diante do temor de contágio pela epidemia de cólera que se desenvolvia em território francês, Soledad descreveu uma série de procedimentos aos quais foi submetida na aduana espanhola. Dentre eles, exames médicos realizados pela comissão de saúde e higiene aos viajantes e uma inspeção em suas bagagens. A fim de evitar que os vestidos usados tanto por ela quanto por Blanca ficassem sob o regime de quarentena, a autora resolveu o assunto, “*merced à ciertas monedas que deslizamos entre los dedos de un empleado más fígón de lo necesario*¹⁵³”. Porém, ela se viu envolta em questionamentos dos funcionários, que, ao observarem as roupas limpas e objetos, começaram a ameaçar a cobrança de entrada como mercadorias novas. Enfim, segundo Soledad, “*ablandado su celo patriótico por idénticos medios de corrupción, al fin nos permitieron hacer sacar los baúles de aquel fatídico lugar*¹⁵⁴”. Seu comentário irônico nos revela uma amostra da rotina do viajante dentro desse contexto. Ela transparece o seu incômodo diante das práticas da aduana espanhola, argumentando que sob a fachada de um “*celo patriótico*”, os fiscais insistiram em seus procedimentos até que elas cedessem à extorsão e acabassem por pagá-los para que as deixassem passar. Isso já nos aponta a forma como ela teceu a sua argumentação de uma Espanha decadente.

Em sua visita à cidade de Bilbao, Soledad descreve os transeuntes burgueses em um domingo da seguinte maneira: “*todos son trabajadores é industriosos y carecen de aquel carácter inerte y perojo que impede en otras partes que las poblaciones adelanten y sigan por las veredas que les señala la actual civilización*”. Colocando-os na esteira da dita civilização, a autora complementa, “*hoy el que se detiene en la vía del progreso retrógrada y con dificultad España, que anda siempre despacio, podrá alcanzar á las otras naciones que le han tomado*

¹⁵³ “[...] misericórdia de certas moedas que deslizamos entre os dedos de um empregado mais fissura do que o necessário” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España*. Tomo I. p. 5.

¹⁵⁴ “[...] amaciaram seu zelo patriótico por idénticos meios de corrupção, finalmente nos permitiram tirar os baús daquele lugar fatídico”. Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 6.

la delantera”. Isto posto, a Espanha surge nessa reflexão como uma nação marcada pela lentidão de progresso, retomando a interpretação discutida outrora acerca deste Estado fora da concepção totalizante de nação europeia civilizada. Por mais que a nação seja composta de trabalhadores e industriais produtivos, segundo a autora, a Espanha “*se detiene en la vía del progreso retrógrada y con dificultad*”. Assim, a escritora aventava a hipótese de que a Espanha alcançaria as demais nações em seu desenvolvimento, por mais que realizasse progressos lentamente. De acordo com Soledad, essa possibilidade a permitiria alcançar o *status* de civilização das nações vizinhas.¹⁵⁵

Na esteira do discurso da modernidade, chamaram a atenção da autora os acontecimentos históricos vivenciados na cidade de Burgos, “*grandes y notabilísimos*”, durante a Idade Média e o Renascimento. A fim de afirmar a sua perspectiva de uma Espanha atrasada, Soledad faz referência à Idade Média como o auge dessa nação, que sobreviveria de suas glórias passadas. Assim, o adjetivo medieval é colocado como uma marca desse atraso espanhol. A autora destacou que, “*entre otros, nos interesó saber que se guardan en los archivos de esta ciudad las relaciones de las fiestas que se hicieron á Cristóbal Colón á su regreso del primer viaje á América, cuando llegó allí con una multitud de indios que llevaba de la Española*”.¹⁵⁶ Acosta de Samper, *a priori*, não nos deu mais informações acerca da sua perspectiva sobre a figura de Colombo. Ademais, a escritora referiu-se à conquista, como já discutimos no capítulo anterior, como um processo de “invasão” dos europeus. Por outro lado, certos trechos do seu relato trazem uma valorização do navegador e um tratamento oposto destinado aos indígenas.

A escritora colombiana recorreu com frequência a comparações entre a Idade Média e o Renascimento, estabelecendo uma oposição hierarquizada na qual o movimento renascentista é valorizado como progresso. A Espanha é enxergada aqui dentro de uma lógica medieval:

Y por cierto que el del fin del siglo XIX no sale tan bien parado como el vulgo lo piensa! Esta época es la de la medianía; la pasada fue de la perfección de unos pocos. Parece como si en el mundo no pudiese haber sino cierta cantidad de gènio: antiguamente éste se encarnaba en unos pocos cerebros que producían maravillas;

¹⁵⁵ "Todos são trabalhadores industriais e carecem daquele caráter inerte e preguiçoso que impede em outras partes que as populações avancem e sigam pelas veredas que lhes indica a atual civilização", "hoje quem se detém na via do progresso retrógrado e com dificuldade a Espanha, que anda sempre devagar, poderá alcançar as outras nações que lhe tomaram a dianteira". Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España*. Tomo I. p. 31.

¹⁵⁶ “[...] entre outros, nos interessou saber que se guardam nos arquivos desta cidade as relações das festas que se fizeram a Cristóvão Colombo a seu retorno da primeira viagem à América, quando chegou ali com uma multidão de índios que levava da ‘Espanhola’ ” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 71.

hoy las facilidades que existen para la instrucción de todos ha dado por resultado un desenvolvimiento general de todos los espíritus, y el gênio yá no es privilegio de corto número de cerebros sino de la mayoría de los hombres, los cuales no alcanzan á recibir sino una cantidad deluída de facultades intelectuales.¹⁵⁷

Para Soledad, o medieval é entendido como uma época marcada pela mediocridade, na qual poucos se destacaram pela genialidade, diante de um ambiente hostil. Por sua vez, o século XIX foi caracterizado como um tempo fértil para o desenvolvimento dos espíritos, devido à facilidade do acesso à instrução. Apesar disso, poucos homens desenvolveram suas faculdades intelectuais, tornando “*esta época es de la mediania*”. Porém, o que tornaria a época medíocre e hostil? Não só a ausência de cérebros dotados de genialidade, mas a ausência de inovações tecnológicas que permitiram o progresso. O século XIX, de acordo com a autora, “*no sale tan bien parado como el vulgo lo piensa*”, por uma ausência de dedicação desses cérebros em se desenvolverem enquanto sociedade. A ênfase em tratar do período medieval ao pisar na Espanha é uma forma de recuperar os escritos de outros viajantes que pensaram o país a partir do imaginário de Dom Quixote de Miguel de Cervantes.

Acosta de Samper dá continuidade à sua análise da Espanha por meio de uma metáfora, na qual expõe o problema que encontra naquele território, a partir da ideia da nação personificada na figura de uma mulher velha, vestindo roupas rotas. Vejamos:

Lo nuevo, lo moderno, cuadra á España como un vestido de baile de la ópera sobre el cuerpo momificado de una vieja Abadesa de un convento. Si vemos á ésta con su toca, su velo y su vestido largo, nos inclinaremos con respeto; pero si se nos presentase envuelta en gasas y á medio vestir, apartaríamos la vista con repugnancia.¹⁵⁸

Ao construir a imagem de uma Espanha envelhecida, trajando roupas de luxo para esconder o seu corpo mumificado, Soledad lança a compreensão de uma nação perdida em seu

¹⁵⁷ “E o final do século XIX não sai tão bem como o público pensa! Esta época é a da mediocridade; a última foi da perfeição, de uns poucos. Parece como se no mundo não pudesse caber senão certa quantidade de gênio: antigamente este se encarnava em uns poucos cérebros que produziã maravilhas; hoje as facilidades que existem para a instrução de todos tem dado por resultado um desenvolvimiento geral de todos os espíritos, e o gênio já não é privilégio de pequeno número de cérebros mas da maioria dos homens, os quais não alcançam receberá senão uma quantidade diluída de facultades intelectuais.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España*. Tomo II. p. 222.

¹⁵⁸ “O novo, o moderno, se encaixa na Espanha como um vestido de dança de ópera sobre o corpo mumificado de uma velha abadessa, de um convento. Se virmos esta com a sua touca, o seu véu e a sua roupa comprida, inclinamo-nos com respeito; mas, se ela se apresentar envolta em gazes e metade vestida, desviamos os olhos com repugnância. Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. Tomo 1. p. 197.

passado, símbolo do atraso, estabilizando-se por meio de aparências, “*un vestido de baile de la ópera sobre el cuerpo momificado de una vieja Abadesa*”. Pois, como ela coloca, na ausência de suas vestimentas, a velha abadessa causaria repugnância. O apego ao passado heróico e à falta de uma política nacional que olhe o futuro, valendo-se do discurso do progresso tão em voga no século XIX, é apontado como elemento problemático pela escritora. Sendo assim, o novo e o moderno não se encaixavam na sociedade espanhola, apegada à sua história. Por outro lado, para Soledad, a modernidade não caberia em território espanhol, sendo essa a incapacidade que fortalecia o imaginário do país.

Diante dessa questão, em sua passagem por Santiago de Compostela, a autora decide direcionar-se ao leitor mostrando uma escolha de narradora consciente, que já planejava publicar o relato de viagem. Sua reflexão traz à baila novamente a diferenciação entre um Eu e um Outro, identidades que se constituem concomitantemente, em que a Espanha é tida como o Outro e a Colômbia como o Eu.

Así, pues los repetimos, en estos recuerdos de España el lector hallará pocas veces relatos de lo moderno que se ha injertado en ese país, casi á su pesar; no encontrará sino cuadros de todo lo más viejo que he encontrado en el hogar de mis antepasados de que ello que llevaron á América y dejaron allí al tiempo de retirarse. ¡Cosa curiosa! Apesar de ser de la misma raza, pues la parte indígena de las Repúblicas sud-americanas no tiene influencia [...] mientras que nosotros, al menos en Colombia, estamos mucho más adelantados, y hemos imitado más bien la civilización francesa é inglesa, que hemos guardado las tradiciones de nuestros mayores.¹⁵⁹

Acosta de Samper trouxe ao leitor a perspectiva de que a Espanha não ocupa o espaço da modernidade. Classifica a situação como “curiosa” por não encontrar traços culturais de desenvolvimento após a conquista da América. A autora reforçou a ideia da nação espanhola como o oposto do moderno, o lugar de conexão com suas origens e seus antepassados. Isto posto, estabeleceu uma comparação com a Colômbia, sua terra natal, por meio da qual esta empreenderia uma busca por “imitar” o progresso a fim de alcançá-lo. Afinal, a ideia de estarem mais adiantados do que a Espanha seria porque “*hemos imitado más bien la civilización*

¹⁵⁹ “Assim, pois as repetimos, nestas lembranças da Espanha o leitor encontrará poucas vezes relatos do moderno que foi enxertado nesse país, quase a seu pesar; não encontrará se não quadros de tudo o mais velho que eu encontrei no repouso de meus antepassados, aqueles que carregaram América e deixaram lá ao tempo de se aposentar. Coisa curiosa! Apesar de ser da mesma raça, pois a parte indígena das Repúblicas sul-americanas não tem influência [...] enquanto nós, pelo menos na Colômbia, estamos muito mais adiantados, e imitamos a civilização francesa e inglesa, que mantemos as tradições dos mais velhos.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España*. Tomo I. p. 198.

francesa é inglesa”. Essa referência à França e à Inglaterra marca a sua compreensão desses dois países como modelos de processo civilizatório e culturais, marcados pelo progresso da sua nação. Portanto, notamos como Soledad inverteu parcialmente a dicotomia civilização versus barbárie em uma narrativa na qual a autora opera dentro dos códigos citados, reforçando uma visão que valoriza a Europa Ocidental como civilizada. Há o receio da influência na secularização democrática empreendidas na França e na Inglaterra sobre as repúblicas hispano-americanas, que a escritora entende como uma contaminação moral pelo consumo excessivo de modelos culturais e mercadorias europeias.

Acosta de Samper valoriza a Colômbia como um Estado-nação rumo ao progresso, em processo de civilizar-se por imitar, de certo modo, as práticas das ditas civilizações inglesa e francesa, ainda que mantendo certas tradições espanholas. O uso do verbo “imitar” conota a percepção de que a civilização não é algo inerente à Colômbia, mas que está imersa em um processo para conquistar tal condição. Ao longo do seu diário de viagem, notamos uma constante valorização da Inglaterra e da França como modelos sociais e culturais, materializações do progresso.

Para aprofundarmos a compreensão de Soledad sobre a Espanha como lugar de atraso, tomamos os exemplos da mendicância e da sujeira relatadas em sua visita à cidade de Santiago de Compostela. A autora descreveu um incômodo com os costumes locais e problemas sociais na cidade, que, segundo ela, chocaram os viajantes.

Pero hay en Santiago costumbres que chocan al extranjero y que afean los hermosos monumentos artísticos que allí se encuentran, y es la espesa capa de polvo que todo lo cubre, la basura e inmundicia que impide paso, el hábito arraigado de no barrer jamás, y la multitud de mendigos, que son más numerosos aún que en las Castillas. Estos asaltan al viajero á cada paso, le interrumpen, le importunan, le asedian, le interpelan, le apremian, le tienden las manos, le dan voces y se interponen entre él y cada objeto que quiere contemplar; le siguen y rodean, le llaman por todas partes, se presentan á la vuelta de cada esquina, le impiden la entrada de las iglesias y le quitan el placer que le causa recorrer aquella curiosísima ciudad.¹⁶⁰

¹⁶⁰ “Mas há em Santiago costumes que chocam o estrangeiro e que danificam os formosos monumentos artísticos que ali se encontram, e a espessa camada de pó que tudo cobre, o lixo e imundície que impede passagem, o hábito arraigado de não varrer jamais, e a multidão de mendigos, que são ainda mais numerosos do que em Castelas. Estes assediam o viajante a cada passo, o interrompem, o importunam, o assediam, o interpelam, o apertam, lhe estendem as mãos, lhe dão vozes e se interpõem entre ele e cada objeto que quer contemplar; o seguem e o rodeiam, o chamam por toda parte, será apresentado ao redor de cada esquina, impedir-lhe a entrada das igrejas e tirar-lhe o prazer que lhe faz percorrer aquela curiosíssima cidade.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a Espanha*. Tomo I. p. 154.

Acosta de Samper destacou a sujeira encontrada na cidade, que enfeiava os monumentos históricos e artísticos, devido à falta de recolhimento do lixo e de varrimento das ruas. Outro ponto de incômodo é a multidão de mendigos que assediavam os transeuntes, interpelando-os e pedindo doações. O recurso de comparação é feito em relação a uma região mais castiça da Espanha, “*las Castillas*”, correspondendo a Castilha La Mancha e Castilla La Vieja, ambas como símbolo da hispanidade. Os momentos de assédio pela rua lhe “*le quitan el placer*” de percorrer a cidade e de investigá-la enquanto viajante.

O incômodo da autora é tamanho que Soledad dedicou um capítulo de *Viaje a España* a discutir a mendicância e a preguiça em território espanhol, ao que argumentou que encontrou por todos os lados instituições de caridade destinadas a idosos, mendigos e mulheres pobres. Porém, mesmo com a existência desses institutos, a autora colocou que havia uma multidão de pedintes nas portas das igrejas e nas ruas, dependentes da caridade popular. Isso frustra as suas expectativas, tal como expressa nesta passagem: “*nos dijeron, aquí la vida es barata, el trabajo bien remunerado, el clima sano y poquísimas las enfermedades epidémicas; por qué, pues, se encuentra por todas partes esta turba de ociosos y mendigos?*”¹⁶¹. Ela nos descreveu um país dos sonhos, uma sociedade ideal, que é vendida dessa forma pelos próprios espanhóis. Ao levantar a questão de que o discurso não se traduz em realidade, fala em “ociosos” percorrendo as ruas e vivendo dependentes de caridade. Por que separar mendigos de ociosos? A autora complementou que

La pereza, la inacción... ésta es la llaga oculta de que sufren en España todos, grandes y pequeños, ilustrados é ignorantes. La pereza inveterada, el dejarlo todo para el día siguiente, la informalidad, el desperdiciar el tiempo como si la vida fuese interminable: esto es lo que forma las costumbres, con pocas excepciones, de todas las jerarquías sociales. Y quién lo podrá remediar? Nadie. Hay en los hábitos de España una libertad ilimitada que no pueden restringir los gobernantes con la mejor voluntad del mundo. La policía, mejor organizada, tiene que cruzarse de brazos y permitir que las calles y las plazas estén pobladas de mendigos, de ociosos que no quieren trabajar; de enfermos que prefieren pedir la caridad en los portales, más bien que acogerse á un hospital.¹⁶²

¹⁶¹ “[...] nos disseram, aqui a vida é barata, o trabalho bem remunerado, o clima saudável e pouquíssimas as doenças epidêmicas; por que, pois, se encontra por toda parte esta turba de ociosos e mendigos?”. Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Tomo I. p. 200.

¹⁶² “A preguiça, a inação... esta é a chaga oculta de que todos sofrem na Espanha, mais velhos e mais novos, ilustrados e ignorantes. A preguiça inveterada, deixar tudo para o dia seguinte, a informalidade, o desperdiçar o tempo como se a vida fosse interminável: isto é o que forma os costumes, com poucas exceções, de todas as hierarquias sociais. E quem o poderá remediar? Ninguém. Há nos hábitos da Espanha uma liberdade ilimitada que não pode restringir os governantes com a melhor vontade do mundo. A polícia, melhor organizada, tem que cruzar os braços e permitir que as ruas e as praças estejam povoadas de mendigos, de ociosos que não querem trabalhar;

Sendo assim, a sua crítica reside na ideia de que a prática da mendicância, tanto por pessoas em situação de rua quanto por doentes, estava associada à preguiça, que os deixava em um estado inerte, à espera de boas ações. Mais do que esses grupos sociais, Soledad pontuou que todos sofrem com uma espécie de preguiça estrutural, propiciada pela liberdade ilimitada, que seria concedida pelos governantes, impedindo até mesmo o trabalho dos policiais. Como uma “chaga”, a preguiça faria parte desse corpo-nação. Tal prática não condizia com o ideal de civilização partilhado naquele contexto social, apontando para as falhas inerentes à Espanha.

Tal reflexão não se restringe a uma visão de Acosta de Samper, porém faz parte de outros relatos de viagem que se dedicam a analisar a Espanha, trazendo consigo uma narrativa de determinismo histórico e racial, que “*provoca la aparición de otro de los rasgos determinantes de la idiosincrasia andaluza, la pereza y la indolencia*”¹⁶³. Reflexões sobre a preguiça espanhola surgem nos escritos de Richard Ford, F. Herán, J. de Brinckman, Merimée, entre outros.

Em outro momento, a escritora colombiana interpela um “*caballero español en Madrid*” sobre a aplicação das leis para impedir esse fluxo de pessoas. A esse respeito, ela questiona: “*pero no hay leyes para que los transeúntes gocen también de libertad de moverse a sus anchas?*”¹⁶⁴ Ao que ele responde que apesar de haver leis, elas não se cumpriam. A própria reflexão de Soledad está alinhada à sua moral católica. O seu incômodo reside no fato de que os mendigos não estão submetidos à caridade nem institucional católica nem da Coroa espanhola, gozando de autonomia e desamparo que são compreendidos como retratos de um desvio da ordem.

Não há em seu discurso menção à necessidade da prática de caridade, mas ela colocou que os mendicantes seriam tão preguiçosos a ponto de não buscarem as instituições sociais que poderiam lhes assistir. Ela hierarquizou esses indivíduos como distintos dela, inferiorizados. Tal visão corrobora uma perspectiva desses indivíduos dentro da lógica da barbárie.

de doentes que preferem pedir a caridade nos portais, ao invés de ir um hospital.” Tradução da autora. *Idem, ibidem*. p. 201.

¹⁶³ “[...] provoca o aparecimento de outro dos traços determinantes da idiosincrasia andaluza, da preguiça e da indolência.” Tradução livre da autora. FERNÁNDEZ NAVARRO, Antonio. Sevilla, Teatro de los sueños: Reflejo de la ciudad en los textos de viajeros franceses del siglo XIX. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2001. p. 271.

¹⁶⁴ “[...] mas não há leis para que os transeúntes gozem também de liberdade de mover-se a suas custas?” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Tomo I. p. 202.

Durante sua estadia em Granada, não só as pessoas em situação de rua e os doentes mendicantes a incomodavam, o assédio de um grupo identificado como “ciganos” também lhe causava mal-estar:

No bien hubimos dado los primeiros passos fuera del hotel cuando nos asaltó una turba de gitanos, los cuales iban señoreados por un viejo mereno vestido fantásticamente, quien se declaró Rey de los gitanos y nos obligó a comprarle su retrato, diciéndonos que él había sido el modelo predilecto del pintor Fortuny. Entre tanto las mujeres nos rodeaban, pedían la caridad, ofrecían decir la buena ventura, mandaban á los chiquillos que bailasen y cantasen, nos atajan, no nos permitían caminar y nos ensordecían com sus gritos y necesidades. Varios muchachos nos interpelaban em francés, em inglés, em italiano, ofreciendo señalar las curiosidades de granada como intérpretes. Al fin logramos escapar con vida de enmedio de aquella plaga humana y meternos en la iglesia.¹⁶⁵

Identificando-os como “*plaga humana*”, a escritora colombiana assinala a sua repulsa frente ao assédio sofrido por esse grupo de pessoas, que lhe cobravam ofertas em forma de caridade. De certo modo, ela coloca a prática de extorsão aos turistas diante do assédio dos ciganos que lhe queriam vender um retrato, envolvê-la em danças e cantorias, que se ofertavam como guias turísticos. É importante a ressalva de que os ciganos foram perseguidos historicamente de tal forma nessa cidade, que as suas moradias foram construídas a partir de escavações sob as montanhas, que deram origem ao bairro de Sacromonte, em Granada, tornando-se ponto turístico atualmente. A perseguição se deu por uma questão religiosa e moral, entendendo-os como uma “raça degenerada”, regida por valores imorais, de acordo com a fala corrente. Em seu discurso, é notável a presença de uma compreensão de mundo pautada pela dicotomia entre civilização e barbárie, apontando-nos as ambiguidades em seu discurso e como a inversão dessa operação é parcial. Afinal, Acosta de Samper considera os ciganos exemplos de atraso.

As referências aos ciganos não são exclusividade de Acosta de Samper. A viajante Madame de Brinckmann traz sua decepção em seu relato de viagem ao buscar a Esmeralda de Victor Hugo entre as comunidades ciganas e encontrar mulheres andaluzas que ela classifica

¹⁶⁵ “Assim que demos o primeiro passos fora do hotel quando fomos assediados por uma multidão de ciganos, os quais eram governados por um velho moreno fantasticamente vestido, que se declarou Rei dos ciganos e nos obrigou a comprar-lhe seu retrato, nos dizendo que ele havia sido o modelo predileto do pintor Fortuny. Entretanto as mulheres nos rodeavam, pediam esmolas, ofereciam ler a sorte, mandavam as crianças que dançassem e cantassem, nos apanhavam, não nos permitiam caminar e nos ensurdeciam com seus gritos e tolices. Vários rapazes nos interpelavam em francês, em inglês, em italiano, oferecendo assinalar as curiosidades de Granada como intérpretes. Finalmente conseguimos escapar com vida do meio daquela praga humana e entrar na igreja.” Tradução da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Tomo II. p. 8.

como feias e horríveis. Por outro lado, a imagem da mulher espanhola que é veiculada entre os viajantes foi construída sobre o estereótipo da mulher cigana, que atua como bailarina em espetáculos de flamenco.¹⁶⁶

Uma das recorrentes críticas durante sua viagem é o assédio sofrido pelo turista durante a sua jornada, fosse por meio da mendicância ou pelos oferecimentos de guias turísticos nos pontos principais da cidade. Em cada destino percorrido, Soledad carrega consigo cartas de recomendação que lhe garantem privilégios, como a sua visita a Alhambra com o arquiteto restaurador do monumento. Por outro lado, o fato de ter essa documentação em mãos não lhe conferia uma invisibilidade diante de certas questões sociais.

Desgraciadamente en estos parajes abiertos al público los necios no permiten que se goce en paz de los espectáculos que se desearía grabar en la memoria sin que nada la distraiga. Sin cesar nos interrumpían, nos seguían, pretendían guiarnos aquí y allí; y hubo un moscardón que, considerándonos quizá *inglesas*, ofrecía sus servicios por la fuerza en el ramo de la fotografía, que era su fuerte¹⁶⁷.

Para a autora, caminhar pelas ruas se tornou um calvário, uma vez que não se sentia à vontade para usufruir dos “espetáculos” aos quais assistiu, cuja memória gostaria de eternizar. As interrupções a cansaram, fazendo com que por vezes se encontrasse vencida, comprando o produto ou contratando o serviço que lhe ofereceram. Como coloca Joaquín Barriendos há imbricada nessa relação uma racialização do ver, que nos auxilia a pensar a forma como trata a mendicância e os ciganos, que são os elementos tidos como anormais dentro desse jogo político.¹⁶⁸

Dando continuidade às críticas sobre comportamentos, diante da situação de homens fumantes em Madri, a escritora condenou a conduta destes ao realizarem tal prática próximos às senhoras, cometendo um ato desrespeitoso ao seu ver.

¹⁶⁶ FERNÁNDEZ NAVARRO, Antonio. Sevilla, Teatro de los sueños: Reflejo de la ciudad en los textos de viajeros franceses del siglo XIX. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2001. p. 297.

¹⁶⁷ “Infelizmente, nestes lugares abertos ao público, os tolos não permitem que se desfrute em paz dos espetáculos que se deseja gravar na memória sem que nada a distraia. Sem cessar nos interrompiam, nos seguiam, pretendiam nos guiar aqui e ali; e houve um “besouro” que, considerando-nos talvez inglesas, oferecia seus serviços pela força no ramo da fotografia, que era seu forte.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Tomo II. p. 50.

¹⁶⁸ BARRIENDOS, Joaquín. La colonialidad del ver. Hacia un nuevo diálogo visual interepistémico. *Nómadas* 35. Colombia: Universidad Central, octubre de 2011.

No hay duda, sin embargo, de que por lo menos en Colombia, el modo de ser en sociedad, entre gente de regular educación, es mucho más pulido, y allí se tiene mucho más respeto á las mujeres de todas las clases sociales que en España.¹⁶⁹

Novamente, Soledad se vale da comparação com a Colômbia, estabelecendo uma hierarquização na qual a Espanha é inferiorizada mediante os costumes locais. O tema do respeito com as mulheres ganha corpo por todo o relato, em que discute as questões enfrentadas por ela e sua filha, Blanca Leonor. Há em sua crítica a ideia de que os espanhóis sequer se aproximavam do comportamento da “*gente de regular educación*” na Colômbia, ao afrontarem os costumes e fumarem próximos às senhoras. Ela coloca que o desrespeito por parte dos homens espanhóis se dá a mulheres de todas as classes sociais¹⁷⁰.

A despeito de Soledad ter compreendido a Espanha como povoada por costumes bárbaros, o que a incomodava, em passagens mais pontuais ela enxerga um empenho civilizatório do Estado espanhol. Isso pode ser visualizado em um comentário no qual critica a Espanha por tentar imitar a vizinha, França. Ao tomar o trem em León, para seguir caminho para La Coruña, Soledad tece reflexões sobre as vestimentas dos indivíduos que se encontram embarcados. Em um primeiro momento, afirma ter a impressão de que há uma preservação de certos costumes tradicionais, mas logo retifica a sua fala trazendo outras questões:

Galicia, como toda España, se civiliza exteriormente demasiado. Según vimos después y nos informaron en Santiago, los labriegos de los pueblos más infelices son los que aún conservan intacto el vestido nacional; los habitantes de villas y ciudades hacen gala de vestirse á la moda francesa y toman muy á mal que se les aconseje que no pierdan el hermoso carácter de suas mayores com ridículas imitaciones que nos les convienen.¹⁷¹

Novamente, o discurso sobre civilização foi utilizado, sendo que pela primeira vez, Acosta de Samper trouxe uma conotação negativa ao termo, ao dizer que a Espanha “se civiliza demais”. Isto refere-se à moda francesa, incorporada pelos espanhóis citadinos, reforçando a

¹⁶⁹ “Não há dúvida, no entanto, de que pelo menos na Colômbia, o modo de ser em sociedade, entre pessoas de regular educação, é muito mais pulido, e lá se tem muito mais respeito às mulheres de todas as classes sociais do que na Espanha.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Tomo I. p. 224.

¹⁷⁰ A questão de gênero será aprofundada no terceiro capítulo da presente dissertação.

¹⁷¹ “A Galícia, como toda a Espanha, civiliza-se exteriormente demasiadamente. Conforme vimos depois e nos informaram em Santiago, os lavradores dos povos mais infelizes são os que ainda conservam intacto a vestimenta nacional; os habitantes de vilas e cidades fazem gala de vestir-se à moda francesa e tomam muito mal que se lhes aconselhe que não percam o formoso caráter de suas maiores com ridículas imitações que nos convêm.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España*. Tomo 1. p. 123.

imagem de um modelo cultural a ser seguido. Em seu discurso, a crítica residiu em uma apropriação inadequada das vestimentas francesas, a ponto de copiar o ser francês e, de certo modo, representar o abandono das práticas espanholas. A aplicação dos modos franceses não é repudiada, pois, dentro da categoria de civilização, Soledad não admira o “ser francês”. Para ela, o problema reside em os espanhóis performatizarem tal identidade por meio das vestimentas tornando a civilização uma mera imitação. Assim, reforça-se a perspectiva da autora de que a modernidade não tem lugar na Espanha. No capítulo anterior, mencionamos trechos nos quais tanto Soledad quanto sua filha, Blanca Leonor, fizeram referências a vestimentas de outras mulheres, o que demonstra ser este um tema que não lhes passava despercebido.

A decepção de Acosta de Samper com a mudança de vestimenta das espanholas e a adequação à moda francesa é compartilhada por outros viajantes, como Gautier e Daviller. Há um lamento, como coloca Fernandez Navarro, por “*la pérdida del pintoresquismo que conlleva la aceptación de la moda francesa frente al vestido tradicional, por parte de las jóvenes hispalenses que sólo han permanecido españolas en cuanto a la utilización del zapato y mantilla.*”¹⁷² Tal perspectiva carrega o olhar exotizado do estrangeiro que busca na realidade as correspondências do imaginário ao qual pertence, reduzindo as relações que estabelece ao local visitado às suas percepções de códigos de moral. Parte da decepção desses viajantes se dá pelo arquétipo de espanhola que buscam: a bailarina de flamenco.

Ao refletirmos sobre a relevância social do vestuário, principalmente entre as mulheres, tomamos o relato da viajante Matilda Barbara Bentham-Edwards, que traz o seguinte conselho a outras mulheres:

“Viaja siempre con tus mejores ropas y media docena de baúles. El equipaje y el buen vestuario ocupan el lugar de un tren de sirvientes. El equipaje y el buen vestuario te garantizan buenas plazas, un trato general civilizado y una infinidad de pequeñas comodidades”.¹⁷³

¹⁷² “[...] a perda do pitoresco que implica a aceitação da moda francesa frente à vestimenta tradicional, por parte das jovens hispânicas que só permaneceram espanholas quanto à utilização do sapato e mantilha.” Tradução livre da autora. FERNÁNDEZ NAVARRO, Antonio. Sevilla, Teatro de los sueños: Reflejo de la ciudad en los textos de viajeros franceses del siglo XIX. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2001. p 300.

¹⁷³ “Viaje sempre com suas melhores roupas e meia dúzia de baús. A bagagem e o bom guarda-roupa ocupam o lugar de um trem de empregados, garantem-lhe bons lugares, um tratamento geral civilizado e uma infinidad de pequenas comodidades.” Tradução livre da autora. CARRERA, Elena. Escritura femenina y literatura de viajes: Viajeras inglesas en la España del XIX, lugares comunes y visiones particulares. Diez estudios sobre literatura de viajes. Anejos de Revista de Literatura. n. 69. Madrid: Instituto de Lengua Española, 2006. p. 126.

Bentham-Edwards aponta para códigos de conduta que permitiram maior aceitação e acolhimento dessas mulheres viajantes, ao serem recebidas em espaços nos quais eram lidas como estrangeiras. Estendemos a questão para refletirmos sobre o contexto social de grandes transformações no qual tanto Soledad quanto Blanca Leonor estavam inseridas, em um momento quando a burguesia emergente utilizava-se do dinheiro como ferramenta de aquisição de determinados signos da nobreza tradicional, incluindo a forma de se apresentar ao mundo de modo luxuoso. De acordo com Gilda de Mello e Souza,

... a arrivista começa a ofuscar a ‘dama exemplar’ através do luxo dos vestidos... uma nova barreira se interpõe entre as classes, ainda mais difícil de transpor que a antiga, pois já não se apoia na ostentação da riqueza, mas no polimento das maneiras, na composição elaborada dos gestos, enfim, no elemento dinâmico da moda. A distinção econômica do luxo cede lugar à distinção estética da elegância.¹⁷⁴

Isto posto, a autora reflete sobre um novo critério de distinção, diante da acomodação dos grupos sociais em meio à emergência da burguesia, que deixa de ser a ostentação da riqueza para construir uma concepção de elegância, vinculada ao código chamado de “boas maneiras”. Esse debate também está atrelado à concepção de civilização, de acordo com Norbert Elias, que se utiliza da expressão “ancestral *civilité*¹⁷⁵”. O autor argumenta que na França do século XVIII, “duas ideias se fundem no conceito de civilização”. A primeira traz a conotação de uma espécie de estado atingido pelas sociedades, por meio de práticas de polidez e civilidade, atributos da aristocracia da corte. Aos que não atingiram tal estágio, compreendia-se que estavam sob o domínio da barbárie. Em meio à emergência da burguesia, a nova ideia que se incorpora a essa concepção no século XVIII é a de que a civilização deixa de ser um estado para ser entendida como um processo.

Dessa forma, é recorrente nos discursos de Soledad e da sua filha Blanca Leonor a reflexão sobre as vestimentas de outros indivíduos, principalmente de mulheres, como mote para se discutir a temática sobre os bons costumes e a concepção de civilização. A elegância é sinônimo de civilização, nesse caso, sendo que elas se dedicaram a comentar vários indivíduos dentro dessa lógica.

¹⁷⁴ SOUZA, Gilda de Mello e. O espírito das roupas: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. P. 116, 132 e 134.

¹⁷⁵ ELIAS, Norbert. 1994. p. 72.

Por fim, ao referirmo-nos à Espanha como o Outro, intencionamos analisar a construção de um Eu, que é simbolizado pela nação colombiana. As identidades tanto de um quanto do outro se construíram concomitantemente e acomodaram nos discursos. Ao pontuar a Colômbia como mais desenvolvida, Soledad justificou-se com a necessidade de fazer “justiça à América”, relativizando a hierarquização tradicional de atraso e progresso, em que o continente americano seria o espaço da desordem.

Esto...me probó que en Bogotá hay más cultura y buena crianza.... Debemos aquí hacer justicia a América; y si no dejo de señalar los defectos propios y heredados de que adolecemos, tampoco debo dejar pasar las cualidades que tenemos en las Repúblicas del Nuevo Mundo.¹⁷⁶

No trecho citado, Soledad destacou Bogotá como uma cidade pungente culturalmente e caracterizada pela boa educação familiar. Ela acrescentou em seu discurso que mais do que criticar os ditos defeitos próprios das repúblicas hispano-americanas e os herdados da colonização, deveriam-se valorizar suas qualidades. Questiona-se então se, na visão da autora, essas qualidades seriam herdadas ou constituídas a partir das experiências próprias dessas repúblicas do chamado Novo Mundo.

O próprio termo criado pelos colonizadores induz à compreensão de que a história se inicia a partir da chegada de Colombo à América, dando início à construção do chamado Novo Mundo. A historiadora Stella Franco traz à tona essa discussão a partir da pesquisa de Maria Helena Rouanet, que por sua vez, pontua

... o Novo Mundo passa, portanto, a definir-se através de duas realidades distintas: de um lado, a parte setentrional do continente, i. e., a América – como ainda hoje o europeu costuma referir-se aos Estados Unidos –; de outro, a parte meridional, a América do Sul ou América Latina. A primeira vai despertar interesse pelo que ela é e pelo que conseguiu fazer de si mesma em tão pouco tempo – verdadeira *self made nation* –, ao passo que a segunda continua a atizar a curiosidade, a agir sobre as ‘imaginações’ graças à sua atmosfera de mistério e à sua ‘paisagem exótica e tropical’.¹⁷⁷

¹⁷⁶ “Isto... me provou que em Bogotá há mais cultura e boa educação... Devemos aqui fazer justiça à América; e se não deixo de assinalar os defeitos próprios e herdados de que padecemos, também não devo deixar passar as qualidades que temos nas Repúblicas do Novo Mundo.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893. p. 231.

¹⁷⁷ ROUANET, Maria Helena. Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991. p. 78. *apud* FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de Outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Editora Mulheres: Florianópolis, 2008. p. 246.

Dentre as distinções entre América do Norte e América do Sul, temos um reforço de uma hierarquização baseada em sua origem colonizadora, na qual os Estados Unidos cumprem o seu dito Destino Manifesto, enquanto a América Latina partilha de um mundo exótico, irracional e passional, sendo ambos, em oposição, a materialização da civilização e da barbárie.¹⁷⁸

O debate acerca dessa ótica veio à tona em meados do século XIX, por meio de Domingo Faustino Sarmiento, em sua obra “Facundo: civilização e barbárie” (1845), trazendo também à discussão a oposição entre progresso e atraso. Mais do que opor América e Europa, esse embate levanta a questão de como a barbárie estaria inserida no território da civilização, uma ideia de “barbárie interna”, mimetizada por camadas populares, o operariado e o trabalhador rural. Colocando em debate a dicotomia civilização e barbárie, Maristella Svampa afirma que

Europa era, sin lugar a dudas, para la élite letrada hispanoamericana, la encarnación de la civilización; en especial Inglaterra y Francia. Pero el modelo por antonomasia de los reformadores latinoamericanos fueron los Estados Unidos, en tanto país ‘nuevo’ que había superado el estado de barbarie y conquistado el estado de civilización¹⁷⁹.

De acordo com Svampa, pensar a Europa como a própria encarnação da civilização é pontuar também a valorização concedida à Inglaterra, diante do avanço do processo de industrialização concomitantemente à ampliação de seu império, e à França, tida como modelo cultural a ser seguido. Por outro lado, segundo Maristela, utiliza-se do exemplo dos Estados Unidos como a nação que fez a transição da barbárie para a civilização, o que aponta para a concepção desses elementos como estados transitórios. Nesse contexto, os Estados Unidos emergem como um perigo às recém-criadas repúblicas americanas.

Compreendemos que isso corrobora o discurso do “vir a ser”, construído por Acosta de Samper, por meio do qual as nações hispano-americanas poderiam realizar o seu devir rumo

¹⁷⁸ Ver JUNQUEIRA, Mary Anne. Estados Unidos: Estado Nacional e Narrativa da Nação. EDUSP: São Paulo, 2018.

¹⁷⁹ “A Europa era, sem dúvida, para a elite letrada hispano-americana, a encarnação da civilização, em especial a Inglaterra e a França. Mas o modelo por antonomásia dos reformadores latino-americanos foram os Estados Unidos, enquanto país novo que havia superado o estado de barbárie e conquistado o estado de civilização”. Tradução livre da autora. SVAMPA, Maristela. *El dilema argentino: civilización o barbarie*, Buenos Aires, El Cielo por Asalto, 1994. p. 31.

ao progresso e à civilização, que seria um *status* digno de conquista. Ser civilizado não é uma questão estática, definida apenas pela sua origem, mas passível de construção de acordo com a sua visão.

A Espanha não decepciona apenas a autora, mas acaba por ser o foco das reclamações de outros viajantes, que enxergaram o país como um lugar de atraso. Por vezes, nos relatos de viajantes hispano-americanos, a Inglaterra é encarada como o espaço do progresso diante do seu caráter fabril, enquanto a elegante França como o local da produção de saberes, já Itália e Alemanha costumavam ser valorizadas por seus cenários históricos e artísticos. Vale levar em consideração o contexto no qual essas visões estavam sendo construídas. De acordo com a historiadora Stella Maris Scatena Franco, os relatos de viajantes hispano-americanos foram produzidos em meio às tensões intrínsecas ao período posterior das independências hispano-americanas, juntamente à construção e consolidação dos Estados Nacionais¹⁸⁰. Apesar de se desapontar em seus trânsitos pelo país, Acosta de Samper encontra em algumas cidades a Espanha que a conquista. Por vezes depara-se com a sua própria idealização e a entendendo como uma civilização cristã. Para a autora, a questão religiosa é elemento-chave para uma nação se desenvolver. Como boa católica, Soledad encara a igreja como um meio pungente de alcance da civilização.

Sua memória apresentada no Congresso Literário-Hispano-Americano chama atenção para a defesa de uma identidade hispano-americana a partir de uma discussão sobre o papel do periodismo europeu em terras americanas. A autora refere-se a “*nuestras repúblicas*” a fim de fundamentar a sua ideia de que seria necessário filtrar as informações que chegavam ao “*Nuevo Mundo*”. Sendo assim, segundo Acosta de Samper, “*si se lograra en el Nuevo Mundo, inculcarles el amor al trabajo y á un progreso racional, muy en breve las Repúblicas Hispano-Americanas serían naciones respetables y honradas, ricas é ilustradas.*”¹⁸¹ Tal hipótese é calcada na inversão parcial da dicotomia atraso e progresso, ao passo que compreende a Europa como agente da barbárie em terras hispano-americanas por meio de notícias de violência. Isso nos leva a refletir sobre a concepção de que as repúblicas hispano-americanas encontram-se em processo de transformação, buscando o caminho da dita civilização.

¹⁸⁰ FRANCO, Stella Maris Scatena. *Op. cit.* p. 177.

¹⁸¹ “Se conseguir no Novo Mundo, inculcar-lhes o amor ao trabalho, fará um progresso racional, muito em breve as Repúblicas Hispano-Americanas seriam nações respeitáveis e honradas, ricas e ilustradas.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. Memoria de la Señora Soledad Acosta de Samper. Memorias, Sección tercera. Librería. Instituto Cervantes. p. 575.

Na esteira do progresso, Soledad lança o seu olhar sobre a Colômbia, tendo ao longo de sua obra *Viaje a España* relatado exemplos do cotidiano da nação, enquadrando-a na chave da civilização, ao falar dos homens mais educados do que os espanhóis ao não fumarem ao lado das mulheres e nem lhe assediarem pelas ruas. Isto posto, ao considerar-se parte dessa nação, há um esforço em promover o seu progresso de modo a alcançar o *status* de civilização conferido a Estados-nação como Inglaterra e França. Para tanto, Acosta de Samper entendia a educação como um caminho a ser perseguido por ela a partir da inclusão das mulheres. Assim, colocou-se como uma defensora da educação das mulheres na Colômbia, pois “*el calor intelectual que necesita cada pueblo para que germine en él una sana y verdadera civilización*”¹⁸². Isso nos traz a perspectiva de que a construção de uma sociedade civilizada seria calcada em meios como a educação de seu povo.

Diante das questões suscitadas por Soledad sobre a sua compreensão de atraso e progresso, baseada em exemplos cotidianos dos costumes locais e problemas sociais entendidos por ela como chave da desordem, buscamos refletir acerca do seu posicionamento como hispano-americanista. Sendo assim, a autora não só construiu uma narrativa de identificação como hispano-americana, como também reforçou o seu nacionalismo colombiano, por meio de comparações com a Espanha, nas quais dispunha tanto a América Latina quanto a Colômbia dentro da chave civilizatória. Por mais que em alguns momentos se referisse a uma perspectiva latino-americana, a sua reflexão engloba apenas as repúblicas que se formaram a partir de antigas colônias espanholas. Suas reflexões se inserem em uma análise coletiva no mundo das letras, debruçada sobre a configuração de uma identidade hispano-americana.

III. “*Todas las hijas de una misma madre*”: uma relação complexa entre norte-americanos, espanhóis e hispano-americanistas

Tomando a hipótese de que Soledad Acosta de Samper defende o discurso hispano-americanista, devemos levar em consideração a sua posição em meio a um contexto de

¹⁸² “o calor intelectual que necessita cada povo para que germine nele uma sã e verdadeira civilização”. Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Aptitud de la mujer para ejercer todas las profesiones*. Memoria presentada en el Congreso Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano reunido en Madrid en 1892. *Revista de Estudios Sociales*, n. 38, janeiro de 2011. Bogotá, p. 174.

desenvolvimento de uma identidade hispano-americana, fortemente representada pelos intelectuais da “Geração de 98”. Afinal, se a autora alinha-se ao hispano-americanismo, quem seriam aqueles que defendem tal concepção? Os discursos produzidos por eles se aproximam? Lançamos um olhar para a sua rede de sociabilidade a fim de aprofundarmos o debate, tendo como recorte a compreensão de um discurso marcado pela valorização da América Latina dentro da lógica de uma identidade subcontinental. Organizamos a nossa argumentação de modo a introduzirmos o debate por meio da concepção do próprio termo América Latina e do entendimento do Estado-nação como uma “construção imaginada” por sua população, bem como isso se aplica à percepção de Soledad sobre a sua relação com a Espanha e a Colômbia. Para tanto, submetemos à análise a passagem em que narra a construção das Exposições Históricas e de Belas Artes em Madri, o seu incômodo com a postura dos americanistas no nono Congresso Internacional de Americanistas e sua reflexão sobre a relação de parentesco com a Espanha.

Ao nos referirmos à “Geração de 98”, dialogamos com um grupo de escritores que manifestavam angústia pela decadência da Espanha, criticando a forte presença religiosa e militar do governo. A perspectiva negativa da antiga metrópole, entendendo-a como à margem da Europa e definida como rural, levou à construção de uma perspectiva de regeneração do país. Os “regeneracionistas” preocupam-se em construir uma identidade latino-americana a partir da concepção do conceito de *hispanidad*.

“A ‘geração de 98’ tentou aproximar a Espanha da modernidade, ou seja, da razão, da democracia, do progresso econômico. Mas, num segundo momento, seus integrantes chegaram à conclusão de que a verdadeira salvação estava na afirmação da identidade espanhola e se propuseram a resgatar a *hispanidad*.”¹⁸³

Em meio à recuperação de tradições culturais, em uma perspectiva da Espanha como uma “mãe histórica”, refletia nesse discurso genealógico sobre as elites das nações hispano-americanas considerarem ter adquirido maior nível de modernidade do que os “pais fundadores”. Nesse contexto, 1898 tornou-se uma data símbolo diante da derrota espanhola na Guerra Hispano-Americana para os Estados Unidos, que obtiveram controle temporário sobre a ilha de Cuba, recém-independente. O movimento hispanista emerge como uma vitória em

¹⁸³ CAPELATO, Maria Helena Rolim. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. História (UNESP - São Paulo), vol. 22, núm. 2, 2003, pp. 35-58. p. 45.

meio à derrota, por assim dizer, ao unir a América Latina em torno de uma língua e cultura comuns, contra um novo inimigo em comum que se fortalece, os Estados Unidos.¹⁸⁴

Por mais que Acosta de Samper não fizesse parte do movimento oficialmente, a autora entende que a Espanha não deveria ser modernista, pois isso representaria o oposto do espírito nacional. Dessa forma, esta deveria preservar o passado cultural do hispanismo, tornando-se um arquivo por meio do qual a Colômbia poderia adquirir o seu próprio modelo de modernidade.¹⁸⁵

Partimos do episódio em seu diário de viagem, em sua segunda visita a Madri, no qual a autora conta ao leitor sobre o papel desempenhado por literatos colombianos na composição da ala da Colômbia nas exposições pertencentes às comemorações. Muitos desses literatos são escritores-viajantes e passaram parte das suas vidas morando em Paris, considerada o ponto de efervescência cultural em fins do século XIX, diante de acontecimentos tais como a Exposição Universal de 1899.

Ao voltar a Madri para participar do Congresso Pedagógico e do Congresso Literário, Soledad descreve que a parte correspondente à América das Exposições Históricas e de Belas Artes não estava concluída, construída em função das comemorações do quarto centenário da conquista do continente. Porém, assinala que “*trabajan con ahínco en arreglarla los Delegados especiales de todas las Repúblicas de Ultramar, esforzándose cada cuál en que el salón ó los salones que pertenecían á su país quedasen lo mejor posible.*”¹⁸⁶ Isso nos faz pensar na razão pela qual ela, como delegada colombiana, não ficou responsável pela ala do seu país. Poderíamos até cogitar que essa exclusão se dá em razão das questões de gênero, mas efetivamente não encontramos registros sobre essa questão. Sendo assim, a ala da República da Colômbia ficou a cargo de Ernesto Restrepo e José T. Gaibrois, que, segundo Soledad, “*trabajaban en ello día y noche – pues á veces á media noche aún estaban encerrados ahí – luchando con cien inconvenientes é informalidades de los artesanos, y procurando presentar una exhibición digna del patriotismo que les animaba.*”¹⁸⁷ Apesar do trabalho exaustivo

¹⁸⁴ ARBAIZA, Diana. Spain as Archive: Constructing a Colombian Modernity in the Writings of Soledad Acosta de Samper. *Journal of Latin American Cultural Studies*, 2012, 21:1, 123-144, DOI: [10.1080/13569325.2012.662479](https://doi.org/10.1080/13569325.2012.662479)

¹⁸⁵ *Idem, ibidem*

¹⁸⁶ “Os delegados de todas as repúblicas ultramarinas trabalham afincadamente para resolver isto, esforçando-se cada um em que no salão ou nos salões que pertenciam ao seu país ficassem o melhor possível.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Tomo II. p. 206.

¹⁸⁷ “[...] trabalhavam nele dia e noite - pois às vezes à meia-noite ainda estavam fechados lá - lutando com cem inconvenientes e informalidades dos artesãos, e procurando apresentar uma exibição digna do patriotismo que os animava.” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*.p. 207.

empreendido por esses delegados, a escritora remarcou que o patriotismo é o motor da energia para a dedicação da organização das exposições.¹⁸⁸

Ao se deparar com a exposição pronta, Soledad nos diz que “*no se puede negar, y esto sin que me ciegue el pratriotismo, que la Exposición de Colombia era la que presentaba los objetos más valiosos, y siendo el salón que se le había señalado uno de los más pequeños, indudablemente estaba adornado con mejor gusto que todos los demás.*”¹⁸⁹ À parte da força do nacionalismo da escritora em direcionar o seu olhar, o que temos segundo seu relato é uma série de objetos ameríndios expostos nessa ocasião, reforçando a ideia de uma Colômbia indígena, marcada por essa ancestralidade. Diante desse recorte circunstanciado, Soledad pareceu abandonar a argumentação de que a “barbárie” existiria na Colômbia por meio dos costumes das comunidades indígenas, exaltando-os a partir de um olhar exótico, colonizado.

As Exposições Históricas e de Belas Artes dialogam com o fortalecimento da realização das Grandes Exposições Universais, que, embebidas do discurso corrente sobre atraso e progresso, serviram como meio de fortalecimento de nacionalismos e posições geopolíticas. Em seu formato de Exposição Universal, ela coloca-se como Maquete do Mundo, referindo-se ao imaginário que se tem do mundo conhecido até então. Apresenta-se como resultado da competição entre duas modernidades, econômica e política. Por outro lado, como coloca o historiador Pascal Ory, há uma espécie de comunhão com a “religião do progresso”. A identidade de cada exposição é estabelecida pela arquitetura, como podemos aferir no Palácio de Cristal, caracterizado pelo uso do ferro e do vidro, na *The Great Exhibition of the Works of Industry of all Nations*, considerada a primeira exposição internacional em Londres, em 1851.

190

Como espaço de construção de narrativas e identidades a partir de uma oposição, a

¹⁸⁸ Ernesto Restrepo foi um historiador cuja obra de destaque é *Estudio sobre los aborígenes de Colombia (1892)*. 2019. Disponível em: <http://www.museonacional.gov.co/servicios-educativos/catedra/Paginas/Catedra.aspx>. Acesso em 30 de jan. de 2020. José T. Gaibrois foi periodista e historiador, diretor da revista *Colombia Ilustrada (1889-1892)* e “encargado de Negocios de Colombia” em Madri. GONZÁLEZ, Wenceslao Segura. Breve Biografía de Mercedes Gaibrois y Riaño de Ballesteros. 2002. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2241995.pdf>. Acesso em 30 de jan. de 2020.

¹⁸⁹ “não se pode negar, e isto sem que me cegue o patriotismo, que a Exposição da Colômbia era a que apresentava os objetos mais valiosos, e sendo o salão que lhe havia sido apontado um dos menores, indubitavelmente estava adornado com melhor gosto que todos os demais.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Tomo II. p. 213.

¹⁹⁰ ORY, Pascal. *Les Expositions universelles, de 1851 à 2010 : les huit fonctions de la modernité*. In: *Temps croisés I* [en ligne]. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l’homme, 2010 (généré le 10 août 2018). Disponible sur l’Internet: <https://books.openedition.org/editionsmsh/931>. ISBN: 9782735116669. DOI: 10.4000/books.editionsmsh.931

Grande Exposição torna-se uma fábrica de estereótipos do Eu e do Outro. Estabelece-se, assim, uma competição simbólica e política, na qual cada nova exposição coloca-se como mais grandiosa. O que está em jogo são também os valores e a moral nacional, levantando questões tais como a modernidade, o progresso, a capacidade tecnológica do homem, heroísmo, grandiosidade e celebração do domínio do homem sobre a natureza.

Na narrativa construída por Acosta de Samper sobre a produção do núcleo colombiano, notamos o uso recorrente do termo patriotismo, em busca de marcar esse apreço pela Colômbia, que teria movido Restrepo e Gaibrois a trabalharem sem descanso, e do qual Soledad esquivava-se para que não a cegasse em seus julgamentos. Porém, do que se trataria esse patriotismo e como ele se apresentaria a nós? A nação é comparada à família, que é vista como campo de solidariedade e amor desinteressado. De acordo com Benedict Anderson, as nações são comunidades imaginadas, construídas de modo a serem naturalizadas. Atribui-se ao caráter natural, inevitável e desprendido da “condição nacional”, que é indicada em termos de lar, progenitura, colocando a nação como se fosse algo ao qual se está naturalmente ligado. Ela é assimilada à cor da pele, sexo e parentesco, aspectos fundamentais da vida que não se pode evitar.¹⁹¹

Essa perspectiva de nação como extensão das relações familiares é perceptível também na forma como Soledad lida com a sua visita à Espanha, em que memórias afetivas lhe assomam. Por mais que a autora defende uma postura hispano-americanista, criticando em determinados momentos o discurso eurocentrista, está contida em suas argumentações uma narrativa de familiaridade com a Espanha. Para discutirmos essa relação de pertencimento, valemo-nos de três episódios trazidos pela autora em seu diário de viagem: sua chegada ao nono Congresso Internacional de Americanistas, uma discussão sobre a concepção de História e sua caminhada por Santiago de Compostela.

A autora reforçou a relação de parentesco ao chegar ao nono Congresso Internacional de Americanistas, ao dizer que “*en este terreno hospitalario y neutral nos reuniremos todas las hijas de una misma madre, las cuales siempre hemos vivido separadas por la naturaleza de los países en que vivimos*”¹⁹² Coloca-se então uma ambiguidade sobre se as filhas da

¹⁹¹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹⁹² “[...] neste terreno hospitaleiro e neutro, nos reuniremos todas as filhas de uma mesma mãe, as quais sempre vivemos separadas pela natureza dos países em que vivemos.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Memorias*. p. 90.

Espanha vivem apartadas de sua mãe ou se viveriam separadas entre si. Independentemente da interpretação, essa situação é colocada como um problema. Soledad também deixou transparecer que há tensões imbricadas nas relações entre as repúblicas hispano-americanas e a Espanha. Afinal, existiria, segundo a autora, uma separação devido à “*naturaleza de los países en que vivimos*”. Levantamos como hipóteses a sua interpretação de que a condição diferenciada refere-se a aspectos culturais e/ou diante da relação de hierarquização entre “*todas las hijas*” e a “*misma madre*”, diante do passado colonizador.

Tal perspectiva da autora conversa com a proposta do nono Congresso de Americanistas, à medida em que o movimento hispanista aponta uma reaproximação entre a Espanha e suas ex-colônias, buscando estreitar laços comerciais e culturais. O historiador José Luis Beired pontua que a aspiração espanhola de estabelecer uma união fraternal com os povos americanos emerge como alternativa para reerguer a Espanha, devolvendo-lhe, por um lado, grandeza e orgulho nacional e, por outro, atribuindo-lhe o papel de guardião, um resquício de sua autoridade por meio da nomenclatura de “pátria mãe”. Há uma manifestação de uma perspectiva imperial por meio de uma Espanha que se apresenta benevolente diante das “filhas”.¹⁹³

Na esteira de uma narrativa de Soledad Acosta de Samper de uma relação de parentesco com a Espanha, considerada a “mãe pátria”, a autora nos contou que o elo de conexão se dava ao olhar para a Espanha como sua origem. Uma relação conturbada, paradoxal e familiar.

a cada paso ... nos encontramos con recuerdos de la ausente patria, y no podemos negar que somos hijas legítimas de la Península ibérica, no solamente por los defectos de que adolecemos, sino también por las cualidades que hemos heredado de nuestra madre.¹⁹⁴

De acordo com Soledad, como filhas da Península Ibérica, as repúblicas hispano-americanas carregaram certa herança em suas estruturas sociais. Por outro lado, esse olhar colocado pela escritora traz à baila a questão do parentesco com a nação espanhola, quebrando a lógica hierárquica destinada aos colonizados. Ao referir-se a “*recuerdos de la ausente*

¹⁹³ BEIRED, José Luis Bendicho. Hispanismo e latinismo no debate intelectual ibero-americano. *Varia hist.* [online]. 2014, vol.30, n.54, pp.631-654. ISSN 0104-8775. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752014000300003>.

¹⁹⁴ “a cada passo ... nos encontramos com lembranças da ausente pátria, e não podemos negar que somos filhas legítimas da Península Ibérica, não somente pelos defeitos de que padecemos, mas também pelas qualidades que herdamos de nossa mãe.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *op. cit.* p. 216.

patria”, levantamos duas hipóteses sobre a sua construção: a de que a autora sentia falta da Colômbia ao caminhar pela Espanha e encontrar vestígios que a conectassem com a sua origem, ou a de que a cada passo dado na Espanha, a autora conectou-se cada vez mais com esse Estado-nação, considerando-o familiarmente.

Assumimos a perspectiva de que Acosta de Samper compreende a Espanha como a mãe de sua pátria e visitá-la fez com que memórias afetivas viessem à tona. Estas a remeteram à Colômbia, diante do que a autora escreve :“*no podemos negar que somos hijas legítimas de la Península ibérica*”. Como filhas, as repúblicas latino-americanas padeceram de defeitos herdados da Espanha, bem como de qualidades. Notamos um constante esforço de Soledad em apresentar ao seu leitor as falhas e imperfeições do país, como uma estratégia de legitimar o seu discurso hispano-americanista, trazendo argumentos ao seu leitor e persuadindo-o.

Notamos contradições em sua relação com a Espanha à medida em que a escritora colombiana constrói a narrativa daquela que, por um lado, era a “*madre patria*” e, por outro, considerada como a materialização do atraso. Em sua participação no Congresso de Americanistas, a colonização espanhola emerge como reminiscência. Acosta de Samper opera dentro da lógica dicotômica de civilização e progresso ao colocar França e Inglaterra como modelos culturais a serem seguidos em oposição à Espanha. O mundo ibérico é compreendido como deslocado desse modelo cultural.

O movimento hispanista, construído sobre um discurso de laços familiares, acaba por servir a interesses distintos, que por vezes se chocam. Os autores espanhóis fazem uso dele para recuperar a autoridade cultural da região. Por sua vez, os hispano-americanos desejam promover os seus interesses nacionais. Nesse contexto pós-colonial, o hispanismo instrumentaliza os laços de seus autores hispano-americanos com o antigo colonizador, invertendo a posição subalterna típica das dinâmicas de autoridade e de hierarquização.¹⁹⁵

Tomamos o episódio em que a autora, em sua primeira passagem por Madri, teceu uma reflexão sobre a relação familiar com a Espanha, entrelaçando-a à sua concepção de história.

Bien sabido es, y hasta probado por muchos sabios modernos, que todos, más o menos, heredamos de nuestros antepasados el carácter, las cualidades y el aspecto físico. La historia es, pues, una ciencia que cada día debe considerar más importante, no solamente porque registra los hechos pasados sino porque es la clave de los hechos

¹⁹⁵ ARBAIZA, Diana. *Op. cit.*

presentes. No deberíamos arriesgarnos á dar nuestra opinión acerca el carácter de un pueblo si antes no hemos buscado la causa de sus propensiones en las páginas de la Historia; porque, repito, los actos de los antepasados son los responsables de los defectos, de las cualidades, de los vicios y de las virtudes de las poblaciones actuales¹⁹⁶.

O fazer história é compreendido como uma ciência que conecta passado e presente, um elemento fundamental para se compreender o que se passa na atualidade, já que, de acordo com a escritora, os ancestrais são responsáveis pela formação de caráter das comunidades atuais, moldando seus comportamentos e valores. Há uma narrativa de que os antepassados são responsáveis por tudo o que ocorre no presente, independentemente da qualidade dessa influência. O que nos leva a refletir sobre a discussão anteriormente aventada por Soledad de que os espanhóis seriam culpados por uma série de problemas nas relações sociais desenvolvidas em território colombiano, deixando a esse povo uma herança ruim.

Por outro lado, ao defender o discurso hispano-americanista, a autora demonstra certo incômodo em relação aos próprios americanistas por notar as tensões imbricadas nas relações entre hispano-americanos e espanhóis.

Aun cuando visitamos á España en una época en que se puede decir que está en coqueteos com los descendientes de sus antiguos colonos, y deseaba sinceramente tenerlos contentos, en las conversaciones familiares, en los discursos improvisados, de repente una palabra, una exclamación nos demostraba que aún los más entusiastas americanistas, no habían olvidado las quejas que tenían contra la emancipación de sus antiguas hijas.¹⁹⁷

Ela assinala que por mais que os americanistas se dedicassem a satisfazer os hispano-americanos, durante o nono Congresso Internacional de Americanas, existem rugas que se sobressaem durante as conversas. Acosta de Samper critica os americanos por ignorarem a história moderna latino-americana, julgando-os como interessados apenas na história colonial.

¹⁹⁶ “Bem conhecido é, e até provado por muitos sábios modernos, que todos, mais ou menos, herdamos de nossos antepassados o caráter, as qualidades e o aspecto físico. A História é, portanto, uma ciência que cada dia deve se considerar mais importante, não só porque registra os fatos passados mas porque é a chave dos fatos presentes. Não devemos arriscar dar a nossa opinião sobre o caráter de um povo sem antes não procurarmos a causa de suas propensões nas páginas da História; porque, repito, os atos dos antepassados são os responsáveis pelos defeitos, das qualidades, dos vícios e das virtudes das populações atuais.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Tomo I. p. 217.

¹⁹⁷ “Mesmo quando visitamos a Espanha em uma época em que se pode dizer que está flertando com os descendentes de seus antigos colonos, e desejava sinceramente tê-los felizes, nas conversas familiares, nos discursos improvisados, de repente uma palavra, uma exclamação nos demonstrava que mesmo os mais entusiastas americanistas, não haviam esquecido as queixas que tinham contra a emancipação de suas antigas filhas.” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem.* p. 225.

Sendo assim, o desconhecimento se deveria ao incômodo dos americanistas diante da emancipação das repúblicas hispano-americanas. De acordo com Acosta de Samper, de certa forma, o comprometimento desses intelectuais com o discurso americanista é fragilizado por uma visão colonizadora, já que muitos dos americanistas citados são europeus. Por outro lado, é necessário ter em mente que ao nos referirmos ao termo americanistas, tratam-se de estudiosos do continente americano, muitos deles oriundos da Europa Ocidental.

Vale a ressalva de que para compreendermos o discurso americanista, é necessário debruçarmo-nos sobre a própria concepção de América Latina. A tradição hispano-americana se deparou com a necessidade de constituir uma identidade de si a partir da elaboração de Michel Chevalier, que defendia a incorporação dos países latinos da América ao projeto da França, que seria a principal entre as nações latinas. De acordo com o historiador Valdir Donizete,

as ideias relacionadas à ‘raça latina’ ou ‘latino-americana’ e a formulação do conceito de ‘América Latina’, se apresentavam, portanto, na retórica intelectual hispano-americana de meados de 1850, como uma resposta aos avanços dos Estados Unidos no istmo centro-americano, especialmente no Panamá e na Nicarágua, funcionando como críticas à voracidade da ‘raça anglo-saxônica’ ou ‘ianque’ e como convocação à união das nações do subcontinente como forma de resistir ao poderoso vizinho¹⁹⁸.

Portanto, a construção do conceito de América Latina foi uma estratégia das repúblicas da América Central e da América do Sul para constituírem uma espécie de resistência aos Estados Unidos, a partir da construção de um discurso sobre si, sob o signo da “latinidade”. Ao apontar a decadência da Espanha, Chevalier propõe que a França assuma sua herança, fazendo frente aos Estados Unidos, fortalecendo o movimento latinista. É importante ressaltar que o latinismo e o hispanismo, enquanto correntes de opinião do cenário ibero-americano, propuseram a construção de novas identidades nacionais e transnacionais, aproximando-se devido à crítica aos Estados Unidos. A oposição entre esses dois movimentos não é significativa até a Primeira Guerra Mundial, portanto, acabam por se entrelaçar em determinados momentos, como coloca José Luis Beired:

“As relações com a América constituíam uma alternativa para reerguer a combalida Espanha, devolvendo-lhe a grandeza e o orgulho nacional. As manifestações de reatamento não escondiam a manutenção de uma perspectiva imperial que sempre

¹⁹⁸ SANTOS JÚNIOR, Valdir Donizete. Utopias industriais, sonhos imperiais: Michel Chevalier entre latinos e anglo-saxões na Europa e nas Américas (1833-1863). Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 2019. p. 282.

apresentava a Espanha como uma mãe benevolente diante das filhas americanas. De qualquer forma, uma nova imagem de império desenhou-se a partir de então, não mais baseada nas estruturas políticas da monarquia católica, mas no comércio e nos vínculos de religião, língua e costumes, configurando o alvorecer do momento hispanista.”¹⁹⁹

Diante da forte expansão territorial estadunidense, foi concebível a construção de um elo de identificação entre as demais repúblicas americanas. Nesse sentido, esse vínculo cultural ao qual se refere Beired é reivindicado por Acosta de Samper e contemporâneos durante do Congresso de Americanistas, em Huelva, buscando restabelecer as relações entre “mãe” e “filhas”.

Dessa forma, o fato de o termo ter logrado êxito está atrelado, de acordo com Mónica Quijada, ao cenário no qual

en la tradición hispanoamericana ‘Latinidad’ ha significado tanto aspiración a la universalidad, como una vía hacia el sincretismo, hacia procesos de mestizaje e integración. [...] el éxito notable del término América Latina tuvo que ver con el hecho de que ofrecía a los hispanoamericanos un espejo en el que todos los fragmentos podían reunirse en un nivel de integración superior y universalmente válido.²⁰⁰

Sendo assim, de acordo com Quijada, o termo América Latina conectou a aspiração à universalidade do progresso às populações heterogêneas, homogeneizando-as em torno da lógica nacional, convertendo-as em legítimas defensoras da soberania do Estado. Por mais que houvesse uma fragmentação cultural, o sincretismo e a mestiçagem foram motores para a construção dessa identidade latino-americana, provocando a identificação entre os seus pares. Para a autora, a América fortaleceu a consciência cultural hispano-americana, canalizando o debate em favor da afirmação do nacionalismo e da identidade hispânica.

Por fim, compreender o posicionamento da escritora colombiana em meio ao desenvolvimento da identidade latino-americana é peça fundamental para entender o seu discurso. A sua defesa do hispano-americanismo se bifurca em um forte pertencimento ao

¹⁹⁹ BEIRED, José Luis Bendicho. *Op. cit.*

²⁰⁰ “Na tradição hispano-americana ‘Latinidade’ significou tanto aspiração à universalidade, como uma via para o sincretismo, para processos de mestiçagem e integração. [...] o sucesso notável do termo América Latina teve a ver com o fato de que oferecia aos hispano-americanos um espelho no qual todos os fragmentos podiam reunir-se em um nível de integração superior e universalmente válido.” Tradução livre da autora. QUIJADA, Mónica. Sobre el origen y difusión del nombre ‘América Latina’ (o una variación heterodoxa en torno al tema de la construcción social de la verdad). *Revista de Indias*, 1998, vol. LVHI, núm. 214 p. 615

nacionalismo colombiano e um amparo no reconhecimento de uma identidade subcontinental. Portanto, esses dois elementos acabam por se manifestar em críticas à Espanha como lugar de origem, demonstrando em algumas passagens no diário de viagem que tanto América Latina quanto Colômbia estariam “*adelantadas*”, alinhadas ao progresso e a uma história evolucionista. Por outro lado, há um sentimento de integração com a cultura espanhola, por meio de uma noção de parentesco que a faz apontar certas ressalvas ao seu discurso de uma Espanha povoada pela barbárie.

IV. “*Encontré viva á la verdadera España*”: a valorização da mãe-pátria

Soledad Acosta de Samper transpareceu em seus escritos o debate sobre a identidade hispano-americana em voga, em fins do século XIX, entre os literatos e intelectuais, que posteriormente se consolidou com a chamada “Geração de 98”. Esta manifestava uma angústia pela decadência da Espanha, trazendo à pauta a necessidade de regenerar o país, considerado à margem da Europa. Essa condição de marginalização é justificada pela forte presença religiosa e militar do governo, bem como à censura e à repressão policial. A derrota na guerra de independência de Cuba foi o estopim para uma ampla crise identitária e uma revisão de valores que vem a reboque, diante das mudanças sociais imbricadas na emergência de conflitos entre burguesia e operariado, em meio ao processo de industrialização e urbanização acelerada. De acordo com a historiadora Maria Helena Capelato, a Geração de 98 propôs o resgate da *hispanidad*, termo cunhado por eles, em que a salvação estaria na afirmação da identidade hispano-americana, a fim de conectá-los à modernidade, promovendo a inserção da Espanha no cenário europeu.²⁰¹

Diante dessa efervescência política e cultural, Soledad traz ressalvas ao seu discurso hispano-americanista, elencando como elementos civilizatórios princípios identificáveis dentro da lógica da barbárie por outros americanistas. É impossível não pensarmos em casos de outros intelectuais que refletiram sobre esse mesmo ponto. Caso paradigmático é o de Domingo Faustino Sarmiento, um dos mais relevantes literatos nesse contexto de formação de identidade latino-americana. Seu olhar frente à Espanha é de quem a vislumbra como o lugar do atraso.

²⁰¹ CAPELATO, Maria Helena. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispano América. História. São Paulo, v. 22, n. 2, pp. 35-58, 2003.

Sarmiento não considerava o país como parte da Europa, apenas encarando a cidade de Barcelona como civilizada. Analisando o Estado-nação pela lógica das ausências, Sarmiento coloca que

Ninguna ciudad nueva se ha levantado; ninguna villa se ha hecho ciudad. Ninguna industria se ha introducido en tres siglos... No hai marina nacional. No hai caminos... No hai educación popular. No hai colonias. La imprenta i el grabado han decaído como las ciudades. No hai grabadores...²⁰²

Em seu discurso, o autor coloca que por três séculos nada de novo se produziu na Espanha, relegando-a a uma posição inferiorizada frente a outras nações europeias. A ausência de inovações tecnológicas e de urbanização no país se reduziria à expressão categórica de que “*no hai caminos*”. Vale o destaque de que Sarmiento debruça-se sobre a questão já na década de 1840. Isto posto, se a Espanha não é o caminho do futuro, a sua admiração reside na valorização da trajetória da república estadunidense, a qual ele compreende como uma sociedade que passou do estado da barbárie para a civilização. Para ele, um dos fatores responsáveis pelo estado de atraso da Espanha é a forte religiosidade católica, que teria repellido a nação ao arcaísmo. Eis aqui um ponto que diferenciava Soledad de Sarmiento. Se ambos coincidiam nas críticas que faziam ao atraso espanhol no que diz respeito ao progresso econômico e tecnológico, tinham posições contrárias no que diz respeito ao peso da religião católica no grau civilizatório da Espanha.

O discurso hispanista promoveu a ideia de uma comunidade hispânica transatlântica em que raça, cultura e religião se articulam. Vale observar que a tendência do hispano-americanismo encontrou nos intelectuais os melhores agentes políticos da Espanha. Como católica fervorosa, Acosta de Samper reforça a crença religiosa na Espanha e critica a emergência de movimentos anarquistas. Dessa maneira, o atraso espanhol é um alívio por protegê-la dos perigos da modernidade europeia. Isto posto, há a defesa de uma moral social de um passado imaginado na Espanha.²⁰³

Em meio a essa reflexão, temos intelectuais como o nicaraguense Ruben Darío, citado por Soledad em sua visita à casa da espanhola Emilia Pardo Bazán, e o uruguaio José Enrique

²⁰² “Nenhuma cidade nova foi levantada; nenhuma vila tornou-se cidade. Nenhuma indústria foi introduzida em três séculos... Não há marinha nacional. Não há caminhos... Não há educação popular. Não há colônias. A imprensa e a gravura decaíram como as cidades. Não há gravadores...” Tradução livre da autora. FAUSTINO SARMIENTO, Domingo. *Viajes en Europa, Africa i América, 1845-1847*. Madrid, ALCA XX, 1996. p. 166.

²⁰³ ARBAIZA, Diana. *Op. cit.*

Rodó, envolvidos na configuração da identidade latino-americana como resistência à expansão estadunidense. Ambos trazem em seus discursos a concepção do catolicismo como uma ideologia problemática, rechaçando-o. Por outro lado, a aproximação de personalidades como Zorrilla de San Martí, Ricardo Palma e Vicente Riva Palacio juntamente aos citados anteriormente, marcam o espaço das conferências de 1892 pela articulação desses intelectuais de reforço do legado espanhol, por meio de um discurso hispanista. Dedicamo-nos a citar esses intelectuais que fizeram parte do círculo de sociabilidade de Acosta de Samper por se afastarem e se aproximarem da perspectiva defendida por ela. Isso nos auxilia na reflexão sobre a pluralidade de discursos em voga.

A autora não só fez observações sobre a Espanha, atenuando a suas críticas ao país, como trouxe ressalvas ao discurso que situou a Colômbia na lógica da civilização. Para exemplificar tal posicionamento, utilizamo-nos de algumas passagens do diário de viagem da autora colombiana a partir de três elementos: a relevância do catolicismo em terreno espanhol, a valorização da história em território espanhol e o alcoolismo entre os colombianos.

Para tanto, damos início à discussão com a sua reflexão sobre a importância do catolicismo e da preservação da história na sociedade espanhola. Ao longo de sua vida como escritora e intelectual, desde a produção do seu diário íntimo, durante a sua juventude, Acosta de Samper continuamente enfatizou a sua defesa do catolicismo e de uma moral católica. A compreensão de uma nação marcada pela cristandade é ponto relevante para a autora, que identificou-se com movimentos políticos conservadores católicos, bem como dedicou-se a destacar em seus relatos de viagem a presença da igreja por onde passava.

Por outro lado, sua crença não a impede de admirar feitos de outras religiões, como narrou em sua passagem por Granada: “*No quisemos echar a perder la extraña impresión que nos había echo la mezquita, motivo por el cual no visitamos otros monumentos de menor interés.*”²⁰⁴ Por mais que os muçulmanos fossem entendidos como infiéis, Soledad celebrou a riqueza da arquitetura construída por eles. Em seu relato, visitando os palácios de Alhambra e as mesquitas, não houve nenhuma menção ao incômodo com os vestígios de uma religião muçulmana. De certo modo, a autora se tornou condescendente ao considerar as estruturas

²⁰⁴ “Não queremos estragar a estranha impressão que a mesquita nos havia feito, razão pela qual não visitamos outros monumentos de menor interesse.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España*. Tomo I. p. 259.

arquitetônicas como resquícios de história e não como uma espécie de afronta ao catolicismo, do qual era fervorosa devota.

Ali, o que está em voga é a valorização da história por meio da preservação de lugares históricos. Soledad valorizou a preservação da memória realizada pela Espanha ao dizer em Bilbao, que “*a cada paso que se da en España le asaltan á unos recuerdos históricos*”²⁰⁵. Em outros trechos, a autora repetiu a interpretação de que durante a sua viagem, ao visitar as cidades espanholas, sentiu-se adentrando a história por meio de seus vestígios arquitetônicos.

Ao referir-se aos costumes em Bilbao, a autora realizou comparações com Bogotá, pontuando que encontrou poucas cadeiras na igreja da cidade ao visitá-la no dia seguinte à sua chegada. o que lhe causou grande desapontamento, pois entendeu como um signo da pouca devoção dos espanhóis ao catolicismo. Diante disso, Soledad se recordou da sua viagem pela Europa Ocidental 20 anos antes e traçou uma comparação de que “*hoy las iglesias son frecuentadas por clases altas y medias*”, e que inclusive iriam menos senhoras ricas “*porque á muchas de éstas les ha dado por libres pensadoras*”²⁰⁶. Seu comentário em relação às frequentadoras traz a ideia de uma igreja enquanto instituição, que sente a renovação dos seus fiéis, de certo modo se pluralizando. De fato, não é possível mensurar se a quantidade de assentos na igreja da cidade de Bilbao significou uma baixa quantidade de fiéis católicos, porém, é notável que para a autora, haver poucos fiéis era um problema. Acosta de Samper compreendeu o catolicismo romano como uma forma de valor social, de preservação de certa moralidade.

Se Bilbao a decepcionou por conta da percepção de poucos fiéis católicos, Santiago de Compostela a incomodou por conta da sujeira das ruas e do constante assédio de mendigos. Apesar de certa decepção com Santiago, a escritora apontou por que decidiu continuar a sua visita à cidade espanhola:

“[...] si nos detenemos más tiempo en Santiago de Compostela, si me complazco en describir aquella ciudad y sus monumentos y tradiciones, es porque allí, más que en ninguna otra parte, encontré viva á la verdadera España de la Edad Media. Allí pude contemplar aquella civilización nacida de la fe cristiana”²⁰⁷.

²⁰⁵ “[...] a cada passo que se dá na Espanha lhe tomam umas lembranças históricas”. Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 77.

²⁰⁶ “[...] hoje as igrejas são frequentadas por classes altas e médias”, “porque há muitas delas lhes deu por livres pensadoras.” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 26.

²⁰⁷ “[...] se nos detivermos mais tempo em Santiago de Compostela, se me agrado em descrever aquela cidade e seus monumentos e tradições, é porque ali, mais do que em qualquer outro lugar, encontrei viva a verdadeira

Acosta de Samper parece ter encontrado o que buscava, uma Espanha enquadrada no discurso civilizatório, amparada por tradições e monumentos, a “*verdadera España*”. Esse mergulho na “Espanha profunda” traz uma conotação de retorno às origens, que Soledad considerou como um Estado-nação construído a partir da fé cristã. Ela parte da ideia de que o catolicismo moldou a Espanha enquanto nação, não no sentido de um estado teocrático, mas em relação à moral e aos costumes vigentes.

A questão religiosa é um elemento importante e valorizado pela colombiana, que partilha da mesma fé e de uma visão de mundo marcada pela cosmogonia cristã. Ao encantar-se pela cidade de Santiago de Compostela, a escritora reflete sobre a sua noção de fé:

Allí pude contemplar aquella civilización nacida de la fe Cristiana y que inspiro todas las hazañas de otros siglos; fe que dió por resultado la unificación del reino español; fe que no arredra ni sacrificios; fe que en la época de los Reyes católicos cubrió de gloria á aquella nación; fe que la obligó á arruinar su comercio y su agricultura com la persecución de los intrusos árabes y judíos; fe ante la cual no vacilo nunca y prefería perder todos los bienes de este mundo si éstos eran contrários á la Religión, que profesaba com amor fanático, si se quieren pero sincerismo, y por conseqüente digna de admiración y de respeto.²⁰⁸

Soledad construiu uma narrativa na qual alinhou os processos históricos espanhóis a uma proteção da fé cristã, em uma espécie de movimento cruzadista, fortalecendo a sua admiração pela religião. Isto posto, destacou o auge espanhol por meio do governo dos reis católicos, em alusão a Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Dessa forma, a Espanha é entendida aqui como uma heroína, disposta a se sacrificar em prol da manutenção da igreja. O seu sacrifício teria se dado diante da ocupação dos muçulmanos na região por séculos, à qual a autora se refere como “*la persecución de los intrusos árabes y judíos*”. Tal afirmação nos auxilia a refletir sobre a sua interpretação ao visitar Alhambra e algumas mesquitas em Granada.

Espanha da Idade Média. Ali pude contemplar aquela civilização nascida da fé cristã." Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España*. Tomo I. p.198.

²⁰⁸ “Ali pude contemplar aquela civilização nascida da fé Cristã e que inspirou todas as façanhas de outros séculos; fé que deu por resultado a unificação do reino espanhol; fé que não arrefecia nem sacrificios; fé que na época dos Reis católicos cobriu de glória a aquela nação; fé que a obrigou a arruinar seu comércio e sua agricultura com a perseguição dos intrusos árabes e judeus; fé diante da qual não vacilo nunca e preferia perder todos os bens deste mundo se estes fossem contrários á Religião, que professava com amor fanático, se quiserem mas sinceridade, e por conseqüente digna de admiração e de respeito.” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*.

Ao referir-se à sua viagem à Espanha como um todo, a autora conecta novamente a questão sobre o desenvolvimento da modernidade e do progresso em território espanhol.

Por otra parte, si deseamos encontrar interés en un viaje á España, no será buscando progresos modernos, los cuales hallaremos á pedir de boca en Francia é Inglaterra. La nueva civilización no cala en la patria del Cid sino muy lentamente.... casi por la fuerza; se filtra allí gracias á las comunicaciones que la marcha invencible del progreso ha llevado con los ferrocarriles y los telégrafos, y que el Pueblo no acepta con gusto. Lo respetable en España, lo interesante, lo que agrada, es aquello que conserva todavía el sabor característico de la Edad Media; los recuerdos de sus glorias; de la fe Cristiana, que tantas hazañas les inspiraron; las costumbres que eran las mismas en toda Europa hace algunos siglos, y que sólo allí se conservan vivas²⁰⁹.

A autora apontou um esforço de alcançar a “nova civilização”, que teria sido impedida diante da repulsa ao moderno na qual a Espanha se colocaria. Mais do que isso, Soledad afirma que a nação pode ser digna de respeito a partir do momento em que se reflete sobre o seu exercício de preservação da memória por meio de monumentos e lugares históricos, bem como a proteção da fé cristã, por mais que tenha tido uma decepção em relação aos fiéis espanhóis em Bilbao.

Para ela, as referências de modernidade residem na Inglaterra e na França, países tidos como desenvolvidos e civilizados de acordo com essa narrativa. Nesse trecho, a Idade Média ganha uma conotação positiva e é entendida não mais como um lugar do atraso, quebrando o significado de “idade das trevas”, porém um momento em que reside na história espanhola, “*los recuerdos de sus glorias; de la fe Cristiana, que tantas hazañas les inspiraron*”²¹⁰.

Se por um lado a presença da preservação da memória é valorizada, por outro, Acosta de Samper acusa a própria população espanhola de não permitir o avanço da modernidade, diante da resistência frente a inovações tecnológicas, como os telégrafos e os trens. Isto posto, a modernidade acaba chegando pela força, segundo ela, por não encontrar entradas pela sociedade.

²⁰⁹ “Por outro lado, se queremos encontrar interesse em uma viagem para a Espanha, não será buscando progressos modernos, os quais acharemos pedir de boca na França e na Inglaterra. A nova civilização não entra na pátria do Cid, mas muito lentamente... quase pela força; filtra-se ali graças às comunicações que a marcha invencível do progresso levou com os caminhos-de-ferro e os telégrafos, e que o povo não aceita com prazer. O respeitável na Espanha, o interessante, o que agrada, é aquilo que conserva ainda o sabor característico da Idade Média; as lembranças de suas glórias; da fé cristã, que tantas façanhas lhes inspiraram; os costumes que eram os mesmos em toda a Europa há alguns séculos, e que só aí se conservam vivas.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Tomo I. p. 220.

²¹⁰ *Idem, ibidem.* p. 201.

Partindo dessa questão, é possível pensar a própria memória construída a partir dessa lógica de poder, ao nos depararmos com o seu fascínio pelos lugares conhecidos, em que “*cada nombre de estación nos traía á la memoria algún suceso memorable.*”²¹¹ Muitos desses locais memoráveis, relacionam-se ao processo histórico, que a autora cunha como “invasão dos europeus”, como outrora discutimos. Mais do que apontar contradições, o que assinalamos nesta pesquisa é a complexidade das relações em voga, principalmente pensando-se o caso de uma mulher literata e viajante.

Diante dos argumentos aventados por Soledad sobre a importância da valorização da história e de seus patrimônios históricos na Espanha, bem como da relevância da manutenção da fé e da moral católica, dedicamo-nos à questão do alcoolismo em voga na América. Uma das qualidades que a autora destaca, durante sua passagem por Bilbao, é a ausência de embriagados pelas ruas e lugares públicos na Espanha.

Ao comparar com a sua experiência na América, a autora escreveu que “*el vicio de la embriaguez, tan común en todas las Repúblicas Sudamericanas, no ha sido herencia de los españoles sino de los indígenas que poblaban la América.*”²¹² O alcoolismo era (e ainda é) uma prática disseminada entre as populações indígenas, por uma série de questões, mas de acordo com a sua visão, isso se trataria de um costume inerente a essas populações. Não só nesse trecho, mas em outros, notamos a concepção de que os indígenas são, para ela, representantes da barbárie.

Vale o destaque de que embora a autora não tenha visitado todos os países da América do Sul, construiu a argumentação de que todos eles estariam “contaminados” por tal vício. Podemos levantar a questão de que o seu maior contato cultural com o cotidiano dos países latino-americanos se deu na Colômbia e no Peru. Sendo assim, não categorizar a Colômbia, por exemplo, como povoada por alcoólatras é uma estratégia de preservação da sua pátria, mantendo a imagem construída pelo nacionalismo colombiano. Mais do que isso, ao relegar às populações ameríndias a culpa por distribuir o vício por gerações traz a marca do racismo, em meio a um contexto de profusão de discursos racialistas, como as teorias de Lombroso e o darwinismo social, que corroboraram para assinalar esses marcadores sociais da diferença como inatos ao indivíduo. Ao considerar o alcoolismo uma prática indígena e responsabilizar

²¹¹ “Cada nome de estação nos trazia à memória algum evento histórico”. Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Tomo II. p. 63.

²¹² “[...] o vício da embriaguez, tão comum em todas as Repúblicas Sul-Americanas, não foi herança dos espanhóis, mas dos indígenas que povoavam a América.” Tradução livre da autora *Idem, ibidem*. Tomo I. p. 234.

os ameríndios por isso, Acosta de Samper afasta-os do povo colombiano, deixando intocada a imagem de um povo civilizado, que ela construiu no decorrer do seu diário de viagem, bem como em outras publicações, como a obra *La mujer en la sociedad moderna* (1895).

Em meio ao discurso hispanista, intensifica-se a associação com a cultura espanhola e o projeto de colonialismo interno, por meio das manifestações culturais. Dessa forma, em um esforço de purificação da nação, a “desindianização” é considerada um meio em voga. Acosta de Samper partilha da perspectiva de que a cultura indígena estaria fadada ao desaparecimento, devido ao processo de miscigenação, ao mesmo tempo em que valoriza os brancos como mais aptos, dentro da lógica do darwinismo social. A sua comunicação “*Los aborígenes que poblaron los territorios que hoy forman la Republica de Colombia, en la época del descubrimiento de América.*”, no nono Congresso de Americanistas, aponta uma Soledad que assume uma voz distante e um olhar objetificado sobre essas comunidades, empregando um discurso imperialista. A retórica nacionalista representa os indígenas como parte de um passado distante e antiquado, invisibilizando sua existência nas sociedades contemporâneas hispano-americanas.²¹³

Em *Viaje a España*, Acosta de Samper seleciona elementos da cultura espanhola que marcam sua tradição, os quais valoriza na construção da modernidade da Colômbia. Perante as contestações de Soledad sobre a Espanha, apontando ressalvas para o seu lugar de atraso, à margem dos países europeus, celebrados pela modernidade como França e Inglaterra, notamos seu esforço em atenuar as críticas feitas ao país. Seria uma afirmação rasa determinar que a moderação em seu discurso tenha sido tão somente pela viagem à Espanha ter sido realizada a convite da Coroa espanhola. Levantamos como hipótese a compreensão de que o exercício de negar a Espanha, no limite, acabaria por ser uma rejeição da própria Colômbia e de suas “irmãs” hispano-americanas. Isto posto, uma crítica ferrenha à Espanha representaria a própria contradição do seu discurso americanista. Afinal, o que restaria a ser defendido? O que poderia ser valorizado em território americano? Há um jogo discursivo de defesa de si a partir do momento em que as críticas à Espanha sofrem ressalvas.

Sua forma de enxergar o mundo, encontrando modelos nacionais e sociais a serem seguidos e dialogando com eles, se deveu muito à sua circulação entre mundos, como a Colômbia, Espanha e França, em suas viagens. A trajetória de Acosta de Samper nos permitiu

²¹³ ACOSTA DE SAMPER, Soledad. Memorias presentadas en congresos internacionales que se reunieron en España durante las fiestas del IV centenario del descubrimiento de América en 1892”. Chartres: Imprenta de Durand, 1893.

levantar a questão da circulação de ideias. Entre o local e o global, o conhecimento se estrutura em rede ao lado dos lugares do saber. Como coloca Ricardo Salvatore,

Es que las relaciones entre contextos locales y flujos transnacionales de saberes no resultaban totalmente explicitadas en el momento del “encuentro” entre locales y visitantes. Se trataba más bien de un conjunto de situaciones que involucraban actividades y dispositivos muy variados: de la traducción a las agencias culturales de los imperios; de los peregrinajes académicos de jóvenes científicos al uso de los diseños coloniales o tercer-mundistas; de impugnaciones de humanistas locales al intelectual europeo a la circulación de representaciones geográficas y de fósiles²¹⁴.

A circulação de ideias, segundo Salvatore, materializa-se mais em situações do cotidiano que em discursos escritos ou orais. Os encontros culturais permitem essa profusão de conhecimentos. Além de pensar a questão da circulação de saberes, para se entender os relatos de viagem, diante dos limites da representação, deve-se lançar mão de uma abordagem multidisciplinar²¹⁵. Os relatos de viagem captam elementos do cotidiano para além da experiência em si, apontando formas de representá-las. Eles acabam por se afastar da norma e trazer olhares distintos sobre as relações sociais e a possibilidade de enxergar desigualdades²¹⁶.

Nesse campo, o relato de viagem feminino é enquadrado como uma categoria fluida, que ultrapassa definições, dialogando com campos distintos, como a produção de memória e a ficção. Apesar de partirmos da premissa de que se trata de um material produzido em primeira pessoa, factual, sobre a jornada pela qual a autora passou. Além das fronteiras borradas da categoria, temos o jogo de forças e poderes em volta da questão do papel da mulher enquanto escritora e sujeito histórico. Soledad Acosta de Samper é um exemplo desse campo fluido da escrita que perpassa a experiência pessoal em forma de relato em conjunto com informações históricas dos lugares por onde passa, legitimadas pela citação de historiadores e estudiosos.

²¹⁴ “É que as relações entre contextos locais e fluxos transnacionais de saberes não eram totalmente explicitadas no momento do ‘encontro’ entre locais e visitantes. Tratava-se antes de um conjunto de situações que envolviam atividades e dispositivos muito variados: da tradução para as agências culturais dos impérios; das peregrinações acadêmicas de jovens cientistas ao uso dos desenhos coloniais ou terceiro-mundistas; de contestações de humanistas locais ao intelectual europeu à circulação de representações geográficas e de fósseis.” Tradução livre da autora. SALVATORE, Ricardo D. (Org.) Introducción. Los lugares del saber. *Los lugares del saber. Contextos locales y redes transnacionales en la formación del conocimiento moderno*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo Editora, 2007. p. 16-17.

²¹⁵ BORM, Jam. “Defining travel: On the travel book, travel writing, and terminology.” In: HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim. *Perspectives on travel writing*. Londres: Ashgate, 2004.

²¹⁶ HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim (Org.) Introduction. In: HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim. *Perspectives on travel writing*. Londres: Ashgate, 2004.

Por outro lado, ela borra as fronteiras de gênero ao atuar em espaços tidos como masculinos, reiterando, por outro lado, a sua função social como mulher²¹⁷.

Enfim, este capítulo teve como objetivo compreender o discurso americanista de Acosta de Samper, mediante o desenvolvimento de um nacionalismo colombiano, paralelamente à configuração da identidade hispano-americana. Procuramos explorar o fato de a escritora levantar a bandeira do americanismo como uma estratégia de defesa do seu trabalho intelectual e por uma necessidade de situar-se no mundo das letras. Diante do reconhecimento da sua trajetória na esfera pública, a adesão a esse discurso, que já se delineava em seu diário íntimo na juventude, ao narrar as guerras civis na Colômbia, foi um elemento importante na consolidação de si como colombiana.

²¹⁷ O debate atrelado à questão de gênero será aprofundado no capítulo 3.

Capítulo 3 - O papel da mulher letrada latino-americana - relações de gênero em fronteira

Neste capítulo, dedicamo-nos às questões de gênero que advêm da narrativa de Acosta de Samper em *Viaje a España*, levando em consideração as particularidades da sua interpretação que perpassam a sua condição como uma mulher viúva, prestes a completar sessenta anos, colombiana, burguesa, que viaja sem uma companhia masculina. A fim de complementarmos nossa interpretação, utilizamos o livro “*Mujer en la sociedad moderna*”, escrito por Soledad e publicado em 1895, para auxiliar a compreensão e a própria extensão do seu discurso em relação ao papel social das mulheres.

A trajetória da escritora colombiana Soledad Acosta de Samper, narrada em *Viaje a España* e nas cartas de sua filha Blanca Leonor, nos provoca reflexões sobre a sua atuação e jornada na vida pública, que lhe permitiram ocupar espaços em redes de sociabilidade intelectuais. Isso se deu em meio ao contexto de efervescência cultural e de ressignificação das relações entre Espanha e suas antigas colônias americanas, logo após os processos de independência hispano-americanos, tão abordadas pelos intelectuais da “geração de 98”, e das comemorações do Quarto Centenário de Conquista da América por parte da Espanha, que se esforça em uma reconexão com a região, outrora conhecida como América Hispânica²¹⁸. Como trabalhado nos capítulos anteriores, as questões relacionadas às redes de sociabilidade, ao reconhecimento e à identidade hispano-americana emergem a partir dos escritos de Acosta de Samper. Por sua vez, diante da ênfase que a autora dá ao tema, é inegável que a questão de gênero merece nossa atenção, não só no seu relato de viagem, mas a ponto de dar origem a uma obra que trata exclusivamente dessa questão, *La mujer en la sociedad moderna* (1895).

Viaje a España revela as percepções da escritora colombiana sobre a forma como os espanhóis relacionavam-se com as mulheres, fosse em suas observações do espaço público, principalmente em suas visitas a lazer em determinadas cidades como Granada, fosse nos burburinhos compartilhados sobre a esfera da vida privada, encerrada entre quatro paredes. Em determinadas passagens, Acosta de Samper demonstra surpresa, enquanto em outras, aversão, ao observar tais relações. Os acontecimentos diretamente relacionados a Soledad e a Blanca, que trouxeram as suas experiências como mulheres viajantes à esfera do medo e do receio,

²¹⁸ CAPELATO, Maria Helena Rolim. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. História (UNESP - São Paulo), vol. 22, núm. 2, 2003, pp. 35-58.

ganham maior destaque em sua narrativa. Por outro lado, a sua participação no *V Congreso Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano* parece ter lhe causado maior mal estar diante da decepção com as falas e reações na sessão que discutia a participação das mulheres no mercado de trabalho, quando em vez de se desfazer a premissa de uma divisão sexual do trabalho, há uma defesa da concepção de postos profissionais restritos aos homens.

No cerne dessas questões apresentadas por Acosta de Samper, encerra-se uma sociedade tensionada pela emergência do movimento feminista e das suas discussões sobre a igualdade entre gêneros, inicialmente trazidas pelas sufragistas inglesas. Vale a ressalva de que a escritora colombiana estava próxima a essas discussões, já que morava em Paris desde 1888, após a morte de seu marido, José Maria Samper, um epicentro cultural para tais discussões. Adentrando sua narrativa, temos a argumentação da própria visão de Soledad não só sobre como ela interpreta as relações das redes de sociabilidade e aquelas que observa na chamada antiga mãe pátria, como propriamente a sua forma de compreender as mulheres nas sociedades da Europa Ocidental, Colômbia e Estados Unidos. Um olhar que não se desprende do discurso outrora discutido nesta dissertação acerca do que seriam sociedades marcadas pelo “atraso” ou pelo “progresso”.

Tomamos como hipótese que os relatos de viagem constituíram um espaço de reflexão e redescoberta de identidades nacional e pessoal de Soledad, ao lançar o seu olhar sobre o Outro, fortalecendo a constituição de um Eu. Por conseguinte, em seus escritos, é possível identificar o que a autora entende pelos papéis de gênero e os respectivos espaços de negociação e atuação. Nesse sentido, ela se depara com o conflito entre essas concepções na Espanha, na Colômbia e em países os quais Acosta de Samper entende como mais “civilizados”, como Inglaterra e França.

A fim de discutir essas questões, este capítulo está estruturado a partir de três eixos: o entendimento de Acosta de Samper da função social da mulher por meio da discussão do livro “*La Mujer en la Sociedad Moderna*”, a constituição dos papéis de gênero em meio a espaços de negociação e as fronteiras estabelecidas entre os espaços público e privado, diante das funções sociais estabelecidas entre homens e mulheres. Dessa forma, em *Espaços de reconhecimento: ‘Mujer en la sociedad moderna’*, buscamos compreender a função social da escritora na América Latina, a partir da perspectiva de um devir, maculado pela ótica católica em que haveria uma missão dada por Deus a ser cumprida, discurso recorrente na narrativa de Acosta de Samper. Para tanto, no primeiro tópico, “Identidades em disputa: espaços de negociação”, utilizando-nos do aporte teórico provido por autoras como Judith Butler e Joan Scott, aprofundamos o debate para pensarmos as fronteiras estabelecidas entre as relações de

gênero e seus respectivos espaços de atuação e negociação, provocando a ressignificação de identidades por meio dessa ótica. Consequentemente, tais articulações nos apontam como as relações estabelecidas na vida pública se refletem no papel social das mulheres e a construção de suas influências, que discutimos no tópico seguinte, “A cidade sexuada = Fronteiras entre os espaços público e privado”. A partir do jogo estabelecido entre público e privado, refletimos sobre as identidades em disputa nesses espaços para compreendermos o que é performatizar a “feminilidade” e o “ser mulher” dentro de redes de sociabilidades formadas por homens, entendidas como espaços masculinos.

Em tempo, utilizamo-nos dos escritos de viagem nos quais Soledad narra percalços vividos na Espanha por sua condição de mulher, tomando episódios abordados pela historiadora Stella Maris Scatena Franco, a serem analisados, como o temor de assaltos no trem e a desconfiança com cocheiros que a levavam durante uma madrugada²¹⁹. Ademais, as suas reflexões se estendem a outras mulheres, sejam as encontradas pelas ruas das cidades ou as que ela traz em suas histórias sobre a Espanha.

I. Identidades em disputa: espaços de negociação

Viaje a España evidencia uma narradora-personagem que, em seus escritos, (re) constrói a sua própria identidade em meio a sua jornada como mulher e viajante. Contidas em seus relatos, há reflexões sobre os seus espaços de atuação e de negociação, enquanto Soledad viaja acompanhada apenas de sua filha Blanca Leonor. Em meio a essas narrativas produzidas pela escritora colombiana ou por ela apropriadas, ressaltamos a relevância dos espaços de negociação e o jogo complexo que se instaura socialmente.

No primeiro volume, Acosta de Samper traz uma narrativa mais calcada na estrutura do relato de viagem, no qual a escritora compartilha as suas observações pelas cidades visitadas, observando as relações entre homens e mulheres a partir dos espaços sociais ocupados, assumindo uma voz de “turista”. À medida em que “pede licença” para falar, que faz uso da retórica da autonegação, termo cunhado pela historiadora Stella Maris Scatena Franco²²⁰; Acosta de Samper se apropria de um discurso de pioneirismo, no qual ela se identificaria como uma mulher à frente do seu tempo.

²¹⁹ FRANCO, Stella Maris Scatena. Viagens relatos: representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2018.

²²⁰ *Idem, ibidem.*

Em diversas passagens, a autora corrobora uma narrativa de auto valorização não só do seu trabalho, mas em relação aos espaços que ocupa. Durante a sua visita a Granada, Soledad compartilhou com o leitor a sua conversa com o senhor Tejeiro:

“Regresamos al hotel ya con los últimos resplandores del día, conversando muy agradablemente con el señor Tejeiro (alcalde de Granada), quien ofreció visitarnos en París cuando allí fuera; pues París es para todo español de buena sociedad, sitio obligado de permanencia durante algunas semanas todos los años después del verano.²²¹”

As suas referências à França como o espaço de progresso são constantes, o que aponta não só para a sua percepção sobre as relações dicotômicas entre os países da Europa Ocidental, bem como ao que entende por atraso e progresso, em meio ao discurso da modernidade. Por outro lado, podemos compreender como uma forma de comunicar ao seu leitor que a própria autora ocupa esse lugar do progresso, já que vivia em Paris há alguns anos e compartilharia da percepção de vida francesa. De certa forma, Acosta de Samper parece justificar ao seu público leitor que ocupava o espaço que lhe era devido, não representando assim um desvio da norma.

Em outra passagem de *Viaje a España*, em que Soledad está se lamentando sobre as importunações que sofre como turista pelas ruas da região da Andaluzia, emerge a sua marcada visão sobre a relação entre atraso e progresso. Ao relatar o assédio de um homem que se identifica como fotógrafo e que segue Soledad e Blanca Leonor durante um passeio, Acosta de Samper questiona se tamanho assédio seria porque o fotógrafo as teria identificado como inglesas.²²² A Inglaterra ocupa o mesmo lugar que a França em relação ao progresso nas discussões que a escritora traz em seu relato de viagem. Ser identificada como inglesa em um cenário caótico seria a própria materialização da dicotomia entre atraso e progresso. Diante disso, em que medida a identificação dessa perspectiva poderia se relacionar com a forma em que esses países lidam com a presença de mulheres no espaço público?

Acosta de Samper compartilha como a sua presença é aguardada nos destinos visitados e como é ativada uma rede de sociabilidade masculina que a espera. Em Granada, Soledad é acolhida por uma espécie de prefeito da cidade:

“A las dos de la tarde se hizo anunciar el señor Manuel Tejero y Meléndez, Alcalde-Presidente de Granada, caballero muy cortés, de cuya exquisita amabilidad quedamos

²²¹ “Regressamos ao hotel já com os últimos esplendores do dia, conversando muito agradavelmente com o senhor Tejeiro (prefeito de Granada), que ofereceu visitar-nos em Paris quando lá fora; pois Paris é para todo espanhol de boa sociedade, lugar de permanência obrigatória durante algumas semanas todos os anos após o verão.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Tomo I. pp. 60-61.

²²² *Idem, ibidem*. p. 50.

en extremo agradecidas. Su coche nos esperaba bajo las árboles de la alameda frente al hotel, y en él nos encaminamos á la Alhambra”²²³

Manuel Tejero y Meléndez não é o único a aguardar essas mulheres viajantes. Em sua partida de Burgos para Valladolid, a escritora colombiana conta com alianças de outros personagens masculinos que lhe entregam a costumeira carta de recomendação:

“A la una y media de la tarde estábamos en la estación del ferrocarril, hasta la cual nos acompañó nuestro excelente Canónigo, quien además de todas sus finezas, nos dió una carta de introducción para un caballero importante de Valladolid, ciudad que deberíamos visitar después.”²²⁴

Em sua viagem, Acosta de Samper se depara com outros “*caballero(s) importante(s)*”. Em outro momento, em visita a uma instituição católica em Córdoba, Acosta de Samper recebe a acolhida de desconhecidos, que tampouco são nomeados aos seus leitores.

“Un sacristán con varios acompañantes nos esperaban yá.
- Tenemos orden del señor Deán - que recibió recado de Don ***, - para señalar á ustedes todos, nos dijeron.
Despidieron al chico del hotel con cajas destempladas y se hicieron dueños de nuestra libertad: de allí para adelante no podíamos dar un paso sin que aquellos hombres nos lo indicarán; á riesgo, nos aseguraron, de no ver todo en su debida forma.”²²⁵

Os excertos escolhidos nos auxiliam a refletir sobre o amparo que a rede de sociabilidade masculina fornece a Soledad e Blanca. Políticos e literatos, esses homens se comunicam e reforçam a narrativa da escritora colombiana como uma persona importante, já que deixam seus afazeres cotidianos para guiá-las durante dias por suas cidades, permitindo acessos privilegiados a locais privados ou em processo de restauração, como o caso de Alhambra, em que a visita é feita com o próprio arquiteto responsável pelo restauro do complexo de palácios.

Ao comentar sobre as cartas de recomendação que recebeu durante essa viagem, Acosta

²²³ “Às duas da tarde, fez-se anunciar o Senhor Manuel Tejero e Meléndez, Presidente da Câmara-Presidente de Granada, cavalheiro muito cortês, de cuja requintada amabilidade somos extremamente gratas. Seu carro nos esperava sob as árvores da alameda em frente ao hotel, e nele nos encaminamos à Alhambra.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Tomo I. p. 20.

²²⁴ “A uma e meia da tarde, estávamos na estação de trem, até a qual nos acompanhou nosso excelente cônego, que além de todas suas finezas, nos deu uma carta de recomendação para um cavalheiro importante de Valladolid, cidade que deveríamos visitar depois.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Tomo I. p. 92.

²²⁵ “Um sacristão com vários acompanhantes nos esperavam já. Temos ordem do senhor Dean - que recebeu uma mensagem de Don **, - para assinalar todos, disseram-nos. Despacharam o menino do hotel com caixas desmanchadas e se fizeram donos de nossa liberdade: dali para frente não podíamos dar um passo sem que aqueles homens nos indicassem; há risco, nos asseguraram, de não ver tudo em sua devida forma.” ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Tomo I. p. 252.

de Samper compartilha a trajetória dos homens que as encontraram e dos destinos em que optou por não entregar a carta, ficando assim implícita uma estratégia narrativa. Tomamos a questão discursiva de acordo com o filósofo francês Michel Foucault,

“[...] os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras²²⁶.”

Nesse sentido, afastamo-nos da perspectiva reducionista da atuação das mulheres ocupando as margens sociais, para compreendermos o lugar no qual Soledad se posiciona e como ele se relaciona com o espaço que lhe é reservado socialmente, tendo em vista uma mulher viúva e estrangeira que percorre a Espanha como uma figura pública, reconhecida pelos seus pares. Destarte, compartilhamos da perspectiva trazida por Teresita de Barbieri, que dialoga com as proposições de Foucault:

“Lembremos a célebre frase de Foucault: ‘o poder se exerce, não se possui. Não se guarda numa caixinha’, ou em um armário. Ele produz verdades, disciplinas e ordem, mas também está sempre em perigo e ameaçado de perder-se. Por isso, não são suficientes leis e normas, ameaças cumpridas e castigos exemplares. As (os) dominadas (os) têm um campo de possibilidades de readequação de obediência aparente, mas desobediência real, resistência, manipulação da subordinação. Daí então é que os lugares de controle sobre as mulheres – em nossas sociedades - o desempenho dos papéis das mães-esposas-donas de casa – sejam também espaços de poder das mulheres: o reprodutivo, o acesso ao corpo e a sedução, a organização da vida doméstica. [...] Tornam-se então espaços contraditórios e inseguros. Sempre em tensão. As mulheres podem, por exemplo, ter filhos que não sejam do marido, aparentar esterilidade ou se negar simplesmente a tê-los, engravidar em momentos inoportunos, se relacionar sexualmente com outras e outros, seduzir com diferentes objetivos, se negar a trabalhar no lar impedindo a sobrevivência de seus integrantes, incluindo-se aí as crianças recém-nascidas, etc.”²²⁷

Diante das tensões sociais estabelecidas entre gêneros, as negociações, os interditos e silenciamentos tornam-se lugares de controle e de possibilidade de fuga dessa ordem. As estratégias de negociação diante da ordem estabelecida se manifestam em distintas formas de

²²⁶ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1988. p. 96

²²⁷ BARBIERI, Teresita de. *Sobre a Categoria Gênero: uma introdução teórico-metodológica*. Recife: S.O.S Corpo, 1993. p. 12.

desobediência e resistência ao *status quo*, que não exigem necessariamente o enfrentamento direto ou a exposição das tensões entre gêneros. De acordo com Nelly Richards,

“[...] o modo como cada sujeito concebe e pratica seu gênero está mediado por todo um sistema de representações que articula o processo de subjetividade através de formas culturais. Os signos ‘homem’ e ‘mulher’ são construções discursivas que a linguagem da cultura projeta e inscreve na superfície anatômica dos corpos, disfarçando sua condição de signos atrás de uma falsa aparência de verdades naturais, a-históricas.”²²⁸

A partir da premissa trazida por Nelly Richards da diferenciação cultural estabelecida entre homens e mulheres, que é revestida por um discurso biologizante, naturalizador, levanta-se a importância das construções discursivas na linguagem da cultura. A fim de refletir sobre a compreensão desses espaços de diferenciação, que não só atuam no âmbito discursivo, mas expressam-se fisicamente, trazemos para análise uma passagem de *Viaje a España* na qual Acosta de Samper foi a uma missa dominical e compartilhou com os seus leitores a forma como os presentes ocupavam aquele espaço:

“En las iglesias hay poquísimas sillas y bancos en donde sentarse con alguna comodidad. Las mujeres, tanto señoras como plebeyas, se sientan en el suelo desnudo, ó llevan asientos de mano, y se cubren la cabeza con un mantón de gasa ó de encaje negro, mientras que los hombres oyen la misa de pie á las puertas de las iglesias.”²²⁹

Há uma forma de se colocar em público que não escapa à escritora colombiana, em um contexto no qual a rua é um mundo masculino que ela ocupa com ressalvas e por meio de negociações. A prática dessas senhoras de cobrirem as cabeças nas igrejas aponta como há uma necessidade de não se provocar incômodos dentro de espaços que caberiam tão somente aos homens.

Durante a sua estadia na cidade de Burgos, em visita a Cartuja de Miraflores, Acosta de Samper lamenta sobre os limites impostos às mulheres:

“desgraciadamente nuestro sexo nos impidió entrar al convento y contemplar con nuestros ojos aquellas celdas solitarias, aquellos jardincillos que cultivaba cada uno, mientras que meditan en silencio en las vanidades del mundo.”²³⁰

²²⁸ RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas. Arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002. pp. 30-31.

²²⁹ “Nas igrejas, há pouquíssimas cadeiras e bancos onde sentar-se com alguma comodidade. As mulheres, senhoras e plebeias, sentam-se no chão nu, ou levam assentos de mão, e cobrem a cabeça com um xale de chifon ou de renda preta, enquanto os homens ouvem a missa em pé nas portas das igrejas.” ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893. Tomo I. p. 25.

²³⁰ “[...] desgraciadamente nosso sexo nos impediu entrar no convento e contemplar com nossos olhos aquelas celas solitárias, aqueles jardins que cultivam cada um, enquanto meditam em silêncio nas vaidades do mundo.” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 80.

O incômodo que emerge da situação vivenciada por Acosta de Samper, devido a não ter acesso ao convento por ser mulher, não representa um questionamento da sua fé católica, mas a forma como nem mesmo a rede de sociabilidade masculina, que funcionara como protetora até então, permitiu-lhe esse acesso privilegiado. Ao comentar sobre a prática religiosa realizada naquela construção, a escritora colombiana coloca que “*mientras que meditan en silencio en las vanidades del mundo*”, o que nos leva a questionar se a autora estaria ironizando a situação vivida. O não acesso ao convento, por ser uma atividade proibida às mulheres, seria fruto das vaidades do mundo? Afinal, seria essa feira das vaidades que impediria a inserção social das mulheres?

Em um mundo no qual as convenções sociais limitavam as mulheres à esfera doméstica, pensando no caso das mulheres burguesas brancas, a viagem emerge como oportunidade de distinguir-se das mulheres em casa. De acordo com Elena Carrera,

“A estas mujeres y a su sucesoras, el viaje a Europa las situaba en una posición ventajosa, que les permitía superar prejuicios culturales sobre el silencio público de la mujer y a la vez ofrecer a sus coetáneos un punto de vista personal, validado por la experiencia, único modo de suplir la educación universitaria que su sociedad les negaba.²³¹”

Essa possibilidade de distinção em relação às mulheres que não puderam sair do ambiente doméstico desponta como uma vantagem de expor aos seus conterrâneos a sua forma de ver o mundo. Sendo assim, as mulheres precisariam de experiência para que sua fala ganhasse *status* de autoridade, diferentemente dos relatos de viagens produzidos por homens, nos quais o conhecimento teórico é validado.

A partir desses sujeitos históricos, trazemos a relevância da leitura de outros viajantes que serviram como referência para buscas, mesmo que subjetivas. De acordo com Esther Durand,

“El resultado de esta actividad remedadora de numerosos viajeros que se dejaron llevar por las descripciones de quienes habían recorrido antes que ellos el lugar visitado se concreta en muchas ocasiones en la creación y acrisolamiento de tópicos incuestionados sobre ciertos lugares o cuestiones; e incluso lleva al desdibujamiento

²³¹ "A estas mulheres e às suas sucessoras, a viagem à Europa as situava numa posição vantajosa, que lhes permitia superar preconceitos culturais sobre o silêncio público da mulher e, ao mesmo tempo, oferecer aos seus coetâneos um ponto de vista pessoal, validado pela experiência, único modo de suprir a educação universitária que sua sociedade lhes negava." Tradução livre da autora. CARRERA, Elena. Escritura femenina y literatura de viajes - viajeras inglesas en la España del XIX, lugares comunes y visiones particulares. IN: LUCENA GIRALDO, Manuel; PIMENTEL, Juan. Diez estudios sobre literatura de viajes. Madrid : Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de la Lengua Española, 2006. p. 113.

de la referencia a la experiencia y miradas personales para dar lugar a un producto textual que no trasciende a veces lo aséptico y sistemático.”²³²

As experiências de outros viajantes parecem sacralizadas no momento em que a forma de ver o país logo em sua chegada já é dominada por imagens e interesses pré-concebidos anteriormente no seu país natal. Há uma estrutura da literatura de viagem que acaba por ser reproduzida à medida em que os autores não se permitem expor as suas próprias experiências. A literatura de viagem fortalece suas narrativas, como coloca Beatriz Ferrús Antón:

“Si el Imperio tiene poder para producir a sus Otros, un poder que se gesta en la encrucijada de discursos que produce, la mujer no deja de ocupar una posición de alteridad. La viajera descubre a lo largo de su periplo que el imaginario imperial no se ajusta a la vivencia de las tierras visitadas y es en ese desajuste donde encuentra a un Otro que le sirve de espejo, invitándola a revisar la misma categoría mujer que la define.”²³³

Em meio a suas jornadas, as mulheres viajantes ressignificam o imaginário com o qual tiveram contato antes de sua partida ao se depararem com os elementos retratados em obras populares de literatura de viagem. Compreendemos o conceito de imaginário a partir da proposição do historiador polonês Bronislaw Baczko, que constrói a perspectiva de que um conjunto de representações sociais, permeadas pelas relações de poder, acabam por constituir a imaginação social:

“É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe”, o “bom súbdito”, o “guerreiro corajoso”, etc. Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade como uma “ordem” em que cada elemento encontra o seu “lugar”, a sua identidade e a sua razão de ser.”²³⁴

²³² “O resultado desta atividade remendada de numerosos viajantes que se deixaram levar pelas descrições de quem havia percorrido antes que eles o lugar visitado, se concretiza em muitas ocasiões na criação e acrisolamento de tópicos inquestionáveis sobre certos lugares ou questões; e leva mesmo ao desvanecimento da referência à experiência e olhares pessoais para dar lugar a um produto textual que não transcende às vezes o asséptico e sistemático.” Tradução livre da autora. ORTAS DURAND, Esther. *La España de los viajeros (1755-1846): imágenes reales, literaturizadas, soñadas*. IN: ALMARCEGUI ELDUAYEN, Patricia; ROMERO TOBAR, Leonardo. *Los libros de viaje: realidad vivida y género literario*. Madrid: Alcalá Ediciones, Universidad Internacional de Andalucía, 2009. p. 86.

²³³ “Se o Império tem poder para produzir a seus Outros, um poder que se gesta na encruzilhada de discursos que produz, a mulher não deixa de ocupar uma posição de alteridade. A viajante descobre ao longo de sua jornada que o imaginário imperial não se ajusta à vivência das terras visitadas e é nesse desajuste que encontra um Outro que lhe serve de espelho, convidando-a a rever a mesma categoria mulher que a define.” Tradução livre da autora. FERRÚS ANTÓN, Beatriz. *Mujer y literatura de viajes en el siglo XIX: entre España y las Américas*. Valencia: Biblioteca Javier Coy d’estudis nord-americans, Universitat de Valencia, 2011. p. 117.

²³⁴ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: *Enciclopédia Einaudi. Antropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, p. 309.

Sendo assim, diante de uma narrativa consolidada que coloca a mulher como o Outro, a mulher viajante encontra nesse desajuste uma forma de construir sua própria voz. Se por um lado podemos pensar em uma certa flexibilidade, ao reavaliar as pré-concepções sobre determinado país e população, verificamos em *Viaje a España*, Soledad reforçando o imaginário sobre a Espanha, ao trazer a crítica aos ciganos e realizar comparações com outros países, como Inglaterra e França, hierarquizando-os e posicionando a Espanha em um espaço de atraso.

Novamente ao situar a Espanha em um lugar de atraso, Acosta de Samper lança olhar para essa terra imaginária e imaginada, povoada por cavaleiros em disputa na Idade Média.

“Qué oasis sería éste, exclamé, en la Edad Media, cuando las desdichadas mujeres eran presa de Príncipes crueles y ambiciosos, y las hacían sufrir torturas y las perseguían y aherrojaban! [...] Falta saber, sin embargo, á cuántas ocultaron aquí contra su voluntad, y entonces, en lugar de hallar la calma y el sosiego, vivirían suspirando por las tempestades del mundo!”²³⁵

A escritora colombiana problematiza o estereótipo de príncipes e donzelas disponíveis para identificar essas relações como fruto de violências de distintas características. Dialogando com essa perspectiva, baseamo-nos no trabalho de Beatriz Ferrús Anton, ao apontar que

“Ahora bien, su función fue la de símbolo u objeto de deseo de una pasión masculina. Por eso, las escritoras de la época habrían de luchar por ganar el terreno de la expresión del propio sentimiento, habrían de demostrar que la pasión no es solo de los hombres, lidiar la batalla de la apropiación de la subjetividad.”²³⁶

As viajantes não tiveram de lidar tão somente com as tensões sociais imbricadas na ocupação dos lugares públicos, mas também na sua atuação num mundo destinado aos homens. Destarte, o conflituoso mundo das letras exigiu uma recorrente afirmação de legitimidade para

²³⁵ "Que oásis sería este, exclamei, na Idade Média, quando as infelizes mulheres eram presas de príncipes cruéis e ambiciosos, e as faziam sofrer torturas e acorrentavam! [...] Falta saber, porém, quantas se esconderam aqui contra sua vontade, e então, em lugar de encontrar a calma e o sossego, viveriam suspirando pelas tempestades do mundo!" Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893. Tomo I. p. 95.

²³⁶ “

"Agora, sua função foi a de símbolo ou objeto de desejo de uma paixão masculina. Por isso, as escritoras da época deveriam lutar para ganhar o terreno da expressão do próprio sentimento, deveriam demonstrar que a paixão não é só dos homens, lidar com a batalha da apropriação da subjetividade." Tradução livre da autora. FERRÚS ANTÓN, Beatriz. *Mujer y literatura de viajes en el siglo XIX: entre España y las Américas*. Valencia: Biblioteca Javier Coy d'estudis nord-americans, Universitat de Valencia, 2011. p. 88.

as suas atuações. As viajantes usavam a ciência para dar autoridade a seu discurso em meio a uma sociedade que categoriza homens e mulheres por meio das suas percepções restritivas de gênero, atribuindo sentimentos e comportamentos específicos a cada um e permitindo a imposição de demandas e expectativas sobre estes.

Poderíamos pensar que a posição na qual as mulheres foram colocadas dentro dessas narrativas aponta para relações entre gêneros dispostas a partir tão somente de mecanismos de violências? Haveria alguma possibilidade de negociação desses espaços e desses papéis destinados a homens e mulheres? De acordo com a historiadora Guacira Lopes Louro,

“Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder²³⁷”

Destarte, os sujeitos se constituem concomitantemente enquanto homens e mulheres e pelas relações sociais, num intercâmbio de influências por meio de práticas e concepções. Com essa constituição enquanto homens e mulheres juntamente às articulações das relações de poder, temos a estruturação de espaços de negociação dessas funções sociais. É o que notamos na trajetória da escritora colombiana Soledad Acosta de Samper, que conquista espaços em redes de sociabilidade masculinas que atuam como uma espécie de proteção, ao mesmo tempo que propulsoras de visibilidade para o seu trabalho. Nessa direção, a antropóloga Adriana Piscitelli pontua a necessidade de

“[...] explorar as complexidades tanto das construções de masculinidade quanto as de feminilidade, percebendo como essas construções são utilizadas como operadores metafóricos para o poder e a diferenciação em diversos aspectos do social.”²³⁸

Explorar os significados sociais das masculinidades e feminilidades construídas e outrora pré-concebidas nos auxilia na interpretação do contexto atrelado à literatura de viagem, no qual a escrita de suas experiências reitera a produção dos gêneros por meio de suas *performances*.

²³⁷ LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 41.

²³⁸ PISCITELLI, Adriana. Gênero em Perspectiva. Cadernos Pagu (11) 1998: pp.141-155. QUEIROZ, F. M. Não se rima amor e dor: cenas cotidianas de violência contra a mulher. Mossoró, RN: UERN, 2008. p. 150.

A obra de Beatriz Ferrús Antón nos permite perscrutar a literatura de viagem produzida por mulheres e refletir sobre os desafios que cercam essa jornada. Ferrús Antón traz como exemplo a experiência da escritora britânica Mathilda Bentham-Edwards, em seu relato de viagem *Through Spain to the Sahara*, publicado em 1868, no qual a autora deixa uma dica a outras mulheres viajantes. A sua dica sobre as viajantes utilizarem suas melhores roupas é pensada por conta da forma com que seriam recebidas em seu roteiro, apontando-nos um olhar sobre as relações de gênero estabelecidas nesses contextos fronteiriços, em relação à qual papel social se esperava que homens e mulheres exercessem.²³⁹ Afinal, mulheres realizando viagens sem uma presença masculina ganharam notório estranhamento. Porém, não nos interessa uma perspectiva generalizante sobre as viajantes em movimento, mas a relação que se estabelece em território espanhol. Que Espanha é essa?

Essa Espanha que lhe causa tamanho fascínio, ao mesmo tempo que é objeto de críticas profundas por parte de Acosta de Samper, recebe as suas mulheres viajantes com ressalvas. Poucas são as referências da escritora colombiana ao medo e ao perigo de ser mulher em *Viaje a España*, porém, a menção a esses episódios é relevante para compreendermos a relação estabelecida em sua jornada de dois meses e meio, bem como o que a própria autora compreende sobre ser mulher.

Tomamos para análise uma passagem do relato de viagem em que Soledad nos conta situações desagradáveis que enfrentou com cocheiros que contratou. Durante um trajeto da sua viagem pelo interior da Espanha, Acosta de Samper incomoda-se com os cocheiros e se põe em alerta. Ela suspeita do seu comportamento pela vagarosidade com a qual a viagem estava sendo realizada, sendo que houve promessas não cumpridas quanto à duração do serviço. Acosta de Samper narra que a sua insatisfação era tamanha, que chegou a entrar na taberna em que os cocheiros estavam e não os vê, porém, teve uma rusga com o taberneiro que lhe diz que os homens têm o direito de se alimentarem com calma.

“Mil negros temores me asaltaron, sin acertar a ponerle remedio a la situación. Llevábamos dinero para gastos de viaje y algunas joyas para entregar en Madrid, las cuales no nos habíamos atrevido a enviar directamente en los baúles que despachamos adelante. Si nos robaban, nuestra situación era doblemente penosa. Que deberíamos hacer? Manifestar desconfianza era una imprudencia; apurar a aquellos hombres era inútil y tal vez contraproducente. Nos revestimos de paciencia y aguardamos en silencio a nuestros conductores.”²⁴⁰

²³⁹ BETHAM-EDWARDS, Matilda. *Through Spain to the Sahara*. p. 26. *apud* FERRÚS ANTÓN, Beatriz. *Mujer y literatura de viajes en el siglo XIX: entre España y las Américas*. Valencia: Biblioteca Javier Coy d'estudis nord-americans, Universitat de Valencia, 2011. p. 126.

²⁴⁰ “Mil negros temores me assaltaram, sem acertar em como remediar a situação. Levávamos dinheiro para despesas de viagem e algumas jóias para entregar em Madri, as quais não nos tínhamos atrevido a enviar

Nessa passagem, a autora nos expõe os seus medos diante de sua viagem realizada apenas com sua filha e a vulnerabilidade à qual as mulheres estariam suscetíveis em um país conhecido pelo roubo a viajantes. Argumenta assim que por receio de represálias e de ataques dos cocheiros, Blanca Leonor e ela se valem da paciência e do silêncio. A escritora colombiana complementa:

“Nos encontrábamos dos mujeres solas en el fondo de aquellos riscos, un país extraño, sin amparo, sin que nadie que nos conociera supiese en donde nos hallábamos, y á la merced de aquellos hombres... Recordé por primera vez, pues esta idea no me había venido antes, que estábamos en un rincón de España...” de esa España en donde habíamos leído que con frecuencia los salteadores atacan á los viajeros en los caminos reales, de cuyos enlaces están llenos los libros de viajes!... ¡Era una imprudencia imperdonable la que habíamos cometido! ¿Qué hacer? Salir de una vez del susto; averiguar si aquellos hombres seguirían adelante ó nos detendrían allí hasta que llegara la noche.²⁴¹”

Em relação à mesma situação vivida, na qual Soledad e Blanca teriam ficado esperando noite adentro o retorno dos cocheiros da diligência na qual se encontravam, que após uma parada em uma taberna, não regressavam, como a historiadora Stella Maris Scatena Franco apontou em sua livre-docência²⁴². Rememorando a situação, Acosta de Samper coloca que “*no podíamos hacer nada. Era preciso resignarse, puesto que estábamos en manos de aquellos hombres, sobre los cuales no teníamos influencia alguna, ni medios de obligarlos á apurar el paso.*”²⁴³

diretamente nos baús que enviamos para lá. Se nos roubassem, nossa situação era duplamente penosa. O que deveríamos fazer? Manifestar desconfiança era uma imprudência; apressar aqueles homens era inútil e talvez contraproducente. Revestimo-nos de paciência e aguardamos em silêncio os nossos motoristas.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893. Tomo I. p. 147.

²⁴¹ “Encontrávamo-nos duas mulheres sozinhas no fundo daqueles penhascos, um país estranho, sem amparo, sem que ninguém que nos conhecesse soubesse onde nos encontrávamos, e à mercê daqueles homens... Lembrei-me pela primeira vez, pois esta ideia não me tinha ocorrido antes, que estávamos num canto de Espanha... dessa Espanha onde tínhamos lido que com frequência, os saqueadores atacavam os viajantes nos caminhos reais, de cujos causos estão cheios os livros de viagens!... Era uma imprudência imperdoável a que havíamos cometido! O que fazer? Sair de uma vez do susto; averiguar se aqueles homens seguiriam adiante ou nos deteriam ali até que chegasse a noite.” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 145.

²⁴² FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagens relatos: representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX*. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2018.

²⁴³ “[...] não podíamos fazer nada. Era preciso resignar-se, pois estávamos nas mãos daqueles homens, sobre os quais não tínhamos influência, nem meios de os obrigar a apressar o passo.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893. Tomo I. p. 142.

Em outra passagem de *Viaje a España*, Acosta de Samper completa a sua observação de que “*La situación para dos mujeres solas es aquel campo solitario podía imponer miedo.*”²⁴⁴ O incômodo e a impotência que Acosta de Samper narra não se devem ao fato de serem viajantes, apesar de a escritora apontar como a Espanha era conhecida na literatura de viagem pelos assaltos a esses personagens. Soledad pontua que o que a fragilizou naquela situação foi o fato de estar sozinha com Blanca Leonor. Isto posto, a autora colombiana apresenta aos seus leitores que o fato de ela e Blanca Leonor estarem viajando pela Espanha, sem uma companhia masculina, em fins do século XIX, não era algo comum, tampouco seguro. Refere-se mais à forma como a sociedade enxergava mulheres sem uma companhia masculina do que a uma opinião da própria Soledad. As cartas de recomendação tornam-se não só um meio para se inserir na rede de sociabilidade local, como uma proteção masculina a essas mulheres viajantes.

Em *Viaje a España*, já notamos o prenúncio das pesquisas de Acosta de Samper que originaram a sua obra *La Mujer en la sociedad moderna*, publicada em 1895, ao ressaltar o papel social das mulheres letradas. Em sua visita a Santiago de Compostela, a escritora compartilha com os seus leitores a jornada de espanholas reconhecidas pelos seus trabalhos:

“En la Iglesia muy deteriorada de Santo Domingo los santiagueses han levantado un sepulcro de mármol á Da. Rosalía Castro de Murgueitio, la más insigne poetisa de Galicia, como Da. Emilia Pardo Bazán es su primera escritora en prosa; y ambas son gloria de la mujer española de este siglo.”²⁴⁵

Vale ressaltar a importância da citação da escritora espanhola Emilia Pardo Bazán, na qual a autora destaca essa visita, ganhando espaço em outras passagens do seu relato de viagem, como colega no *Congreso Pedagógico Hispano-Portugués-Americano* e em visita à sua casa, em meio a um encontro de letrados durante as comemorações do IV Centenário de Conquista da América. A recorrente valorização da figura de Emilia Pardo Bazán é uma forma de se afirmar nessa rede de sociabilidade masculina e americanista.

Apesar de a escritora colombiana trazer em sua obra *La mujer en la sociedad moderna* a importância de as mulheres ocuparem o espaço público e exporem-se em um mundo de letras, com uma narrativa religiosa e o reforço da ideia de temência a Deus, Soledad não busca o conflito direto com os homens:

²⁴⁴ "A situação para duas mulheres sozinhas é que aquele campo solitário podia impor medo." Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 106.

²⁴⁵ "Na Igreja muito deteriorada de Santo Domingo, os santiagueses levantaram um sepulcro de mármore à Da. Rosalia Castro de Murgueitio, a mais insigne poetisa de Galicia, como Da. Emilia Pardo Bazán é sua primeira escritora em prosa; e ambas são glória da mulher espanhola deste século." Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 191.

“Decididamente las mujeres aún no pueden competir con los hombres en el mismo terreno; deben quedarse, por ahora, á la sombra hasta que los estudios serios y gimnasia intelectual de varias generaciones la hayan endurecido lo suficiente en lo moral como en lo físico. No no es permitido todavía luchar con armas iguales; siempre necesitamos de las atenciones, de la caballerosidad del sexo fuerte, y para eso no bastan los méritos puramente intelectuales, es preciso gozar de cierta posición social y reconocidas prendas morales.”²⁴⁶

Esse excerto nos traz a dimensão de sua consciência da negociação de espaços à qual uma mulher é submetida. Afirmando que as mulheres não devem competir com os homens, pois eles seriam o chamado “*sexo fuerte*”, enquanto elas responderiam ao termo “*bello sexo*”. Mais do que isso, o desgaste ao qual as mulheres e seus trabalhos seriam expostos não valeriam a pena, já que às mulheres não seria permitido “*luchar con armas iguales*”. Sendo assim, a relação desigual faria com que as mulheres demonstrassem publicamente ser dependentes da “*caballerosidad*”, já que os seus méritos intelectuais não seriam reconhecidos. Afinal, o que cabe às mulheres?

O gênero como categoria de análise das relações sociais nos vale enquanto historiadores, como coloca Joan Scott, para pensarmos a construção das identidades de gênero diante de representações e relações sociais situadas historicamente. Considerando-se propriamente a organização da vida social e das conexões de poder, “o gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado.”²⁴⁷ Diante da perspectiva de gênero sendo constituído em meio às relações de poder, temos a filósofa Judith Butler afirmando que o gênero constitui o sexo, que não seria um elemento dado. A autora nos traz uma perspectiva foucaultiana, contrapondo-se a conceitualizações de identidades como fixas.

A esta investigação interessa mais a perspectiva de como foi construída a dualidade sexual, no âmbito do discurso científico, e como o sexo foi culturalmente construído. Butler aponta a necessidade de se reformular o conceito de gênero, entendendo-o como um conjunto de atos e gestos performáticos e intencionais contidos em um marco regulador atemporal que produz algo, uma performatividade. Esta, por sua vez, produz um efeito discursivo, no qual o

²⁴⁶ “Decididamente as mulheres ainda não podem competir com os homens no mesmo terreno; devem permanecer, por enquanto, à sombra até que os estudos sérios e ginástica intelectual de várias gerações a tenham endurecido o suficiente no moral como no físico. Não é permitido ainda lutar com armas iguais; sempre precisamos das atenções, do cavalheirismo do sexo forte, e para isso não bastam os méritos puramente intelectuais, é preciso gozar de certa posição social e reconhecidas vestes morais.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893. Tomo II. p. 98.

²⁴⁷ SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995, p. 78.

sexo seria um efeito do gênero²⁴⁸. Dessa forma, é possível pensar as relações estabelecidas entre poder e sexo discutindo-as a partir da instância da regra. De acordo com o filósofo francês Michel Foucault,

“O poder seria, essencialmente, aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo. O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. Em seguida, que o poder prescreve ao sexo uma ‘ordem’ que funciona, ao mesmo tempo, como forma de inteligibilidade: o sexo se decifra a partir de sua relação com a lei. E, enfim, que o poder age pronunciando a regra: o domínio do poder sobre o sexo seria efetuado através da linguagem, ou melhor, por um ato de discurso que criaria, pelo próprio fato de enunciar, um estado de direito. Ele fala e faz-se a regra. A forma pura do poder se encontraria na função do legislador; e seu modo de ação com respeito ao sexo seria jurídico-discursivo.”²⁴⁹

Diante das fronteiras em que gênero e sexo se encontram, interessa-nos refletir sobre como essas tensões sociais reverberam nos limiares entre os espaços público e privado, concepções que se constituem no século XIX, como argumenta a historiadora francesa Michelle Perrot²⁵⁰.

II. A cidade sexuada: Fronteiras entre os espaços público e privado

No segundo volume de *Viaje a España*, a escritora colombiana Soledad Acosta de Samper dedica-se a compartilhar as suas experiências nos congressos para os quais foi convidada, por vezes como membro honorário, levantando questionamentos sobre o papel social das mulheres e a forma como a sociedade espanhola as observava. O seu olhar segmenta as mulheres a partir de seus círculos sociais e nacionalidades. Há uma expectativa do que Acosta de Samper deve encontrar pela sua jornada como viajante diante de uma visão pré-concebida, alimentada pela literatura de viagem.

A região da Andaluzia ganha particular interesse pela autora e é por meio do imaginário tão reproduzido nas suas pesquisas prévias que a encanta particularmente, vindo então a tomar grande parte das páginas do seu relato de viagem por terras espanholas. A capital, Sevilha, é uma das localidades mais fascinantes para a escritora, que suspira: “¡Sevilla!... ¿Quién al óir

²⁴⁸ De acordo com Butler, “Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente de sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino.”. BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 25.

²⁴⁹FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977. pp. 93-94.

²⁵⁰ PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. Revista Brasileira de História, V. 9, no 18, p. 9-18. São Paulo, Ago-Set 1989.

*ese nombre no evoca mil recuerdos poéticos de todos los tiempos? ¿Qué podré decir yo de la Maga de Guadalquivir que no hayan dicho ya repetidas veces los viajeros que han escrito sus impresiones?”*²⁵¹

Afinal, por que a região traria tamanho fascínio, que não só atingiu Soledad, mas outros viajantes que partilharam das suas impressões em seus relatos de viagem? Uma Espanha imaginada e imaginária ganha corpo e voz na literatura de viagem, em que a região da Andaluzia é tida como uma metáfora para o todo. Acosta de Samper escreve que

“A cada paso me parecía ver las sombras de los caballeros armados y de los árabes con turbante que visitaban aquellos lugares en donde quedaron sus huesos, después de combates heroicos cuyo recuerdo vivirá mientras exista este país legendario y poético.”²⁵²

A Espanha é vista, assim, como um país povoado pelo exotismo e pelas suas lendas. Soledad busca encontrar heranças árabes e ciganas por meio de vestígios históricos e personagens perambulando pelas ruelas medievais. Recorrentemente, a escritora menciona suas idas dominicais à missa, ao que na Andaluzia há uma peculiaridade: “*y como era domingo, á buscar misa en Santa María, iglesia católica que se encuentra en el mismo sitio que ocupaba la antigua mezquita del palacio de los reyes moros.*”²⁵³ Além de afirmar a sua fé católica, Acosta de Samper reforça a influência muçulmana na região.

Por diversas vezes, a escritora demonstrou certa paixão pelos processos históricos e lamenta o que seria a atitude do imperador Carlos V diante de construções históricas: “*Todos los viajeros se lamentan de que el Emperador hubiese tenido el mal gusto de mandar destruir las construcciones árabes para levantar un palacio como hay miles en Europa.*”²⁵⁴. Seu interesse pela ocupação do sul da Espanha a conduz a estudar alguns autores, ao que Acosta de Samper compartilha a sua leitura do árabe Francisco Javier Simonet, viajante e literato

²⁵¹ "Sevilha!... Quem ao ouvir esse nome não evoca mil lembranças poéticas de todos os tempos? Que poderei eu dizer da maga de Guadalquivir que não tenham dito já repetidas vezes os viajantes que escreveram suas impressões?" Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1894. Tomo II. p. 68.

²⁵² "A cada passo parecia-me ver as sombras dos cavaleiros armados e dos árabes com turbante que visitavam aqueles lugares onde ficaram seus ossos, depois de combates heróicos cuja lembrança viverá enquanto existir este país lendário e poético." Tradução livre da autora. *Idem*. p. 64.

²⁵³ "[...] e como era domingo, a buscar missa em Santa Maria, igreja católica que se encontra no mesmo lugar que ocupava a antiga mesquita do palácio dos reis mouros." Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1894. Tomo II. p. 8.

²⁵⁴ "Todos os viajantes se lamentam de que o Imperador tivesse tido o mau gosto de mandar destruir as construções árabes para construir um palácio como há milhares na Europa." Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 20-21.

muçulmano que morava em Córdoba, e conheceu o Reino de Granada e Alhambra no início do século XIII:

“El señor Simonet cita no pocas mujeres literatas de la época de la dominación árabe; algunas de éstas se habían dedicado á la poesía; otras á la historia sagrada y profana; una (Leila), erudita notable, y otra (Mirien), notada por sus conocimientos en el arte musical. Así, pues, no todas eran dadas a las vanidades y al lujo.²⁵⁵”

A sua referência ao trabalho de mulheres letradas não é excepcional. Ao longo de *Viaje a España*, a escritora colombiana menciona literatas e escritoras que ocuparam o espaço público com o seu trabalho, a ponto de posteriormente compilar uma série de trajetórias de mulheres em sua obra *La Mujer en la Sociedad Moderna*, publicada em 1895, logo após *Viaje a España*, cujo segundo tomo foi publicado em 1894.

Apesar do fascínio, a escritora faz uso da expressão “*Los Arabes invasores*” ao se referir à formação do povo andaluz ao longo dos séculos, referindo-se à ocupação árabe no sul da Espanha: “*andando el tiempo todas aquellas razas diversas se amalgamaron y formaron ese pueblo andaluz con su tipo característico y original que no se parece a ningún otro en el mundo.*”²⁵⁶ Esse povo andaluz tão único se tornou a metáfora para compreender os espanhóis na literatura de viagem.

De acordo com Fernández Navarro, o sul da Espanha é descrito como uma região paradisíaca, identificada como o cânone da beleza suprema. Não só são realizadas referências aos atrativos naturais, mas também às próprias mulheres como parte desse cenário fantástico, desse imaginário exotizado sobre as terras espanholas. A mulher andaluza desponta como paradigma da mulher espanhola nos textos de escritores franceses como Victor Hugo, Musse e Balzac. Em suas descrições, a mulher andaluza é tida como sensual e voluptuosa²⁵⁷. Ao que Navarro complementa, “*juzgadas a primera vista serias, tristes y frías, considera el viajero que encuan to las andaluzas despliegan sus armas de seducción - grandes ojos negros y sonrisa*

²⁵⁵ “O senhor Simonet cita não poucas mulheres literárias da época da dominação árabe; algumas delas haviam se dedicado à poesia; outras à história sagrada e profana; uma (Leila), erudita notável, e outra (Mirien), notada por seus conhecimentos na arte musical. Assim, nem todas eram dadas às vaidades e ao luxo.” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 26.

²⁵⁶ “[...] caminhando o tempo todas aquelas raças diversas se amalgamaram e formaram esse povo andaluz com seu tipo característico e original que não se parece com nenhum outro no mundo.” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. pp. 11-12.

²⁵⁷ FERNÁNDEZ NAVARRO, Antonio. Sevilla, teatro de los sueños - reflejo de la ciudad en los textos de viajeros franceses del siglo XIX. Sevilla: Fundación Focus-Abengoa, Universidad de Sevilla, 2011.

*franca - la insensibilidad de las que se les acusa en ocasiones se desvanece*²⁵⁸. O exercício de construir um arquétipo de mulher não se reduz à andaluza, mas são realizadas comparações com mulheres oriundas de regiões como Cádiz e Valência.

Em certa passagem de *Viaje a España*, Soledad reclama do tédio que recaiu sobre ela e sobre sua filha Blanca Leonor, em uma viagem de diligência, uma espécie de carruagem fechada para transporte de pessoas e mercadorias, pela região da Andaluzia. Não raras são as críticas ao transporte que o viajante deve utilizar para conhecer a Espanha, reforçando a perspectiva de um atraso. A escritora coloca que “*para distraernos conversábamos con nuestro amigo el alemán, quién había vivido muchos años en la América del Sur y se hacía lenguas ponderando la belleza de las mujeres de la raza española [...]*”²⁵⁹. Em outros pontos da sua viagem à Espanha, como a chegada ao Congresso de Americanistas em Huelva, Soledad fará referência novamente a esse personagem alemão, o qual não identifica com um nome, afirmando apenas que esteve no evento como ouvinte. Se seria ele indigno de nota para a escritora? Não podemos aferir. Porém, é possível levantar questões sobre a perspectiva da tal beleza das mulheres espanholas, que emerge na literatura de viagem masculina, bem como em relatos produzidos por escritoras, como o caso de *Viaje a España*.

Em outro momento, Acosta de Samper traça paralelos entre a Espanha e a antiga América Hispânica por meio de suas mulheres: “*En Sevilla oímos el acento y contemplamos los negros ojos chispeantes, el andar desembarazado y el aspecto todo de nuestras mujeres de Cartagena y de las costas sud americanas.*”²⁶⁰ Não há um juízo de valor evidente em sua afirmação, mas ele se manifesta quando a autora colombiana lança olhar para a comunidade cigana na Andaluzia.

O ideal de beleza nos relatos de viagem é marcado pela ascendência árabe, que é colocado como contraponto da beleza europeia. Por conseguinte, o estereótipo da mulher espanhola está ligado à mulher cigana e bailarina, que na expressão de Daviller-Doré é chamada de “mulher com sal”. De acordo com Fernández Navarro,

“Para este viajero [Théophile Gautier] la mujer constituye un atractivo más de los que espera hallar en su periplo por la Península, ya que las féminas son un referente básico

²⁵⁸ “[...] julgadas à primeira vista sérias, tristes e frias, considera o viajante que enquanto as andaluzas desdobram suas armas de sedução - grandes olhos negros e sorriso franco - a insensibilidade de que são acusadas às vezes, se desvanece”. Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 287.

²⁵⁹ “Para nos distrair, conversamos com nosso amigo, o alemão, que havia vivido muitos anos na América do Sul e se fazia gracejos, ponderando a beleza das mulheres da raça espanhola [...]” ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1894. Tomo II. p. 66.

²⁶⁰ “Em Sevilha ouvimos o sotaque e contemplamos os negros olhos cintilantes, o andar desembaraçado e o aspecto toral de nossas mulheres de Cartagena e das costas sul americanas.” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 68.

para desentrañar la idiosincrasia de un país. Para el autor, el análisis de una región queda incompleto si no se tiene en cuenta al género femenino, si no se detalla la belleza, el carácter y la influencia de la mujer en la sociedad que se pretende describir.²⁶¹”

Por meio do exemplo do viajante francês Théophile Gautier, é possível notarmos como a busca pelas paisagens espanholas, povoadas pelo imaginário exotizado, inclui as mulheres como elemento frequentemente fundamental, objetificando-as. As ciganas não são comentadas apenas na literatura de viagem masculina, Acosta de Samper também se refere a elas com recorrência ao visitar a região da Andaluzia, com destaque para Sevilha e Granada.

Em determinada passagem de *Viaje a España*, quando Soledad e Branca Leonor visitam a cidade de Sevilha e estão hospedadas em um hotel, a escritora compartilha com seus leitores a surpresa com a qual se depara no café da manhã.

“bajámos a desayunarnos en el jardín sombreado y poético. En la vecina Alameda cantaban y bailaban unas gitanillas, las cuales interrumpían su ejercicio coreográfico y musical para levantar las manos hacía nosotras y pedirnos humildemente:

- Un *perro chico*, señoritas! un *perrillo* para mí. (1)

Y cuando alguien les arrojaba alguna moneda de cobre, saltaban y hacían venias gritando em inglés:

- Thank you! Thank you!

Esto llenaba de orgullo á unas cándidas, rubias y tiesas inglesitas, quienes, con sus padres o maridos, allí almorzaban; mostrábanse generosas las gitanillas morenas y burlonas que sacaban partido de las pocas palabras en gríngo que les habían enseñado para llamar la atención de los extranjeros que visitan las ruinas del imperio morisco.”

(1) En España la gente del pueblo llama perro la efigie del león grabada sobre las monedas de cobre. Califican de *perro chico* ó *perrillo* la de cinco centavos, y de *perro grande* la de diez.”²⁶²

²⁶¹“Para este viajante [Théophile Gautier], a mulher constitui um atrativo mais do que o que espera encontrar em seu pèriplo pela Península, já que as mulheres são um referente básico para desvendar a idiosincrasia de um país. Para o autor, a análise de uma região fica incompleta se não se tem em conta o gênero feminino, se não se detalha a beleza, o caráter e a influência da mulher na sociedade que se pretende descrever.” Tradução livre da autora. FERNÁNDEZ NAVARRO, Antonio. Sevilla, teatro de los sueños - reflejo de la ciudad en los textos de viajeros franceses del siglo XIX. Sevilla: Fundación Focus-Abengoa, Universidad de Sevilla, 2011. p. 290.

²⁶² “Descemos para tomar café da manhã no jardim sombreado e poético. Na alameda vizinha umas ciganas cantavam e dançavam, as quais interromperam seu exercício coreográfico e musical para levantar as mãos para nós e pedir-nos humildemente:

“Um cão pequeno, senhoras! um cachorrinho para mim.” (1)

E quando alguém lhes atirava alguma moeda de cobre, saltavam e faziam reverências gritando em inglês:

Obrigada! Obrigado!

E encheu-se de orgulho umas ingênuas, loiras e encorpadas inglesa que, com seus pais ou maridos, ali almoçavam; mostravam-se generosas as ciganas morenas e burlonas que tiravam proveito das poucas palavras em gríngo que lhes haviam ensinado para chamar a atenção dos estrangeiros que visitam as ruínas do império mourisco.”

(1) Em Espanha, o povo chama cão à efigie do leão gravada sobre as moedas de cobre. É um cão pequeno ou um cão pequeno, um cão pequeno e um cão grande.

ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1894. Tomo II. p. 48.

Ao narrar um encontro com um grupo de ciganas que dançavam e pediam dinheiro aos seus espectadores, Acosta de Samper as chama de debochadas por julgar que estaria implícito um jogo entre elas e os turistas ingleses. Interessante que a autora não se enxerga como turista nesse contexto, colocando-se tão somente como observadora daquela situação. Há imbuído um jogo de interpretação que coloca as mulheres ciganas como perniciosas e manipuladoras nesse cenário. Como trabalhamos anteriormente, Acosta de Samper, bem como outros contemporâneos, possuem uma visão negativa das comunidades ciganas. Ao se referir às moradias precárias dos ciganos na cidade de Granada, no bairro Sacromonte, a escritora colombiana retoma essa visão e coloca que

“éstos viven en las antiguas cuevas en donde se cree que habitaron los primeros cristianos; después los judíos, que se acogieron á la protección de los godos; y en seguida se apoderaron de ellas las tribos de gitanos que vinieron de Oriente hace siglos á establecerse en España, sin mezclarse con los habitantes del lugar y sin civilizarse sino superficialmente.”²⁶³

Novamente, o discurso sobre civilização e barbárie é trazido como metáfora para a perspectiva de atraso e progresso na narrativa de Acosta de Samper. Enquanto temos uma visão sobre as ciganas como manipuladoras nesse relato, para os homens viajantes, elas se tornam objeto de desejo. Destarte, o historiador francês Alain Corbin aponta para uma literatura de viagem masculina cujo motivo das viagens frequentemente se relaciona à proposta de encontro com as mulheres locais, debruçando-se sobre correspondências entre personagens como Gustave Flaubert e Stendhal:

“Um topos das narrativas de viagem e, de maneira geral, de todo relato de espaço, vincula-se a tudo o que dissemos até aqui: ou seja, o cuidado de estabelecer uma repartição geográfica da beleza e da feiura das mulheres. [...] A própria viagem em si muitas vezes tem como objetivo, mais ou menos explícito, o desejo de encontrar um certo tipo de mulher.”²⁶⁴

Portanto, parte dessas cartas traz como mote o incentivo ao sexo e o combate ao sentimentalismo, por meio de trocas de endereços de bordel das cidades visitas e proposições

²⁶³ “[...] estes vivem nas antigas cavernas onde se acredita que os primeiros cristãos habitaram; depois os judeus, que acolheram a proteção dos godos; e em seguida se apoderaram delas as tribos de ciganos que vieram do Oriente há séculos há estabelecer-se na Espanha, sem misturar-se com os habitantes do lugar e sem civilizar-se mas superficialmente.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1894. Tomo II. p. 48.

²⁶⁴ CORBIN, Alain. *História da virilidade/ sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello*; tradução de João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 170.

de trocas de mulheres entre amigos, fossem elas prostitutas ou não, por vezes identificadas como “amigas”. Se por um lado temos experiências de homens viajantes, cujo roteiro inclui certo turismo sexual, por outro lado, temos tensões entre gêneros que se estabelecem diante de relações assimétricas nas quais as mulheres encontram-se em situação de poder.

Como afirma a historiadora francesa Michelle Perrot, a cidade sexuada do século XIX nos revela conflitos diante da construção de uma narrativa na qual o domínio do privado, constituído pelo espaço doméstico, é atribuído às mulheres. No espaço da casa, as mulheres burguesas usufruem de um lazer ostentatório cuja função seria mostrar a condição do marido. Por outro lado, disciplinadas pela moda, “a memória das mulheres é trajada. A vestimenta é a sua segunda pele, a única da qual se ousa falar, ou ao menos sonhar. A importância da aparência faz com que as mulheres sejam mais atentas ao seu léxico.²⁶⁵” Diante dessas questões, as referências às mulheres por vezes recaem sobre a vestimenta, como a letrada francesa cujo sofrimento é relatado em *Viaje a Espanha* ao perder a sua bagagem de mão em Sevilha, ou propriamente a dica da inglesa Bentham-Edwards sobre como ter a legitimação de seu papel por meio da vestimenta. Retomamos o episódio da citada Marie Lecocq para discutir a sua questão com maior afinco. Acosta de Samper narra um conflito que observa em Huelva, às vésperas do Congresso de Americanistas:

“Entre varias señoras inglesas, americanas del Norte, alemanas, rusas y francesas, nos llamó la atención una de esta última nación, que parecía sumamente agitada, y decía en su lengua, pues no sabía una palabra de español:

- ¿Qué haré en este caso? ¡Nadie me puede auxiliar!... Mañana será ya tarde!... Después supe que esta era una sabia francesa, - nada joven ni bien parecida por cierto, lo cual no la favoreció, como veremos después.

Dicha señora había emprendido viaje desde París, sola y sin saber el idioma del país adonde se dirigía. Los empleados del ferrocarril de Madrid rotularon el baúl en que llevaba sus vestidos con dirección a Sevilla en lugar de Huelva. Cuando llegó a este último lugar, encontróse con la equivocación y hallóse totalmente desprovista de traje adecuado para presentarse en las ceremonias que en Huelva iban a tener lugar.

Apesar de la buena voluntad con que se procuró subsanar aquella trocatinta, lo cierto es que nadie logró sacar de Sevilla el baúl de la infeliz señora. Esta tuvo que privarse das ceremonias de gala”²⁶⁶

²⁶⁵ PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. Revista Brasileira de História, V. 9, no 18, p. 9-18. São Paulo, Ago-Set 1989. p. 14.

²⁶⁶ "Entre várias senhoras inglesas, americanas do Norte, alemãs, russas e francesas, nos chamou a atenção uma desta última nação, que parecia sumamente agitada, e dizia em sua língua, pois não sabia uma palavra de espanhol: O que farei neste caso? Ninguém pode me auxiliar!... Amanhã será já tarde!...

Depois soube que esta era uma sábia francesa, - nada jovem nem de boa aparência por certo, o que não a favoreceu, como veremos depois.

Ela tinha feito uma viagem de Paris, sozinha e sem saber a língua do país para onde se dirigia. Os empregados da ferrovia de Madrid rotularam o baú em que levava seus vestidos com direção a Sevilha em vez de Huelva. Quando chegou a este último lugar, encontrou-se com o equívoco e ficou totalmente desprovista de traje adequado para apresentar-se nas cerimônias, que em Huelva estavam para acontecer.

Ao narrar o infortúnio com a escritora francesa Marie Lecocq, Acosta de Samper nos chama a atenção quanto ao reconhecimento dos espaços ocupados pelas mulheres. Apesar de ter sido convidada para as comemorações do IV Centenário de Conquista da América, a confusão com as suas malas faz com que a escritora francesa fique impossibilitada de participar das festividades. Nesse sentido, será que teríamos a mesma reação a um escritor que vivenciasse um imprevisto como esse? Em que medida o feito transgressor de se inserir no mundo das letras fez com que Lecocq sofresse com essa omissão por parte de seus pares?

A fim de discutir as tensões sociais entre os gêneros no espaço público, valemo-nos de um trecho de *Viaje a España*, no qual a escritora colombiana compartilhou com o seu público leitor o incômodo diante da forma com a qual os homens espanhóis tratavam as mulheres nos espaços públicos, bem como as interpretações oriundas de tal relação:

“En la calle, cualquiera, sea de la clase que fuere, puede impunemente echar un floreio á la señorita de más alta alcurnia que encuentra á su paso, sin que nadie encuentre aquello inconveniente. Al contrario, me decía una señora de edad, de excelente posición social:

- Aquí la chica que sale á la calle, espera siempre que le echen piropos; y si cuando á su casa regresa recuerda que no ha recibido bastantes, se aflige mucho y se queja de lo mal que ha ido en el paseo.

[...] Entre tanto la tan decantada galantería española es más de apariencia que de realidad. La mujer en la Península es poco respetada, si de joven ni de anciana. A la primera la *adoran*, pero la tratan con una familiaridad que nos sorprende á los americanos, que estamos enseñados á otras costumbres; á la segunda la tratan con completa indiferencia. Delante de señoras se habla de todo y con una libertad increíble; se fuma en los salones, y en la mesa de los mejores hoteles los caballeros sacan el cigarro y arrojan el humo á la cara de sus vecinas, sin ocurrírseles que es aquello una falta de buena crianza. Hablo aquí de las costumbres que los viajeros alcanzan á ver de paso; otros son los usos entre las clases elevadas que han viajado, en donde las costumbres son iguales á las de Francia, Inglaterra, Rusia y Alemania. No hay duda, sin embargo, de que por lo menos en Colombia el modo de ser en sociedad, entre gente de regular educación, es mucho más pulido, y allí se tiene mucho más respeto a las mujeres de todas las clases sociales que en España.”²⁶⁷

Apesar da boa vontade com que se procurou reparar aquele equívoco, o certo é que ninguém conseguiu tirar de Sevilha o baú da infeliz senhora. Esta teve que se privar das cerimônias de gala."

Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá: Imprenta de Antonio María Silvestre, 1894. Tomo II. pp. 96-97.

²⁶⁷ "Na rua, qualquer um, seja da classe que for, pode impunemente lançar um floreio à senhorita de mais alta linhagem que encontrar em sua passagem, sem que ninguém encontre aquilo inconveniente. Pelo contrário, dizia-me uma senhora de idade, de excelente posição social:

Aqui a menina que sai da rua espera sempre que lhe façam elogios; e se quando volta à sua casa se lembra que não recebeu bastantes, se entristece muito e se queixa do mal que foi no passeio.

[...] Entretanto, a tão decantada galanteria espanhola é mais de aparência que de realidade. A mulher na Península é pouco respeitada, seja jovem ou idosa. À primeira adoram-na, mas tratam-na com uma familiaridade que nos surpreenderá os americanos, que estamos ensinados a outros costumes; à segunda a tratam com completa indiferença. Diante de senhoras se fala de tudo e com uma liberdade incrível; se fuma nos salões, e na mesa dos melhores hotéis, os cavalheiros tiram o charuto e jogam a fumaça na cara de suas vizinhas, sem lhes ocorrer que aquilo é uma falta de boa educação. Falo aqui dos costumes que os viajantes alcançam de passagem; outros são

Acosta de Samper demonstra espanto com a perspectiva de que o assédio poderia ser encarado pelas mulheres como um termômetro da sua *performance* no espaço público, em vez do que entendemos hoje como uma violência de gênero, ao expressar que a Colômbia era constituída por pessoas mais polidas e respeitadas do que os espanhóis. Em suas recorrentes comparações entre a Espanha e a sua terra natal, a escritora colombiana traça uma hierarquia na qual o país latino-americano é frequentemente entendido como superior dentro da chave de discurso da civilização e da barbárie, dicotomia que é utilizada como metáfora para entender suas considerações sobre progresso e atraso. Como símbolos da civilização, Inglaterra e França são colocados em diversos trechos de *Viaje a España*, pontuando a Colômbia como uma nação mais próxima desses países europeus do que a desgastada “mãe pátria”.

O seu incômodo com o comportamento e as opiniões dos homens espanhóis emerge em outro trecho de *Viaje a España*, no qual ela se refere à forma como enxergavam as “*facultades mentales*” das mulheres.

“En cuanto á las ideas de los españoles acerca de las facultades mentales de la mujer, hablaré de ello cuando se trate de lo sucedido en el Congreso Pedagógico, en donde tuve ocasión de oír discutir el problema de la educación de la mujer, con tono que tenía más de las ideas de Oriente, acerca de la mujer, que de un país civilizado de Europa.”²⁶⁸

Novamente, Soledad se utiliza do recurso de criticar a Espanha dentro da dicotomia atraso e progresso, utilizando os termos civilização e barbárie como metáfora. Há um incômodo em sua fala, ao mesmo tempo em que tece uma provocação ao dizer que o comportamento dos homens espanhóis se aproximava das ideias do Oriente, o que para ela teria um sentido pejorativo, aproximando-os da barbárie. A situação desconfortável à que Acosta de Samper se refere foi citada anteriormente, sobre a aversão dos presentes ao discurso da escritora espanhola Emilia Pardo Bazán no Congresso Pedagógico, defendendo o acesso das mulheres ao mercado de trabalho, desconsiderando uma divisão sexual.

os usos entre as classes elevadas que viajaram, onde os costumes são iguais aos da França, Inglaterra, Rússia e Alemanha.

Não há dúvida, no entanto, de que pelo menos na Colômbia o modo de ser em sociedade, entre gente de regular educação, é muito mais polido, e ali se tem muito mais respeito às mulheres de todas as classes sociais do que na Espanha.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893. Tomo I. pp. 223-224.

²⁶⁸ “Em relação às idéias dos espanhóis sobre as faculdades mentais da mulher, falarei disso quando se tratar do que aconteceu no Congresso Pedagógico, onde tive ocasião de ouvir a discussão do problema da educação da mulher, com tom que tinha mais das ideias de Oriente, sobre a mulher, que de um país civilizado da Europa.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893. Tomo I. pp. 224.

Se por um lado, a crítica de Acosta de Samper se dá pela reação negativa da sociedade espanhola às mulheres ocupando o espaço público por meio de profissões, por outro, a escritora questiona a dificuldade de as mulheres lidarem com o reconhecimento de suas aptidões.

“Y se la elogia cuando se eleva un poquito sobre la medianía con una exageración que abochorna. Debemos, empero, rechazar cierta clase de ponderaciones como una ofensa casi, porque éstas prueban que se aguardaba tan poco de nosotras, que cualquiera cosa que hagamos, y que prueba alguna instrucción ó talento, es extraña en nuestro sexo y se debe aplaudir como una rareza fuera de lo natural.”²⁶⁹

Dessa forma, a autora coloca que não só é incomum o respeito à jornada dessas mulheres, como o próprio elogio pode por vezes ser considerado desrespeitoso, já que questionaria a capacidade das mulheres diante de seu conhecimento formal ou seu talento. Os aplausos trariam a conotação de tamanha extraordinariedade, já que não seria esperado tal comportamento de mulheres. Dialogando com essa perspectiva, a própria escritora colombiana compartilhou em *Viaje a España* a perspectiva de que homens e mulheres assumem papéis não só socialmente distintos, mas também hierarquizados, deixando as mulheres em uma situação desigual.²⁷⁰ Ao reconhecer que as mulheres não conseguem competir em seus papéis sociais com os homens nem “*luchar con armas iguales*”, a escritora colombiana ressalta a importância da negociação e dos jogos de poder, à medida em que aponta como as mulheres dependem da “*caballerosidad del sexo fuerte*”. Esta, por sua vez, não viria pelo reconhecimento dos méritos intelectuais das mulheres, mas de acordo com a rede de sociabilidade à qual pertencia. Reconhecendo esses mecanismos, tal narrativa de Soledad nos auxilia a pensar o uso constante do que a historiadora Stella Maris Scatena Franco chamou de retórica da autonegação, ao se diminuir diante da fala de outros homens e “pedir licença” para falar e opinar em público. Em uma das passagens de seu relato de viagem, Acosta de Samper inferioriza o próprio conhecimento, estratégia utilizada reiteradamente: “*Los conocedores (pues yo soy lego en el asunto) encontraran en aquella mezquita recuerdos orientales de diferentes clases.*”²⁷¹ Afirmar desconhecimento ou incapacidade de compreensão sobre determinado assunto foi uma estratégia utilizada para conquistar espaço de fala.

²⁶⁹ “E é elogiada quando se eleva um pouco sobre a mediocridade com um exagero que envergonha. Devemos, porém, rejeitar uma certa classe de ponderações como uma ofensa quase, porque elas provam que se esperava tão pouco de nós, que qualquer coisa que façamos, e que prova alguma instrução ou talento, é estranho em nosso sexo e deve ser aplaudido como uma raridade fora do natural.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *La mujer en la sociedad moderna*. Paris: Garnier Hermanos, 1895. p. 385.

²⁷⁰ ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1894. Tomo II. p. 98.

²⁷¹ “Os conhecedores (pois eu sou leigo no assunto) encontrarão naquela mesquita lembranças orientais de diferentes tipos.” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. pp. 253-254.

Acosta de Samper acaba por desenhar uma imagem de mulher entendida pela estudiosa colombiana Luz Hincapié como:

“la imagen que Soledad Acosta nos presenta en sus textos es una mujer independiente, que aunque esté casada y sea madre puede trabajar para satisfacer sus inquietudes intelectuales y para el futuro junto a su esposo con el cual convive en términos de igual a igual. Esta mujer usa su intelecto, su integridad moral y religiosa para el bien de la sociedad, para el progreso de su nación. Las imágenes confieren poder y el hecho de que la autora haya compilado esta lista de mujeres de renombre, profesionales en áreas del conocimiento tradicionalmente cerradas a la mujer, y que quiera divulgar esta lista entre sus conciudadanas demuestra que ella desea, a pesar de las críticas de inmorales y poco femeninas que le hace a muchas, que las colombianas sigan estos ejemplos. Enumerando a estas mujeres educadas, eruditas, profesionales e independientes, nuestra autora ilustra, educa e incita a la mujer colombiana a salir de su frivolidad y a pensar en otra opción de vida para que deje de creer que es inferior. Con el propósito de realzar a su conciudadana y, por ende, a su país, Soledad Acosta de Samper demuestra al mismo tiempo, no solo en teoría si no en práctica la imagen de mujer de la que ella escribe.”²⁷²

De acordo com Hincapié, a postura conservadora de Soledad se entrelaça a um posicionamento transgressor, à medida em que afirma a posição de mulher casada e mãe, temente a Deus, ao mesmo tempo em que dá vazão às suas inquietudes intelectuais, visto que isso se daria por escolha divina e nada mais elevado que seguir sua vocação. Ao listar uma série de mulheres reconhecidas no espaço público por exercerem suas profissões, ao mesmo tempo em que são valorizadas moralmente e religiosamente, Acosta de Samper promove entre as suas leitoras a disponibilidade de seguir tais inquietações e abandonar a perspectiva de que as mulheres são inferiores aos homens.

Diante do que Olga Arbeláez chama de “feminismo doméstico”, Acosta de Samper desenvolve um diálogo com as mulheres em meio ao espaço doméstico ao qual muitas estão restritas:

“La escritora colombiana asignó a la mujer republicana un rol protagónico en las tareas modernizadoras, algo que junto con sus ambivalencias con respecto al avance de la civilización en la naciente nación colombiana, diferencia su forma de imaginar

²⁷² "A imagem que Soledad Acosta nos apresenta em seus textos é uma mulher independente, que embora esteja casada e seja mãe pode trabalhar para satisfazer suas inquietudes intelectuais e para o futuro junto a seu esposo com o qual convive em termos de igual a igual. Esta mulher usa o seu intelecto, a sua integridade moral e religiosa para o bem da sociedade, para o progresso da sua nação. As imagens conferem poder e o fato de que a autora tenha compilado esta lista de mulheres de renome, profissionais em áreas do conhecimento tradicionalmente restritas à mulher, e que queira divulgar esta lista entre suas concidadãs demonstra que ela deseja, apesar das críticas imorais e pouco feministas que faz a muitas, que as colombianas sigam esses exemplos. Enumerando estas mulheres educadas, eruditas, profissionais e independentes, a nossa autora ilustra, educa e incita a mulher colombiana a sair da sua frivolidade e a pensar noutra opção de vida para que deixe de acreditar que é inferior. Com o propósito de realçar a sua concidadã e, portanto, o seu país, Soledad Acosta de Samper demonstra ao mesmo tempo, não só em teoria se não em prática a imagem de mulher da qual ela escreve." Tradução livre da autora. MERCEDES HINCAPIÉ, Luz. Moralizadora, cristianizadora y transgresora: una mirada a la imagen de la mujer en dos textos de Soledad Acosta de Samper. Revista Logos, n. 11, 2007. p. 89.

la nación de otras propuestas del liberalismo. En general, la ideología doméstica propuesta por las doctrinas liberales asignaba a la mujer republicana un papel anti-intelectual, más cercano a la intuición y al sentimiento que a la razón. Aunque el proyecto de Soledad opera dentro de la ideología doméstica, su propuesta busca ensanchar la esfera doméstica de la mujer llegando a un feminismo doméstico de carácter político, de la misma manera que lo hicieron muchas de sus colegas escritoras en otras partes de Latinoamérica y del mundo.²⁷³

Diante de um Estado que ignora as mulheres, Acosta de Samper lhe entrega por agência, dando-lhes a tarefa de moralizar a nação e conduzi-la ao progresso. Nesse sentido, a proposição de uma educação que incluísse as mulheres e se adequasse aos grupos sociais seria uma forma de reforçar esse discurso nacionalista que coloca-as no centro da ação. Ao que Acosta de Samper pontua, “*ya no se le permitirá cruzarse de brazos y dejarse llevar por la corriente masculina; es preciso que tome parte de la lucha y quizás salve á la sociedad del cataclismo de la inmoralidad, de impiedad, de corrupción que la amenaza*”²⁷⁴. A escritora colombiana não só demonstra interesse pelo papel social das mulheres, mas o engajamento com o feminismo emergente também a levará a publicar a obra *La Mujer en la sociedad moderna*, na qual traz o tema dentro do espaço doméstico no qual essas mulheres em diálogo com a fé católica são convocadas a se posicionar, sem necessariamente enfrentarem os homens. Sendo assim, faz-se necessário negociar o seu papel social.

Por outro lado, como escrever-se e inscrever-se nesse papel social? De acordo com Philippe Lejeune, a relação estabelecida no mundo de letras nos aponta como “escrever e publicar a narrativa da própria vida foi por muito tempo, e ainda continua sendo, em grande medida, um privilégio reservado aos membros das classes dominantes”²⁷⁵. Isso não só pelo acesso à educação, que permitiria o desenvolvimento das habilidades de ler e escrever, recebendo uma atenção professoral para tanto, como pelo privilégio burguês do ócio seria frequentemente associado a atividades como a leitura no ambiente doméstico, em uma

²⁷³ "A escritora colombiana atribuiu à mulher republicana um papel de protagonista nas tarefas modernizadoras, algo que junto com suas ambivalências com respeito ao avanço da civilização na nascente nação colombiana, difere sua maneira de imaginar a nação de outras propostas do liberalismo. Em geral, a ideologia doméstica proposta pelas doutrinas liberais atribuía à mulher republicana um papel anti-intelectual, mais próximo da intuição e do sentimento do que da razão. Embora o projeto de Soledad opere dentro da ideologia doméstica, sua proposta busca ampliar a esfera doméstica da mulher chegando a um feminismo doméstico de caráter político, da mesma forma que muitos de suas colegas escritoras em outras partes da América Latina e do mundo." Tradução livre da autora. ARBELÁEZ, Olga. *Salvar la nación: el feminismo doméstico de Soledad Acosta de Samper*. Estudios de literatura colombiana, n. 38, 2015, p. 75.

²⁷⁴ “[...] já não lhe será permitido cruzar os braços e deixar-se levar pela corrente masculina; é preciso que tome parte da luta e talvez salve a sociedade do cataclisma da imoralidade, da impiedade, da corrupção que a ameaça.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *La mujer en la sociedad moderna*. París: Garnier Hermanos, 1895. p. XI.

²⁷⁵ LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2008. p. 114.

estratégia de controle dessas mulheres dentro do domínio privado. Por outro lado, a escrita ocupou o espaço do interdito para as mulheres, assim, de acordo com a historiadora Margareth Rago, “escrever-se, é portanto, um modo de transformar o vivido em experiência, marcando sua própria temporalidade e afirmando sua diferença na atualidade.”²⁷⁶ Dessa maneira, é uma forma de inscrever a memória das mulheres na história e extrapolar o domínio da oralidade. A narrativa construída por Acosta de Samper em *Viaje a España* aponta para uma estrutura de escrever-se levando em consideração que houve uma edição em seu diário de viagem, a fim de colocar-se publicamente não apenas expondo a si mesma a partir de suas experiências, mas também transformando-as em um exemplo de mulher com trajetória no espaço público a ser respeitado e admirado. Tal perspectiva é retomada a partir da publicação da obra *La Mujer en la sociedad moderna*, na qual a escritora colombiana elenca uma série de trajetórias públicas de mulheres e defende o exemplo destas como instrumento educacional.

Se a historiadora Michelle Perrot nos diz que “a memória das mulheres é verbo”²⁷⁷, já que houve uma proibição do acesso das mulheres à escrita, a filósofa Margaret McLaren aponta sobre como as escritas de si constituíram ferramentas de atuação para as mulheres, por meio do exemplo da autobiografia.

“As autobiografias de mulheres dão voz a saberes assujeitados porque as pesquisas e experiências femininas até recentemente foram excluídas da história e da literatura. As narrativas autobiográficas geralmente constroem identidades multifacetadas e complexas, dinâmicas e não estáticas. [...] No entanto, a autobiografia também pode ser confessional. A autobiografia confessional reitera discursos normalizadores e ata o indivíduo à sua própria identidade. A autobiografia pode tanto ser um exercício de sujeição, se produzir a verdade requerida sobre si mesmo, como poder um processo de subjetivação, se se examina criticamente como a pessoa chegou a ser o que é, em relação aos discursos normalizadores.”²⁷⁸

Ao refletirmos sobre o papel das escritas de si como um instrumento de dar voz às mulheres, por vezes assujeitadas, como coloca McLaren, chegamos à perspectiva de como esta materializa a construção da individualidade de quem escreve em relação a uma sociedade na qual as tensões entre gêneros se encontram latentes. Compreendendo o relato de viagem como instrumento de articulação de uma autobiografia, por meio do qual o autor escreve a si mesmo, o narrador personagem se constrói a partir de suas experiências e aquilo que ele deseja comunicar ao mundo.

²⁷⁶ RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. p. 56.

²⁷⁷ PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. Revista Brasileira de História, V. 9, no 18, p. 9-18. São Paulo, Ago-Set 1989. p. 17.

²⁷⁸ McLAREN, Margaret. Foucault Feminismo e Subjetividade. São Paulo, Intermeios, 2016. (coleção entregêneros). p. 152.

“L’autobiographie est une autre forme qui, par une série de transitions insensibles, rejoint le roman. La plupart des autobiographies sont inspirées par une impulsion créatrice, et par conséquent imaginative, qui pousse l’écrivain à ne retenir, des événements et des expériences de sa vie, que ceux qui peuvent entrer dans la construction d’un modèle structuré. Ce modèle peut être quelque chose qui dépasse l’individu et auquel il a été amené à s’identifier, ou bien simplement la cohérence de son personnage et de ses attitudes. Nous pouvons appeler cette forme très importante de la fiction en prose la confession, d’après Saint Augustin, qui semble l’avoir inventée, et d’après Rousseau, qui en a établi le type moderne. Une tradition plus ancienne a donné à la littérature anglaise *Religio Medici*, *Grace Abounding* et l’*Apologie* de Newman, sans compter le genre voisin, mais légèrement différent, de la confession telle qu’elle est pratiquée par les mystiques.”²⁷⁹

De acordo com Northrop Frye, há um exercício imaginativo de construção de si que respeita um modelo, no qual as memórias são selecionadas para que dialoguem com a mensagem que pretende ser passada. Em uma espécie de proposta de construção de uma ficção de si, podemos pensar o relato de viagem em uma articulação que se utiliza dessa estratégia de construção narrativa, colocando esse narrador-personagem como herói da sua própria história. Afinal, seria possível pensar que Acosta de Samper elabora uma ficção de si e se constrói como heroína de sua própria história?

Por fim, tais questões sobre a forma de narrar a si mesmo sofrem influência das concepções sociais e da forma de enxergar os papéis atribuídos a homens e mulheres, diante dos quais a escritora colombiana Soledad Acosta de Samper esforça-se em se adequar e estabelecer diálogos, a partir de negociações dos ambientes ocupados.

III. Espaços de reconhecimento: “*Mujer en la sociedad moderna*”

As reflexões sobre o papel social das mulheres, contidas em *Viaje a España*, reverberam de forma mais estruturada e direta na obra *Mujer en la Sociedad Moderna*, publicada em 1895, na qual a escritora colombiana explicita o que entende como o papel social da mulher e as

²⁷⁹ "A autobiografia é outra forma que, através de uma série de transições insensíveis, se junta ao romance. A maior parte das autobiografias são inspiradas por um impulso criativo, e portanto imaginativo, que leva o escritor a não reter, eventos e experiências de sua vida, a não ser aqueles que podem entrar na construção de um modelo estruturado. Este modelo pode ser algo que ultrapassa o indivíduo e ao qual foi levado a identificar-se, ou simplesmente a coerência do seu personagem e das suas atitudes. Podemos chamar a esta forma muito importante da ficção, prosa a confissão, segundo Santo Agostinho, que parece tê-la inventado, e segundo Rousseau, que estabeleceu o seu tipo moderno. Uma tradição mais antiga deu à literatura inglesa *Religio Medici*, *Grace Abounding* e a apologia de Newman, além do gênero vizinho, mas ligeiramente diferente, da confissão como é praticada pelos místicos." Tradução livre da autora. NORTHROP, Frye; *Anatomy of Criticism*, Princeton University Press, 1957 (traduit en français sous le titre *Anatomie de la critique*, Gallimard, 1969). p. 307 *apud* LEJEUNE, Philippe. *Autobiographie et histoire littéraire*. *Revue d’Histoire littéraire de la France*, 75e Année, No. 6, L’Autobiographie (Nov. - Dec., 1975), pp. 903-936. p. 921.

formas de lidar com a sua atuação nos espaços público e privado. A proximidade temporal com a publicação dos dois tomos de *Viaje a España*, respectivamente em 1893 e 1894, nos dá a ideia de continuidade da sua interpretação e discussão desses papéis sociais. Valemo-nos da análise de *Mujer en la Sociedad Moderna* para não só compreender o que Acosta de Samper esperava das atuações de suas contemporâneas, mas também a sua própria jornada como escritora em um mundo de letras masculino.

Soledad coloca o seu livro como obra destinada aos pais e professores com o intuito de instrução, por meio de exemplos de mulheres que produziram nas meninas o desejo de imitação. Constitui-se assim um ensaio de breves biografias, seguindo a ideia do inglês Samuel Smiles no livro *Self-Help*, sucesso de vendas em 1859, segundo a autora. O bom exemplo emerge como estratégia poderosa para promover a civilização e, assim, a referência a mulheres ativas e trabalhadoras se torna inspiração para mulher latino-americana, cuja educação havia sido descuidada, de acordo com Acosta de Samper. Por mais que a leitura das biografias dos grandes e virtuosos homens seja excelente, não é didática para as meninas.²⁸⁰ Tal reflexão dialoga com o seu discurso católico, à medida em que os religiosos partilham consideravelmente da importância dada aos exemplos, por meio de suas hagiografias e da narrativa bíblica²⁸¹.

De acordo com Acosta de Samper, haveria uma dificuldade para as jovens enxergarem outras mulheres como seus exemplos, por mais que fossem virtuosas, sábias e patriotas, de acordo com as convenções sociais. Para construir tais referências, é necessário espelhar-se em contemporâneas, pois temporalidades e sociedades distintas possuem outras estruturas.

“y la mejor para la joven de estos países será aquella que le presentará ejemplos de mujeres que han vivido para el trabajo propio, que no han pensado que la única misión de la mujer es la de mujer casada, y han logrado por vías honradas prescindir de la necesidad absoluta del matrimonio, idea errónea y perniciosa, que es el fondo de la educación al estilo antiguo. Cuántas mujeres desdichadas no hemos visto, solamente porque han creído indispensable casar á todo trance para conseguir un protector que ha sido su tormento y su perdición! No es acaso suficiente protección para una mujer la virtud, unida al amor al trabajo, á la laboriosidad?”²⁸²

²⁸⁰ ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *La mujer en la sociedad moderna*. París: Garnier Hermanos, 1895. pp. 289-290.

²⁸¹ As hagiografias foram narrativas utilizadas pela Igreja Católica para trazerem aos fiéis trajetórias de vida tidas como exemplares e dignas de serem seguidas.

²⁸² "e a melhor para a jovem destes países será aquela que lhe apresentará exemplos de mulheres que viveram para o trabalho próprio, que não pensaram que a única missão da mulher é a de mulher casada, e conseguiram por vias honradas prescindir da necessidade absoluta do matrimônio, ideia errônea e perniciosa, que é o fundo da educação ao estilo antigo. Quantas mulheres infelizes não vimos, só porque acreditaram indispensável casar-se a todo transe para conseguir um protetor que foi seu tormento e sua perdição! Não é acaso suficiente proteção para uma mulher a virtude, unida ao amor ao trabalho, à laboriosidade?" Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *La mujer en la sociedad moderna*. París: Garnier Hermanos, 1895. p. 351

Se por um lado a escritora destaca o matrimônio como parte da “*ley santa de la Providencia*”, por outro, ela pontua que ele não é imprescindível às mulheres. No primeiro momento, a rejeição do matrimônio como um elemento obrigatório poderia ser lido como totalmente em desalinho com a perspectiva católica, para qual o casamento é um dos elementos fundamentais da vida humana, considerado sagrado a partir da sua inclusão como um dos sete sacramentos. Atrelado a ele, há a perspectiva de que o devir de uma mulher é ser esposa e mãe, o que justificaria a sua existência terrena. Dessa forma, apenas executando esse devir, ela poderia cumprir sua função social. Seria possível atribuir à escritora colombiana uma perspectiva radical de rompimento de cânones? De acordo com Soledad, o livro deve dialogar com meninas de todas as esferas sociais, sendo que mesmo uma mulher pobre pode viver honradamente, desde que seja trabalhadora, instruída e ativa. Sendo assim, o casamento deveria ser realizado com um homem virtuoso e na ausência de tal exemplar, não é necessário se casar, mas ter condições de subsistir por meio de seu trabalho.

“Una vez que la mujer comprenda que puede rechazar al hombre vicioso, egoísta, de mal carácter y malo, y al mismo tiempo alcanzar á hacerse respetar por sus virtudes y su laboriosidad, la sociedad se reformará indudablemente; los hombres sabrán que hay quien los juzgue, que la mujer que algo vale premiará al bueno, desdenará y despreciará al malo, y que no será amado y respetado sino aquel que valga moralmente.”²⁸³

Dessa forma, Soledad aponta que se o casamento não fosse entendido como uma instituição compulsória, a sociedade sofreria uma drástica transformação e os homens estariam suscetíveis a julgamentos e escolhas. Ao aventar essa nova possibilidade de vida, em desacordo com a própria sociedade na qual vive e a perspectiva moral católica que defende, Acosta de Samper concede poder de escolha às mulheres e põe em xeque o papel social dos homens. Portanto, há implícita a ideia de que os homens devem ser moralmente corretos e respeitosos para que as mulheres possam escolhê-los. Estabelece-se aqui um poder de agência por meio do qual as relações de gênero podem quiçá se aproximar de uma equidade.

Soledad esmiúça o seu ponto de vista levando a cabo a seguinte questão: qual a missão da mulher no mundo? Ao que a autora responde: “*Indudablemente que la de suavizar las*

²⁸³ "Uma vez que a mulher compreenda que pode rejeitar o homem vicioso, egoísta, de mau caráter e mau, e ao mesmo tempo alcançar o fazer-se respeitar por suas virtudes e seu trabalho, a sociedade se reformará indubitavelmente; os homens saberão que há quem os julgue, que a mulher que vale alguma coisa recompensará o bom, desdenhará e desprezará o mal, que não será amado e respeitado, mas aquele que vale moralmente." Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *La mujer en la sociedad moderna*. París: Garnier Hermanos, 1895. p. 355

costumbres, moralizar y cristianizar las sociedades, es decir, darles una civilización adecuada á las necesidades de la época, y al mismo tiempo preparar la humanidad para lo porvenir."²⁸⁴

Para a escritora colombiana, as mulheres teriam o dever de estender a área de atuação do cristianismo, esforçando-se para moralizar os costumes. Por conseguinte, as mulheres seriam responsáveis por empurrar o "*carro de la civilización*"²⁸⁵ por meio da sua atuação como literatas e letradas.

A moralização das sociedades hispano-americanas estaria, desta forma, na mão das mulheres: "*cuya influencia, como las madres de las futuras generaciones, como las maestras de los niños que empiezan a crecer y como escritoras que deben difundir buenas ideas en la sociedad, deberán salvarla y encaminarla por la buena vía.*"²⁸⁶ Destarte, às mulheres caberia a função de salvar a sociedade da imoralidade, já que seriam responsáveis pelo crescimento das futuras gerações. Se Acosta de Samper concede às mulheres poder de agência, não se pode confundir o seu discurso com uma chamada à dissidência ou uma crítica à moral cristã, pois a autora reitera o seu discurso religioso constantemente.

Tal perspectiva é de grande responsabilidade para essas mulheres, porém as sociedades as viam assim também? Sobre a condição das mulheres na América Espanhola e na Espanha, Acosta de Samper realiza comparações que desabonam a pátria mãe:

"Entre las naciones de raza española, aún se mira á la mujer como á un ser inferior, como á un niño, y se la elogia cuando se eleva un poquito sobre la medianía con una exageración que abochorna. Debemos, empero, rechazar cierta clase de ponderaciones como una ofensa casi, porque éstas prueban que se aguardaba tan poco de nosotras, que cualquiera cosa que hagamos, y que prueba alguna instrucción ó talento, es extraña en nuestro sexo y se debe aplaudir como una rareza fuera de lo natural."²⁸⁷

A autora se incomoda com a forma como as mulheres são encaradas, de modo que qualquer demonstração de instrução ou de talento é recebida com assombro, como se fosse um

²⁸⁴ "Indubitavelmente que a de suavizar os costumes, moralizar e cristianizar as sociedades, ou seja, dar-lhes uma civilização adequada às necessidades da época, e ao mesmo tempo preparar a humanidade para o futuro." Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 384

²⁸⁵ *Idem, ibidem*. p. 387

²⁸⁶ "[...] cuja influência, como as mães das futuras gerações, como as professoras das crianças que começam a crescer e como escritoras que devem difundir boas ideias na sociedade, deverão salvá-la e encaminhá-la pelo bom caminho." Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 385

²⁸⁷ "Entre as nações de raça espanhola, ainda se olha a mulher como a um ser inferior, como a uma criança, e se a elogia quando se eleva um pouquinho sobre a mediocridade com um exagero que envergonha. Devemos, porém, rejeitar uma certa classe de ponderações como uma ofensa quase, porque elas provam que se esperava tão pouco de nós, que qualquer coisa que façamos, e que prova alguma instrução ou talento, é estranho em nosso sexo e deve ser aplaudido como uma raridade fora do natural." Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *La mujer en la sociedad moderna*. París: Garnier Hermanos, 1895. p. 385.

exemplar extremamente raro. Nesse sentido, vale recuperarmos a fala do intelectual María Fabié, citada no primeiro capítulo, ao elencar mulheres participantes do primeiro Congresso de Americanistas como distintas exemplares do “*bello sexo*”, incluindo nessa listagem a própria Soledad. O uso da expressão “*bello sexo*” é frequentemente usado por outros personagens, em fins do século XIX, para se referirem às mulheres, como a própria Soledad em uma passagem que trataremos, posteriormente.

Em uma prática recorrente, a autora colombiana recorre ao Deus católico e com frequência aponta o apoio da Divina Providência ao seu projeto.²⁸⁸ As habilidades pessoais são entendidas como presentes divinos e aqui Soledad reforça a ideia de que a vontade de Deus deve ser cumprida. Interessa-nos pensar que ela parte do pressuposto de que “*la carrera de escritora está abierta y pueden las mujeres abrazarla sin inconveniente*”, mas, afinal, quem abriu essa possibilidade? Em um contexto no qual a escrita é rejeitada às mulheres, como nos traz a historiadora francesa Michelle Perrot²⁸⁹, como compreender que o acesso à pluma está livremente concedido às mulheres?

Apesar de existirem escritoras hispano-americanas, Soledad argumenta que a pouca quantidade se dá pela ausência de confiança em suas faculdades intelectuais e também por timidez. A autora coloca que se elas se convencessem da missão benéfica e útil que têm a desempenhar, enxergariam-se como veículo do bem. De acordo com Acosta de Samper, na Colômbia, as mulheres são altamente respeitadas, diferentemente da Espanha, que veria com maus olhos uma mulher publicar na imprensa. Mais do que isso, a autora colombiana justificou religiosamente o papel das mulheres, dizendo que deviam seguir suas carreiras em respeito às qualidades que seriam providas por Deus, tornando-se assim veículo de moralização social e atuando no processo de civilização da sociedade em que está inserida²⁹⁰. Ao realizar essa comparação, Acosta de Samper reforça o lugar de atraso da Espanha, argumentação que teve amplo lugar nos dois tomos do seu relato, *Viaje a España*. Isto posto, a Colômbia ocupava uma posição em diálogo com aquelas consideradas modelos de progresso, França e Inglaterra.

Em determinada passagem da obra *La Mujer en la Sociedad Moderna*, a autora critica a ausência de uma heroína “ideal” no romance *Blanca Sol* (1886), escrito pela peruana Mercedes Cabello de Carbonera, no qual a protagonista se afunda no vício e na corrupção ao se apartar da religião:

²⁸⁸ *Idem, ibidem*. p. 387

²⁸⁹ PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. Revista Brasileira de História, V. 9, no 18, p. 9-18. São Paulo, Ago-Set 1989.

²⁹⁰ ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *La mujer en la sociedad moderna*. París: Garnier Hermanos, 1895. p. 370.

“¡No, y mil veces no! Si el arte ha perdido la fe en Dios, el arte no se ha ennoblecido, se ha degradado... Pero no, el verdadero arte, el ideal, el puro, el grande, aun canta ‘la grandiosidad de las catedrales’, en donde se adora al verdadero Dios y se evoca esa fe que no se ha perdido sino en ciertos corazones maleados ó extraviados.”²⁹¹

Acosta de Samper constrói uma narrativa de que nada vale a pena se não for temente a Deus e, nesse sentido, o seu catolicismo arraigado se manifesta na literatura. Mais do que isso, a escrita é um meio pelo qual as mulheres podem e devem moralizar e cristianizar a sociedade latino-americana. Dessa forma, para a escritora, uma literatura em que o discurso católico está ausente é a narrativa da barbárie²⁹².

Ao perguntar-se sobre a posição social das mulheres na sociedade colombiana, Soledad questiona:

“... ¿por qué no brillan como deben en las regiones de la inteligencia? ¿Por qué no dan muestras de que piensan y sienten, y tienen facultades para pintar la naturaleza y fuerzas para disputar al hombre las coronas y los lauros apolíneos? ¿Por qué enmudecen? ¿por qué se esconden? ¡Ah! es porque no se las comprende, ni se las educa, ni se las estimula. Somos todavía semibárbaros en nuestro porte con respecto á las mujeres: las miramos como inferiores a nuestras, á lo más como compañeras de nuestra vida material y nuestras casas. No apreciamos en ellas el alma, sino el cuerpo, no buscamos las dotes de la inteligencia sino la efímera belleza de las formas exteriores.”²⁹³

Para Acosta de Samper, o papel social atribuído às mulheres as esconde e silencia, a partir do pressuposto de que elas são inferiores aos homens. Sendo assim, a autora traz a crítica de que a partir dessa visão redutora e a fixação pela beleza física, o comportamento em relação às mulheres seria semi bárbaro.

Acerca desse silêncio, a historiadora francesa Michelle Perrot reflete acerca da forma como as mulheres foram encaradas como categoria indistinta no século XIX, sobre o qual escriturários da história pouco falam sobre as mulheres, relegando-as ao silêncio.

²⁹¹ "Não, e mil vezes não! Se a arte perdeu a fé em Deus, a arte não se enobreceu, se degradou... Mas não, a verdadeira arte, o ideal, o puro, o grande, ainda canta a grandiosidade das catedrais', onde se adora o verdadeiro Deus e se evoca essa fé que não se perdeu senão em certos corações maleáveis ou extraviados." Tradução livre da autora. *Idem, ibidem.* p. 409.

²⁹² *Idem, ibidem.* p. 410.

²⁹³ “... por que não brilham como devem nas regiões da inteligência? Por que não dão mostras de que pensam e sentem, e têm facultades para pintar a natureza e forças para disputar ao homem as coroas e os louros apolíneos? Por que enmudecem? Por que se escondem? Ah! É porque não as compreendem, nem as educam, nem as estimulam. Somos ainda semi-bárbaros em nosso comportamento com respeito às mulheres: as olhamos como inferiores a nossas, mais como companheiras de nossa vida material e nossas casas. Não apreciamos nelas a alma, mas o corpo, não buscamos os dotes da inteligência, mas a efêmera beleza das formas exteriores.” Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *La mujer en la sociedad moderna*. París: Garnier Hermanos, 1895. p. 394-395.

“Quando eles o fazem nas ocasiões em que notam a presença de mulheres em uma manifestação ou reunião, recorrem aos estereótipos mais batidos: mulheres vociferantes, megeras a partir do momento em que abrem a boca, histéricas do momento em que gesticulam. A visão que se tem das mulheres funciona como um indicador: elas são consideradas raramente por si mesmas, mas com frequência como sinônimo de febre ou de abatimento.”²⁹⁴

Tal perspectiva reforça o entendimento da cidade como um espaço sexuado, em um contexto no qual passa a se distinguirem as esferas pública e privada, sendo que o mundo público, sobretudo econômico e político, foi relegado aos homens. A adesão das mulheres ao silêncio social é observada por meio de atos de auto destruição. De acordo com Perrot,

“a imagem da mulher ateando fogo aos seus cadernos íntimos ou a suas cartas de amor no final de suas vidas sugere a dificuldade feminina de existir de outro modo que no instante fugaz da palavra e, por consequência, a dificuldade de recuperar uma memória que não deixou rastros.”²⁹⁵

Isto posto, o fogo consumiria propriamente a história dessas mulheres que acabam por silenciar a si mesmas. Tal prática, se não exercida pelas escritoras, foi realizada muitas vezes, por seus familiares, após a sua morte.

Ao retomar a sua experiência vivida em 1892 na Espanha, Soledad pontua que naquele país, as mulheres seriam inferiorizadas, tornando-se socialmente alvo de piadas por desejarem ser literatas e ocupar o espaço público por meio de uma profissão. A escritora faz a ressalva de que haveria uma transformação social em curso devido ao movimento feminista e à criação de associações de ensino das mulheres²⁹⁶.

Ao citar um trecho da obra *La mujer en los Estados Unidos*, escrito pelo francês Charles de Varigny, em 1893, Acosta de Samper se vale de imagens que conformam estereótipos:

“Para los franceses la mujer personifica y encarna [sic] en sí todas las exquisitas y delicadas perfecciones de la civilización; para el español es una virgen en una iglesia; para el italiano, una flor en un jardín; para el turco, un mueble de dicha... El inglés, precursor del americano, se ve sobre todo en la mujer, la madre de sus hijos y la señora de su casa. Al abandonar á Inglaterra, la mujer que fué á establecerse á la América del Norte, no dejó en Europa sus costumbres y sus tradiciones...” Así pues, para el americano del Norte, su ideal es igual al de inglés, pero allí la mujer es todavía más señora de su casa que en Inglaterra.”²⁹⁷

²⁹⁴ PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. Revista Brasileira de História, V. 9, no 18, p. 9-18. São Paulo, Ago-Set 1989. p. 10.

²⁹⁵ *Idem, ibidem*. p. 13.

²⁹⁶ ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *La mujer en la sociedad moderna*. París: Garnier Hermanos, 1895. p. 375.

²⁹⁷ “Para os franceses a mulher personifica e encarna [sic] em si todas as perfeições delicadas e delicadas da civilização; para o espanhol é uma virgem em uma igreja; para o italiano, uma flor em um jardim; para o turco, um móvel de felicidade... O inglês, precursor do americano, vê-se sobretudo na mulher, na mãe de seus filhos e

Temos em sua reflexão em *La Mujer en la sociedad moderna* (1895), a retomada da visão outrora esmiuçada em sua obra *Viaje a España* (1892), ao traçar comparações entre alguns Estado-nação a partir da lógica do atraso e do progresso. Portanto, Acosta de Samper situa os países que considera civilizados, ou seja, França, Inglaterra e Estados Unidos. Por outro lado, localizados na barbárie, estariam Itália, Turquia e Espanha. Ressalta-se aqui um discurso anticolonial em relação à Espanha ao deslocá-la do eixo dos países tidos como civilizados, que são considerados desse modo devido à sua interlocução com a Ilustração. Ao descrever a mulher francesa como a perfeição da civilização, Soledad acaba por valorizar a si própria, não só pelos anos enquanto moradora de Paris, mas também pela sua oportunidade de acesso ao ensino formal na cidade.

Acosta de Samper se vale do exercício de retórica constante de afirmar a legitimidade do espaço que ocupa, seja nas suas participações em congressos, os convites aos salões e festas, ou a sua inserção em espaços de redes de sociabilidade masculinas. Por mais que a autora defenda a ocupação das mulheres no espaço público, reconhecidas por suas práticas, temos a reflexão de Michelle Perrot:

“[...] a observação das mulheres em outros tempos obedece a critérios de ordem e de papel. Ela diz respeito mais aos discursos do que às práticas. Ela se detém pouco sobre as mulheres singulares, desprovidas de existência, e mais sobre “a mulher”, entidade coletiva e abstrata à qual se atribuem as características habituais.”²⁹⁸

Ao se referir a essa entidade coletiva e abstrata, que seria as mulheres, Soledad abre caminhos não só para apontar a clivagem de classe necessária, mas para se colocar como uma mulher-indivíduo. De acordo com Michelle Perrot, diante da concepção de indecência do privado, particularmente forte nas classes operárias, “em que falar da sua vida é expor-se, entregar-se ao olhar de seus inimigos, esta burguesia sempre pronta ao desprezo.”²⁹⁹, como porta-voz do mundo privado, Acosta de Samper se dá o direito de olhar o mundo público e envolve-se no mundo dos homens, questionando-o.

na senhora de sua casa. Ao abandonar a Inglaterra, a mulher que foi estabelecida na América do Norte, não deixou na Europa seus costumes e suas tradições...” Assim, para o americano do Norte, seu ideal é igual ao de inglês, mas lá a mulher é ainda mais senhora de sua casa do que em Inglaterra.” Tradução livre da autora. *Idem, ibidem*. p. 382.

²⁹⁸ PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. Revista Brasileira de História, V. 9, no 18, p. 9-18. São Paulo, Ago-Set 1989. p. 11.

²⁹⁹ *Idem*. p. 17.

A filósofa estadunidense Judith Butler chama nossa atenção para o perigo do discurso totalizante da categoria mulheres, diante da “insistência sobre a coerência e unidade da categoria das mulheres [que] rejeitou efetivamente a multiplicidade das interseções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro concreto das ‘mulheres’”³⁰⁰. A partir dessa chave de análise, temos a categoria ‘mulheres’ como uma forma de esvaziamento da própria interpretação e luta dessas personagens, que ao serem categorizadas, por vezes tornaram-se uma massa amorfa. Em contrapartida, a evocação de tal perspectiva se deu muito em virtude da necessidade de se abrir caminhos e olhares para esses sujeitos históricos silenciados.

Isto posto, entendemos que a compreensão da jornada empreendida pela escritora colombiana Soledad Acosta de Samper deve levar em consideração todas as faces da sua identidade, entrelaçando-se com narrativas de poder e representações do imaginário social, que a situam em um lugar de extraordinariedade, o qual rejeitamos nesta investigação. As pesquisas e experiências dessa viagem a Espanha em 1892 reverberaram nos escritos posteriores de Soledad, estabelecendo diálogo com os processos históricos como a “geração de 98” de escritores latino-americanos e a emergência do movimento feminista.

³⁰⁰ BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 34.

Considerações Finais

“En todas las naciones la mujer ha señalado su huella haciendo el bien en todas las carreras, y cada cual puede escoger alguna como ejemplo y norma de su vida futura, según se sienta con más ó menos fuerza, con mayor ó menor disposición para tal ó cual carrera.”³⁰¹

O excerto escolhido para conduzir as considerações finais às quais chegamos ao longo do percurso desta investigação refere-se a uma publicação da colombiana Soledad Acosta de Samper, na qual a escritora defendeu a atuação das mulheres na vida pública ao escolherem carreiras que se adequassem a cada uma, de acordo com sua força e disposição. Ao referirmo-nos à obra *La Mujer en la Sociedad Moderna*, publicada em 1895, para apresentarmos os caminhos perpetrados na pesquisa a partir da análise de seus relatos de viagem sobre a sua visita à Espanha em 1892, lançamos olhar sobre as próprias conclusões às quais a escritora chegou após a experiência.

Soledad Acosta de Samper, ao longo dos seus quase oitenta anos, gozou de uma série de privilégios sociais e possibilidades de inserções em redes de sociabilidade masculinas, as quais foram exaltadas por ela como parte de normas sociais. Não transpareceu nenhum desconforto em sua partilha das festividades das quais participou em sua viagem à Espanha, em 1892. Ao leitor, Acosta de Samper manifestou a segurança de quem ocupa um lugar que crê lhe ser devido e merecido.

Seus escritos trazem uma narrativa de um sujeito histórico paradoxal, como cunhou a historiadora Joan Scott³⁰². Por um lado, ser uma das poucas mulheres presentes em salões literários e outros encontros sociais é algo que foi destacado em *Viaje a España en 1892* como um sinal do seu merecimento, seu reconhecimento social como uma colombiana sendo homenageada em terras estrangeiras. A própria escritora se constrói como heroína de sua própria história. Com as suas visitas às cidades espanholas, Acosta de Samper emerge em seu relato de viagem como excepcional, uma “mulher à frente de seu tempo”.

³⁰¹ "Em todas as nações, a mulher assinalou sua marca fazendo o bem em todas as carreiras, e cada qual pode escolher alguma como exemplo e norma de sua vida futura, à medida que se sente com mais ou menos força, com maior ou menor disposição para tal como carreira." Tradução livre da autora. ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *La mujer en la sociedad moderna*. París: Garnier Hermanos, 1895. p. VIII.

³⁰² SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2002 [Trad.: Élvio Antônio Funck].

O seu incômodo perante os papéis sociais relegados às mulheres contraria a lógica da excepcionalidade que a autora acaba por defender ao escrever-se, quando define a si própria. Essa percepção foi desenvolvida em *Viaje a España en 1892*, mas consolidou-se na compilação de perfis de mulheres em sua obra *La Mujer en La Sociedad Moderna*, publicada em 1895. Dessa obra foi retirada a citação em que Acosta de Samper afirma que as mulheres podem escolher qual carreira seguir, independentemente do país em que vivem.

O fato de *Viaje a España en 1892* ter sido publicado nos dois anos subsequentes, em dois volumes, nos apontou a ideia de uma reelaboração da experiência vivida a partir dos objetivos políticos de Acosta de Samper ao trazer à público uma obra da qual emergem críticas à pátria anfitriã, a Espanha, que vão desde questionamentos sobre o papel da mulher até as formas como o país lidou com as transformações históricas, considerando-o um exemplo do atraso bem como a herança que a antiga metrópole deixou à população colombiana.

A sua defesa da ocupação dos espaços públicos pelas mulheres por meio de suas atividades laborais emergiu como uma possibilidade até mesmo de autonomia financeira para mulheres pobres, bem como da instrução formal destas, tanto burguesas quanto aquelas das camadas populares, acabou sendo apropriada como um discurso pré-feminista.

Ao ter seu trabalho recuperado no início dos anos 1990, Acosta de Samper foi primeiramente analisada como uma precursora feminista, o que Olga Arbeláez chamou de feminismo doméstico, já que Acosta de Samper não propunha rupturas sistêmicas. Porém, muito da sua apropriação acabou a categorizando como libertária, o que não corresponde à sua postura nem ao seus escritos³⁰³.

A oportuna apropriação em si da trajetória de Acosta de Samper como precursora do movimento é inadequada, não só pelo anacronismo, mas pela atenuação de uma série de crises em seu discurso, que não correspondem ao feminismo desenvolvido em fins do século XIX. Porém, não se deve considerá-la à margem do movimento, já que a escritora vivenciou a sua própria configuração, a partir dos questionamentos advindos das operárias inglesas e a apropriação das demandas pelas mulheres burguesas na Europa Ocidental.

Isto posto, a investigação que tomou seus relatos de viagem, as atas dos congressos dos quais a escritora participou e suas apresentações, bem como as cartas produzidas por sua filha Blanca Leonor à tia María, nos permitiu compreender o quão complexa era a teia de espaços de negociação na qual Acosta de Samper esteve inserida, cuja retórica da autonegação, termo

³⁰³ ARBELÁEZ, Olga. Salvar la nación: el feminismo doméstico de Soledad Acosta de Samper. Estudios de literatura colombiana, n. 38, 2015, p. 57-76.

cunhado pela historiadora Stella Maris foi apenas uma das estratégias utilizadas para que fosse consagrada entre os literatos³⁰⁴.

A partir da sua obra, foi possível compreender as disputas e tensões estabelecidas em sua inserção nas consideradas redes de sociabilidades intelectuais à medida em que a sua atuação foi paradoxal, a partir da defesa de demandas consideradas radicais, como a educação feminina e a não obrigatoriedade do casamento, o que a identificaria como um modelo político mais progressista. No entanto, o seu posicionamento político fortemente conservador, alinhado a um catolicismo mais ortodoxo e à reiteração de uma moral social, a tornou um perfil aceito em uma rede de sociabilidade que comungou do mesmo ideário político, como a escritora compartilhou sobre os salões literários dos quais participou durante a sua viagem à Espanha.

Apesar de os seus relatos de viagem assumirem uma voz impessoal e a escritora enfatizar descrições dos espaços físicos visitados e de fatos históricos relacionados às cidades visitadas, a sua escrita foi permeada de subjetividade. Acosta de Samper acabou por escrever a si mesma, a construir-se como uma heroína da sua própria história. A extensão considerável dos escritos de uma viagem que durou apenas dois meses e meio, nos quais a escritora também partilhou aspectos da sua vida pessoal, com riqueza de detalhes, aponta para uma necessidade de autoafirmação para o público leitor. Soledad enfatizou que o lugar que ocupa socialmente lhe é devido, que ser um membro do “*bello sexo*” não deve desmoralizar o seu discurso, já que ela mesma é veículo de transmissão de valores considerados dignos e representante dos bons costumes cristãos.

A sua retórica foi permeada pela narrativa de episódios que reforçaram a ideia de que Acosta de Samper foi, e ainda é, uma figura proeminente, uma autoridade em meio aos seus pares, digna de respeito dos seus colegas homens e da sociedade estrangeira que a recebe. Nesse sentido, a literata não se depara apenas com a necessidade de enunciar-se pelo fato de ser mulher, mas pelo fato de estar em um território que não lhe pertence. Apesar da recorrente estratégia de referir-se à Espanha como pátria-mãe e até mesmo do relato de episódios que lhe encheram de satisfação por ter sido confundida com uma inglesa em seus passeios com sua filha Blanca Leonor, Soledad transparece o seu desconforto.

Esse incômodo reverberou em *Viaje a España* a partir das comparações entre Espanha, Inglaterra, França e Colômbia, nas quais estabeleceu-se hierarquicamente uma oposição entre aquilo ela entendeu como atraso e progresso. Ao salientar a Colômbia em uma posição de vir

³⁰⁴ FRANCO, Stella Maris Scatena. Viagens e relatos: representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX. Editora Intermeios: São Paulo, 2018.

a ser, de uma nação rumo ao progresso, em processo de desvencilhar-se da herança colonial deixada pela antiga metrópole, Acosta de Samper colocou-se como uma personagem alinhada a essa narrativa. Ela, em si, tornou-se a imagem do progresso em sua própria narrativa. Para tanto, Acosta de Samper retomou reiteradamente o fato de viver em Paris e ter tido outras tantas passagens de longa estadia na cidade, permitindo-lhe se inserir em uma cultura que partilha da modernidade.

O estudo da trajetória da escritora colombiana contribui para a desmitificação da narrativa de excepcionalidade de “uma mulher à frente do seu tempo”, comumente utilizada em referências à trajetória das mulheres no espaço público por meio de suas carreiras, fator criticado por Acosta de Samper em sua participação no Congresso Pedagógico, como relatado anteriormente, à medida em que incute a concepção de uma incapacidade mental inerente às mulheres.

Ao narrar os encontros realizados durante a sua viagem à Espanha com personagens como Marie Lecocq e Emilia Pardo Bazán, entre outros, a autora apontou que esse mundo das letras tão masculino abriu negociação para a inserção de mulheres letradas, que compartilharam suas visões de mundo. Não só para essas viajantes, mas também a partir da publicização das obras de outras latino-americanas, como a cubana Gertrudis Gómez de Avellaneda, a brasileira Nísia Floresta e a argentina Eduarda Mansilla de Garcia³⁰⁵.

A extensa obra de Acosta de Samper nos permite enxergar outras possibilidades de pesquisa, não só para compreendermos a sua literatura de viagem na Espanha, mas compará-la com produções realizadas trinta anos antes, narrando as suas visitas à Suíça, França e Inglaterra, na condição de uma mulher com filhas pequenas e casada com José María Samper, um contexto consideravelmente diferente daquele de 1892. Tais publicações chegaram às nossas mãos de modo fragmentado, por meio do acervo digitalizado da Biblioteca Nacional da Colômbia, nas quais recortes do periódico quinzenal *La Mujer*, dirigido por Acosta de Samper, traziam episódios dessas viagens e ilustrações de autoria não identificadas. No entanto, há uma quantidade volumosa de fontes produzidas pela escritora que permitiriam tal análise e o fortalecimento dessa personagem que adquiriu tantas facetas após a sua morte.

As reflexões trazidas por Acosta de Samper sobre os incômodos e as sensações de viajar com sua filha Blanca Leonor sem uma companhia masculina, vivenciando situações que lhe causaram constrangimento, são distantes temporalmente, mas não se tratam de um caso isolado,

³⁰⁵ FRANCO, Stella Maris Scatena. Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX. Editora Mulheres, 2008.

como o assédio de um personagem que a escritora identificou como o “rei dos ciganos” e o medo diante da ação suspeita de cocheiros em uma parada no meio da estrada.

Por mais que os relatos de viagem de Soledad e de contemporâneas a ela soem como fatos extraordinários, deslocados em seu contexto histórico, tratam-se de experiências que exigiram certa negociação dos papéis de gênero para articular a presença dessas mulheres em espaço público.

Nesse sentido, os relatos de viagem nos auxiliam a compreender a articulação social desses papéis de gênero. Se em fins do século XIX, as vivências dessas mulheres narram episódios de assédio e incômodo na ocupação da esfera pública, não podemos dizer que tais desconfortos não possuem mais reverberação social. Tomando o cuidado de não cometermos um erro teleológico ou anacrônico, compreendemos que a violência de gênero persiste por meio de diferentes roupagens na experiência das viajantes que publicizaram as suas histórias.

Na experiência com a condução do projeto Mulheres Viajantes, desde 2016, acessando relatos de viajantes de diferentes faixas etárias, classes sociais e sexualidade, os incômodos são uma constante. As reclamações são diversas e abrangem o assédio moral e físico, bem como o medo de ocorrência de alguma violência de gênero. Por outro lado, ao construírem a narrativa sobre si mesmas para o *blog*, essas mulheres afirmam o seu papel social e colocam-se num lugar que compreendem lhes ser devido. As suas narrativas estão imbuídas de uma justificativa de que elas podem apreciar a sua própria companhia e ter um tempo de lazer sem carregar o medo da violência nem o peso moral do ócio, que é tão questionado em uma sociedade como a nossa, pautada pela produtividade.

As mulheres viajantes que tiveram a confiança de compartilhar as suas experiências pessoais comigo e com o público leitor do *blog* Mulheres Viajantes, majoritariamente feminino, demonstram a necessidade de não se colocar como desviantes da norma, mas como agentes de construção da normalidade de se ter viajantes pela estrada que não sejam alvo de violência. Vale a ressalva de que o Brasil, território contemplado na maior parte dos relatos, foi considerado o terceiro país mais violento para se viajar sozinha.

Em minhas oportunidades durante as atividades do projeto de apresentar ao público os resultados preliminares desta pesquisa, houve uma surpresa considerável das participantes. Para elas, era inconcebível pensar em mulheres viajando sem uma companhia masculina no século XIX. A fim de combater esse estranhamento e a falta de conhecimento, acreditamos que a divulgação desta pesquisa serve como exemplo para a jornada dessas mulheres, que ainda lidam com uma sociedade que se incomoda com a sua autonomia.

Referências Bibliográficas

Fontes

ACOSTA DE SAMPER, Soledad. “Aptitud de la mujer para ejercer todas las profesiones. Memoria presentada en el Congreso Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano reunido en Madrid en 1892” *Revista de Estudios Sociales*. no.38. Bogotá: Jan./Abr. 2011.

_____. Fechas históricas y hechos curiosos, chistes, citas, agudezas, leyendas, &a, dignas de ser guardadas en la memoria. Sin fecha de elaboración. Libreta. 135 f. Disponible em: http://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/89704. Acesso em 18 de agosto de 2020.

_____. *La mujer en la sociedad moderna*. Garnier Hermanos: París, 1895.

_____. *Memorias presentadas en congresos internacionales que se reunieron en España durante las fiestas del IV centenario del descubrimiento de América, en 1892*. Chartres: Imprenta de Durand, 1893.

ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viaje a España en 1892*. Bogotá, Imprenta de Antonio María Silvestre, 1893.

Blanca Leonor Samper Acosta, Copia de algunas Cartas de Blanca Samper escritas durante un viaje a España 1892, manuscrito en la Biblioteca Nacional de Colombia, FSAS 059.

Congreso Internacional de Americanistas (9º. 1892. Palos de la Frontera, Huelva). TI - IX Congreso Internacional de Americanistas : reunión del año de 1892, en el convento de Santa María de la Rábida. CY - Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2017. PY - 2017 UR - <http://www.cervantesvirtual.com/obra/ix-congreso-internacional-de-americanistas--reunion-del-ano-de-1892-en-el-convento-de-santa-maria-de-la-rabida>.

Congreso Pedagógico Hispano-Portugués-Americano reunido en Madrid en el mes de octubre de 1892 ; trabajos preparatorios del Congreso ; actas ; resúmenes generales. Madrid: Librería de la viuda de Hernando Y. C., 1893.

Copiador de cartas comerciales. Comenzado en París 17, rue Washington en 1892. Finaliza el 12 de enero de 1894. Cuaderno rayado. 16,05 x 19 cm. 133 f. Disponible em: https://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/57925/0. Acesso em 25 de agosto de 2020.

PARDO BAZÁN, Emilia. “Resumen (de las ponencias y memorias de sección V, leído en el Congreso Pedagógico el 19 de octubre de 1892)”. IN: *La mujer española y otros artículos feministas*. Selección y prólogo Leda Schiavo. Madrid: Editora Nacional, 1976.

Recuerdos de España en 1892. Castelar en casa de Doña Emilia Pardo Bazán. Biblioteca Digital Soledad Acosta de Samper. Disponible em: <http://soledadacosta.uniandes.edu.co/items/show/741>. Acesso em 24 de agosto de 2020.

[Sin título]. Notas para preparar viajes a España, Bélgica e Inglaterra. Sin fecha [1892]. Libreta con lomo y esquinas en percalina roja. 18 x 11 cm. 120 f. Disponível em: https://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/57929/0 . Acesso em 24 de agosto de 2020.

[Tarjeta de presentación]. La tarjeta dice: "Soledad Acosta de Samper / Delegada Oficial de la República de Colombia / al IX Congreso Internacional de Americanistas / en el Convento de la Rábida. / Miembro de los Congresos Literario Hispano-Americano, / Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano y Socio de la / Unión Ibero-Americana de Madrid, / Miembro de la Academia de Historia de Caracas". 1892. Borde de luto. Disponível em: http://catalogoenlinea.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/57989/0. Acesso em 20 de agosto de 2020.

Bibliografía

ALZATE, Carolina. Aptitud de la mujer para ejercer todas las profesiones. *Revistas de Estudios Sociales*. n. 38. Bogotá: Jan/ Abr, 2011.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARBAIZA, Diana. Spain as archive: Constructing a Colombian Modernity in the writings of Soledad Acosta de Samper. *Journal of Latin American Cultural Studies*, Vol. 21, No. 1 March 2012, pp. 123-144. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13569325.2012.662479> . Acesso em 20 de agosto de 2020.

ARBELÁEZ, Olga. Salvar la nación: el feminismo doméstico de Soledad Acosta de Samper. *Estudios de literatura colombiana*, n. 38, 2015, p. 57-76.

BARBIERI, Teresita de. *Sobre a Categoria Gênero: uma introdução teórico-metodológica*. Recife: S.O.S Corpo, 1993.

BARRIENDOS, Joaquín. La colonialidad del ver. Hacia un nuevo diálogo visual interepistémico. *Nómadas* 35. Colombia: Universidad Central, octubre de 2011.

BEIRED, José Luis Bendicho. Hispanismo e latinismo no debate intelectual ibero-americano. *Varia hist.* [online]. 2014, vol.30, n.54, pp.631-654. ISSN 0104-8775. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752014000300003>.

BORM, Jam. "Defining travel: On the travel book, travel writing, and terminology." In: HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim. *Perspectives on travel writing*. Londres: Ashgate, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. *História (UNESP - São Paulo)*, vol. 22, núm. 2, 2003, pp. 35-58.

CARRERA, Elena. Escritura femenina y literatura de viajes: Viajeras inglesas en la España del XIX, lugares comunes y visiones particulares. Diez estudios sobre literatura de viajes. Anejos de Revista de Literatura. n. 69. Madrid: Instituto de Lengua Española, 2006.

CORBIN, Alain. História da virilidade/ sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine, Georges Vigarello; tradução de João Batista Kreuch e Noéli Correia de Melo Sobrinho - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CORPAS DE POSADAS, Isabel. Soledad Acosta de Samper. Colección virtual Escritoras Latinoamericanas del Diecinueve. Disponível em: <http://eladd.org/autoras-ilustres/soledad-acosta-de-samper/>. Acesso em 24 de jun. de 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins. Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color (2003).

DEPETRIS, Carolina. *La escritura de los viajes: del diario cartográfico a la literatura*. Serie Viajeros, Colección Sextante. Mérida: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

DUQUE, Tiago. Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de se passar por. 2013. 2018 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.

DURAND, Esther Ortas. *La España de los viajeros (1755-1846): imágenes reales, literaturizadas, soñadas...* Los libros de viaje: realidad vivida y género literario. Madri: Alcal Ediciones, Universidad Internacional de Andalucía, 2009.

FERNÁNDEZ NAVARRO, Antonio. Sevilla, teatro de los sueños - reflejo de la ciudad en los textos de viajeros franceses del siglo XIX. Sevilla: Fundación Focus-Abengoa, Universidad de Sevilla, 2011.

FERNÁNDEZ POZA, Milagros. El debate educativo de finales del ochocientos y el Congreso Pedagógico Hispánico-Portugués-Americano. Cuadernos de Historia Contemporánea. Vol. Extraordinario. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2007. pp. 71-82.

FERRÚS ANTÓN, Beatriz. Mujer y literatura de viajes en el siglo XIX: entre España y las Américas. Valencia: Biblioteca Javier Coy d'estudis nord-americans, Universitat de Valencia, 2011.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1988.

_____. História da sexualidade I: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FRANCO, Stella Maris Scatena; INOSTROZA, Carla Ulloa. Dos viajeras latinoamericanas en la Europa del siglo XIX. Identidades nacionales y de género en perspectiva comparada: Maipina de la Barra (1834-1904) y Nísia Floresta (1810-1885). Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, N°. 17, p. 304-324, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/2158/2053>. Acesso em: 21 de jan. de 2020.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX. Editora Mulheres, 2008.

_____. Viagens e relatos: representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX . Editora Intermeios: São Paulo, 2018.

HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim (Org.) Introduction. In: HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim. Perspectives on travel writing. Londres: Ashgate, 2004.

LICÓN VILLALPANDO, Azuvia. Solaz y dulces lecciones: La mujer y el proyecto de construcción nacional de Soledad Acosta de Samper. Tesis de grado (Maestría). Bogotá: UniAndes, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LEJEUNE, Philippe. Autobiographie et histoire littéraire. Revue d'Histoire littéraire de la France, 75e Année, No. 6, L'Autobiographie (Nov. - Dec., 1975), pp. 903-936.

_____. O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2008.

LUCENA GIRALDO, Manuel; PIMENTEL, Juan. Diez estudios sobre literatura de viajes. Madrid : Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de la Lengua Española, 2006.

McLAREN, Margaret. Foucault Feminismo e Subjetividade. São Paulo, Intermeios, 2016. (coleção entregêneros).

MERCEDES HINCAPIÉ, Luz. Moralizadora, cristianizadora y transgresora: una mirada a la imagen de la mujer en dos textos de Soledad Acosta de Samper. Revista Logos, n. 11, 2007.

_____. *Soledad Acosta de Samper en el cuarto centenario de América*. Revista Credencial Historia. Edición 213. Bogotá, 2007. Disponível em: <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/septiembre2007/soledadacosta.htm> Acesso em 12 de abril de 2019.

MILLS, Sara. Discourses of Difference: An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism. London: Routledge, 1991.

NUNES, Ana Beatriz Mauá. Tan criolla, criolla como yo: Identidade, política e gênero nas correspondências de Victória Ocampo e Gabriela Mistral, (1926 - 1956). Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2019.

ORDÓÑEZ, Montserrat. De voces y de amores. Ensayos de literatura latinoamericana y otras variaciones. ALZATE, Carolina; RAMÍREZ, Liliana; RESTREPO, Beatriz. (ed.). Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2005.

ORY, Pascal. *Les Expositions universelles, de 1851 à 2010 : les huit fonctions de la modernité*. In: *Temps croisés I* [en ligne]. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2010 (généré le 10 août 2018). Disponible sur l'Internet: <https://books.openedition.org/editionsmsh/931>. ISBN: 9782735116669. DOI: 10.4000/books.editionsmsh.931

PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. Dossiê "História das Mulheres no Ocidente". *Cadernos Pagu*, vol. 4, 1995.

_____. Práticas da Memória Feminina. A mulher e o espaço público. *Revista Brasileira de História* 18. ANPUH/Marco Zero, 1989.

PISCITELLI, Adriana. Gênero em Perspectiva. *Cadernos Pagu* (11) 1998: pp.141-155.
QUEIROZ, F. M. Não se rima amor e dor: cenas cotidianas de violência contra a mulher. Mossoró, RN: UERN, 2008.

PLANTÉ, Christine. Femmes exceptionnelles: Des exceptions pour quelle règle. *Les cahiers du GRIF*, v. 37, n. 1, p. 90-111, 1988.

POSSAS, Lidia M. V. Mulheres e Viuvez: recuperando fragmentos, reconstruindo papéis. *Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST7/Lidia_M_V_Possas_07.pdf. Acesso em 20 de jan. de 2020.

QUIJADA, Mónica. Sobre el origen y difusión del nombre 'América Latina' (o una variación heterodoxa en torno al tema de la construcción social de la verdad). *Revista de Indias*, 1998, vol. LVHI, núm. 214.

RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RIBEIRO, Edméia Aparecida.. *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* em sua historicidade. *Patrimônio e Memória (UNESP)*, v. 5, p. 89-106, 2009.

RICHARD, Nelly. Intervenções críticas. *Arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002. pp. 30-31.

SALGUEIRO, Valéria. "Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura". *Revista Brasileira de História*. Volume 22, n. 44. São Paulo, 2002.

SALVATORE, Ricardo D. (Org.) Introducción. Los lugares del saber. In: *Los lugares del saber. Contextos locales y redes transnacionales en la formación del conocimiento moderno*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo Editora, 2007.

SANTOS JÚNIOR, Valdir Donizete. Utopias industriais, sonhos imperiais: Michel Chevalier entre latinos e anglo-saxões na Europa e nas Américas (1833-1863). Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 2019.

SARMIENTO, Domingo F. *Viajes en Europa, Africa i América, 1845-1847*. Madrid, ALCA XX, 1996.

SERRANO, Sónia. *Mulheres Viajantes*. Lisboa: Tinta da China Edições, 2014.

SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2002 [Trad.: Élvio Antônio Funck]. Recebida para publicação em março de 2008, aceita em julho de 2008.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SVAMPA, Maristela. *El dilema argentino: civilización o barbarie*, Buenos Aires, El Cielo por Asalto, 1994.

PRATT, Mary Louise. Soledad Acosta de Samper. *Rereading the Spanish American Essay: Translations of 19th and 20th Century Women’s Essays*. Austin: UT Press, 1995.

_____. *Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*. Universidade de São Paulo. Bauru, EDUSC, 1999.

TORRÃO FILHO, Amílcar. As peregrinações de uma pária de Flora Tristan e a construção de uma feminista. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 26(1): e43809, janeiro-abril/2018.

_____. “Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam”. *Cad. Pagu [on-line]*. 2005, n.24, pp.127-152.

YOUNGS, Tim. *Travel writing in the nineteenth century*. In: *The Cambridge History of Travel Writing*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2013.